

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

ROMANCES—HISTORIA—VIAGENS

TERCEIRO ANNO

TOMO XVII

R. 96

LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

José Bastos—Livreiro-Editor

Rua Garrell, 73 e 75

1896

RIO DE JANEIRO

H. LOMBAERTS & C.^a

Livreiros-Editores

Rua dos Ourives, 7

1896

A MORTE

Tenho por visinho, no campo, um moço proprietario, caçador infatigavel, mas de uma habilidade novata.

Uma bella manhã de julho fui a casa d'elle afim de convidal-o para irmos caçar gallinhollas.

— Acceito, disse elle mas com a condição de irmos a Zoucha, passando pelas minhas terras.

Ha de vêr a minha floresta de carvalhos, onde estão fazendo córtes.

Consenti; elle mandou sellar a egua, vestiu um jaquetão verde com botões de metal representando cabeças de javali, pegou n'uma bolsa de caça, n'um polvarinho de prata e n'uma espingarda franceza que comprara recentemente.

Depois de se examinar ao espelho tres ou quatro vezes, partimos, seguidos por *Esperança*, um excellente cão de caça.

Atraz do meu visinho ia o seu *déciatski* Arkipe, um homemsinho atarracado, de cara quadrada, hombros largos e grossos. Iamos tambem acompanhados por um intendente: esse era um homem alto e delgado, de rosto estreito, pes

coço de girafa, louro, myope, e sobrecarregado, além d'isso, com o nome de Gottlieb von der Kock.

O meu amigo não possuía aquellas terras ha muito tempo; herdara-as de uma sua tia, a conselheira Kardon Kartaeff. Esta senhora era tão obesa, que, nos ultimos tempos da sua vida, não lhe era possivel andar.

Quando chegámos ás terras do meu visinho, caminhámos pelas mattas.

«... Esperem-me aqui, disse o meu amigo Ardalião aos que nos acompanhavam. — O allemão foi sentar-se á sombra e poz-se a lêr um romance seutimental de Joanna Schopenhauer; enquanto ao *deciatski*, não se apeou, e, d'ahi a uma hora, encontrámol-o no mesmo lugar.

Démos muitas voltas e reviravoltas sem descobrirmos cousa alguma, até ao momento em que Ardalião Mikailytch me convidou a atravessar o carvalhal.

— Com muito gosto, disse eu, porque tenho o presentimento de que não mato hoje nada.

Voltámos ao prado onde estavam os nossos companheiros. O allemão guardou o livro, e, depois de muitos esforços, escarranchou-se na egua, que era rebelde e manhosa e dava coices pela mais leve contrariedade; o cavallo do *deciatski* não era melhor; o cavalleiro conseguira dominal-o á força de esporadas e chicotadas. Afinal dirigimo-nos, todos, para o bosque.

Esse sitio não me era desconhecido: tinha ido lá muitas vezes, em creança, com o meu preceptor, o sr. Désiré Fleury.

O bosque de Tchapliguina não era consideravel, mas as arvores tinham attingido uma altura prodigiosa: duzentos a trezentos carvalhos cresciam alli, junto de freixos gigantes. Os seus grandes troncos ennegrecidos faziam destacar a transparencia das aveleiras e das sorveiras; esses troncos eram coroados por um grande ramo de folhas verdes, por cima do qual pairavam os gaviões e os butios.

No meio d'essa folhagem espessa, o melro assobiava ale-

gremente, os picanços davam bicadas, em cadencia, nos troncos das arvores: as toutinegras gorgeiavam com os tentilhões nas frescas moutas de verdura, sem temerem as lebres que atravessavam rapidamente as estacadas sombrias. A's vezes, um esquilo, espreitando este quadro, deixava vêr o pello, de um ruivo ardente e a cauda em penacho.

Misturados com os fetos, os lyrios juntavam o seu perfume ao das violetas, proximo dos morangos vermelhos e perfumados.

Eu adorava Tchapliguina, porque o socego ali era delicioso, mesmo na força do calor; uma atmosphaera limpida envolvia-nos na sua frescura balsamica. Passara, n'aquelle bosque, horas encantadoras, cheias de poesia e de sonhos; por isso, qual foi a minha dôr quando vi os desastres causados pelo inverno de 1840.

Os meus velhos amigos, os grandes carvalhos e as faias, estavam cahidos no chão e apodreciam, elles, os principes, os reis da natureza, — apodreciam como cadaveres de animaes desprezíveis.

Outros, feridos pelo raio, perdiam a casca do tronco; alguns conservavam ainda uns vestigios de mocidade, mas nenhum possuia a magnificencia de outros tempos.

O que me pareceu mais extraordinario foi já não haver sombra no bosque de Tchapliguina.

Aquelles novos titans, victimas inconscientes da colera celeste, causavam-me dó; cheguei a attribuir-lhes sentimento. Occorreram-me, então, estes versos de Kaltsof:

«Que foi feito de ti, palavra alta, força orgulhosa, virtude real onde se occultou a tua verde seiva subindo sempre?»

— Por que motivo, perguntei a Ardalião, não cortaram estas arvores em 1841 ou 42? Perderam metade do valor, agora.

— A minha tia é que o senhor devia ter feito essa obser-

vação, respondeu elle; muitas pessoas quizeram comprar-lhe estas arvores, e ella recusou sempre.

— Mein Gott, mein Gott, exclamava o allemão, que pena, que lastima!

O moço teutonico explicou, em uma linguagem mais ou menos incomprehensivel, a magua que sentia vendo aquellas arvores mortas. Emquanto ao *deciatski*, era de uma indifferença completa, e divertia-se saltando por cima dos troncos carunchosos.

Iamos chegar ao sitio do córte, quando se ouviu um estalido surdo, e, em seguida, varios gritos e murmúrios confusos. De repente, um rapaz muito pallido, com o fato em desordem, sahiu do matto, a alguns passos de distancia.

— O que ha de novo? perguntou Mikailovitch; onde vaes com tanta pressa?

— Ah! senhor, que horrorosa cousa!

— Mas o que é? fala.

— A arvore, senhor, a arvore esmagou o Maximo.

— O que?... o empreiteiro, o adjudicatario dos trabalhos...

— Sim, pae; estavamos a cortar um freixo. O Maximo estava ali vendo o trabalho, e exortando-nos, quando, de repente, sentindo uma sede abrazadora, correu em direcção ao poço; no mesmo instante abateu a arvore. Nós gritámos ao empreiteiro que se afastasse, mas já era tarde!

— Deus sabe o motivo porque a arvore cahiu tão depressa!

— Morreu logo?

— Não, pae, mas tem as pernas e os braços partidos; eu vou chamar o medico Selivestritch.

Ardalião mandou o seu *deciatski* correr, a toda a brida, á aldeia, e trazer de lá um medico.

No corte das mattas encontrámos o pobre Maximo estendido no chão; cercavam-o alguns camponios.

Aproximámo-nos d'elle. Não se queixava, mas via-se que

lhe custava a respirar; tinha um olhar espantado e pairava-lhe um *rictus* nos labios azulados e tremulos. A penumbra de uma tilia reflectia-lhe os seus raios na physionomia e envolvia-o n'uma sombra mortuaria; afinal, conheceu Ardalião.

— Ah! pae, disse elle com muito custo... mande buscar um padre. Deus castigou-me... hoje, ao domingo, vim trabalhar com estes homens; por isso já recebi o castigo, já não tenho forças nem pernas... Vou morrer... se me ficar algum dinheiro, deem-o a minha mulher, depois de me pagarem as dividas. Sinto que está tudo acabado, perdoem-me, disse elle.

— Deus se amerceie de ti, disseram os aldeões, enquanto o moribundo se agitava convulsivamente.

Fez um esforço derradeiro, e, em seguida, cahiu prostrado.

— Mas não devemos deixal-o morrer assim, observou Ardalião; peguem na esteira da *telega* e levem-o ao hospital.

— Hontem, disse o moribundo, dei dinheiro de signal a Jefimo... para a compra de um cavallo; devem, portanto... dar o cavallo á minha herdeira...

Prometteram-lh'o.

A morte apossava-se d'elle; os membros enteiriçaram-se-lhe ainda uma vez, e, em seguida, ficou immovel.

— Está morto, disseram alguns aldeões.

Partimos silenciosamente e chegámos aos campos.

A morte do pobre empreiteiro fez-me reflectir.

O aldeão russo tem uma maneira de morrer especial; não se póde dizer que seja indiferença no momento supremo e, comtudo, encara a morte como uma circumstancia, uma formalidade inevitavel.

Ha alguns annos, um camponez esteve quasi a morrer queimado no incendio de uma granja; tinha morrido se outro não conseguisse salvá-o. Fui vêr o desgraçado á cabana; estava tudo escuro, e respirava-se um ar corrompido e insalubre.

— Onde está o doente? perguntei eu.

-- Está aqui, pae, em cima do fogão, disse-me uma velha camponeza, com a cantilena das mulheres afflictas.

Aproximei-me do enfermo; estava coberto com a manta e respirava com difficuldade.

— Então como vae isso?

O doente diligenciou mover-se, não obstante as chagas que o cobriam fazerem-o soffrer horivelmente.

— Está socegado, disse eu; como te achas?

— Muito mal, como vê; estou em artigos de morte.

— Não desejas nada?

Silencio.

— Precisas chá?

— Não, obrigado.

Afastei-me e sentei-me n'um banco.

Estive ali uma hora no meio do silencio da *isba*. A um canto, atraz de uma mesa, estava uma pequenita de cinco annos, pouco mais ou menos, trincando uma codea de pão.

Na casa de entrada a cunhada do enfermo migava hortaliça para a provisão do inverno.

— Olá! Auxinia, disse o moribundo.

— O que é?

— Dá-me *kwass*.

A mulher deu-lh'o, e tudo cahiu em silencio.

— Elle já recebeu os sacramentos? perguntei em voz baixa.

— Já, meu senhor, antes da sua vinda.

— Bem, pensei eu, está tudo em ordem; o enfermo espera a morte; não espera outra cousa.

Sahi da *isba*; o mau ar suffocava-me.

Outra vez succedeu-me ir a casa de um tal Kapitan que era cirurgião do hospital de Krasnagorié, e caçara comigo muitas vezes.

Esse hospital estava situado em uma ala do antigo castello senhorial; tinha sido fundado por uma fidalga d'aquelles sitios, a qual regulara os pormenores mais insignificantes

e mandara collocar por cima da porta a seguinte inscripção: «Hospital de Krasnogorié;» um album elegante devia receber o nome dos doentes. Um dos numerosos parasitas que viviam junto da caridosa senhora, escrevera estes versos na primeira pagina:

«N'estes formosos logares, onde reina a alegria, foi aberto este templo pela mão da belleza. Admirae a ternura de vossos amos, bons habitantes de Krasnogorié.»

Outro escrevera:

E eu tambem amo a natureza!

E assignara com rubrica:

João Koubiliatnikof.

O cirurgião Kapitan comprou seis camas e dedicou-se completamente aos pobres enfermos. Deram-lhe para ajudantes dois individuos; um dos quaes, Paulo, tinha sido gravador, e era sujeito a esquecimentos que o tornavam muito incommodo; o outro era uma velha chamada Milikitrissa ou Mãos-Seccas; essa tinha a comida a seu cargo, preparava os remedios simples, as infusões, e, ás vezes, ajudava o velho Paulo a segurar os doentes agitados pela febre. O gravador era sombrio e taciturno; costumava cantarolar uma aria em que se tratava de Venus, da sua belleza etc... Tinha tambem a mania singular de pedir licença a toda a gente para desposar uma certa Melania, morta e enterrada havia muito tempo.

Mãos-Seccas batia-lhe amigavelmente e serenava-lhe o espirito mandando-lhe guardar os perus.

Emquanto eu falava com Kapitan entrou uma *telega* no pateo; era guiada por um aldeão de hombros largos, bem

desenhados pelo *armiak* novo; o cavallo era forte e pesado como os dos moleiros.

— Bom dia, Basilio Dimitrich, gritou, da janella o cirurgião Kapitan; seja bemvindo.

— E' o moleiro de Leonbovchinsk, disse-me elle.

O aldeão desceu do carro com difficuldade; depois, entrando no quarto do cirurgião, benzeu-se devotamente ao vêr um crucifixo.

— Então que novidades ha, Basilio? tem mau parecer.

— E' verdade, Kapitan, isto não vae bom.

— O que é que tem?

— Eu lhe digo o que aconteceu.

«Aqui ha tempos fui á cidade comprar mós e trouxe-as para o moinho. Quiz descarregal-as só; o peso era consideravel, tive que fazer um esforço.

«Desde então soffro muito, sinto-me até bastante mal.

— Deve ser uma hernia, disse Kapitan; quando foi que isso lhe succedeu?

— Ha dez dias.

— Ah! disse o cirurgião com ar sentencioso, vou examinal-o, se me dá licença.

E desapareceram atraz de um reposteiro.

— Meu pobre Basilio, disse elle, quando voltaram, devia ter vindo mais cedo; eu curava-o n'um abrir e fechar d'olhos, mas agora declarou-se a inflammação e pode sobrevir gangrena. Precisa estar aqui algum tempo. Hei de fazer toda a diligencia para o curar, mas é grave.

— Então hei de morrer por uma cousa tão insignificante?

— Não digo que morre, Basilio; mas affianço-lhe que é impossivel ir-se embora n'esse estado.

O moleiro reflectiu, coçou a testa, e, pegando no *bonet*, dirigiu-se para o pateo.

— Onde vae, Basilio?

—Vou ao moinho; preciso dispôr algumas cousas, visto que morro.

—Arrepende-se, com certeza; não comprehendendo, até, como poudes chegar aqui. Fique, peço-lhe.

—Não, Kapitan, é melhor morrer em casa.

—Affirmo-lhe que deve ficar, Basilio; é um caso muito grave.

—Não, não, vou para casa; ensine-me uma droga, um remedio qualquer. Vou-me embora, decididamente.

—Oxalá não se arrependa; mas tome esta receita.

O moleiro tirou cinquenta *kopecks* da bolsa, entregou-os ao enfermeiro e subiu para o carro.

—Adeus, disse elle, lembre-se de mim e não abandone os meus orphãos, se por acaso...

—Fique, Basilio, creia o que lhe digo.

O moleiro limitou-se a fazer um signal de cabeça; fustigou o cavallo e poz-se a caminho; a rua era mal calçada e cheia de pedras, mas Basilio evitava cuidadosamente todos os solavancos; cumprimentava alegremente as pessoas suas conhecidas, e ninguem diria que elle ia morrer no dia seguinte.

O Russo, como já disse, encara a morte de um modo especial.

Quantos exemplos eu podia citar!

Não te esqueci ainda, Avenik Sorokounoff, que foste o meu melhor amigo! Parece que estou vendo a tua figura esguia, de tísico, os teus olhos esverdeados, o teu sorriso modesto, os teus membros delgados; e que ouço a tua voz meiga e triste. Vivias em casa de um nobre russo, Gour Kroupionikoff, para lhe educares os filhos.

Supportavas com uma paciencia angelica os gracejos do sr. Gour, as grosserias do intendente, as brincadeiras desagradaveis dos teus discipulos.

Se ás vezes te pairava nos labios um sorriso cheio de amargura, nunca deixavas ouvir o mais leve queixume.

Que ventura ineffavel para ti quando, á tarde, livre de

todas as obrigações, ias sentar-te à janella; que encanto achavas na leitura d'aquellas poesias que te elevavam a alma, que te faziam esquecer as tuas misérias e os teus aborrecimentos! O teu rosto adquiria outra expressão, tornava-se radiante; surprehendias-te amando a humanidade.

Não quero fazer de ti um heroe; é certo que muitos te excediam em intelligencia, em instrucção, mas nenhum possuia o teu bom coração e a tua sensibilidade.

Julgámos que o campo te fortificaria a debil saude, mas definhaste ali a olhos vistos, meu pobre amigo! Comtudo, o teu quarto dava para o jardim; as rosas bravas juntavam-se ás outras para te enviarem os seus perfumes, a toutinegra fazia-te ouvir os seus gorgeios, a acacia deixava cahir as suas flores sobre os teus cadernos e os livros que preferias.

A's vezes, um amigo de Moscow ia visitar-te de passagem; era uma grande alegria; e em que extase tu escutavas as poesias que elle te recitava! Mas o insupportavel mister de professor, a doença incuravel, minavam-te; os invernos frios e interminaveis do campo russo conduziam-te à sepultura, meu pobre, pobre Avenik!

Fui vê-lo pouco tempo antes da sua morte. O sr. Gour não o despedia, mas não lhe dava ordenado; além d'isso, já tomara outro preceptor.

Lembro-me de que, n'esse dia, Sorokounoff estava sentado ao pé da janella, em uma velha poltrona à Voltaire; o tempo estava magnifico. Um esplendido sol de outomno espalhava alegremente os seus raios por um grupo de tibias despojadas; algumas folhinhas amarellas balouçavam-se na extremidade dos ramos, e cahiam, arrebatadas pelo vento.

A terra, já surprehendida pela geada, transpirava ao calor dos raios de sol; o ar estava de uma sonoridade inaudita, de um ecco extraordinario.

O meu amigo, embrulhado n'um roupão bouckaro, tinha

ao pescoço uma gravata esverdeada que lhe dava uma côr de cholerico.

Recebeu-me com alegria e, estendendo-me a mão, pediu-me que me sentasse ao seu lado. Tinha nos joelhos um caderno de poesia de Koltsoff, cuidadosamente copiadas.

«Aqui está um verdadeiro poeta», disse-me elle entre dois accessos de tosse; e, com voz sumida, começou a seguinte strophe:

«Por ventura estão presas as azas do falcão? Estão-lhe, acaso, fechados todos os caminhos.»

Detive-o; o medico prohibira-lhe que falasse. Apesar de não seguir o movimento scientifico e intellectual da epoca, Avenik gostava de saber o que se passava no mundo; interessava-se especialmente pela philosophia allemã. Falei-lhe de Hegel e evpliquei-lhe o seu systema.

— Sim, disse elle, comprehendendo, grandes ideas, grandes ideas!

Esta curiosidade infantil de um moribundo, de um pobre diabo abandonado, commoveu-me a ponto de me virem as lagrimas aos olhos.

Sorokounoff não se illudia acerca do seu estado de saude, comtudo, nunca se queixava dos seus soffrimentos.

Eu procurava distrahir-o.

Falámos de Moscow, da litteratura russa, das nossas recordações da mocidade; Avenik lembrou-me com enterrecimento os nomes de muitos dos nossos amigos defunctos.

— Lembras-te de Dacha? disse elle, afinal; ahi está um coração de ouro; que alma, e como ella gostava de mim! O que será feito da pobre florinha? terá morrido?

Deixei-lhe esta doce illusão e não lhe falei em Dacha que, adulada, cortejada por negociantes ricos, não pensava agora senão em carruagens e em joias.

— Não seria possivel tiral-o d'aqui? pensei; talvez a doença não seja incuravel.

Sorokounoff adivinhou-me o pensamento, e, antes que eu falasse :

— Não chego ao inverno, disse elle; para que se ha de incommodar ninguem? e depois, já estou costumado a esta familia.

— Não teem coração, disse-lhe eu.

— Não são maus, replicou elle, são estupidos.

Emquanto aos visinhos... um d'elles, o sr. Kasakine, tem uma filha encantadora, instruida, e...

Um accesso de tosse interrompeu-o.

— Se ao menos pudesse fumar no meu cachimbo, disse elle; mas não é possível.

— Devias escrever a tua familia! observei eu.

— Não, é inutil, quando eu morrer sabel-o-hão. Conta-me antes o que viste no estrangeiro.

Oito dias depois recebi uma carta do sr. Gour; era concebida nos termos seguintes :

«Participo-lhe, meu caro senhor, que o seu amigo A. Sorokounoff deu a alma a Deus quinta feira passada, e que foi enterrado esta manhã, á minha custa, no cemiterio da egreja.

Em cumprimento das suas ultimas vontades, envio-lhe os seus livros e os seus cadernos de poesias.

Ficaram-lhe vinte e dois rublos e alguma roupa que enviamos aos seus herdeiros. Morreu em uma especie de insensibilidade, mesmo quando nos despedimos d'elle.

Minha esposa Cleopatra faz-lhe os seus cumprimentos; a morte do sr. Sorokounoff excitou-lhe muito os nervos; eu vou passando perfeitamente e sou seu humilde creado,

G. Kroupianikoff.»

Occorrem-me ainda outros factos, mas estes devem ser sufficientes. Um d'elles, comtudo, é bastante curioso para ser citado.

Uma velha proprietaria morreu, na minha presença, já ha algum tempo. O padre, junto da cabeceira do leito, recitava as orações dos agonisantes. Passados alguns minutos, vendo que a doente não se movia, julgou-a morta e aproximou-lhe o crucifixo da boca.

— Ainda não, espere, balbuciou ella; e, em seguida, metteu a mão debaixo do travesseiro.

Quando foram enterrar-a, acharam-lhe lá um rublo em prata; queria pagar, por suas mãos, ao padre que lhe administrasse os sacramentos.

Sim, os Russos teem uma singular maneira de morrer!

O BOSQUE E A STEPPE

Talvez o leitor esteja farto das minhas narrativas de caça; tranquillise-se, já fixei os limites d'estas paginas e só lhe peço licença para accrescentar algumas observações cynegeticas.

A caça de espingarda é cheia de attractivos só por si, «fur sich,» como se dizia quando estava em moda a philosophia de Hegel. Se o céu o não fez caçador, o leitor não deixa, por isso, de amar a natureza, e, por consequencia, deve ter inveja dos discipulos de santo Huberto.

Talvez não comprehenda?

Conhece, porventura, o prazer que sente quem parte para a caça, ao romper da aurora, em um dia formoso de primavera?

Descemos os ultimos degraus da escada; o céu está côr de cinza escura, vêem-se estrellas brilhando aqui e ali, uma corrente d'ar suave, passa, ondulosa, como uma vaga ligeira; depois são os murmurios, discretos e confusos, da noite; as arvores parecem estar envolvidas n'um manto de trevas. Estende-se o tapete felpudo dentro da *telega*; colloca-se tambem a caixa do chá e o *samovar*.

Os cavallos estremecem, escarvam o chão, um casal de

patos brancos, mal despertos, atravessa o caminho silenciosamente.

O guardador resona tranquillamente atraz de uma sebe. No meio da atmosphaera arrefecida nem o mais leve som deixa de ficar como gravado e incrustado por muito tempo.

Sentamo-nos no carro, os cavallo partem, a passo ligeiro e egual, a *telega* avança, passa diante da egreja, desce a collina, depois volta á direita, seguindo o dique; o lago cobre-se de vapores; sentimos frio e puxamos a golla do casaco para cima. Os cavallo atravessam os charcos ruidosamente, enquanto o cocheiro assobia sentado na almofada.

A aurora aclara cada vez mais, alguns rastos de fogo cortam o céu, enquanto o nevoeiro se occulta nos barrancos; já se ouviu cantar a cotovia, o vento sopra levemente e o disco do sol ergue-se a pouco e pouco.

Os seus raios illuminam as vertentes, as collinas, penetram no fundo dos valles, é uma orgia de luz, uma orchestra de tons brilhantissimos; o coração salta-nos no peito como a ave no meio da folhagem; tudo parece dizer: alegria, felicidade, bem estar. Ao longe é a aldeia, depois um logarejo com a sua egreja branca, e, aqui proximo, um lago para o qual nos dirigimos.

O sol ergue-se rapidamente, o céu está puro, temos a manhã bonita; um rebanho sahe da aldeia e dirige-se para o nosso lado. Subimos um monticulo; que espectaculo, quando chegamos lá acima! Um rio corre, serpenteando, em um espaço de dez *verstas*, pelo menos, e parece azul por entre o nevoeiro; nas margens estendem-se prados verdejantes, e, ao mesmo tempo, alguns pavoncinos esvoaçam por cima dos lagos.

Ouve-se a bulha de uma *telega*; é um aldeão que vem a trote e escolhe um caminho com sombra, para o cavallo. Trocamos um bom dia amigavel. Ouvimos o som agudo e metallico da foice; o sol já vem alto, passam uma, duas horas; o calor torna-se insupportavel; o feno secca debaixo

do trado das ceifeiras; está um calor horrível... o céu escurece, o ar concentra vapores torridos.

— Amigo, onde se pôde matar a sede? perguntamos a um camponez.

— No barranco, lá adeante, á esquerda, ha uma fonte, respondeu elle.

Atravessamos mattas, plantas elevadas, e, afinal, descobrimos uma fonte; uma moita de carvalhos ostenta orgulhosamente os seus ramos felpudos por cima da agua, grandes bolhas prateadas erguem-se do fundo do liquido e vêem morrer á superficie; estendemo-nos ao lado da fonte, já não temos sede; a fadiga vence-nos, e ficamos immovel por um bocado. A sombra que nos rodeia está impregnada n'uma frescura aromatica, as moitas parecem douradas, mas o que é isto? o vento sopra repentinamente sobre os campos, ouve-se um ruido surdo, não é o trovão? o céu torna-se côr de chumbo, côr de ardosia; sim, é uma tempestade que se prepara, já brilhou um relampago muito ao longe. Ainda são horas de caçar, mas a nuvem negra augmenta a olhos vistos, encaminha-se para nós.

A relva e as moitas cobrem-se com um véu sombrio. Depressa, não ha um alpendre, acolá? refugiemo-nos ahi. Chegamos a tempo, ainda. Que tempestade! a chuva, os relampagos, succedem-se sem interrupção; o nosso abrigo não é dos melhores, deixa entrar a agua; a borrasca afinal, dura pouco; podemos sahir do nosso asylo. Santo Deus! como tudo brilha alegremente, e que aroma delicioso, que perfume espalham os morangueiros, os cogumellos, os zimbros, os espinheiros!

Mas o dia começa a declinar. O crepusculo illumina parte do céu com um clarão de fogo. O ar que nos cerca é de uma transparencia crystallina; ao longe, porém, vêem-se descer vapores que parecem ardentes; as planicies, onde cahe o orvalho, tingem-se de côr de rosa; as sarças, os mólhos de feno projectam sombras que se estendem cada

vez mais; o sol desapareceu, uma estrella brilha e scintilla no Oceano igneo do poente.

Esse mar, porém, começa a empallidecer, o céu torna-se azulado, as sombras confundem-se, é a noite. Voltamos depressa, para casa.

De outra vez, mandamos atrelar a *begovaia drocha* e vamos á floresta caçar gallinhollas.

Eis-nos no bosque, as copas elevadas das faias murmuram por cima de nós, as betulas baloçam preguiçosamente os seus ramos, o carvalho vigoroso ergue-se ao lado da tilia gigantesca. Seguimos um caminho esmaltado de flôres; grandes moscas amarellas redopiam no ar, os mosquitos agitam-se em enxames; as aves gorgeiam os seus trechos mais bellos.

Como o canto da toutinegra se liga bem com o perfume do lirio!

Embrenhamo-nos na floresta, o arvoredó é cada vez mais espesso; uma sensação de paz e de extraordinario bem estar apodera-se de nossa alma. Mas, a um sopro do vento, os ramos das arvores fazem ouvir como que um murmúrio de cascatas; ervas esbeltas crescem, aqui e ali, sobre a camada de folhas seccas do outro anno; de repente, passa uma lebre; os cães perseguem-a immediatamente, soltando latidos sonoros.

Como a floresta é bella no fim do outomno, quando chegam as gallinholas! já não ha sol, mas ha sombra e um perfume embriagante que se espalha nos campos, um nevoeiro transparente que se estende por cima das planicies.

As arvores desenham-se n'um céu azul pallido e algumas folhas douradas augmentam a belleza do colorido.

E um dia de outomno, com o tempo claro, quando pela manhã cahiu neve, e as betulas prateadas estão cobertas de raminhos de ouro, quando o sol está baixo mas brilha mais vivamente do que no estio, um bosquesinho de faias, inteiramente despido de folhas, e banhado de luz, parece sentir-se feliz com a sua nudez.

No rio correm grandes vagas azuladas que balouçam os patos e nos trazem ao ouvido a bulha de um moinho situado a alguma distancia.

Os dias ennevoados tambem teem encantos; os caçadores, porém, não gostam d'elles; a caça aproxima-se de nós e desaparece no meio de nuvens esbranquiçadas que amaldiçoamos. Mas tudo o que nos rodeia está sereno e tranquillo, as arvores e as folhas não se movem, saboreiam o descanso com delicia. Por cima do vapor espalhado nos ares avista-se uma linha negra que tomamos por um macisso de arvoredos. Não, enganamo-nos, é uma tira de absinthos que cresce entre dois campos.

Vamos visitar um campo longe da steppe. Depois de muitos rodeios, chegamos á estrada real.

Passamos defronte da estalagem cujas portas abertas deixam vêr, lá dentro, o pateo, no meio do qual ha um poço enorme.

Caminhamos durante muito tempo, muito tempo... As pégas esvoaçam sobre os salgueiros que guarnecem a estrada; camponezas armadas de grandes asinhos, atravessam os prados; um homem vestido com um *kestasse* já velho, arrasta-se a muito custo; ali vem uma carruagem senhoreal; atraz, em cima de uma grande mala, e rodeado de esteiras, vae um pobre lacaio enlameado até aos olhos. Lá adeante é uma cidade com as suas casinhas de madeira, as suas lojas feitas de tijollo, a sua velha ponte que atravessa o barranco... Para a frente! começa o steppe. No meio da planicie, outeiros lavrados accidentam-a com as suas ondas; nos intervallos ha barrancos atapetados de relva; ao longe avistam-se campanarios brancos, um riosinho ondula graciosamente tendo alguns diques a interromperem-lhe o curso, de espaço a espaço; varias betardas conservam-se timidamente n'um campo distante; uma velha habitação senhoreal reflecte os seus torreões em um lago pequeno; caminhamos sempre. Eil-a, emfim, a steppe, a verdadeira, a immensa steppe, sem limites!

E, no inverno, a caçada á lebre no monticulo de gelo: a temperatura está baixa, o ar glacial, o céu tem uma côr verde que faz realçar as arvores avermelhadas. E os primeiros dias da primavera, quando o sol vem animar os campos, e consolar a cotovia, enquanto as torrentes, cobertas de espuma, saltam de barranco em barranco, com um rugido surdo.

E' tempo de acabar. Falei na primavera, e essa lembrança occorreu-me a proposito; n'essa época separamo-nos com menos custo, os venturosos sentem-se, tambem attrahidos para os climas longinquos, onde a natureza sorri á imaginação e chama os viajantes... Adeus, caros leitores, sejam felizes, sempre.

Ivan TOURGUENEFF.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Continuação)

O imperador Napoleão chegára até á côrte de França. Ahi teve conhecimento da capitulação de Paris. Voltou immediatamente para traz e dirigiu-se a Fontainebleau. O duque de Ragusa foi vêr aquelle que nenhuma consideração o devia ter feito abandonar, e soube por elle que a sua intenção era de se entrincheirar, pedir e talvez dictar condições.

Esse projecto era bello e digno da sua alma.

Entretanto, Paris recebia os alliados com uma tranquillidade que era quasi bom acolhimento. Mas seria um engano extraordinario imaginar que a população inteira avançou com palmas e grinaldas, como n'um bailado, ao encontro dos vencedores.

No dia em que as tropas estrangeiras entraram em Paris, não encontraram na passagem ninguem que podesse baixar os olhos deante do inimigo.

Emquanto o imperador Napoleão estava em Fontainebleau, em vez de fazerem voltar para lá a imperatriz com o rei de Roma, em carruagem de posta, o que podia realisar-se em vinte e quatro ou vinte e seis horas, entregava-se o campo de batalha, a quem? a M. de Talleyrand!

Este fez succeder a bandeira branca ás aguias imperiaes. Na sua qualidade de grande dignatario do imperio, convocou e presidiu o Senado.

Viu-se então surgir a vergonha da França. O Senádo, silencioso durante vinte annos, ergue a cabeça contra o homem que adulou durante a sua prosperidade e decreta a queda de Napoleão.

O imperador enviara o duque de Vicenza ao imperador Alexandre no dia 30 de março. Já não era para si que Napoleão queria obter condições mais suaves; era para seu filho e para sua mulher, essa mulher que devia ter-se atravessado entre o pae e o marido, pedindo-lhes que depozessem as armas e respeitassem n'ella um laço sagrado.

Se ella se tivesse portado como devia, se, tomando o filho nos braços, tivesse ido apresental-o ao avô, supplicando-lhe que não o despojasse da sua herança, o imperador da Austria não teria sancionado a deposição de seu neto. Comtudo, o imperador Alexandre não regeitou as propostas apresentadas pelo duque de Vicenza. Desejava, até que Maria Luiza ficasse regente, com o rei de Roma succedendo a seu pae. Disse-se que o imperador recusou tudo o que lhe disse o duque de Vicenza; é falso.

A desgraçada deserção do duque de Ragusa foi a causa de todo o mal.

Para fazer a relação circumstanciada do dia 31 de março, tão importante na historia de França, direi que, cerca do meio dia, appareceram algumas cocardes e algumas bandeiras brancas, na praça Luiz XV. Esses signaes levavam-os trinta ou quarenta pessoas a cavallo, as quaes agitavam os braços gritando: — Viva o rei! vivam os Bourbons! Mas o povo conservava-se triste e silencioso.

Foi então que os soberanos alliados entraram em Paris. Á medida que avançavam, a manifestação a favor dos Bourbons tornava-se mais positiva. As tropas alliadas traziam todas uma faixa branca no braço, como distinctivo de victoria, mas não como signal de realismo para a França. Os

realistas souberam aproveitar essa circumstancia e exclamaram que Luiz XVIII era reconhecido rei pelo imperador da Russia e até pelo da Austria; que o principe de Schwartzenberg trazia faixa branca e que o rei estaria aqui no dia seguinte.

A's cinco horas da tarde, o imperador Alexandre dirigiu-se ao palacio de M. Talleyrand.

O imperador da Russia vinha a pé. Apeicara-se do cavallo depois de ter visto desfilar as tropas.

Foi durante o trajecto percorrido pelo imperador da Russia para chegar a casa de M. de Talleyrand, que o sr. visconde Sosthenes de Laroche foucauld se lhe acercou, pedindo-lhe que restituisse á França os seus principes legitimos. A resposta do imperador Alexandre foi extraordinariamente circumspecta.

O que faria então o exercito? o que fariam os marechaes? os generaes? Esta idéa preocupava profundamente o imperador. Aqui é que M. de Talleyrand foi util á restauração; tudo estava precisamente combinado entre elle e M. de Nesselrode, e fizeram adoptar os seus planos ao imperador Alexandre, indicando-lhe como apoio do que se dizia, a deserção do corpo de Marmont, o irmão d'armas, o ajudante de campo, o amigo intimo de Napoleão. Depois da perda de Junot, de Lannes, de Duroc, de Bessièrès, aquelle abandonava-o!

Fosse como fosse, o imperador da Russia resistia energeticamente.

Reuniu-se um conselho immediato. Esse conselho compunha-se dos srs. duque de Dalbey, Nesselrode, Pozzo di Borgo, principe de Schwartzenberg, principe de Lichtenstein, de Talleyrand, o barão Luiz e o arcebispo de Malines, o rei da Prussia e o imperador Alexandre. Este estava de pé, andando de um lado para o outro, sem parar nunca. Falou durante muito tempo ácerca das desgraças da guerra, e acabou por declarar que Napoleão merecera a perda de um poder do qual abusava, e que era necessario deixar

a França proclamar novos soberanos e auxiliar-a n'essa grande empresa. Depois de ter falado voltou-se para o rei da Prussia e para o principe de Schwartzemberg, que representava o imperador da Austria e perguntou-lhes se eram da mesma opinião. Ambos responderam affirmativamente. O imperador Alexandre continuou o seu discurso, commovido, e disse algumas phrases verdadeiramente bellas e generosas.

Depois, realisou-se a convocação do Senado no dia 1.º de abril, a deposição e tudo o que seguiu esse grande acontecimento.

Napoleão retirara-se para Fontainebleau, com Berthier, Maret, Caulaincourt, Bertrand e a maior parte dos marechaes.

Propoz então abdicar em seu filho. Esta proposta talvez fosse bem acceita, sem M. de Talleyrand e os seus agentes.

Os marechaes foram a Paris levar as propostas do imperador.

O imperador Alexandre ouviu-os com attenção. O partido da concessão feita a Napoleão II por seu pae, era um dos tres apresentados no conselho, e que M. de Talleyrand conseguira fazer regeitar; o assentimento do exercito tornava-o forte e temivel.

O imperador da Russia falou a esse respeito. Os argumentos que lhe apresentavam a favor da creança pareciam fazer impressão no seu espirito; era para recear que houvesse guerra civil. No momento em que se podia conceber alguma esperanza, um dos officiaes de Alexandre entregou-lhe um pacote. Elle abre-o, e a sua physionomia muda repentinamente.

—O que, senhores! diz elle aos marechaes, pois tratam em nome do exercito, garantem-me os seus sentimentos, e recebo agora a noticia de que o corpo commandado pelo duque de Ragusa acaba de adherir ao acto de deposição proclamado pelo Senado!

E mostrou-lhes o acto de adhesão, com as assignaturas de todos os officiaes superiores e officiaes generaes do 6.º corpo. Mas tinham tido o cuidado de não accrescentar que os soldados e os officiaes inferiores estiveram quasi a fusilar os chefes!

A datar d'esse instante, estava tudo acabado, sem remedio. Tal foi a resposta que levaram a Napoleão. Elle ficou mais acabrunhado pela immensa desgraça de ser abandonado pelos homens que lhe deviam tudo, do que pela perda da corôa. O duque de Bassano dizia-me que o imperador nunca lhe parecera tão admiravel como n'esse instante.

Falou todo o dia em assumptos profundamente tristes, e, sobre tudo, no suicidio. Marchand, o seu creado de quarto, e Constancio, repararam n'isso. De commun accordo, tiraram do quarto do imperador um punhal arabe, e da sua caixa de pistolas todas as balas que lá havia.

Momentos depois de Napoleão se retirar, estava o duque de Bassano no seu quarto, quando Constancio correu para elle, pallido e tremulo, exclamando:

— Senhor duque, o imperador está muito mal!

O duque de Bassano correu logo para junto do leito do imperador, que achou pallido e frio como uma estatua. Estava envenenado!

Quando partira para a segunda campanha da Russia, Corvisart dera-lhe um veneno tão subtil que, em alguns minutos, alguns segundos, mesmo, a vida extinguia-se. Creio que era acido prussico. Napoleão trazia-o sempre ao peito, dentro de um anel mettido n'um saquinho de pellica hermeticamente fechado. Vira sempre n'esse veneno um meio de afrontar a sorte. Tomou-o, pois, tendo primeiro posto em ordem os seus negocios, escripto o que queria escrever, e dito adeus a M. de Bassano e aos outros seus amigos, mas sem lhes dar o mais leve indicio acerca do que fizera.

O veneno era de uma violencia extrema; mas a sua

subtileza tornava-o tambem mais susceptivel de se alterar, e foi o que aconteceu. O imperador soffreu horivelmente, mas não morreu.

Quando o duque de Bassano o viu n'aquelle estado que se assemelhava á morte, precipitou-se para o estrado do leito, lavado em lagrimas.

—Ah! meu senhor, o que fez? exclamou elle?

O imperador abriu os olhos, e, extendendo-lhe a mão fria e banhada em suor gelado:

—Bem vê, disse elle, Deus não quer que eu morra. Ordena-me tambem que soffra!

O duque de Bassano não pode contar esta scena com seguimento; está excessivamente commovido, e esta lembrança conserva-se demasiadamente viva na sua alma, para que possa recordal-a como qualquer outra.

No dia 5 de abril, á uma hora da manhã, os marechaes Ney e Macdonald regressaram de Paris. Ney entrou primeiro.

—Então? disse-lhe o imperador.

Elle contou como a deserção do sexto corpo impedira que a regente lhe succedesse, com seu filho. Napoleão mostrou-se aniquilado com o procedimento das tropas confiadas a Marmont.

—Onde posso viver com minha familia? perguntou elle.

—Onde Vossa Magestade quizer. Na ilha d'Elba, por exemplo, com seis milhões de rendimento.

—Seis milhões! é muito, visto que sou apenas um soldado...

N'esse momento, Napoleão tinha comsigo em Fontainebleau as tropas de Macdonald, Mortier, Lefebvre, e as de Marmont; estes diversos corpos formavam um todo de quarenta e cinco mil homens; tirado os doze mil do corpo de Marmont, ficavam trinta e tres, com os quaes podia começar a guerra civil. Napoleão não quiz assolar com ella a sua patria.

Eu sabia que a imperatriz Josephina estava muito inquieta com tudo o que se passava; fui á Malmaison. A imperatriz ainda estava deitada. Fui introduzida immediatamente. Apenas me avistou, estendeu-me os braços e exclamou, rompendo em choro:

— Ah! M.^{me} Junot! M.^{me} Junot!...

Ai! aquella casa recordava-me tantos momentos felizes! Chorei juntamente com a soberana.

— M.^{me} Junot, disse-me ella, tenho vontade de escrever a Napoleão! Desejava que elle me deixasse acompanhá-lo á ilha d'Elba, se Maria Luiza não fôr. Parece-lhe que ella irá?

— Não creio, não é capaz d'isso.

E apreciara-a bem.

Vieram dizer-me que estava o almoço na mesa. Passámos para a casa de jantar de manhã, e ahi ainda outras lembranças vieram perturbar-me.

Depois do almoço fomos para a estufa; a imperatriz Josephina deu-me um *bouquet* admiravel.

Passeámos, e, em seguida, a imperatriz fez-me voltar aos seus aposentos e continuámos a conversação. Pude vêr que os acontecimentos que acabavam de dar-se, lhe haviam causado uma impressão violenta. Estava extremamente gorda, e tinha as feições mudadas; já não possuia aquella elegancia que a tornava a mulher mais encantadora de Paris. Restava-lhe apenas nobreza no andar e uma grande distincção de maneiras.

O imperador deixou Fontainebleau no dia 20 de abril, escoltado, como um prisioneiro, por commissarios de todas as potencias alliadas, escolta excessivamente numerosa para que podesse caminhar rapidamente. No dia 23 de abril estava ainda em Montargis. O general Bertrand ia na carruagem do imperador, só com elle. Essa carruagem era puxada por seis cavallos. Atraz ia uma força de cavallaria composta de vinte e cinco homens; e, em seguida, os generaes, os commissarios francezes, prussianos, austria-

cos, russos, inglezes, occupavam grande quantidade de carruagens tambem puxadas por seis cavallos. Parte da guarda estava aquartelada n'essa terra; mas havia muitos dias que lhe tinham feito a recommendação de não darem a conhecer de maneira nenhum que lamentavam a sorte do seu soberano. Um unico movimento talvez fosse o sufficiente para o perderem! A guarda conservou-se em profundo silencio. Estava triste, abatida, e muitos soldados choravam. O imperador estava sereno. Cumprimentou, com aquelle sorriso que lhe illuminava a physionomia de um modo admiravel. Mostrou-se talvez maior n'esse dia do que em momentos mais conhecidos do universo.

No mesmo dia em que o imperador Napoleão sahia como captivo do palacio de Fontainebleau, chegava o sr. duque de Berry a Paris.

Emquanto o exilado caminhava para a prisão, entrava em Paris o novo rei de França! Vinha de Londres, com uma sobrecasaca ingleza, chapéu inglez com uma cocarde branca, ingleza; o novo rei não podia andar, tinha gota, usava botas de veludo, empoava-se, e accordava exactamente á porta de 1789.

A Carta era concedida, outhorgada; deviamos estar contentes. Se a tivessem conservado, não nos podiamos queixar.

Em 1814, o duque de Berry era a pessoa mais notavel da familia real; tinha uma physionomia aberta na qual transparecia a franqueza; citavam-se d'ellie muitos casos que faziam lembrar Henrique IV.

Todos os dias, antes de se deitar, costumava tomar dois gelados. Uma noite, o creado encarregado de guardar os gelados, vendo que o principe tardava, olha para a sorveteira onde a neve se transforma em sorvete; para não perder nada, engole-os a ambos.

O principe entra e pede os gelados; o desgraçado escondera-se porque, n'essa época, o duque de Berry fazia tremer com o excesso das suas violencias. N'essa noite, com-

tudo, serenou; mas antes de perdoar ao culpado, quiz vê-lo.

O pobre diabo acercou-se d'elle, tremendo.

— Para que comeste os meus gelados, tratante? disse-lhe o duque. Para a outra vez has de ter o cuidado de me deixar, ao menos, um...

Acho n'esta phrase a bondade ingenua de Henrique IV...

Um dia, estava passando uma revista. Um granadeiro bradou, em voz muito alta:

— Viva o imperador!

O principe dirigiu-se para elle e disse-lhe:

— Por que motivo gostavas tanto de um homem que te não pagava e te fazia marchar de um ponto ao outro da Europa?

O granadeiro fitou o duque com ar sombrio, e respondeu:

— Mas se era da nossa vontade fiar-lhe, o que tem o senhor com isso?

Emquanto os representantes das potencias alliadas, reunidas em congresso em Vienna, tratavam no meio de festas, de regular as questões da Europa, chegara Napoleão á ilha d'Elba para aonde se retirara havia alguns mezes.

N'uma noute tempestuosa do mez de setembro de 1814, chegava a Porto-Ferrajo um homem ainda novo, o qual se dirigiu á estalagem do porto. Ahi, perguntou onde residia M. Émery, cirurgião-mór da guarda, que acompanhara o imperador á ilha d'Elba.

Esse rapaz era Dumoulin, filho de um rico negociante de Grenoble, e amigo de infancia de M. Émery.

— Cá estou! disse elle a M. Émery, quando o viu. O que fazes tu aqui? Porque é que o imperador não está em França? Se elle pozesse os pés na sua patria, tres dias depois estava nas Telharias!

M. Émery olhou para elle com espanto.

— Sim, repetiu M. Dumoulin; o enthusiasmo é o mesmo que era, duplicado pela decepção, pela desgraça e pelas

humilhações! É necessario que o imperador regresse a França. Preciso vê-lo. Posso ser-lhe apresentado?

— Levo-te lá esta noite.

M. Dumoulin seguiu M. Êmery á habitação miseravel onde aquelle que, dez mezes antes, fôra senhor do mundo, estava meditando sobre os seus novos destinos. Napoleão falou muito tempo ácerca do estado da França; depois ouviu com satisfação visivel o que Dumoulin lhe disse com respeito ao seu regresso; no gabinete havia muitos mappas e entre outros o de Cassini, que contem o littoral da Provença e as montanhas do Delfinado; emquanto falava, seguia o caminho atravez dos rochedos e dos desertos.

— Mas, meu senhor, disse-lhe M. Dumoulin, os caminhos que Vossa Magestade indica são impraticaveis sobre tudo para a artilheria.

— Com resolução passa-se por toda a parte, respondeu Napoleão. Levam-se os canhões. E, com boa vontade, um soldado percorre vinte leguas por dia a pé. O senhor não sabe o que é uma vontade firme, em circumstancias graves.

A conferencia foi demorada; passadas tres horas, pouco mais ou menos, Napoleão despediu M. Dumoulin.

— Tornar-nos-hemos a vêr, disse elle. Esteja sempre prompto!

M. Dumoulin era muito rico e consagrou toda a sua fortuna á causa imperial. Partiu da ilha d'Elba ainda mais dedicado do que quando lá chegára.

O imperador sabia perfeitamente qual era a natureza dos sentimentos que inspirava. Por isso, apenas soube que o congresso resolvera encerral-o n'uma fortaleza ou mandal-o para Santa Helena, não hesitou em embarcar para França.

Logo que pisou a terra franceza, Napoleão disse ao dr. Êmery:

— Parte para Grenoble. Corre de noite e de dia; tu vaes a casa de Dumoulin, que virá ter comigo. Tratem ambos de arranjar um expresso seguro que leve estes despachos

ao duque de Bassano, seja por que preço fôr. Tambem ha de ir outra pessoa levar este pacote ao coronel de Labédoyère, commandante do 7.º de linha em Chambéry; se tu poderes leval-o, melhor será.

O dr. Êmery era um rapaz de coração ardente e alma nobre e generosa, proprio para tal missão. Não parou senão em Digne e em Gap, para mudar de cavallos, tal era o receio que tinha de ser detido.

No dia 4 de março, pela manhã, entrou nos arrabaldes de Grenoble, onde todos ignoravam o regresso do imperador. Correu a casa de Dumoulin, a quem a sua presença informa de tudo, porque o desgraçado não podia falar! Estava exausto de fadiga. Foi preciso cortarem-lhe as botas, mas fizeram-o com cuidado, porque no forro iam escondidos modelos de proclamações e papeis de importancia.

M. Dumoulin, apenas soube que chegava o imperador, espalhou esta noticia pelos seus partidarios; mas o segredo foi guardado com fidelidade. Em seguida, tratou-se de imprimir as proclamações! Foram impressas clandestinamente, por M. Gavin, no quarto de M. Dumoulin, na mesma noite em que chegou o dr. Êmery. Às vezes, os dois homens receavam ser trahidos e suspendiam o trabalho para escutarem; depois, punham-se de novo á obra, dizendo: — Comtanto que elles nos deixem acabar!

Emquanto isto se fazia, mais de cincoenta pessoas recebiam cartas com sellos de Paris, contendo proclamações escriptas á penna. Essas proclamações convidavam os patriotas a reunirem-se com o fim de sacudirem o jugo do estrangeiro e voltarem a ser francezes.

Quando Dumoulin soube que a carta do imperador para Labédoyère, era de grande importancia, disse a Êmery:

— Vou eu lá!

E, montando a cavallo, corre, ou antes, vóa para Chambéry, onde chega ás nove horas da noite d'esse mesmo dia. É fabuloso!

Logo que chega, sem ao menos se apeiar, faz-se conduzir a casa de M. de Labédoyère e entregar-lhe a carta do imperador. Lendo-a, Carlos de Labédoyère sente uma commoção tão viva, que não pôde reter as lagrimas.

— Ah! exclama elle com a voz alterada, sim, com certeza, o imperador pôde contar comigo! é preciso que a noticia da sua vinda seja conhecida officialmente para eu poder manobrar. Esperarei até amanhã ou depois o mais tardar. O senhor, volte para junto de Sua Magestade e afiance-lhe que lhe pertenco para a vida e para a morte.

Ai! falando assim, não sabia que acertava com o seu destino!

M. Dumoulin partiu para Grenoble sem descançar um momento. Chegou ali no dia 5 ao amanhecer, e achou os seus amigos reunidos em sua casa, tendo acabado de imprimir todas as proclamações. N'essa manhã espalhava-se em Grenoble a noticia da chegada do imperador. Chegou ao conhecimento do prefeito e do general Marchand, commandante da cidade. Tomaram-se logo medidas de defeza.

Viu-se uma extranha procissão encaminhar-se para o palacio onde residia o general conde Marchand. Eram velhos fidalgos que de espada ferrugenta á cinta e chapéu inclinado sobre a orelha, iam offerecer os serviços da nobreza do Delphinado ao governador da provincia! O general agradeceu-lhes, e elles retiraram-se. Entretanto, as proclamações impressas eram espalhadas com profusão. Os soldados da guarnição que podiam lê-las ás escondidas, choravam, soluçando. Murmuravam quando lhes diziam que talvez Marchand quizesse resistir, e alguma vozes proferiram palavras de morte.

A posição de Marchand era critica. Os soldados declaravam que nunca os fariam disparar contra o imperador nem contra a guarda que o acompanhava. Era para temer uma sedição.

Grenoble apresentava um estado extranho: a autoridade era nulla. As tropas deixavam-se conservar nas casernas.

Toda a população estava acampada no largo e nas ruas por onde devia passar o imperador, no dia seguinte. Em seis dias percorrera setenta e duas leguas, atravez de montanhas rudes e difficeis!

No dia 7 de março, pela manhã, chegou um esquadrão do 4.º de hussares; ao meio dia o 7.º regimento de linha, commandado por Labédoyère, entrou em Grenoble.

N'essa manhã, ao romper do dia, Dumoulin sahiu a cavallo, a galope, saltando por cima de alguns gendarmes, que tinham ordem para não deixar sahir ninguem.

Encontrou-se com o imperador quando este sahia de Lamure; os batedores vinham a distancia de cincoenta passos de Napoleão; eram caçadores e lanceiros da guarda.

— Viva o imperador! exclamou Dumoulin, passando a galope em frente dos soldados da grande guarda.

— Viva o imperador! responderam elles.

E Dumoulin salta do cavallo abaixo e corre para Napoleão.

— Quem é, meu amigo? disse o imperador, fazendo logo parar o seu.

— Sou Dumoulin, meu senhor. Fui eu que estive este outomno...

— Ah! conheço-o! Monte a cavallo e conversemos...

Dumoulin torna a montar e Napoleão fez-lhe perguntas sobre perguntas. Queria saber quaes eram as disposições de Marchand, dos regimentos, a sua força, os sentimentos dos campos; não tinha premeditado nenhum plano.

— E Labédoyère? perguntou o imperador.

— Entrou á meia noite em Grenoble; e, quando lhe falei hontem, por ordem de Vossa Magestade, encarregou-me de certificar-lhe que lhe pertencia, para a vida e para a morte!

— Excellente rapaz! disse o imperador commovido. E o meu doutorinho, como supportou elle a marcha?

— Muito bem, meu senhor, e dentro em poucas horas estará junto de Vossa Magestade.

— Que impressão causaram as minhas proclamações no povo e nos soldados?

— A que Vossa Magestade devia esperar, o maior entusiasmo.

— O batalhão enviado por Grenoble, disse o imperador sorrindo, juntou-se a mim apenas me viu; os meus velhos soldados conheceram-me logo.

O cortejo era composto da seguinte maneira:

O imperador ia precedido por quatro caçadores a cavallo e quatro lanceiros polacos que observavam o caminho; depois ia Napoleão, alguns passos adiante do seu sequito; a cinco ou seis passos iam alguns officiaes. Uma duzia de caçadores e de lanceiros, e depois, a escolta do imperador, composta de uns cem homens a cavallo; em seguida, a meia hora de marcha, ia o corpo do exercito, formado por seiscentos homens, augmentado por um batalhão do 5.^o e pela companhia de engenharia, os quaes se tinham reunido aos gritos de: Viva o imperador! mal o avistaram.

Napoleão parecia dominado por grandes idéas e reflectir acerca do que ia succeder.

Estavam na estrada ingreme de Lamure para Vizille. Elle cruzara os braços no peito, deixara cahir a redea do cavallo e meditava profundamente. De subito, alguns rapazes quasi creanças atravessaram-se-lhe no caminho. Napoleão fez parar o cavallo e, sorrindo áquelles rostos juvenis:

— Quem são, meus filhos? e o que me querem?

Os rapazes olhavam uns para os outros; afinal, um d'elles avançou para o imperador! Os seus olhos, que exprimiam a mais viva commoção, impressionaram-o; não poudes dizer senão algumas palavras confusas:

— General... cidadão... meu senhor!...

— Tem alguma cousa a dizer-me, meu filho, disse o imperador. Fale sem receio. Causo-lhe medo, porventura?

— Oh! não, meu senhor. Não se tem medo das pessoas de quem se gosta.

— De onde veem? e o que pretendem?

— Vimos de Grenoble, meu senhor; eramos alumnos do lyceu imperial. Quando soubemos que regressara, os meus amigos e eu quizemos vê-lo um dia mais cedo, e dizer-lhe, meu senhor, que estamos promptos a morrer por Vossa Magestade.

(Continia)

Duqueza d'Abrantes.

O REI PESTE

Era no mez de outubro, sob o reinado cavalheiroso de Eduardo III. Ahi pela volta da meia noite, dois marujos da tripulação do *Free and Easy*, escuna de commercio, que fazia o serviço entre Ecluse (Belgica) e o Tamisa, e que estava então ancorada n'este rio, achavam-se sentados na sala de uma taverna da parochia de Santo André, em Londres, a qual tinha por insignia *Alegre lobo do mar*.

Essa sala, mal construida, com tectos em cima da cabeça, denegrida pelo fumo, semelhante emfim a todas as tavernas d'aquella época, agradava apesar d'isso aos diferentes grupos de bebedores, que a occupavam.

D'entre esses grupos, os dois marinheiros formavam, a nosso vêr, o mais interessante, se não o mais notavel.

O que parecia mais velho e a quem o outro dava o nome caracteristico de Legs (pernas,) era tambem o mais alto dos dois. Tinha bem uns seis pés e meio de cima até abaixo e, consequencia necessaria de tão prodigiosa estatura, andava um pouco curvado. A superfluidade de altura era, comtudo, mais que compensada por deficits n'outras dimensões; era por exemplo tão excessivamente magro,

que o seu corpo, diziam os companheiros, poderia substituir perfeitamente o mastro do navio ou o pau da gibba. Mas evidentemente essas brincadeiras e outras analogas, nunca tinham podido fazer sorrir o velho lobo do mar. Com um grande nariz de falcão, um queixo fugente e deprimido, uns enormes olhos brancos protuberantes, a sua physionomia, posto que exprimindo uma especie de indifferença geral, não deixava de ser séria e solemne além de toda a imitação ou descripção.

O segundo marujo era, pelo menos apparentemente, a inversa e a reciproca do primeiro. O seu corpo carnudo e pesado, assentava sobre um par de pernas arqueadas e extremamente grossas, em quanto que os braços, singularmente curtos e roliços, terminados por pulsos mais que ordinarios, pendiam-lhe aos lados, balançando-se no ar como as barbatanas de uma tartaruga. Tinha os olhos muito pequenos, sem cór definida e profundamente cravados nas orbitas. O nariz ficava enterrado na massa de carne que lhe envolvia as faces redondas, cheias e vermelhas; o labio superior, grosso e rozado, repousava complacientemente sobre o inferior, ainda mais grosso, com um ar de satisfação pessoal, augmentada pelo habito que tinha o proprietario dos ditos labios, de os lamber de vez em quando.

Evidentemente, este ultimo olhava para o seu camarada de bordo, com um sentimento meio de espanto meio de sarcasmo; e ás vezes, quando o contemplava frente a frente, dir-se-hia o sol purpureado, contemplando, antes de se deitar, o cume dos rochedos de *Ben-Nevis*.

Comtudo, a peregrinação dos dois amigos pelas differentes tavernas da vizinhança, durante as primeiras horas da noite, haviam sido variadas e cheias de acontecimentos. Mas os fundos, por mais vastos que sejam, não podem durar sempre; era pois com as algibeiras vazias, que os nossos amigos se tinham aventurado a entrar na taverna em questão.

No momento em que começa esta historia, Legs e o seu

companheiro Hugh Tarpaulin, estavam assentados defronte de um amplo frasco de *humming stuff*, não pago, com os cotovellos apoiados sobre uma grande mesa, situada no meio da casa e a cara mettida entre as mãos. De vez em quando, olhavam de soslaio para as palavras sinistras: *Não ha credito*, que (com grande espanto e indignação sua) estavam escriptas sobre a porta, em caracteres de giz. Não que a faculdade de decifrar aquelles caracteres escriptos (faculdade então considerada entre o povo quasi tão cabalistica como a arte de os traçar) pudesse, com stricta justiça, ser imputada aos dois discipulos do mar; mas havia um não sei que na figura e no conjuncto d'aquellas lettras, que presagiava, na opinião dos dois maritimos, grande temporal e que os decidiu, de repente, segundo a linguagem metaphorica de Legs, a arrear os mastros e a fugir deante do vento.

Em consequencia d'aquella decisão, os dois amigos, depois de terem consumido o resto da *ale*, abotoaram convenientemente os casacos e bateram em retirada. Tarpaulin entrou ainda duas vezes pela chaminé dentro, julgando que era a porta da rua, mas emfim, a sua fugida effectuou-se felizmente e, meia hora depois da meia noite, os nossos heroes esgueiravam-se, com toda a velocidade, atravez de um bêcco estreito, na direcção das escadas de Santo André, immediatamente perseguidos pela taverneira do *Alegre lobo do mar*.

Bastantes annos antes e depois da época em que se passa esta dramatica historia, o grito sinistro: A Peste! retumbava periodicamente por toda a Inglaterra, mas mais em particular pela metropole. A cidade estava em grande parte despovoada e, nos bairros horriveis vizinhos do Tamisa, no meio d'esses bêccos negros, estreitos e immundos, onde o demonio da peste tinha (diziam) fixado a sua residencia, passeavam á vontade o espanto, o terror e a superstição.

Esses bairros estavam condemnados e era prohibido a

toda a gente, sob pena de morte, perturbar-lhes a solidão. Comtudo, nem o decreto do monarcha, nem as barreiras enormes levantadas á entrada das ruas, nem a perspectiva da morte horrorosa, que era quasi certa ao miseravel que ousava aventurar-se n'aquelles sitios proscriptos, guardavam as habitações desguarnecidas e solitarias de serem despojadas do ferro, do cobre, do chumbo e emfim de qualquer artigo d'onde pudesse tirar-se o minimo lucro.

Todos os invernos, na occasião da abertura annual das barreiras, foi comprovado, que as fechaduras, os ferrolhos e os subterraneos secretos, tinham servido de pouco para proteger as amplas provisões de vinhos e licores, que muitos negociantes da visinhança, em consequencia dos perigos e dos incommodos da deslocação, se tinham resignado a confiar, durante o periodo da proscripção, a uma garantia tão insufficiente.

Mas entre o povo atterrorisado poucas pessoas attribuiam esses factos a mãos humanas; os Espiritos, os Duendes da peste, os Demonios da febre, taes eram para o vulgo os verdadeiros criminosos. Contavam-se a este respeito tantas historias e tão horrorosas, que, por fim, toda a massa das edificações condemnadas foi envolvida no terror, como n'um sudario, e até os proprios ladrões, espantados pelo terror supersticioso que as suas depredações tinham creado, acabaram por abandonar o circuito do bairro amaldiçoado, ás trevas, ao silencio, á peste e á morte.

Foi uma das barreiras de que falamos que deteve subitamente a fuga de Legs e do digno Hugh Tarpaulin. Não podendo voltar para traz, por causa dos seus perseguidores que vinham quasi sobre elles, não havia tempo a perder. Para marinheiros de sangue puro, escalar o taboado toscamente construido, era uma brincadeira; exasperados pela dupla excitação do vinho e da carreira, os dois fugitivos saltaram pois resolutamente para o outro lado e continuaram a sua corrida delirante, com gritos e urros, perden-

do-se em pouco tempo n'aquellas profundezas complicadas e perigosas.

Se o vinho não lhes tivesse feito perder todas as faculdades moraes, o horror da situação ter-lhes-hia paralyzado os passos vacillantes. O ar estava frio e enevoadado. As pedras arrancadas da calçada, jaziam n'uma desordem medonha por entre a relva alta e vigorosa. A maior parte das ruas estavam obstruidas pelas ruinas das casas desmoronadas. Um cheiro fetido e deleterio reinava por todos os lados e, graças á luz pallida, que, mesmo á meia noite emana sempre de uma atmospherá vaporosa e pestilencial, podiam vêr-se estendidos pelas ruas e pelos bêccos, ou apodrecendo dentro das habitações sem janellas, os cadaveres de muitos ladrões nocturnos, detidos pela mão da peste na perpetração das suas façanhas.

Mas não estava no poder de imagens, de sensações ou de obstaculos de semelhante especie, parar a carreira de dois homens que, naturalmente destemidos e n'aquella noite cheios a transbordar de coragem e de *humming stuff*, teriam intrepidamente entrado, tão firmes quanto o seu estado lh'o permittisse, pela propria guela da morte. Na frente, sempre na frente, corria o sinistro Legs, fazendo resoar os éccos d'aquelle deserto solemne, com urros semelhantes ao grito de guerra dos indios; e na retaguarda, sempre na retaguarda, rebojava o rochunchudo Tarpaulin, agarrado ao casaco do primeiro e ultrapassando todos os esforços, ainda os mais valerosos, do seu agil companheiro, na musica vocal, em rugidos de baixo, tirados das profundidades dos seus pulmões stentorianos.

Em pouco tempo chegaram ao foco principal da peste. Então, a cada passo ou antes a cada trambulhão, o caminha ia-se tornando mais horrivel e mais infecto: as ruas mais estreitas e mais embrulhadas. Pedras enormes e traves, cahindo de vez em quando dos tectos arruinados, attestavam pelas suas quedas pesadas a prodigiosa altura das casas. Quando tinham de praticar alguma passagem diffi-

cil, atravez dos frequentes montes de calíça, não era raro que as suas mãos encontrassem um esqueleto ou se enterassem em algum monte de carnes decompostas.

De repente, os marujos tropeçaram e cahiram á entrada de uma edificação de apparencia sinistra. O desesperado Legs deu um grito mais agudo que os precedentes, e do interior da casa respondeu-lhe uma explosão rapida, successiva, de gritos selvagens, demoniacos, que pareciam gargalhadas. Sem se intimidarem com aquelles sons, que pela sua natureza, em semelhante logar e em tal momento, teriam feito gelar o sangue em peitos menos intensamente incendiados, os nossos dois bebados arrumaram um encontro á porta, arrombaram-a e entraram por alli dentro, soltando um bando de imprecações.

A sala em que foram cahir, era por acaso uma agencia de funeraes. A um canto, junto da porta, havia um alçapão aberto, que deitava para uma serie de adegas, cujas profundezas, como o revelou um som de garrafas a quebrarem-se, estavam bem fornecidas do seu conteudo tradicional. No meio da casa, via-se uma mesa posta; no meio da mesa, uma taça gigantesca, cheia de punch; garrafas de vinho e de licor juntamente com bilhas, pucaros, frascos e vasos de todas as fórmãs e de todas as qualidades estavam espalhados por cima da mesa com grande profusão. Em redor, assentados em cavalletes funebres, havia uma sociedade de seis pessoas, que vamos passar a descrever uma por uma.

Defronte da porta, n'um logar um pouco mais elevado que os dos outros, estava um personagem, que parecia ser o presidente da festa. Era um ser de estatura descommunal, descarnado, ainda mais alto e mais magro que Legs: o que foi, para este ultimo, assumpto de grande admiração. A sua physionomia amarella como uma cidra, não tinha particularidade alguma digna de descripção, a não ser uma fronte tão extraordinaria e horrorosamente larga, que, á primeira vista, parecia um *bonet* ou uma corôa de

carne, cobrindo-lhe a cabeça natural. A bocca, arreganhada, tinha uma expressão de affabilidade espectral e os olhos pequenos e fundos, luziam com o brilho singular da embriaguez. Trajava um manto de veludo negro, ricamente bordado, que o cobria desde a cabeça até aos pés, fluctuando ligeiramente em volta do corpo, como uma capa à hespanhola. Trazia na cabeça um penacho abundante de penas de corvo, que elle balanceava d'aqui e d'acolá com ar de grande presumpção; e na mão direita um femur humano, com o qual acabava de tocar n'um dos membros da companhia para lhe dar uma ordem.

Em frente d'esse gentleman, com as costas voltadas para a porta, estava uma senhora cuja physionomia não era nada menos extraordinaria. Posto que da altura do personagem que acabamos de descrever, não tinha que se queixar como elle da magreza anormal; pelo contrario, na figura parecia-se muito com a enorme pipa de cerveja que se erguia a um dos cantos da casa. A sua physionomia singularmente redonda e vermelha, tinha a mesma particularidade que mencionámos já no caso do presidente; quer dizer que uma só feição do seu rosto, merecia caracterisação especial. O facto é que o perspicaz Tarpaulin viu logo que a mesma observação podia applicar-se a todas as pessoas da sociedade; cada uma podia ter aproveitado para si um bocado de physionomia. Na dama em questão, esse bocado era a bocca, uma bocca que começava na orelha direita e acabava na orelha esquerda, desenhando um abysmo medonho, onde os brincos mergulhavam a cada instante, apesar dos esforços que ella fazia para conserval-a fechada. A sua *toilette* consistia n'um sudario, cuidadosamente engomado, afogado no pescoço por uma gola de musselina.

À sua direita estava uma rapariga minúscula, que ella parecia proteger. Essa delicada creaturinha apresentava no tremor dos dedos macilentos, no desmaiado dos labios, e na côr livida do rosto, symptomas evidentes de uma ty-sica incuravel. Comtudo, havia em toda a sua pessoa, na

maneira elegante de vestir uma bella e comprida mortalha de cambraia finissima, que a envolvia; na graciosidade singela do penteado e no meigo sorriso, que lhe pairava nos labios, um certo attractivo sympathico e uma grande distincção; mas o nariz extremamente comprido, delgado, sinuoso e pustulento, passava-lhe para baixo do labio inferior; e essa tromba, apesar da delicadeza com que ella a manobrava de um para o outro lado, com a ponta da lingua, dava á sua physionomia uma expressão algum tanto equívoca.

Do outro lado, á esquerda da dama hydropica, estava um velhito inchado, asthmatico e gottoso. As faces pousavam-lhe em cima dos hombros, como dois enormes odres de vinho do Porto. Tinha os braços cruzados e uma das pernas, envolvida em ligaduras, pousada sobre a mesa. O seu ar era assaz importante. Evidentemente tirava grande orgulho do involucro pessoal, principalmente de um sobretudo de côr vistosa, que devia effectivamente ter-lhe custado muito dinheiro; era feito de uma d'essas gualdrapas de seda, curiosamente bordadas, pertencentes aos escudos gloriosos, que se costumam suspender, em Inglaterra e n'outras partes, n'um logar bem patente, nas casas das grandes familias ausentes.

Á direita do presidente, estava um gentleman de calção e meia branca, que tremellicava constantemente de um modo visivel, com um tic nervoso, a que Tarpaulin chamou os *terrores* da embriaguez. Tinha os queixos atados com uma ligadura de musselina e os braços ligados do mesmo modo pelos pulsos, o que lhe não permittia de se servir, muito á vontade, dos licores que estavam na mesa; precaução necessaria, segundo a opinião de Legs, á vista da expressão embruteciãa da sua physionomia, cuja feição predominante era um par de orelhas prodigiosas, completamente impossiveis de esconder, que surgiam no espaço, arrebitando-se de vez em quando, como que atacadas de espasmos, ao ruido de cada garrafa que se desrolhava.

Defronte d'este, estava o sexto e ultimo personagem, o qual, soffrendo de parylisia, devia, a falar a verdade, sentir-se sériamente incommodado dentro do fato extraordinario que o comprimia. Esse fato (talvez unico no seu genero) consistia n'um bonito esquite de mogno, novo em folha. A tampa do caixão cahia-lhe sobre a cabeça, como um capacete, dando a toda a sua physionomia uma expressão de indescriptivel interesse. Os braços passavam atravez de duas cavas, abertas aos lados á moda de mangas, tanto por elegancia como por commodidade; mas apesar d'isso a *toilette* do desgraçado impedia-o de se assentar como os outros convivas e obrigava-o a ficar encostado ao cavallete, formando com este um angulo de quarenta e cinco gráus. Os seus olhos de um tamanho extraordinario, volviam e dardejavam para o tecto os terriveis globos esbranquiçados, como que no espanto absoluto da propria enormidade.

Em vez de copo, cada conviva tinha deante de si metade de um craneo. Por cima d'elles, via-se um esqueleto humano, suspenso por meio de uma corda atada á perna direita e presa ao tecto por um gancho de ferro. A outra perna, completamente solta, pendia do corpo em angulo recto, fazendo dançar e piruetar toda a carcassa desconjuntada, a cada rabanada de vento que penetrava na sala. O craneo d'essa cousa horrorosa continha uma certa quantidade de carvão accezo, que derramava sobre toda a scena uma claridade vacillante, porém viva; caixões, tumbas e todos os differentes artigos de um armazem de trastes funebres, empilhados a uma grande altura, impediam os raios da luz de se escapar para a rua.

Á vista d'aquella assembléa extraordinaria, do seu apparato ainda mais extraordinario, os nossos dois marujos não se portaram com o decoro, que se teria podido esperar d'elles. Legs, encostando-se á parede mais proxima, deixou cair o queixo mais do que o costume e desenrolou os vastos olhos em toda a sua extensão; emquanto que

Hugh Tarpaulin, abaixando-se a ponto de quasi que pôr o nariz em cima da mesa, e batendo com as mãos nos joelhos, despediu uma gargalhada estridente, quer dizer, um rugido longo, ruidoso e atroador.

Comtudo, sem se scandalisar com uma conducta tão prodigiosamente grosseira, o presidente sorriu muito agradavelmente aos dois intrusos, complimentou-os com um movimento de cabeça, cheio de dignidade, levantou-se, deu o braço a cada um e conduziu-os para os cavalletes que as outras pessoas da sociedade acabavam de instalar em sua honra. Legs não fez a minima resistencia e sentou-se onde o mandaram. Mas o galante Hugh transportou o seu cavallote para o outro lado da mesa, collocou-o na visinhança da pequena phtysica da mortalha, sentou-se ao lado d'ella e, despejando um cráneo de vinho, bebeu-o em honra de relações mais intimas. A semelhante atrevimento, o inteiriçado gentleman do esquife pareceu immensamente furioso; e isso teria podido dar logar a sérias consequencias, se o presidente, batendo com o seu sceptro em cima da mesa, não tivesse chamado a attenção dos circumstantes para o discurso seguinte:

— A feliz occasião que se apresenta, nos obriga...

— Cala-te lá! interrompeu Legs, com grande seriedade, — cala-te lá com isso e dize-nos antes quem diabo são vocês todos, e o que fazem aqui, equipados como os demonios no inferno, a beber d'esta maneira a boa pinga do nosso honrado camarada Will Wimble, o gato pingado?

Áquella imperdoavol amostra de má educação, toda a sociedade se agitou, entoando rapidamente um côro de gritos diabolicos semelhantes aos que tinham primeiro attrahido a attenção dos marujos. O presidente, todavia, não tardou a recobrar o sangue frio, e, voltando-se para Legs com toda a dignidade, respondeu:

— É com a melhor das vontades, que satisfazemos a curiosidade de hospedes tão illustres, embora não tenham sido convidados. Sabei pois que sou o monarcha d'este

imperio, onde reino absolutamente sob o titulo de Rei Peste I.

Esta sala que suppondes muito injuriosamente ser a loja de Will Wimble, contratador de enterros, (homem que não conhecemos e cujo nome plebeu não havia nunca até aqui resoado aos nossos reaes ouvidos) esta sala, digo, é a sala do throno do nosso palacio, consagrada aos conselhos do reino e a outros destinos de uma ordem sagrada e superior.

A nobre dama assentada defronte de nós é a Rainha Peste, nossa Serenissima esposa. Os outros personagens illustres que vêdes são todos da nossa familia; todos teem nos nomes respectivos a prova da origem real: Sua Graça o Archiduque Peste-Ifero; Sua Graça o Duque Peste-Ilen-cial; Sua Graça o Duque Tem-Pestuososo; e Sua Alteza Serenissima Archiduqueza Anna-Peste.

Quanto á vossa pergunta, — accrescentou, — relativamente aos negocios, que tratamos aqui em conselho, é inutil dizer que esse assumpto, pertencendo unicamente ao nosso interesse real, não tem importancia senão para nós. Entretanto, em consideração pelas atenções, que vos são devidas, como hospedes e como estrangeiros, dignar-nos-hemos ainda explicar-vos, que estamos aqui esta noite, (preparados por profundas e cuidadosas investigações) para examinar, analysar e determinar peremptoriamente o espirito indefinivel, as incomprehensiveis qualidades e a natureza dos incomparaveis thesouros da bocca; vinhos, cervejas e licores d'esta excellente metropole; procedendo assim, não sómente por interesse pessoal, mas tambem para augmentar a prosperidade do soberano, que não é d'este mundo, que reina sobre nós todos, cujos dominios não tem limites e cujo nome é: A Morte!

— Cujo nome é Davy Jones! — exclamou Tarpaulin, offerecendo á sua visinha um craneo cheio de licor e despejando outro para si.

— Profano atrevido! — diz o presidente, voltando-se para

o digno Hugh, — profano e execravel patife! Acabamos de dizer que em consideração por direitos, que queríamos respeitar, mesmo nas vossas desprezíveis pessoas, iam responder às perguntas tão grosseiras como intempestivas, que tivestes o atrevimento de nos dirigir. Comtudo, visto a tua intrusão profana nos nossos conselhos, é do nosso dever condemnar-vos, a ti e ao teu companheiro, a beber cada um, um galão de *blackstrop*, á prosperidade d'este reino; o qual haveis de beber de joelhos e de um só trago. Depois, se quizerdes, podereis continuar o vosso caminho ou ficar aqui e partilhar os privilegios da nossa mesa, conforme vos approuver.

— Isso seria absolutamente impossivel, — replicou Legs, a quem os grandes ares e a dignidade do rei Peste I haviam evidentemente inspirado alguns sentimentos de respeito, e que se levantára enquanto este falava, — isso seria, digne-se Vossa Magestade reflectir, uma cousa absolutamente impossivel, arrumar no meu porão sómente a quarta parte do licor, que Vossa Magestade acaba de dizer. Não falando de todas as mercadorias, que carregámos esta manhã a nosso bordo, e sem mencionar as diversas cervejas e licores, que embarcámos esta noite nos differentes portos, trazemos uma forte carregação de *humming stuf*, comprada na taverna do *Alegre Lobo do Mar*. Vossa Magestade far-nos-ha pois a mercê de acceitar a boa vontade pela acção; porque não posso, nem quero de modo algum, engulir nem mais uma gôtta d'essa vil mixordia que dá pelo nome de *black-strop*.

— Amarra isso! — interrompeu Tarpaulin, tão espantado do cumprimento do discurso como da recusa, — amarra isso, marinheiro de agua dôce! não digas nem mais uma palavra. O meu casco está ainda assás leve para comportar a minha e a tua parte da carregação. Pois bem! se não pôdes arrecadar mais um grão, eu acharei logar para elle a meu bordo, mas...

— Esse contrato, — interrompeu o presidente, está em

completo desaccordo com os termos da sentença, que por sua natureza é modica, incommutavel e sem appelação. O castigo que impuzemos, ha de ser executado á lettra e sem um minuto de hesitação; alias, decretamos que sejaes ligados um ao outro, pela cabeça e pelos pés, e afogados como rebeldes dentro d'aquella pipa de cerveja!

— Ora ahi está uma sentença! Que sentença! Equitativa, judiciosa sentença! É um decreto glorioso! Digna, irreprehensivel e santa condemnação! — gritaram ao mesmo tempo todos os membros da familia Peste. O rei franziu a fronte em pregas innumeraveis. O velhito gottoso assoprou como um folle; a senhora da mortalha ondulou graciosamente o pariz, da esquerda para a direita e vice-versa; o gentleman do calção branco, arrebitou convulsivamente as orellhas; a senhora do sudario, abriu a guela como um peixe agonisante; e o homem do caixão de mogno, entesou-se ainda mais e arregalou os olhos para o tecto.

— Ah! ah! disse Tarpaulin, desatando a rir no meio da agitação geral — Ah! ah! ah! eu dizia ao senhor Rei Peste, que lá quanto á questão de dois ou tres galões de *black-strop* a mais ou menos, isso era uma bagatella para um barco vasto e solido como eu; mas agora quando se trata de beber á saude do Diabo, (que Deus lhe perdoe) e de pôr os joelhos deante de Sua Reles Magestade, que (tão certo como ser eu um peccador) não é mais de que Tim Hurlygurly, o palhaço! Oh! quanto a isso, é um negocio que ultrapassa absolutamente as minhas posses e a minha intelligencia.

Não lhe deixaram acabar tranquillamente o discurso. Ao nome de Tim Hurlygurly todos os convivas pularam nas suas cadeiras.

— Traição! — bramiu Sua Magestade o Rei Peste I.

— Traição! — exclamou o velhito gottoso.

— Traição! — latiu a Archidukeza Anna-Peste.

— Traição! — resmungou o gentleman de queixos atados.

— Traição! — rosnou o homem do esquife.

— Traição! traição! — gritou Sua Magestade a mulher da guela; e agarrando o desgraçado Tarpaulin pela parte posterior das calças, levantou-o ao ar e deixou-o cahir, sem cerimonia, no vasto tonel da cerveja.

Tarpaulin boiou ainda durante alguns segundos e finalmente desapareceu no turbilhão de espuma, que os seus esforços haviam levantado no liquido, já de si muito espumoso.

Comtudo o marujo grande não viu com resignação a derrota do seu camarada. Atirando o rei Peste para dentro do alçapão aberto e tapando-o violentamente, o valente Legs proferiu uma praga medonha e correu para o meio da sala. Depois, puxou o esqueleto suspenso por cima da mesa, com tamanha força e boa vontade que o arrancou, deixando a sala completamente ás escuras e quebrando, ao mesmo tempo a cabeça ao velhito gottoso. Precipitou-se então, com toda a sua força, sobre a pipa cheia de cerveja e de Hugh Tarpaulin, trambulhou com ella ao meio do chão, produzindo um diluvio de cerveja tão abundante, tão impetuoso e tão invasor, que a sala foi inundada de uma parede á outra, a mesa deitada por terra, com tudo o que tinha em cima, os cavalletes atirados uns para cima dos outros, o vaso do punch lançado de encontro á chaminé. As senhoras desmaiaram, pilhas de artigos funebres fluctuavam por aqui e por alli; os vasos, as bilhas, os frascos e as garrafas, confundiam-se n'uma misturada horrosa, destruindo-se uns aos outros. O homem dos tremeliques foi afogado immediatamente; o gentleman paralytico navegava ao largo dentro do seu esquite, e o victorioso Legs, agarrando pela cintura a volumosa dama do sudario, precipitou-se com ella na rua e aпроou immediatamente na direcção de Free and Easy, rebocando o temivel Tarpaulin, que tendo espirrado tres ou quatro vezes, offegava e assoprava atraz d'elle arrastando comsigo a Archiduqueza Anna-Peste.

LUMEN

Quarta narração

ANTERIORES VITAE

II

(Continuação)

E', em ponto grande, o que se passa na Terra com os infusorios resuscitantes, que renascem debaixo da chuva depois de muitos annos de morte apparente.

Mas, voltando ao nosso mundo de Andromeda, a atmosphera rosada quasi liquida, que o enche completamente como um oceano sem ilhas, é a morada dos seres animados d'aquelle globo. Sem descançarem nunca no fundo d'esse oceano, nem lhe tocarem, sequer, fluctuam constantemente no meio do elemento movel. Desde o nascimento até á morte, não teem um unico instante de repouso. Esta actividade constante é a condicção da sua existencia. Se parassem, morriam. Para respirarem, quero dizer, para fazerem penetrar no seio o elemento fluido, precisam agitar sem descanso os tentaculos e conservar os pulmões (emprego esta palavra para me comprehenderes) constantemente abertos. A fôrma exterior d'esta raça humana é parecida com a das sereias da antiguidade, mas menos elegante e, aproximando-se do organismo da phoca.

Vês a differença essencial que separa esta constituição da dos homens terrestres? *Na Terra respira-se sem se dar por*

isso, sem se ter nenhum custo para obter o oxigenio, sem haver obrigação de ganhar com o trabalho a transformação do sangue venoso em sangue arterial pela absorpção do oxigenio. N'aquelle mundo, pelo contrario, a respiração é um alimento *que não se obtem senão com trabalho* e com esforços incessantes.

Quærens. — Então esse mundo é inferior ao nosso?

Lumen. — Decerto, visto que eu estive lá antes de vir para a Terra. Mas não penses que esta é muito superior pelo motivo de respirarmos mesmo dormindo. E' já maravilhoso, bem sei, possuir um mechanismo pneumatico que se abre de segundo em segundo, sempre que o nosso organismo tem necessidade da mais pequena baforada de ar, e é maravilhoso que esta machina funcione, mesmo quando os que a possuem lhe não vêem a belleza nem apreciam o valor. Mas o homem não vive apenas do ar; o organismo terrestre precisa um complemento mais solido, e esse complemento não se apresenta sem procurarem alcançal-o. E o que resulta d'ahi? Contempla por um momento a Terra. Vê esse espectaculo triste e desolador! que mundo de misérias e de embrutecimento! Os homens curvados para o solo que remexem com grande custo, para *lhe pedirem pão!* essas cabeças inclinadas para a materia em lugar de estarem elevadas na contemplação da natureza! esses esforços e esses trabalhos, causando fraqueza e doença! esses traficos para juntar algum ouro á custa de todos! a exploração do homem pelo homem! as castas, as aristocracias, os roubos e as ruínas! as ambições, os thronos, e as guerras! em uma palavra, *o interesse pessoal*, sempre egoista, muitas vezes sordido, e o dominio da materia sobre o espirito: eis o quadro normal da Terra, situação estabelecida pela lei que rege os corpos dos homens, que os obriga a matar para viverem, e a preferir a posse dos bens materiaes, que não se levam para além do tumulto, á posse dos bens intellectuaes que a alma guarda sempre como um thesouro indestructivel.

Quaerens.—Fallas, mestre, como se pensasses que era possível viver sem comer.

Lumen.—E imaginas que se está submettido a uma operação tão ridícula em todos os mundos do espaço? Felizmente, na maior parte d'elles o espirito não está sujeito a semelhante ignominia.

Não é tão difficil como suppões crêr na possibilidade de atmosphas nutritivas. A vida do homem e dos animaes depende de duas causas: a respiração e o alimento. A primeira reside naturalmente na atmosphaera; a segunda reside no sustento. Do sustento provêm o sangue; do sangue provêm os tecidos, os musculos, os ossos, as cartilagens, a carne, o cerebro, os nervos, em uma palavra a constituição organica do corpo. O oxygenio que recebemos pode tambem ser considerado substancia nutritiva, porque, combinando-se com os principios alimentares absorvidos pelo estomago, completa a sanguificação e o desenvolvimento dos tecidos.

Ora, para imaginar a alimentação toda passada para o dominio da atmosphaera, basta observar que um alimento completo é composto de albumina, de assucar, de gordura e de sal, e imaginar um fluido atmospherico que, em logar de ser formado unicamente de azote e oxygenio, seja formado d'estas differentes substancias, no estado gazozo.

No nosso estado actual, estes alimentos encontram-se nos corpos solidos de que nos alimentamos, e é a digestão que está encarregada de os dissolver e assimilar ao organismo. Quando comemos um bocado de pão, por exemplo, introduzimos no estomago fecula e amido, substancia insolvel na agua e que não se encontra no sangue. A saliva e o succo pancreatico transformam o amido insolvel em assucar soluvel. A bilis, o succo pancreatico, e as secreções intestinaes transformam o assucar em gordura. No sangue encontra-se assucar e gordura, e é assim que pelo processo da alimentação, as substancias são dissolvidas e assimiladas ao nosso corpo.

Admira-te, meu amigo, que no mundo celeste, onde residio ha cinco annos terrestres, me lembro ainda de todos estes termos materiaes, e que desça a fallar d'esta maneira. As recordações que levei da Terra não se desvaneceram, e logo que estamos tratando, por acaso, uma questão de physiologia organica, não sinto nenhuma vergonha falsa dando ás cousas os nomes que lhes competem.

Suppondo, portanto, que, em lugar de estarem combinados ou misturados na constituição dos corpos solidos ou liquidos, os alimentos se achavam no estado gazozo na constituição da atmosphaera, creamos assim atmosphas nutritivas que nos dispensam da digestão e das suas funcções ridiculas e grosseiras.

O que o homem é capaz de imaginar na esphera restricta onde se exercem as suas observações, soube a natureza realizar em qualquer ponto da creação universal.

E affirmo-te que, quem não está já costumado a essa operação terrestre da introdução dos alimentos no tubo intestinal, não pode deixar de reparar na sua grosseria. Foi esta reflexão que eu fiz ha dias, quando, ao contemplar uma das paisagens mais opulentas d'este planeta, fiquei impressionado com a belleza suave e angelica de uma rapariga, recostada n'uma gondola, que fluctuava suavemente sobre as aguas azuladas do Bosphoro, defronte de Constantinopla. Almofadas de veludo escarlate, bordadas a seda de varias côres, formavam o leito da formosa Circassiana; das almofadas cahiam pesadas borlas de ouro que tocavam na agua. Defronte d'ella ia, ajoelhado, um pequeno escravo negro, tocando um instrumento de cordas. Aquelle corpo era tão juvenil e tão gracioso, o braço ia encostado com tanta elegancia, os olhos eram tão ingenuos e tão puros. e a fronte pensativa, mas tão serena, que durante um momento deixei-me captivar por uma especie de admiração retrospectiva por aquella obra prima da natureza. Pois bem! emquanto aquella candura da mocidade que desperta, aquella suavidade da flor que entreabre aos

primeiros raios da existencia me conservavam em uma especie de extase passageiro, a gondola chegou á borda de um terraço, e a formosa Circassiana, encostando-se ao escravo, foi sentar-se n'um *divan*, junto de uma mesa coberta de diversos manjares, á roda da qual já estavam outras pessoas reunidas. Principiou a comer! Sim, *comeu!* Durante uma hora, talvez, não pude submetter-me ás minhas recordações terrestres. Que ridiculo espectáculo! Um ente assim, levando alimentos á boca, e deitando de momento a momento não sei que substancia para dentro do seu corpo encantador! Que grosseria! E aquelles dentes formosissimos mastigando pedaços de um animal qualquer! E, em seguida, fragmentos de outro animal que viam aquelles labios virginaes abrirem-se sem hesitação para os receberem e engulirem! Uma mistura de ingredientes tirados de diferentes animaes, alguns ferozes, que viveram no lodo, e foram assassinados para... Horror! Desviei o olhar com tristeza d'aquelle contraste singular, e dirigi-o para Jupiter, onde a humanidade não está submetida a semelhante necessidade.

Os seres fluctuantes que pertencem ao mundo de Andromeda onde se passou a minha antepenultima existencia, estão submettidos, ainda mais servilmente do que os habitantes da Terra, ao trabalho da alimentação. Não teem ar que os sustente em grande parte, como no vosso globo; precisam ganhar o que se póde chamar o seu oxigenio, e estão condemnados a fazer funcção os pulmões, sem descanso, e a preparar o ar nutritivo, sem nunca dormirem nem estarem fartos de ar, porque, apesar de todo o seu trabalho, não podem absorver senão uma pequena quantidade de cada vez. Passam assim a vida inteira, e morrem, succumbindo ao trabalho.

Quærens. — Era muito melhor não terem nascido!

Lumen. — E á Terra póde applicar-se a mesma reflexão. Para que serve nascer, fatigar-se com mil trabalhos diferentes, girar durante sessenta ou cem annos no mesmo

circulo diario, dormir, comer, trabalhar, fallar, divagar, correr, agitar-se, sonhar, etc. etc. Para que serve tudo isto? Não haveria a mesma vantagem em morrer no dia seguinte ao do nascimento, ou, melhor ainda, não haver o trabalho de nascer? A natureza não ficaria em peor estado, e nem ao menos daria por isso. E pode-se accrescentar, para que serve a propria natureza, e para que existe o universo?... A todas estas perguntas o espirito observador não pôde dar senão uma resposta: É preciso que os destinos se cumpram.

Muitas vezes, meu amigo, fiz á minha consciencia essas perguntas insolúveis, e recordo-me de que uma pessoa superior que eu tinha conhecido em uma existencia antecedente, n'aquelle mundo de Andromeda, exactamente, e que vi com prazer, mas muito rapidamente na Terra, a virtuosa princeza Carolath, que tambem conheceste, me falou muitas vezes n'estes mesmos problemas. Empregou todos os seus esforços em elevar a intelligencia do paiz que governava, mas não o conseguiu. Aquelle mundo de Andromeda é extremamente grosseiro e não comprehendia nada dos seus discursos.

Para te dar uma idéa da fraqueza intellectual d'aquella humanidade, escolherei os dois assumptos que dão, em geral, a medida do valor de um povo: a religião e a politica. Ora, na religião, em lugar de procurarem Deus na natureza, de fundarem as suas crenças na sciencia, de aspirarem á verdade, de se servirem dos olhos para vêr, e da razão para comprehender, em uma palavra, em lugar de estabelecerem as bases da sua philosophia no conhecimento, tão exacto quanto fosse possivel, da ordem divina que dirige o mundo; dividiram-se em seitas voluntariamente cegas, julgaram agradar ao seu pretendido Deus, deixando de raciocinar, e crêem adoral-o affirmando que aquelle mundo é unico no espaço, recitando palavras, abençoando as espadas, accendendo fogueiras, e auctorizando as matanças e as guerras. Ha algumas asserções

nas suas doutrinas que parecem ter sido imaginadas expressamente para ultrajar o senso commum. São estas exactamente que constituem os artigos de fé das suas crenças!

Em politica são da mesma força. Os mais intelligentes e mais leaes não conseguem entender-se; por isso a república parece ali uma fórma de governo irrealisavel. Percorrendo os annaes da sua historia vê-se que os povos, cobardes e indifferentes, preferiram sempre ser conduzidos por individuos que se proclamam os seus Basileus a governarem-se a si proprios. O chefe apodera-se dos tres quartos dos seus recursos, manda guardar para elle e para os seus a essencia mais rosada da sua atmosphaera (isto é, o que ha de melhor n'aquelle mundo), põe numeros em todos, e, de tempos a tempos, manda-os combater com o povo visinho, sujeito, tambem, a um Basileus analogo. Semelhantes a bancos de arenques, dirigem-se para um campo de batalha, que elles chamam o *campo da honra*, e destroem-se como doidos furiosos, sem saberem porque, e sem poderem comprehender-se uns aos outros, porque não fallam a mesma linguagem. Alguns privilegiados do acaso voltam. Imaginas que estes veem cheios de odio ao Basileus? Pois não é assim. Quando entram nos seus lares moveis, os destroços do exercito vão apressadamente celebrar, na companhia dos dignitarios da sua seita, acções de graças, supplicando ao seu Deus longos dias abençoados ao digno homem que se intitula o seu paternal Basilio!

Quærens. — Por consequencia os habitantes de Delta Andromeda são, physica e intellectualmente, muito inferiores a nós; porque, na Terra, estamos longe de proceder d'essa maneira. Em resumo, não ha n'esse mundo mais do que um reino animado, um reino movel, sem repouso, sem somno, entregue á agitação constante por uma inexoravel fatalidade. Acho esse mundo bem extraordinario.

Lumen. — O que dirás então do globo que habitei ha

quinze seculos? Globo dotado, tambem, de um unico reino, mas não de um reino movel, pelo contrario, de um reino fixo, como o reino vegetal terrestre?

Quærens. — Animaes e homens seguros por raizes!...

III

Lumen. — A minha existencia anterior á do mundo de Andromeda passou-se no planeta Venus, proximo da Terra, e recordo-me de ter sido ahi mulher. Não a vi directamente pelas leis da luz porque esta emprega o mesmo tempo para vir de Venus ou da Terra para Capella, e, por consequencia, olhando para Venus, via-a como ella era ha 72 annos e não ha 900, epoca da minha existencia n'esse planeta.

A minha quarta vida anterior á terrestre passou-se em um grande planeta annular que pertence á constellação do Cysne, e está situado na zona da Via lactea. Ora este mundo singular é habitado só por arvores.

Quærens. — Queres dizer que não ha lá senão plantas, que ainda não ha animaes, seres intelligentes, que falem?

Lumen. — Não, não é isso. Ha só plantas, é verdade. Mas n'aquelle vasto mundo de plantas ha raças vegetaes mais adeantadas do que as que existem na Terra: ha plantas que vivem como tu, sentem, pensam, raciocinam e falam.

Quærens. — Mas é impossivel!... Oh! perdão! Quero dizer, é extraordinario, incomprehensivel e totalmente desconhecido.

Lumen. — É tão certo existirem estas raças vegetaes intelligentes, que eu fazia parte d'ellas ha quinze seculos; era uma arvore racional.

Quærens. — Mas, como podem as plantas raciocinar sem cerebro e fallar sem lingua?

Lumen. — Explica-me, peço-te, por meio de que processo intimo o teu cerebro material produz idéas intellectuaes, e por meio de que movimento a tua alma traduz os pensamentos mudos em palavras audiveis?

Quærens. — ... Procuro, ó mestre! Mas não acho a explicação essencial d'esse facto, tão natural, comtudo.

Lumen. — Ninguem tem direito de declarar impossivel um facto desconhecido, quando ignora assim o seu proprio modo de ser. Como o cerebro é o orgão terrestre posto na Terra ao serviço da intelligencia, imaginas que ha cerebros analogos, cerebellos e medulas espinhaes em todos os globos do espaço? Que erro tão ingenuo! A lei do progresso rege o systema vital de cada um dos mundos. Este systema vital differe, segundo a natureza intima e as forças particulares de cada globo. Quando chega a um grau sufficiente de elevação que o torna susceptivel de entrar no serviço do systema do mundo moral, o *espirito*, mais ou menos desenvolvido, apparece. Não imagines que Deus cria directamente em cada globo uma raça humana. Não. O primeiro grau do reino animal recebe a transfiguração humana pela força das cousas, pela lei natural, que o enobrece no dia em que o progresso o conduziu a um estado de superioridade relativa.

Sabes porque tens um peito, um estomago, duas pernas e dois braços, e uma cabeça com os sentidos visual, auditivo e olfactivo! É porque os quadrupedes, os mamíferos, que precederam a apparição do homem na Terra, eram feitos assim. Os macacos, os leões, os ursos, os cavallos, os bois, os tigres, os gatos, etc., e antes d'estes o rhinoceronte tichorhynus, o mastodonte, a sarigueia, etc., e ainda antes d'estes o plesiosauro, o rethysauro, o iguanodon, o pterodactilo, etc., e antes d'estes as tartarugas, os crustaceos, etc., foram o producto das forças vitaes em acção na Terra, dependentes do estado do solo e da atmosphaera, da chimica inorganica, da quantidade de calor e da gravidade terrestre. O reino animal terrestre seguiu,

desde a sua origem, este caminho continuo e progressivo para o aperfeiçoamento da fôrma dos mammiferos, desembaraçando-se cada vez mais da grosseria da materia. O homem é mais bonito do que o cavallo, o cavallo mais bonito do que o urso, o urso mais bonito do que a tartaruga. O reino vegetal seguiu a mesma lei. Os vegetaes pesados, sem folhas nem flores, começaram a serie. Depois, com os seculos, as formas tornaram-se mais elegantes e mais puras. As folhas appareceram, espalhando nos bosques uma sombra silenciosa. Em seguida vieram as flôres embellezar o jardim da Terra e espalhar perfumes suaves na atmosphaera, até esse tempo insipida. Esta dupla serie progressiva dos dois reinos acha-se ainda hoje nos terrenos terciarios, secundarios e primordiaes, visitados pelo olhar inquiridor da geologia.

Houve uma época na Terra em que apenas sahiam algumas ilhas do meio das ondas, e, nos vapores abundantes da atmosphaera carregada, não havia outros seres que se distinguissem do reino inorganico senão compridos filamentos suspensos nas ondas. Algas, fucos, eram estes os principaes vegetaes. Nos rochedos formavam-se seres que é difficil nomear. Ali inchavam algumas esponjas. Aqui elevava-se uma arvore de coral. Mais longe appareciam medusas semelhantes a hemispherios de gelatina. Eram animaes, eram plantas, zoophytos.

Mas a vida não se detem n'estas fôrmas. Apparecem outros seres, não menos primitivos e simples, que marcam a decisão de um genero de vida especial. São annelidos, toupeiras, peixes reduzidos ao estado de tubo, seres sem olhos, sem ouvidos, sem sangue, sem nervos, sem vontade, especies vegetativas que são, comtudo, dotadas do poder locomotor.

Mais tarde apparecem rudimentos de órgãos visuaes, rudimentos de órgãos locomotores, rudimentos de uma vida mais livre. Peixes, amphibios, succedem-se uns aos outros. O reino animal terrestre fôrma-se por si mesmo.

O que teria acontecido se o primeiro ser não abandonasse o rochedo onde estava? se os elementos primitivos da vida terrestre se tivessem conservado fixos no ponto da sua formação, e se, por um motivo qualquer, a faculdade da locomoção não tivesse principiado?

Aconteceria o seguinte: o systema vital terrestre, em vez de se manifestar em duas direcções differentes, mundo de plantas e mundo de animaes, continuaria a manifestar-se unicamente na primeira. Haveria um reino em lugar de dois.

E o progresso creador, operando n'esse reino como operou no reino animal, não se teria detido na formação das sensitivas, plantas superiores que são dotadas de um verdadeiro systema nervoso, não se teria detido na formação das flôres, que se aproximam tanto dos homens nos seus actos organicos; mas continuando a sua ascensão, o que produziu no reino animal teria produzido no vegetal. Já ha vegetaes que vivem e sentem, haveria vegetaes que pensassem e se fizessem comprehender. A Terra não teria ficado privada do genero humano; mas este em lugar de ser movel como é, estaria fixo pelos pés.

É assim o estado do mundo annular que habitei, ha quinze seculos, no meio da Via lactea.

Quærens. — Esse mundo de Homens-Plantas admira-me ainda mais do que o precedente. Mas não posso imaginar a vida e os costumes d'esses entes singulares.

Lumen. — O seu genero de vida é, effectivamente, muito differente do terrestre. Não edificam cidades, não fazem viagens e não teem fórma nenhuma de governo. Não conhecem a guerra, o flagello da humanidade terrestre, e não possuem o amor proprio nacional que caracteriza os homens. Prudentes, pacíficos e dotados de character constante, não tem nem a mobilidade nem a fragilidade dos homens terrestres. Vivem cinco a seis seculos, pouco mais ou menos, socegradamente e sem revoluções. Mas não penses que estes Homens-Plantas levam uma existencia vegetativa.

Pelo contrario, teem uma vida muito pessoal e muito absoluta. Estão divididos, não em castas, segundo o nascimento ou a fortuna, como na Terra, o que é absurdo, mas em familias cujo valor natural differe precisamente segundo a especie. Teem uma historia social, não escripta, porque nada se perde entre elles, pelo motivo de não haver emigrações nem conquistas, mas transmittida de geração para geração. Todos conhecem a historia da sua raça. Teem, tambem, dois sexos como na Terra, e as uniões formam-se de maneira analoga, mas mais pura, desinteressada e sempre affectuosa. E não são sempre uniões consanguineas: ha mesmo fecundação a distancia.

Quærens. — Mas como pôdem elles communicar os seus pensamentos uns aos outros, se é certo pensarem? E, além d'isso, mestre, como te reconheceste n'esse mundo extraordinario?

Lumen. — Uma resposta só, responderá ás tuas perguntas. Eu olhava para aquelle annel da constellação do cysne, e a vista da minha alma fixava-se n'elle com persistencia; estava surprehendido por não vêr senão vegetaes á sua superficie e notei principalmente os agrupamentos nos campos: uns, a dois e dois, outros a tres e tres, outros a dez e dez, e outros em maior numero ainda. Alguns pareciam estar sentados á borda de uma fonte, outros pareciam estar deitados, com pequeninos rebentos de roda; procurei reconhecer as especies terrestres, como pinheiros, carvalhos, alamos, salgueiros, mas não achei estas fórmulas botanicas; afinal, dirigi o olhar para um vegetal em fórmula de figueira, sem folhas nem fructos, mas com flores de um escarlate muito vivo, quando de repente vi a arvore estender um ramo, como um braço gigantesco, levar a extremidade do braço á cabeça, tirar uma das magnificas flôres que lhe ornavam a cabelleira, e apresental-a em seguida, inclinando a cabeça a uma outra figueira esbelta e elegante, ornada com flôres de um azul suave, e situada a alguma distancia, em frente da primeira. A das flôres

azues pareceu receber a flôr escarlata com um certo prazer, porque estendeu um ramo, como se desse a mão cordalmente ao visinho e conservaram-se assim muito tempo.

Sabes que ha circumstancias em que basta um gesto para fazer reconhecer uma pessoa. Foi o que aconteceu n'aquelle momento. O gesto da figueira da Via lactea despertou no meu espirito um mundo de recordações. Aquelle Homem-Planta, *era ainda eu*, ha quinze seculos, e reconheci os meus filhos nas figueiras com flôres violetas que me rodeavam, porque a côr das flôres descendentes resulta da mistura das duas côres do pae e da mãe.

Estes Homens-Plantas, vêem, ouvem e falam, sem olhos, sem ouvidos e sem bocca. Na Terra já ha flôres que distinguem muito bem, não só a noite do dia, mas tambem as differentes horas, a altura do sol no horisonte, o céu puro do céu encoberto; que ouvem os ruidos diversos com uma sensibilidade extraordinaria; que, finalmente, se entendem perfeitamente umas com as outras e com as borboletas mensageiras. Estes rudimentos estão desenvolvidos n'um verdadeiro grau de civilisação, no mundo de que estou falando, e os entes que o habitam são tão completos no seu genero como os homens o são na Terra. É verdade que a sua intelligencia está menos adeantada que a intelligencia regular da humanidade terrestre; mas os seus costumes e as suas relações reciprocas teem uma suavidade e uma delicadeza que podiam servir de modelo á maior parte dos habitantes da Terra.

Querens. — Mestre! como é possível vêr sem olhos e ouvir sem ouvidos?

Lumen. — Não te admirarás tanto meu velho amigo, se reflectires que a luz e o som não são mais que dois *modos de movimento*. Para apreciar um ou outro e preciso (e é bastante) possuir um apparelho em correspondencia com elle, antes que não seja senão um simples nervo. Os olhos e os ouvidos são essrs apparelhos na natureza terrestre. Em uma outra organização natural, tanto o nervo optico

como o nervo auditivo formam outros órgãos diferentes. Além d'isso, não ha só dois modos de movimento na natureza: luminosos e sonoros: posso mesmo dizer que estas qualificações derivam da maneira de sentir dos homens e não da realidade. Não ha dois, ha dez, vinte, cem mil modos diferentes de movimento. Os habitantes da Terra são construidos para apreciar especialmente aquelles dois, que constituem quasi toda a vida de relação. Em outros mundos ha outros sentidos para apreciar a natureza debaixo de outros aspectos; uns d'esses sentidos substituem os olhos e os ouvidos, e outros são dirigidos para percepções completamente extranhas ás que são accessiveis aos organismos terrestres.

Quærens. — Quando me falavas, ha pouco, dos Homens-Plantas do mundo do Cysne, lembrou-me de te perguntar se as plantas terrestres teem alma.

Lumen. — Com certeza. As plantas terrestres possuem alma, como os animaes e como os homens. Sem a alma virtual nenhuma organização poderia existir. A fôrma de um vegetal é feita pela alma d'este. Por que motivo uma bolota e um caroço de pecego plantados um ao lado do outro, no mesmo terreno, e exactamente nas mesmas condições, produzem, o primeiro um carvalho e o segundo um pecegueiro? Porque uma força organica que reside no carvalho fôrma o seu vegetal especial, e uma outra força organica, outra alma, que reside no pecegueiro, attrahe outros elementos para formar tambem o seu corpo específico; assim como a alma humana fôrma o seu proprio corpo, servindo-se dos meios postos á sua disposição pela natureza terrestre. A differença que existe entre ambas é a alma da planta não ter consciencia de si mesma.

Almas de vegetaes, almas de animaes, almas de homens, são já seres chegados a um gráu de personalidade, de auctoridade sufficiente para terem ás suas ordens, dominarem e dirigirem as outras forças não pessoas espalhadas no seio da immensa natureza. A monada humana, por exem-

plo, superior á monada do sal, á monada do carbone, á monada do oxigenio, absorve-as e incorpora-as na sua obra. A nossa alma humana no nosso corpo terrestre, dirige na Terra, sem dar por isso, um mundo de almas elementares formando as partes constitutivas do seu corpo. A materia não é uma substancia absolutamente solida e espessa. É uma reunião de centros de forças. A substancia não tem valor. De um atomo a outro ha um vacuo immenso em relação ás dimensões dos atomos. Á frente dos diversos centros de forças constituídas que formam o corpo humauo, a alma humana governa todas as almas humanas ganglionarias que lhe estão subordinadas...

Quærens. — Confesso, meu profundo institutor, que não comprehendo claramente essa theoria.

Lumen. — Por isso vou dar-te um exemplo d'ella que a fará passar ao estado de facto.

Quærens. — Ao estado de facto! Serás tu uma reencarnação da princeza Scheherazade, e fascinar-me-hias com um novo conto das *Mil e uma noites*?

(*Continua*).

Camille FLAMMARION.

A MINA PERDIDA

Durante a minha estada na Philadelphia soube que se organisara uma sociedade de exploradores, os quaes preparavam uma viagem topographica á região do extremo noroeste.

N'essa occasião estudava-se um troço da linha do caminho de ferro do Norte Pacifico, e tratava-se de descobrir uma passagem natural atravez da barreira formidavel dos montes Cascades, poderoso contraforte da Serra Nevada, situado entre a vertente do Pacifico e o rio Columbia.

Este rio era, n'essa epoca, o ultimo ponto indicado nos mappas, e os engenheiros tinham por missão verificar se a garganta do pequeno rio Skajit, affluente do Columbia, poderia servir para traçar a via.

Essa garganta do Skajit era conhecida unicamente por tradição; não havia conhecimento de nenhum homem branco ter chegado tão longe. Suppunha-se que essa garganta, — se existisse — devia correr parallelamente á fronteira da America ingleza, a algumas 40 milhas d'esta, unicamente.

Fiz as diligencias necessarias para ser admittido no numero dos exploradores, o que consegui, ao cabo de alguns dias. O ponto de reunião era em Watcom, na bahia de Bellingham.

Tres engenheiros civis ao serviço da companhia e um enviado do governo compunham a nossa pequena sociedade. Embarcámos em tres canôas, com uma escolta de dez Indios, e começámos a atravessar vagarosamente a immensa bahia.

Como os nossos remadores manobravam habilmente nos baixios, passámos assim os bancos de Swinom e chegámos a um dos postos da agencia indiana. Foi ahi que armámos as tendas, no meio do pantano. Que terrivel paiz! E que primeira noute passámos n'elle! Legiões de mosquitos precipitavam-se, a todo o momento, sobre nós. Não tardou muito que os nossos corpos formassem uma unica chaga dolorosa. Accendemos fogueiras, esperando que o fumo conservasse os mosquitos a distancia, mas debalde. O attractivo da carne fresca venceu, nos nossos aggressores, o medo do fumo, e o exercito dos torturadores alados não largou a presa senão aos primeiros clarões da aurora.

Os Indianos da escolta foram os unicos que não soffreram com as mordeduras. Lembro-me da phrase de um d'elles: «Isto não é nada, disse elle com ar desdenhoso; nós dizemos que ha mosquitos, quando um pau atirado ao ar cae no chão tinto de sangue.» E o homem continuou falando, descrevendo caçadas maravilhosas, onde havia gamos do tamanho de mulas.

Ao amanhecer continuámos a marcha para o rio Skajit, que subimos até ao ultimo estabelecimento de trappista branco. Armámos ahi as tendas debaixo de uma cupula magestosa de cedros gigantescos, os quaes, com a sua folhagem verde escura, formavam um espectaculo de uma belleza selvagem.

Restavam ainda duas horas de dia. Deixei o campo, cheguei ao rio, saltei para a canôa, e passei para a margem opposta, onde alguns rachadores de lenha abriam uma clareira na espessura da floresta. Eram uns homens de aspecto rude, esses trabalhadores isolados da extrema civilisação, de compridas barbas incultas, tez queimada pelo

sol, faces emmagrecidas e olhos enterrados nas orbitas. Traziam grandes botas de couro que lhe chegavam acima do joelho. Os troncos nervosos desenhavam-se lhes energeticamente sob a flanela desbotada das camisas que serviam de casacos, ou debaixo das pregas duras do fato de pelle de gamo curtida.

Quando me viram, largaram o machado ou a serra, e vieram ao meu encontro. Sentámo-nos em cima de um tronco derrubado e conversámos, fumando.

«O trabalho era rude. Cada acre desmoitado custava á companhia mais de duzentos dollars — mil francos.»

Vendo os troncos caídos por terra, muitos dos quaes não tinham menos de 6 pés de diametro, não achei esta quantia exaggerada.

Interroguei os rachadores a respeito da garganta do Skajit. Os indios falavam vagamente de uma garganta do Sank. Da do Skajit ninguem tinha ouvido dizer uma palavra.

Despedi-me dos lenhadores e puz-me a andar ao acaso seguindo a margem do rio...

Passeando assim, descobri, de repente, uma cabana feita de um tronco de arvore, — uma *log house*, como dizem os americanos.

Sentado em um banco de madeira, á entrada da cabana, um branco fuma silenciosamente, seguindo com a vista duas creancinhas mestiças que brincam na areia da praia. Duas canôas, presas por cipós a um tronco fluctuante, seguem a curva graciosa formada pelo remoinho da corrente.

Paro, attrahido por este espectaculo. E, occulto aos olhares do desconhecido pela espessura de um tronco enorme, entrego-me á contemplação d'aquella scena ingenua.

Na outra margem, um grupo de indios cérca uma grande fogueira onde distingo facilmente enormes salmões que se assam inteiros, espetados em varas. Os pelles-vermelhas estão alegres, riem ás gargalhadas e conversam com vivacidade.

O grupo é curioso: debaixo da cupula de verdura, no fundo sanguinolento do pôr do sol, os indios formam um quadro pittoresco, embrulhados em capas de côres brilhantes, com as suas cabelleiras pretas ornadas de pennas de aguia, os seus rostos de perfis heroicos e as suas posições theatraes.

Passados alguns momentos distrae-me da minha contemplação muda a presença de uma mulher indiana da tribu dos *Cabeças chatas*, que sae da *log house*, passa junto do branco sem lhe dizer uma palavra e caminha em direcção ao rio, soltando um grito guttural. Logo que ouvem esse grito, as duas creanças deixam os brinquedos e correm para a *squaw* ¹.

Continuam o seu caminho, todos tres, até chegarem á praia, e entram em uma das canôas; a mulher pega nos remos, e, com algumas braçadas vigorosas, chega á outra margem, para onde os garotos saltam, dirigindo-se, correndo, para o assado de salmão á «indiana».

Deixo, então, o lugar onde estava escondido, e dirijo-me para o branco que ficára só á entrada da cabana. Apresento-me. O homem sorri e diz-me o seu nome.

Supponhamos que é Jackson.

.....

Vi logo que estava tratando com um homem intelligente. Quantas perguntas me fez, ao mesmo tempo!

Respondi-lhe conforme pude. Jackson pareceu ficar alliviado de um grande peso quando soube que os trabalhos do caminho de ferro do Norte Pacifico não se começariam tão cedo.

—Ceie comigo, disse-me elle e passe a noute na minha cabana.

Não me atrevi a recusar. Que delicioso banquete, com-

¹ *Mulher*, em linguagem indiana.

posto de uma talhada magnifica de salmão fresco e de uma salada de alface saborosa e temperada com sal!

Depois da ceia, embrulhámo-nos em mantas e installámo-nos commodamente em um banco de madeira, á entrada da cabana.

Accendo um charuto, Jackson enche o cachimbo, e conversamos como amigos velhos.

Jackson interroga-me. «—Então vem do Este? da Philadelphia? Que felicidade! Eu nasci lá! Como tudo deve estar mudado!...»

Descrevo-lhe a cidade de onde venho. E Jackson, com um grande suspiro, lastima a sua vida gasta esterilmente nas margens do Skajit...

Vae anoutecendo. A lua ergue-se no meio do nevoeiro que fluctua por cima da agua. O contorno incerto do seu disco apparece, a pouco e pouco, entre os vapores esbranquiçados da noute. Esta dá ás sombras enormes dos cedros uma poesia mysteriosa, cheia de attractivos e de encanto para o espirito de um parisiense, hospede admirado d'aquellas regiões longinquas.

A alguns passos de nós, as ondas nacaradas do rio, illuminadas pelos reflexos da lua, fazem ouvir a sua canção monctona.

Na outra margem, os indios Cabeças Chatas acabaram a sua refeição.

Embrulhados nas mantas, extenderam-se em torno da fogueira de bivaque, cujas chammas moveis illuminam o grupo com um reflexo extravagante e phantastico.

.....

Estivemos silenciosos durante algum tempo. Depois, impressionado, decerto, pela magestade do espectaculo, e cedendo ao prazer de uma visita imprevista, Jackson tornou-se sentimental.

—Admira-se de eu me conservar tanto tempo n'estes

logares selvagens, não é verdade? Vou revelar-lhe o meu segredo, como a um amigo velho:

«Eu fazia reconhecimentos no Rio americano, já ha muitos annos, á procura dos *placers*. Na nossa companhia ia um indio que nos servia de creado e de guia. Bem tratado e bem pago, o pelle-vermelha considerava-nos como seus amigos. Tivemos occasião de livral-o, por duas ou tres vezes, das mãos dos vagabundos do campo, os quaes, quando tinham bebido aguardente queriam altercar com o nosso indio. E Jim o indio, não o esqueceu.

Quando percebeu que procuravamos o quartzo de ouro, o nosso amigo começou a andar pensativo, e, uma noute, na tenda de lona, contou-nos uma antiga historia da sua tribu:

Essa tribu estabelecera-se na encosta oriental da Serra Nevada, onde caçava bisões e gamos, e onde os seus rebanhos pastavam.

No territorio d'esses indios estava encravado um grande deserto, formado pelo antigo leito de um vasto mar, que secára — em que epoca prehistorica? — e cercado por uma cadeia de montanhas elevadas, na vertente das quaes se abriam pequenos valles. Todos os annos, no estio, chegavam ali homens brancos conduzindo uma grande fileira de mulas carregadas de caixas de carvão, e de instrumentos para cavar a terra.

«Esses «rostos pallidos» acampavam e começavam a revolver a areia; depois, accendiam grandes fogueiras e derretiam um metal branco que dividiam em barras, com as quaes enchiam as suas caixas. Ás vezes, havia leves altercações entre os «pelles-vermelhas» e os «rostos pallidos.»

«Estes, porém, mostravam-se geralmente pacíficos e leaes para com os indios. O pae do narrador observou que eram sempre os mesmos «rostos pallidos» que vinham todos os annos; quando faltava algum, os seus companheiros, a todas as perguntas que lhes faziam, respondiam que tinha morrido.

«Os homens brancos que vinham do sul, trabalhavam durante todo o verão. Á entrada do inverno carregavam as suas mulas de barras de metal, afastavam-se silenciosamente pelos desfiladeiros das montanhas, e não se ouvia falar n'elles até á estação proxima. Uma primavera, os indios viram chegar um grupo de brancos mais numeroso do que o dos annos precedentes.

«Os recém-chegados eram arrogantes. Um dia espancaram um pelle-vermelha, e, na noute seguinte, os exploradores da tribu percorreram o *clan* afim de prevenirem os guerreiros, em nome dos chefes, para estarem ás ordens d'estes. Reuniu-se o conselho, o bruxo fez a sua *medicina*, e resolveu-se assassinar os brancos.

Combinaram a noute, e o plano dos chefes foi executado á risca; nem um unico branco escapou á matança. Os cadaveres dos estrangeiros serviram para tapar os buracos feitos no solo indio, os fornos foram destruidos e dispersos e as mulas distribuidas pelos chefes da tribu. Finalmente, o feiticeiro prophetizou que, se alguma vez um Indio revelasse o lugar onde o «thesouro dos mortos» estava enterrado, a tribu inteira pereceria, victima de uma doença terrivel. Os pelles-vermelhas juraram guardar segredo ácerca da mina dos brancos... Desde esse tempo não tornou a vir do sul nenhum «rosto pallido—»...

«Aqui está o que Jim nos contou, disse Jackson. Os meus companheiros e eu fizemol-o repetir a sua historia muitas vezes, durante o inverno. Nunca variou no pormenor mais insignificante.

«Afimal, consentiu em...

Aqui interrompi o narrador:

-- Espere um momento, disse eu, tenho sede.

Corri para a borda do Skajit. Puz um joelho em terra, bebi um trago na corrente crystallina, e voltei para o lado de Jackson. Tornei a accender o charuto, e, elle encheu de novo o cachimbo. Embrulhámo-nos melhor nas mantas e Jackson continuou a sua narrativa:

«Jim, o Indio, consentiu, um dia, em levar-nos á mina. Já adivinhou, de certo, como nós também percebemos, que os brancos que vinham do Sul eram mexicanos. Se a prata virgem que elles achavam, n'esse tempo, pagava o custo da sua expedição annual, quanto valeria a mina hoje, explorada pelos processos modernos!

«Na primavera seguinte os meus companheiros e eu vendemos ás nossas concessões no Rio Americano, comprámos dezesseis mulas de tiro e de sella e algumas provisões de bocca, e partimos, depois da época do gelo. Jim servia-nos de guia. Não tardou que pizassemos o solo dos nossos predecessores, um paiz arenoso, onde se viam apenas algumas plantas bravas e povoado unicamente por lebres, gallinhas, alguns bisões, e gafanhotos gigantescos.

«Ainda não tínhamos visto nenhum «irmão» da tribu de Jim, quando, um dia, ao amanhecer, o nosso guia apontou para um renque de collinas e disse-nos que os «seus» estavam ali. O calor era ardente. Jim deu-nos de conselho que acampassemos e esperassemos pela noute.

«Do fundo da enorme bacia de areia que se abria a perder de vista, como um caldeirão immenso, subiam ondas de ar quente, em baforadas ardentes que uma brisa ligeira impellia para o sul.

«Pareceu-me estar vendo a enorme planicie liquida d'aquelle mar que desaparecera...

«Para completar a restituição physica da paizagem pre-historica, o vento fazia erguer pequenas ondas de areia, e formava columnas, immediatamente destruidas, que davam áquella planicie movediça o aspecto agitado das aguas do mar. Seguimos o conselho de Jim, e armámos as tendas proximo de um regato cercado de relva.

«O nosso guia disse-nos que o esperassemos, porque ia vêr os «seus» e annunciar-lhes a nossa chegada. Devíamos começar a jornada de noite afim de evitarmos o calor. Jim partiu. Ao anoitecer continuámos a nossa marcha penosa atravez da areia do dezerto, e avistámos as tendas da tribu

situadas no alto de uma collina. Logo que rompeu a manhã, Jim veio ter connosco e disse-nos que acampássemos, porque os guerreiros da sua tribo não queriam receber-nos na *povoação*. Jim parecia estar embaraçado. A força de muitas perguntas acabou por responder que os chefes da tribo estavam furiosos desde que sabiam qual era o fim da nossa viagem.

Decidira-se, em conselho, que se os brancos violassem o segredo da «mina dos mortos,» Jim seria assassinado, juntamente com os seus amigos.

«O que se havia de fazer? Acabámos por resolver o nosso guia a voltar para junto dos chefes da sua tribo a fim de propôr-lhes um accordo. Jim consentiu, ainda que com grande repugnancia. Á noite ainda o nosso mensageiro não apparecera. Nós distinguíamos perfeitamente o que se passava na povoação indiana; as tendas estavam vazias, as ruas desertas, e os «valentes» discutiam com animação em torno da «fogueira do conselho.»

«Distinguiam-se os vultos dos oradores proferindo os seus discursos. A discussão prolongou-se, animada, ruidosa; durava já havia mais de duas horas. Não querendo esperar pelo fim, que parecia não dever chegar tão cedo, entendemos que era melhor deitarmo-nos; mas a bulha medonha que elles faziam obrigou-nos a estar accordados e muito inquietos com o resultado da mensagem. Depois de uma noite passada em angustias, que póde imaginar, erguemo-nos ao romper da aurora. No campo indiano reinava um silencio profundo, mas Jim não apparecia. Começavamos a discutir os meios de fugir, quando sentimos o galope do cavallo em que elle vinha.

«Acercou-se de nós com ar alegre, e disse-nos que, em consequencia das suas declarações, o conselho tornara a resolver de fazer decidir o caso pelo feiticeiro da tribo, que vivia em uma tenda a vinte milhas d'ali. Jim propoz-nos que fôssemos visitar o santo homem e lhe fizessemos o nosso pedido, que o propheta resolveria como entendesse.

Se elle consentisse revelar-nos-hiam o segredo da entrada da mina; no caso contrario, a mais leve tentativa da nossa parte para descobrir o thesouro escondido seria o signal da nossa morte.

E, por acaso, Jim disse-nos, com um sorriso affavel, que na povoação existia um partido poderoso, o qual estava resolvido a acabar com os «rostos pallidos,» por meio de um «scalp» geral das nossas cabelleiras.

«Pomo-nos, pois, a caminho para a morada do feiticeiro. Atravessamos, para esse fim, uma serie immensa de valles desolados e de collinas desprovidas de verdura. Afinal, á entrada de um barranco, no fundo do qual corre um riachosinho, descobrimos uma choça indiana, miseravel, rodeada de salgueiros. Em um canto escuro da choça está agachado um velho sordido, decrepito, informe, quasi cego, o especimen mais monstruoso do idiotismo indiano. É o propheta, o feiticeiro, o «santo,» que se trata de convencer. Armamos as tendas e Jim parte em embaixada...

Ao principio, o feiticeiro não quiz ouvir nada, mas Jim mostrou-lhe uma libra de assucar, duas garrafas de whisky, uma caixa de café e tres pacotes de tabaco. A velha muma resolveu então a animar-se, e fez ouvir o seguinte oraculo:

«Jim conduzirá os «rostos pallidos» a meia hora de cavallo do «logar.» Se os «rostos pallidos» descobrem o sitio onde está escondido o «thesouro dos mortos,» o thesouro é d'elles. Se a vontade do Grande Espirito é que os rostos pallidos não achem o thesouro, é prohibido aos «pelles vermelhas» revelarem o segredo aos brancos, porque, em castigo d'essa profanação, as almas dos brancos assassinados viriam atacar os guerreiros da tribu perigosa e suscitar contra elles uma peste incuravel.»

Foi tudo o que obtivemos do feiticeiro. Era preciso resignarmo-nos. Depois de passarmos a noite n'aquelle lugar, pozemo-nos a caminho para o sul, logo ao amanhecer, dei-

xando as mulas e as bagagens guardadas pelo velho propheta, e levando na garupa as nossas provisões d'agua.

«Caminhámos durante um dia inteiro, atravessando uma região desolada, montanhosa, arida. Afinal, chegámos a uma especie de planicie, fechada bruscamente por uma serie de montanhas encadeadas umas nas outras. Percorremos mais duas milhas em direcção a essas montanhas; depois, Jim parou e disse-nos que procurássemos, desejando-nos felicidade. Em seguida voltou-nos as costas, deu de esporas ao cavallo e afastou-se a galope.

«Não seguimos immediatamente o conselho do Indio, mas começámos á procura de um lugar para armarmos a tenda. Achámos um, mas, a respeito de agua potavel, nem um copo.

«Voltámos para traz afim de irmos buscar as bagagens; e, n'essa occasião, discutimos o que tínhamos a fazer, os meus dois camaradas e eu.

«Era evidente que Jim recusava acompanhar-nos com medo de ser «escalpado» pelos indios. Dividimos o trabalho entre nós da maneira seguinte: Dois seriam exploradores. O terceiro trataria do acampamento e das refeições. Os papeis trocar-se-hiam todas as semanas e os exploradores tomariam, um apoz outro, o lugar do terceiro, que ficava de guarda na tenda.

«No dia seguinte, ao alvorecer, enchemos as canecas no regato do feiticeiro, e voltamos para o lugar onde Jim nos deixára na vespera.

«Emquanto um dos companheiros armava a tenda, parti com o outro de picareta ao hombro, afim de começar a primeira visita de inspecção.

«Se a historia de Jim fosse verdadeira, se outr'ora tivessem vindo hespanhoes do Mexico, todos os annos, explorar uma mina de prata nativa, situada n'aquella região, o caminho que elles seguiam devia conservar os seus vestigios. A primeira idéa que nos occorreu foi procurarmos esse caminho, quer fosse direito, quer fosse atalho.

«Aproximámo-nos, pois, resolutamente, da montanha, e dirigimo-nos um para a direita e o outro para a esquerda.

«Não tardou muito que eu descobrisse vestígios bem visíveis de um antigo caminho, que desaparecera debaixo da areia arrastada pela chuva e da mesquinha vegetação d'aquellas regiões estereis. Não havia que duvidar. Eram os signaes de uma vereda, aberta profundamente em alguns pontos, e que se dirigia em linha recta para o norte, afim de ir ter, provavelmente, a uma passagem natural, que se via ao longe, na montanha.

«Cheio de esperança, segui esses vestígios, certo de estar no verdadeiro caminho do thesouro. Esperança vã! D'ahi a umas cem jardas apenas, o caminho dividia-se em atalhos pequenos, dispostos em fórma de leque, e perdendo-se no meio da planicie.

«Comtudo, aquelle caminho parecia-me o verdadeiro, e, voltei para o acampamento afim de participar aos meus companheiros a descoberta que fizera. O outro explorador, pelo seu lado não achára nada. Decidiu-se que eu descobrira o verdadeiro rasto.

«Puzemos mãos á obra immediatamente. Alguns destroços que encontrámos vieram confirmar as nossas supposições. Restos de louça de barro, aduelas de pipas, um forno antigo contendo ainda brazas meias gastas, tudo indicava a passagem de homens civilisados.

«Com um ardor e uma tenacidade infatigaveis, cavámos a terra em uma superficie de muitas milhas, remexendo cuidadosamente todos os torrões, com a pá ou com a picareta.

«A unica descoberta que fizemos foi a de uma fonte que nos deu a agua de que tínhamos muita necessidade. Revolvemos assim os flancos das collinas e os leitos dos barrancos. De tempos a tempos encontravamos restos de utensilios que haviam pertencido a brancos, ou antigos cadinhos que diziam claramente: «Por aqui já passou alguém!»...

.....

Jackson interrompeu a sua narração, e, voltando-se para mim:

«*By God!* quanto valia aquella mina? Quantos milhões? Era um minerio tão puro que basta cozel-o ao vento para o pôr em barra!

Suspirou profundamente e continuou:

«Emfim, para abreviar, passámos tres annos á procura da «mina perdida.» Gastámos ahi todo o nosso dinheiro, as mulas, tudo, tudo desapareceu! No fim do primeiro anno, um dos meus companheiros morreu. O segundo continuou as escavações comigo. Depois, succumbiu tambem, victima da febre. Fiquei só, e continuei as minhas pesquisas durante muito tempo... Se a narração do indio fosse verdadeira! Se eu achasse a antiga mina dos hespanhoes que vinham do Mexico!...

«Que mais hei de dizer-lhe? Envelheci n'este logar e aqui me estabeleci. Tornei-me um *squawman*, um homem que vive á indiana. Educo dois bebés que minha mulher me deu, e cultivo em algumas geiras de terra, o necessario para vivermos. Para que heide voltar para o este? Todos me esqueceram, eu já esqueci todos, e os meus julgam-me morto com certeza!... Ha muito tempo que renunciei ás pesquisas... Comtudo, ás vezes penso... Se Jim dissesse a verdade!... Se eu achasse todos esses milhões que dormem na terra!...»

O homem erguera-se, impellido por uma exaltação febril, indicando com a mão tremula, o horisonte que nos cercava...

«Porque essa mina existe!... Tenho a certeza d'isso... Jim não mentiu... Oh! a entrada d'essa caverna dos milhões!... E pensar eu que talvez ella esteja aqui, a alguns metros de distancia de nós!... Talvez debaixo dos meus pés!

E, com a bota grossa e pesada, bateu rudemente no solo, que fez ouvir um ruido surdo...

Jackson calou-se, applicou o ouvido, durante um mo-

mento. Depois tornou a sentar-se, com um gesto desanimado, embrulhou-se outra vez na manta, aspirou duas ou tres baforadas do cachimbo mal apagado e disse-me : boa noite ! voltando-me as costas.

Não respondi.

A ruina d'aquelle homem pareceu-me tão profunda, que nem tive coragem para lhe dirigir algumas phrases banaes de consolação. Apertei-lhe a mão sem proferir uma palavra ; démos as boas noites um ao outro, e eu, muito comovido, fingi que adormecia, enquanto meditava ácerca d'aquelle destino extraordinario...

Jehan SOUDAN.

NEMROD & COMPANHIA

XIII

(Continuação)

— Esteja descansado, senhor cura: já lhe perdi alguma cousa?

Retirou-se, desaparecendo debaixo do carregamento. O cura, indicando o lume a M.^{elle} Nuno e á excellente Faverger:

— Aproximem-se, minhas senhoras, e deixem-me agradecer-lhes do mais intimo da minha alma. Ai! receio muito que estas palavras não traduzam bem a minha gratidão... Se em cada aldeia houvesse uma pessoa tão caridosa como vossa excellencia, estava resolvido o problema social: não haveria infelizes!

— Os soffrimentos materiaes seriam acalmados, disse Esther gravemente, mas restavam as dôres moraes, e essas são as mais dignas de lastima, porque são quasi sempre impossiveis de curar.

— Fala n'essas dores com bastante amargura, minha senhora, disse o bom homem, contendo um sorriso, e, no emtanto, não deve conhecê-las... É feliz, e devemos louvar por isso a Providencia, porque merece sel-o, pela sua bondade...

— A's vezes a felicidade mais apparente é a menos real.

M.^{elle} Faverger, assustada por vêr Esther embrenhar-se n'um assumpto que julgava perigoso, começou a agitar-se na cadeira. O abbade Pierquin, sem notar essa inquietação e esse mal estar, levado, pela replica de M.^{elle} Nuno, a uma ordem de idéas correspondente á da filha de Selim, respondeu immediatamente :

— É verdade que as esperanças de felicidade são muitas vezes enganadoras. Uma das meninas mais formosas d'esta terra acaba de ter essa experiencia cruel. Posso contar a sua historia: foi publicada recentemente por todos os jornaes do districto. É de M.^{elle} de Raneval que se trata.

O bom cura fez uma pausa, e dirigiu um olhar satisfeito ás duas mulheres. Viu-as attentas e regosijou-se por ter occasião de fazer aquella narrativa, que lhe permittia mostrar-se amavel para com a sua generosa doadora. Continuou:

— M.^{elle} Clemencia de Raneval é filha de um antigo magistrado que habitava, para os lados de Bassenelle, uma propriedade consideravel. Esta menina que, desde muito creança, dera provas de uma devoção ardente, a ponto de chorar rios de lagrimas quando seu pae a tirou do convento, apaixonou-se com violencia por um dos seus parentes, o sr. conde de Bosc-Mesnil, tenente de marinha com um futuro magnifico. O moço official correspondia a esse sentimento. Igualdade de situação, de fortuna, affeição mutua, tudo parecia, reunir-se para lhes garantir a felicidade. O casamento ia realisar-se, o noivo devia regressar de Toulon, onde a frota invernava, quando uma noticia terrivel veio desolar todos os corações.

O abbade Pierquin, depois de arredondar o periodo, estacou a meio da peripecia, e examinou as suas ouvintes, Viu-as interessadas e alegrou-se por causa dos seus pobres. pela facilidade com que pagava a divida por elles contrahida:

— Sim, uma funebre e pungente noticia. Na vespera de

deixar a frota, M. de Bosc-Mesnil, durante um giro de -ins pecção com um mar muito agitado, cahira á agua e afogara-se.

— Ah! gemeu a sensível M.^{elle} Faverger, que horrivel desgraça!

— Horrivel, com effeito, porque, ao sabel-o, M.^{elle} de Raneval esteve prestes a morrer. Salva, ai! por um medico excessivamente dedicado, porque, se o mal do corpo podia curar-se, a chaga da alma era incurável, a pobre menina restabeleceu-se e continuou a viver, mas em que estado de abatimento moral! Nem as lagrimas de sua mãe, nem as ternas supplicas de seu pae conseguiram que ella diligenciasse vencer esse abatimento. Apenas os soccorros da religião deram alguma serenidade áquelle coração torturado. O nosso veneravel vigario mór soube commover o espirito de M.^{elle} de Raneval, despertar-lhe a consciencia, e mostrar-lhe a necessidade de supportar a vida como um dever. Ella obedeceu, mas a sua vocação religiosa tornara a dominal-a. Recuperou a vontade de viver para chamar a misericordia de Deus sobre os infelizes e os culpados. O pae e a mãe, desolados, vendo que não tinham outra cousa a escolher para ella, senão o claustro ou o tumulto, resignaram-se, e, ha quinze dias, M.^{elle} de Raneval professou na abbadia de Saint-Pons. Edifica a aldeia inteira com a sua resignação e a sua bondade. Abençoadas sejam as creaturas terrestres que convertem os seus soffrimentos e as suas misérias em salvação para a sua alma e em gloria de Deus!

Calou-se e estendeu para o lume o pé esquerdo, que uma corrente d'ar, passando por debaixo da porta, arrefecera. Não estava descontente com a sua historia. O silencio em que tinha sido escutada, lisongeava-o. Esse silencio prolongou-se depois de elle ter concluido, e começava a embaraçar o um pouco. Comtudo, Esther, passado um momento, falou:

— Se M.^{elle} Raneval tinha pae e mãe, excellentes para

ella, não seria melhor que se dedicasse a suavisar-lhes os ultimos annos da existencia?

— Era isso mesmo que eu pensava, disse M.^{elle} Faverger com animação. Um dos principaes mandamentos de Deus não é: «Honrarás teu pae e tua mãe?»

— Sim, minha querida senhora. Por isso M.^{elle} de Raneval quiz obter a autorisação de seu pae e de sua mãe, que lh'a deram, chorando... Deus não acceitaria o dom de uma existencia que fosse roubada à familia.

Ah! eu comprehendo perfeitamente que se tome o mesmo partido que M.^{elle} de Raneval quando não se pôde contar com afeição alguma, n'este mundo...

M.^{elle} Faverger, começando novamente a inquietar-se, interrompeu deliberadamente a sua discipula:

— Onde está situada essa abbadia de Saint-Pons, senhor cura?

— Para deante de Germigny-L'Éveque. Essa abbadia, assim como a de Jouarre, é um curioso specimen da architectura antiga. A crypta é do seculo ix, a capella de estylo gothico. Todos os annos uma peregrinação leva ahi um grande numero de fleis que vão implorar a Virgem negra. É uma Virgem muito curiosa, esculpida n'um pedaço de marmore, e que trouxeram da Palestina...

M.^{elle} Nuno voltou-se para a sua governante, e disse:

— Minha boa Faverger, se quizer, iremos visitar a abbadia de Saint-Pons.

E levantava-se para se despedir. O abbade Pierquin acompanhou as duas senhoras, em cabello, quasi até á rua, não obstante os protestos de M.^{elle} Faverger, que repetia:

— Senhor cura, olhe que se constipa...

— Não, minha senhora, estou muito costumado ao ar livre... Trago quasi sempre o chapéu debaixo do braço... Um pobre cura da aldeia deve ser rijo, como os seus parochianos.

Acompanhou-as até á porta do cemiterio.

Foi só ahi que se resolveu a voltar para casa, depois

de novos agradecimentos dirigidos a M.^{elle} Nuno. Quando esta viu a estrada deserta, entrou no campo de repouso como costumava, e passeou nas largas alamedas bem area-das. O jardim dos mortos perdera seus adornos verdejantes; só os cyprestes e os buxos tinham resistido aos primeiros ataques do frio. A erva dos tumulos amarellecera sob a geada, e as flôres estavam murchas. Esse triste lugar exhalava uma melancolia mais profunda. Já não havia contraste entre a florescencia vigorosa das plantas e a inercia gelada dos sêres. Agora tudo estava morto. No centro do cemiterio erguia-se um monumento de marmore em cujo frontão estavam gravadas estas palavras: *Familia de Pont-Croix*, e, por baixo, o escudo com a ponte e a cruz de azul, em quartéis alternados, em campo de prata. Por uma brusca associação de idéas, entre a sua preocupação latente e o tumulto que se lhe apresentava á vista, Esther imaginou o cemiterio cheio de gente que ia assistir ao funeral do Marquez. Brucken livrara-se de Pont-Croix, a traição vencera a lealdade, e Clemente, estendido no caixão, dormia o seu derradeiro somno. A sensação foi tão viva, que Esther voltou-se para M.^{elle} Faverger, e falou-lhe, afim de dissipar a illusão que a torturava. A governante respondeu, e ella sentiu-se mais serena. Comtudo, perseguia-a um temor surdo. Se eu rezasse por elle, pensou, talvez lhe desse felicidade. Mas rezar, onde? Aqui n'este cemiterio? Não, devo entrar na egreja.

Encaminhou-se para a portinha baixa que se abria ao lado e carregou no pedal de ferro que levantava o ferro-lho: a porta entreabriu-se immediatamente.

— O que vae fazer, Esther? perguntou M.^{elle} Faverger com espanto.

— Ha muito tempo que desejava visitar esta egrejinha de aldeia... Hoje deve estar deserta, posso satisfazer o meu desejo sem inconveniente...

— Mas, minha filha, que singular curiosidade! replicou a governante. O seu logar não é ahi...

— Quem é que me vê? E depois, ha algum mal n'isto?

— Não, de certo. Mas é inutil.

Esther já entrara sem dar ouvidos a M.^{elle} Faverger. A sombra suave e recolhida que se extendia pela nave, impressionou-a. O dia começava a declinar, e os vidros deixavam passar uma luz branda atravez dos seus losangos coloridos. O ruido dos passos das duas mulheres despertava uma sonoridade na parte mais alta da nave, e, assaltada por uma especie de receio sagrado, Esther diligenceou caminhar silenciosamente afim de não perturbar os eccos adormecidos da tranquillã morada. Olhava com curiosidade para o que a rodeava. O tabernaculo scintillava no altar, ricamente ornado; a estante do missal ficara, esperando a missa proxima. Uma grade baixa, de ferro lavrado, excessivamente rica para uma simples egreja de aldeia, provava a generosidade dos antigos proprietarios da Chevrolière. No primeiro banco viu Esther um genuflexorio de veludo azul. Aproximou-se e leu, commovida, esta designação: *Marqueza de Pont-Croix*. Ao lado havia cadeiras de palha com estas lettras marcadas na madeira: *M. de P.* Era n'esta cadeira de veludo, pensou Esther, que sua mãe rezava. É alli, decerto, que elle reza.

Parou deante d'aquelle banco vasio, hesitante e pensativa. Uma tentação surda impellia-a a ajoelhar tambem alli. Parecia-lhe que uma oração feita n'aquella egreja, e n'aquella genuflexorio, poderia salvar Clemente. Mas, como havia de ajoelhar, ella, judia, ao pé d'esse altar onde o Christo torturado convulsionava os braços na cruz regada com o seu sangue e com as suas lagrimas? Não seria um sacrilegio? E não iria despertar a colera d'esse Deus offendido, em vez de grangear a sua clemencia? Voltou-se para M.^{elle} Faverger e disse-lhe, em voz muito baixa:

— Mademoiselle, parece-lhe que uma judia póde, sem sacrilegio, orar ao seu Deus?

— Minha filha, respondeu a governante brandamente, não ha senão um Deus, creador do céu e da terra, e o

nosso, o dos christãos, é o mesmo que o dos judeus... Mas que extranha preocupação essa! Para que veio a esta igreja? E que sentido occulto encerra a pergunta que me faz?

— A minha pergunta é muito clara. Desejava rezar aqui, e parece-me que não se póde rezar senão ao Deus que se adora n'esta igreja.

— Esther, estou arrependida de a ter acompanhado, exclamou M.^{elle} Faverger, cheia de perturbação: abusa da minha condescendencia e expõe-me, com certeza, a faltar gravemente aos meus deveres... Vae deixar-se dominar outra vez pelas extranhas curiosidades que tive de combater na sua infancia? Que obsessão a persegue? O que tem?

— Nada, minha boa Faverger, não se apoquente, nada que possa comprometter a sua responsabilidade. Subtilezas de sentimento, escrúpulos pessoas que levariam muito tempo a explicar-lhe...

— Esther, minha filha, o seu espirito, ha uns tempos para cá, está mais gravemente perturbado do que quer dar-me a entender. Não sei que pensamentos se lhe agitam no cerebro... Se me occulta o estado da sua alma é porque elle não é louvavel!... Receia que a censure?

— Eu! disse Esther com vivacidade, não, com certeza! Não julgue isso!... Se eu pudesse confiar os meus pensamentos secretos, se elles podessem ser revelados...

— Bem vê, interrompeu a governante... confessa que occulta alguma cousa.

— Não por minha causa... É por causa dos outros... Ah! brevemente lhe direi tudo e verá se eu tinha razão em calar-me... Sim, estou extremamente perturbada, mas esta perturbação ha de dissipar-se, assim o espero...

Fez um signal com a mão, como pedindo que não insistisse, e, curvando-se sobre o genuflexorio, no lugar onde a mãe de Clemente e talvez o proprio Clemente, encostavam a fronte, encostou ella a sua. Conservou-se inclinada durante alguns instantes, e só ergueu a cabeça quando

ouviu resoar uns passos no silencio sombrio da egreja. Olhou em torno, e, com um sobresalto inexprimivel, viu entrar o homem que lhe occupava tão exclusivamente o espirito.

M.^{elle} Faverger tambem conhecera o marquez e, pegando no braço da sua discipula, diligenciava arrastal-a. Clemente parára de subito, avistando Esther. A idéa que a levára ali, levava-o tambem a elle. E era no seu banco, defronte da cadeira onde se sentava todos os domingos, que a vinha encontrar recolhida e prostrada. Assaltou-o uma commoção repentina, adivinhou que ella tinha ido ali como a uma peregrinação. Não quiz saber como Esther havia sido informada, não duvidou de que o estivesse e de que, assim como elle fôra implorar a mercê divina, ella tivesse ido imploral-a para elle. Sentiu descontentamento e alegria ao mesmo tempo. Não sabendo se devia afastar-se de M.^{elle} Nuno, com enfado, ou dirigir-se-lhe com reconhecimento, ficou immovel junto á porta.

— Esther, murmurou M.^{elle} Faverger ao ouvido da sua discipula, apertando-lhe com força o braço que enfiára no seu, afiance-me que ignorava que M. de Pont-Croix devia vir aqui.

— Afianço-lhe.

— Bem. Mas, minha filha, é preciso retirarmo-nos.

Chegavam ao pé de Clemente. Elle inclinou-se deante das duas senhoras, abriu a porta e, deixando-as passar, sahiu tambem atraz d'ellas.

Caminharam um instante pela rua coberta de areia, e ladeada de tumulos e de cruces. O silencio que pesava sobre elles pareceu constranger de tal maneira Esther, que ella disse:

— Fomos a casa do sr. abbade Pierquin, e, á sahida, tivemos a curiosidade de visitar esta egreja... É devéras bonita na sua simplicidade...

— Eu gosto muito d'ella, declarou Clemente... Ligame tantos laços a esta pequena egreja!... Foi ali que me

baptizei, que fiz a minha primeira communhão... Foi ali que meu pae e minha mãe casaram... É ali que descansam todos os que usaram o meu nome... É tambem ali que eu hei de descansar.

A estas palavras, ditas com gravidade, Esther não poud deixar de erguer os olhos para Clemente. Viu-o resolutu, mas um pouco triste. Quiz dar-lhe o soccorro da sua esperança, e, com vivacidade:

— Oh! d'aqui a muito tempo...

— Quem sabe? Ninguem o pode affirmar... Deve-se estar sempre prompto...

A filha de Nuno, mais commovida por esta simplicidade resignada do que poderia sel-o por uma manifestação heroica, reteve a custo as lagrimas que lhe innundavam os olhos. Empallideceu, os labios tremeram-lhe, lembrando-se do perigo terrivel a que ia arriscar-se, d'ahi a algumas horas, aquelle que estava na sua presença. Teve desejos de gritar: «Defenda-se bem; o seu adversario é implacavel. Na de abusar da sua generosidade!» Deteve-a um resto de altivez. E ficou muda, quasi desvairada, deante de Pont-Croix, que a examinava com inquietação.

Elle quiz mudar de conversa, e disse:

— O pae de vossa excellencia tem tido grandes dissabores com esta questão do guarda... Eu tambem me achei envolvido n'ella, por acaso... Mas vae arranjar-se tudo... O culpado ha de ser punido e o pobre diabo vingado... As cousas acabam sempre melhor do que se imagina.

Ella abanou a cabeça silenciosamente.

O marquez, porém, querendo esquivar-se ao constrangimento d'aquella conversação, e abreviar o enervamento de M.^{elle} Faverger, que batia o pé com impaciencia, ao lado da sua discipula:

— Perdão, minha senhora, mas o bom abbade Pierquin deseja falar comigo e eu não queria fazel-o esperar...

Ella não teve força para responder. Elle porém continuou:

— Não sei quando tornarei a ter o gosto de encontrar vossa excellencia... Tenciono sahir ámanhã á noite da aldeia, se nada se oppozer aos meus projectos...

A commoção que ella sentiu deu-lhe coragem para perguntar:

— Onde vae?

— A Inglaterra, vêr a minha familia... Receio estar sendo aqui um motivo de inquietação.

Esther não mostrou reparar n'esta ultima phrase. Pouco lhe importava. Sabia perfeitamente a que era que ella alludia. Arriscou apenas esta pergunta:

— E não volta?

— Não digo que não, mas n'uma época tão distante, que não facil indical-a. Receba pois vossa excellencia as minhas despedidas.

Ella ficou immovel, gelada, sem um gesto, sem uma palavra. A idéa de que estava separada de Clemente, já ella a acceitára; mas a idéa de que talvez nunca mais o visse, quer elle morresse, quer se expatriasse, anniquilava-lhe o pensamento, dilacerava-lhe o coração. Clemente cumprimentou-a e ia afastar-se, sem que uma palavra sua o animasse, sem que um voto supremo lhe brotasse da alma, e, sancionado por Deus, desviasse d'elle a desgraça. N'esse momento voltou a si, e extendendo-lhe mão, disse-lhe, n'um tom que elle comprehendeu:

— Deus o proteja, senhor!

— Elle curvou-se, apertando suavemente aquella branca mão que se offerecia e que lhe ficaria pertencendo facilmente, se elle quizesse, e dirigiu-se para a egreja.

— Venha, minha boa Faverger, balbuciou Esther arrastando a governante para fóra do cemiterio. Mas, quando chegou á estrada solitaria, assaltou-a uma tal crise de desespero, que teve de sentar-se n'um talude coberto de relva e, apesar da sua resistencia, apesar da sua altivez, vencida, anniquilada, rebentou em soluços desesperados, sem uma explicação, sem um queixume, chorando todas

as lagrimas do seu coração, e não respondendo ás perguntas supplicantes da sua companheira, aterrada, senão com estas palavras: «Não é nada! não é nada!» avida de morrer guardando o seu segredo.

Passado um instante, serenou e pôde continuar o seu caminho. Mas, enquanto ia andando, encostada ao braço de M.^{elle} Faverger, continuava a chorar silenciosamente.

Eram cinco horas, quando as duas passeantes voltaram á Chevrolière. De longe, por entre as arvores, avistava-se o palacio muito illuminado, e no jardim e no terraço espalhavam-se largas tiras de luz. Essa morada resplandecente estava rodeada de silencio e de tristeza. No vestibulo, um laçao veio ao encontro de Esther:

— O sr. conde já por duas vezes mandou saber se a menina tinha vindo... O sr. conde está no seu gabinete.

— Diga a meu pae que já vou ter com elle...

Subiu rapidamente ao seu quarto. Antes de apparecer a Nuno, queria refrescar os olhos, avermelhados pelas lagrimas. Desconfiou que seu pae soffrera, n'esse dia, muitas commoções diversas, mas todas desagradaveis, e que tinha necessidade de lamentar-se, de expandir a sua amargura em palavras. Era esse gosto imperioso de confidencia e de expansão que o tornava incapaz de estar sem amante. Não podia dizer tudo a sua filha, e não podia deixar de dizer tudo. Se Manuela consentisse em ouvi-lo n'esse dia, e em aconselhal-o, reconquistava todo o terreno que perdera na vespera. Nuno não veria senão pelos seus olhos nem pensaria senão conforme as suas idéas. Mas a portuguezia sabia que a partida de Brucken, esclarecendo Nuno, tornaria a pôr a questão no mesmo pé, e preferia conservar a attitude que tomara, a qual lhe permittia uma retirada opportuna, podendo seguir-se-lhe um retorno offensivo triumphante. Por consequencia resistira a todas as tentativas de Selim para se aproximar d'ella, e fizera annunciar a sua partida para a manhã seguinte.

Nuno, consternado com esta resolução, agitado pelas conferencias com as testemunhas de M. de Pont-Croix, assaltado por todas as suas inquietações com respeito á fidelidade de M.^{me} del Peral, passára uma tarde atroz, e, não sabendo em quem havia de fiar-se, tendo necessidade de contar os seus dissabores, voltou-se desesperadamente para Esther. Mas até esta fugia d'elle. Tinham-a procurado, debalde, no palacio, no parque, em casa da viuva de Strehley. E, Nuno sentira todo o dia, por cima da cabeça, arrastar as malas de Manuela, os creados andarem de um lado para o outro, um alvoroço pungente que annunciava o abandono. Por isso, quando a porta se abriu e appareceu Esther, soltou um grito de alegria e correu ao encontro da filha com demonstrações de ternura que a commoveram. Sentia-o desgraçado.

Sabia que ia sel-o ainda mais.

— Até que chegaste minha querida! Tenho passado um dia muito agradável, na verdade! E receio muito que se esteja preparando outro semelhante para amanhã... M.^{me} del Peral deixa-nos: volta para Paris!...

Observava no rosto de sua filha a impressão que esta noticia lhe causava. Esther ficou impassivel.

— E não é tudo!... Imagina que Brucken tem um duello dos mais sérios com o marquez de Pont-Croix. Passámos toda a tarde em conferencias a que estou pouco habituado e que me perturbaram muito. Precisava d'alguem que me mostrasse boa cara, para me distrahir de todas estas contrariedades, mas parece que todos fogem de mim... Até minha filha se vae embora quando eu gostava de estar com ella!

Esther não respondeu a estas ultimas palavras, nem manifestou admiração pelas confidencias de Nuno. Disse simplesmente:

— A que horas é o duello?

— Ás dez. O encontro realisa-se na casa do guarda do Bosque Queimado... Batem-se á espada.

Esther baixou a cabeça, como quem sabia, e conservou-se silenciosa.

— Brucken foi a Paris, para arranjar os seus negocios... Volta amanhã, no comboio da manhã: vamos buscá-lo de carruagem, à estação... Já vês que nem ao menos estarei aqui quando M.^{me} del Peral se fôr embora... Conto com a tua amabilidade para me substituir... Sejam quaes forem os teus sentimentos para com ella, estás em tua casa e não deves esquecê-lo ..

— Nunca o esqueci, disse Esther; nem o esquecerei agora.

— É possível que haja algumas faltas a censurar-lhe, continuou Nuno; ella, porém, é tão boa, que devemos desculpa-la... Começando por mim, que também preciso que me tratem com indulgencia. Perfeita, só tu... Porque tu és perfeita!...

Pelos labios de Esther deslizou um sorriso triste. Esperou que seu pae terminasse a phrase, para saber que acto de condescendencia ou de fraqueza elle queria pagar adeantadamente com aquelles louvores.

— Não te parece, disse elle, que, se subisses ao quarto de M.^{me} del Peral e lhe falasses amavelmente, como tu sabes falar, quando queres, ella consentiria em ficar?... Vamos estar tão sós, quando ella se fôr... Tu, principalmente...

— Pode convidar outras pessoas, meu pae.

— Sim, posso... Mas isso já não é intimidade... E a intimidade é, sobretudo, o que agrada... Julgas que se fosses conversar com Manuela, só um quarto d'hora, não arranjavas as cousas?... Estou certo de que ella não espera senão uma palavra tua para addiar a partida.

Dizendo isto, fitava-a com ar ancioso e humilhado, e Esther lembrava-se da declaração de Manuela: basta um gesto para teu pae correr a obedecer-me. Sim, a bonita portugueza tinha razão, e conhecia bem o seu poder. Nuno não esperava que ella o chamasse, corria antes d'isso ao

seu encontro. O que era então necessario para quebrar o laço que o prendia tão servilmente áquella mulher? Que decepção cruel, que dolorosa offensa o fariam voltar a si?

— Tudo seria inutil, meu pae, respondeu ella. M.^{me} del Peral quer partir. Depois do almoço, preveni o seu desejo, fui ao quarto d'ella, falar-lhe. A sua resolução é inabalavel.

(Continúa).

Georges OHNET.

SORRISO DA PRIMAVERA

=====
(Theophilo Gautier)
=====

Emquanto os homens, ligeiros
Correm ao mal com affan,
Março, a rir entre aguaceiros,
Prepara os dias primeiros
Da primavera louçã.

Levanta-se muito cedo,
Quando está tudo a dormir,
Vae engommar em segredo
A gargantilha de neve
Do malmequer que ha-de vir,
E trabalha com mão leve
No cinzelar delicado
Do botão d'oiro lavrado.

Vae depois furtivamente
Onde encontra a amendoeira,
Co'o pó branco e rescendente
Empoar-lhe a cabelleira.

E ao ver que a natureza
Dorme ainda descuidosa
O seu somno matutino,
Inventa a gentil fineza
De lhe pôr botões de rosa
No verde corpete fino.

Emquanto compõe trinados,
E ensina aos melros modinhas,
Semeia em bosques e prados,
Que é morada ao sabor d'ellas,
Delicadas campainhas
E violetas singelas.

Junto á fonte preguiçosa,
Onde a corça se retrata,
Demora-se alguns instantes,
E larga os guisos de prata
Da convallaria mimosa
Nos agriões verdejantes.

Põe nas ervas escondido
O morango saboroso
Que ha-de ser por ti colhido,
E da folha que apparece
Faz guarda-sol precioso
Contra o sol, que já aquece.

E quando vê terminado
O tempo do seu reinado
E começar o de abril,
Contente do que fizera,
Diz então com ar gentil :
«Podes entrar... primavera!»

EPISCOPO & C.^A

Então quer saber... Mas o que quer o senhor saber? Que mais lhe hei de dizer? O que? Tudo?... Pois bem, vou contar-lhe tudo, desde o principio.

Tudo, desde o principio! Mas como ha de ser? Eu não sei mais nada; asseguro-lhe que não me lembra de nada. Como ha de ser, senhor? Como ha de ser?

Ah! meu Deus! Olhe, faça favor de esperar. Tenha um bocadinho de paciencia; peço-lhe que tenha um bocadinho de paciencia, porque eu não sei falar. Ainda que me lembrasse de alguma cousa não saberia dizel-a. No tempo em que eu vivia entre os homens era taciturno; era taciturno mesmo depois de ter bebido, sempre. Não, não, nem sempre. Com *elle* falava eu, mas com *elle* sómente. Em certas noites de verão *elle* mettia o bracinho por debaixo do meu, aquelle pobre bracinho tão magro, tão delgado que mal o sentia, e passeiavamos conversando pelos arrabaldes, ou mesmo pelas praças e jardins publicos.

Onze annos, — note, senhor, — *elle* tinha apenas onze annos e conversava como um homem, e era já triste como um homem. Parecia que já conhecia a vida, toda a vida,

e que soffria todos os soffrimentos. Aquella bocca já conhecia as palavras amargas, aquellas que tanto mal fazem e que não se esquecem nunca!

Mas haverá gente que esqueça alguma cousa? Haverá?

Eu dizia-lhe que não sei mais nada, que não me lembro de mais nada... Oh! isso não é verdade.

Lembro-me de tudo, de tudo, de tudo! Entende? Recordo-me das palavras, dos gestos, dos olhares, das lagrimas, dos suspiros, dos gritos, das menores particularidades da sua existencia, de tudo, desde a hora em que nasceu até á hora em que morreu.

Elle morreu. Ha ja dezeseis dias que está morto, e eu ainda vivo. Mas eu devo morrer, e quanto mais cedo morrer melhor será. O meu filho quer que eu vá ter com elle. Elle vem todas as noites, assenta-se e olha para mim. Vem descalço, o pobre Ciro! eu preciso applicar o ouvido para lhe conhecer os passos. Logo que anoitece ponho-me continuamente, continuamente á escuta, e quando elle põe o pé na soleira da porta, é como se o puzesse em cima do meu coração, mas d'um modo tão suave, tão suave, sem me fazer mal, leve como uma penna... Pobre alma!

Agora todas as noites está descalço, mas acredite-me, senhor, durante a vida nunca andou descalço; nunca, juro-lh'o.

Vou dizer-lhe uma cousa; dê-me toda a sua attenção. Se lhe morrer uma pessoa querida, tome cuidado que não lhe falte nada no caixão. Vista-a, se puder, com as suas proprias mãos; vista-a completamente, minuciosamente, como se ella tivesse de reviver, de se levantar e sahir. Nada deve faltar a quem vae d'este mundo. Nada, lembre-se d'isto.

Ora olhe para estes sapatinhos... O senhor tem filhos?... Não. Então não pôde saber, não pôde comprehender o que é para mim este velho par de sapatinhos que contiveram os pés d'elle, e que lhes conservam a fôrma. Eu nunca

saberei dizer-lh'o; nenhum pae saberá dizer-lh'o nunca, nenhum.

No momento em que elles entravam no quarto, onde vieram para me levar, estavam todas as peças do vestuario d'elle em cima da cadeira, ali, ao lado do leito. Porque foi então que eu me preocupei só com os sapatos? Porque fui procural-os debaixo da cama, anciosamente, presentindo que se me despedaçaria o coração se não os achasse? Porque os escondi, como se tivesse ficado n'elles uma parcella da *sua* vida? Oh! o senhor não o póde comprehend.

Em certas manhãs de inverno, á hora de ir para a escola... A pobre creança tinha frieiras. No inverno cada pé era uma chaga sangrenta, e era eu que lhe calçava os sapatos, eu proprio. Eu *sabia* tão bem! Depois, para os apertar, abaixava-me e sentia que me apoiava nos hombros as mãos, já tremulas de frio; e então demorava-me... Mas o senhor não pode comprehend isto.

Quando morreu tinha só um par, aquelle que vê ali. E eu tirei-lh'o. E com certeza sepultaram-n'o tal qual como um pobresinho. É porque ninguem o amava senão o pae. Agora todas as noites, eu pego n'esses dois sapatos e ponho-os, um ao pé do outro, na soleira da porta por sua intenção. Se *elle* os visse quando passa? Talvez que os veja, mas não lhes toca. Talvez saiba que eu enlouqueceria se os não achasse de manhã, no seu lugar, um ao pé do outro.

Julga que estou doido? Não? Parecia-me lêr nos seus olhos... Não, senhor, ainda não estou doido. O que lhe estou contando é a verdade. *Tudo é verdade*. Os mortos voltam.

O *outro* tambem volta algumas vezes. Que horror! oh! que horror!

Olhe, durante noites inteiras tremi como agora, bati os dentes, sem poder conter-me, receei que o terror me deslocasse os ossos nas articulações; senti, até de manhã, os

cabellos, como se fossem agulhas, erguidas, erriçadas... Não tenho os cabellos todos brancos? Estão todos brancos, não é verdade, senhor?

Muito obrigado. Já não tremo. Estou doente, muito doente. Quantos dias de vida me dá ainda, a julgar pela minha cara? Bem sabe que eu devo morrer, e quanto mais cedo melhor.

Pois sim, sim, eu estou tranquillo, perfectamente tranquillo. Vou contar-lhe tudo, desde o principio conforme o seu desejo; tudo por ordem; creia que ainda me não abandonou a razão.

Aqui está como foi. Era n'uma casa dos bairros novos, uma especie de hospedaria modesta, ha doze ou treze annos. Eramos uns vinte empregados entre novos e velhos. Iamos ali jantar á tarde, juntos, á mesma hora, á mesma mesa. Todos eramos mais ou menos conhecidos, posto que não pertencessemos á mesma repartição. Foi lá que eu conheci Wanzer, Julio Wanzer, ha doze ou treze annos.

O senhor... viu... o cadaver? Não lhe pareceu que havia qualquer cousa de extraordinario n'aquelle rosto, n'aquelles olhos? Ah! esquecia-me de que os olhos estavam fechados... mas não ambos, não estavam ambos fechados. Isto sei-o eu bem. É preciso que eu morra ainda que não seja senão para me tirar dos dedos a impressão d'aquella palpebra que resistia... Sinto-a, sinto-a aqui, sempre como se tivesse ficado n'este sitio um bocado d'aquella pelle. Veja esta mão. Não lhe parece que já começou a morrer? O principio ia tão bem! E perdi-me assim de repente. É talvez porque estou em jejum, não é por outra cousa; não, não é por outra cousa. Ha quasi dois dias que não como.

Lembro-me que d'antes, quando tinha o estomago vazio, vinha-me uma especie de delirio passageiro, mas tão extranho! Parecia que desmaiava, via coisas...

Tem razão, sim. Dizia eu que foi lá que conheci Wanzer.

Elle dominava toda a gente n'aquella casa, opprimia to-

dos, não soffria contradicção. Falava sempre alto, e ás vezes tambem tinha a mão alta. Não se passava uma noite sem que elle tivesse alguma disputa. Era aborrecido e temido como um tyranno. Todos falavam mal d'elle, murmuravam ou conspiravam; mas apenas elle apparecia, até os mais furiosos se calavam. Os mais tímidos sorriam-lhe e lisongeavam-n'o. O que é que tinha então aquelle homem?

Eu não sei dizel-o. Á mesa eu ficava quasi defronte d'elle e o meu olhar fixava-se n'elle sem cessar, involuntariamente. Dava-me uma sensação extravagante que não sou capaz de exprimir; um mixto de repulsão e de attractivo, qualquer coisa de indefinivel. Parecia um magnetismo maligno, muito maligno, que aquelle homem robusto, sanguineo e brutal projectava sobre mim, tão fraco desde então, doentio e sem vontade, e, para dizer tudo, um pouco covarde.

Uma noite, travou-se uma discussão, no fim do jantar, entre Wanzer e um tal Ingletti, cujo logar era ao pé de mim. Conforme o seu costume Wanzer falava alto e irritava-se. Ingletti, a quem o vinho sem duvida tarnava ousado, replicava no mesmo tom. Eu conservava-me quasi immovel, não me atrevendo a levantar os olhos, que tinha fixos no prato, e sentia no estomago uma contracção horrivel. De repente Wanzer agarrou n'um copo e atirou-o ao seu antagonista; mas errou a pontaria e o copo veio despedaçar-se na minha testa, aqui onde está uma cicatriz.

Apenas senti o sangue quente a correr pela cara, desmaiei; e quando voltei a mim já tinha a cabeça ligada. Ao meu lado estava Wanzer com aspecto contristado, e dirigiu-me algumas palavras de desculpa. Acompanhou-me a casa com o medico e assistiu ao segundo curativo; quiz ficar no meu quarto até uma hora adeantada da noite, voltou no dia seguinte, voltou muitas vezes e foi assim o principio da minha escravidão.

Eu não podia ter para com elle outra attitude que não fosse a de um cão que tem medo. Quando entrava em

minha casa tomava ares de senhor; abria as gavetas, penteava-se com o meu pente, lavava-se na minha bacia, fumava no meu cachimbo, remexia nos meus papeis, lia as minhas cartas, levava os objectos que lhe convinham. Todos os dias se tornava mais insupportavel o seu despotismo, e todos os dias a minha alma se envilecia, se subjugava mais. Deixei de ter vontade, submetti-me simplesmente, sem protesto. Elle tirou-me o sentimento de dignidade humana, assim de repente com a mesma facilidade com que me arrancaria um cabello.

E todavia eu não me tinha tornado estúpido. Não. Tinha consciencia de tudo o que fazia, uma consciencia muito clara de tudo: da minha fraqueza, da minha abjecção e, especialmente, da *impossibilidade absoluta* em que estava de me subtrahir ao ascendente d'aquelle homem.

Eu não poderia, por exemplo, definir-lhe o sentimento profundo e inintelligivel que a minha cicatriz despertava em mim. E menos ainda poderia explicar-lhe a perturbação extrema que me invadiu no dia em que o meu carasco me pegou na cabeça para examinar esta cicatriz ainda fresca e inflammada. Elle passou-lhe o dedo por cima varias vezes e disse:

— Está perfeitamente fechada. D'aqui a um mez não se conhecerá. Pódes dar graças a Deus.

Pareceu-me pelo contrario a partir d'aquelle minuto, que traria na fronte, não uma cicatriz, mas um sello de escravidão, um ferrete infamante que saltava aos olhos e que eu conservaria toda a minha vida.

Segui-o para onde elle quiz; esperei-o horas inteiras na rua, diante de uma porta; trabalhei de noite no serviço que elle tinha de fazer de dia na repartição; fui levar as cartas d'elle de um ao outro extremo de Roma; subi cem vezes as escadas do Montepio, corri de agiota a agiota, extenuado para lhe arranjar dinheiro com que esperava salvar-se; cem vezes, n'uma espelunca passei a noite atraz da sua cadeira até romper o dia, morrendo de fadiga, des-

perto pela explosão das suas blasphemias e pelo fumo acre que me queimava a garganta; e a minha tosse impacientava-o, e accusava-me por perder; e quando sahiamos, depois de ter perdido tudo, arrastava-me comsigo como um farrapo, pelas ruas desertas, cheias de neveiro, praguejando e gesticulando, até o momento em que surgia n'uma volta alguém que nos offerecia o copo de aguardente.

Ah! senhor, quem me desvelará este mysterio antes de morrer? Ha na terra homens que encontrando outros homens pôdem fazer d'elles seus escravos? Ha meio de tirar a alguém a sua vontade como lhe tiraria um feixe de palha d'entre as mãos? Isso é possível, senhor? Mas porque?

Perante o meu carrasco *eu nunca tive querer*. E comtudo eu tinha a minha intelligencia, tinha o cerebro cheio de pensamentos; tinha lido muitos livros, sabia muitas coisas, comprehendia muitas coisas. Ha uma coisa, sobretudo, que eu comprehendia perfeitamente: é que estava irremediavelmente perdido. No fundo de mim mesmo, e sem treguas, eu tinha um terror, um espanto invencivel; desde a noite da minha ferida tinha-me ficado o medo do sangue. As noticias dos jornaes perturbavam-me, tiravam-me o somno. Certas noites, quando recolhia com Wanzer passava por um corredor sombrio, por uma escada escura, e, se os phosphoros não accendiam immediatamente, eu sentia um calafrio na espinha e os meus cabellos começavam a levantar-se. A minha idéa fixa era que n'uma noite ou n'outra aquelle homem me assassinaria.

Não succedeu isso entretanto. O que succedeu, foi pelo contrario o *que não podia succeder*. Eu pensava: morrer ás mãos d'este homem, uma noite, atrozmente, é o meu destino com certeza. E pelo contrario . . .

Mas escute. Se n'aquella noite Wanzer não tivesse vindo procurar no quarto de Ciro, se eu não tivesse visto a faca em cima da mesa, se não tivesse entrado em mim, de repente, *alguem* para me dar o terrivel impulso, se . . .

Ah! é verdade. Tem razão.

Nós estamos ainda no principio e já lhe fallo do fim. O senhor não poderia comprehender se eu não lhe contasse primeiro a historia toda. Mas eu já estou cansado e atrapalho-me. Nada mais tenho a dizer-lhe, senhor; sinto a cabeça tão leve, tão leve que parece uma bexiga cheia de vento. Nada mais tenho a dizer-lhe. Amen! Amen!

Vamos, passou. Obrigado. O senhor é muito bondoso, porque tem compaixão de mim. Ninguem teve compaixão de mim, nunca.

Sinto-me melhor, posso continuar. Vou fallar-lhe *d'ella*, de Ginevra.

Depois do incidente do copo abandonaram a casa alguns dos commensaes, outros declararam que ficariam se Julio Wanzer fosse excluido. Isto fez com que Wanzer recebesse da patrôa uma especie de despedida, e que partisse depois de ter esbravejado contra toda a gente, conforme o seu costume. Quando eu estava quasi restabelecido quiz levar-me comsigo e exigiu que eu o seguisse.

Vagueámos largo tempo de restaurante em restaurante, sem nos decidirmos, e não havia nada mais triste para mim do que a hora das refeições, que, para as pessoas fatigadas, é uma hora de allivio e muitas vezes de esquecimento. Eu comia mal, violentando-me, cada vez mais enfastiado pelo ruido que faziam as mandibulas dos meus companheiros; mandibulas de buledogues, formidaveis, capazes de roer o aço. E pouco a pouco se ia accendendo em mim a *séde*, esta sêde que accesa uma vez dura até á morte.

Mas uma noite Wanzer deixou-me livre, e no dia seguinte annunciou-me que tinha descoberto um lugar muito agradável aonde queria conduzir-me immediatamente.

— Achei; vaes ver, ha de agradar-te.

Effectivamente a nova casa era talvez melhor do que a antiga. As condições eram convidativas. Havia lá alguns dos meus camaradas da repartição e outros frequentado-

res que me eram desconhecidos. Fiquei, pois, e de resto o senhor bem sabe que me seria impossivel não ficar.

Na primeira tarde, mal puzeram a sopa na mesa, dois ou tres dos commensaes perguntaram ao mesmo tempo com uma vivacidade singular:

— E Ginevra? Aonde está Ginevra?

Responderam que Ginevra estava doente. E então todos se informaram da doença, todos manifestaram grande inquietação. Mas tratava-se apenas de um ligeiro incommodo.

No decurso da conversa o nome da ausente estava em todas as boccas, pronunciado no meio de phrases ambigvas que denunciavam o desejo sensual de que todos aquelles homens, novos e velhos, estavam possuidos.

Eu procurava apanhar as palavras no vôo de uma á outra extremidade da mesa. Defronte de mim estava um moço libertino, que fallou largamente e com enthusiasmo da bocca de Ginevra; e olhava para mim quando fallava porque eu lhe concedia uma attenção extraordinaria.

Lembro-me de que n'esse momento a minha imaginação fez da ausente uma idéa muito pouco differente da figura real que vi mais tarde.

Lembro-me sempre do gesto significativo que fez Wanzer e do trejeito guloso dos seus labios quando pronunciou, em dialecto proprio, uma obscenidade. Recordo-me tambem de que quando sahi, sentia já o contagio d'um desejo por aquella mulher desconhecida, e ao mesmo tempo uma ligeira inquietação, uma certa exaltação muito estranha, quasi prophetica.

Sahimos juntos, eu, Wanzer, um amigo d'este e um tal Doberti, precisamente o mesmo que tinha fallado da bocca. Pelo caminho elles continuaram a conversar em grosseiras voluptuosidades, e paravam de tempos a tempos para rir á sua vontade. Eu ficava um pouco para traz, porque me enchia o coração, já tão oppresso, tão humilhado, uma melancolia semelhante a um pezar, uma superabundancia de coisas obscuras e confusas.

Recordo-me ainda d'aquella noite e já lá vão doze annos. Não esqueci nada, nem os detalhes mais insignificantes. E sei agora, como *senti* então que aquella noite decidiu da minha sorte.

Quem foi que me enviou esta advertencia?

Parece incrível isto! Um simples nome de mulher, tres syllabas sonoras, abrem diante de nós um abysmo inevitavel; e é de balde que o vemos, sabemos que é inevitavel. É possível isto?

Presentimento, perspicacia, vista interior...

Palavras, só palavras! Eu li nos livros. Não, não é assim que as cousas se passam. O senhor já olhou para dentro de si alguma vez? Já profundou a sua alma?

Soffremos e o nosso soffrimento parece-nos novo, *nunca sentido*. Gosamos e o nosso goso parece-nos novo, *nunca experimentado*. Erro, illusão. Tudo foi sentido, tudo succedeu. A nossa alma compõe-se de mil, de cem mil fragmentos de almas que viveram a vida inteira, que produziram todos os phenomenos, que assistiram a todos os phenomenos.

Compreende aonde eu quero chegar? Escute-me bem, porque o que lhe estou dizendo é a verdade, a verdade descoberta por alguém que passou annos e annos a olhar continuamente para dentro de si, só no meio dos homens, sempre só. Escute-me bem, porque é uma verdade muito mais importante do que os factos que quer conhecer. Quando...

Outra vez? Ámanhã? porque ha de ser ámanhã? Não quer que lhe explique o meu pensamento?

Ah! os factos, os factos, sempre os factos! Mas os factos não são nada, nada significam. Ha no mundo, senhor, alguma coisa que vale muito mais.

Pois bem! Olhe, aqui está outro enigma. Porque é que a verdadeira Ginevra se assemelhava quasi feição por feição á imagem que eu tinha preconcebido no meu espirito? Mas deixemos isso. Depois de tres ou quatro dias de

ausencia, ella tornou a apparecer na sala trazendo uma terrina, cujo vapor lhe velava o rosto.

Sim, senhor, era uma creada e servia uma mesa de empregados.

Viu-a? Conheceu-a? Falou-lhe? E ella respondeu-lhe? Então não ha duvida: o senhor tambem sentiu uma perturbação subita e inexplicavel, se chegou a tocar-lhe na mão.

Todos os homens a desejaram, todos a desejam, a cubiçam; hão de cubiçal-a sempre. Wanzer morreu, mas ella ha de ter outro amante, ha de ter cem amantes, até á hora da velhice, até á hora em que lhe cahirem os dentes da bocca. Quando ella passava na rua, o principe olhava para traz na sua carruagem, o esfarrapado parava para a ver. Surprehendi em todos os olhos a mesma faísca, em todos li a mesma obsessão.

Ella agora está mudada, muito mudada. N'aquelle tempo tinha vinte annos. Tenho muitas vezes tentado, mas inutilmente, reproduzir na imaginação, a physionomia d'ella quando a vi pela primeira vez. Aqui está outro mysterio. Nunca notou isto? Um homem, um animal, uma planta, um objecto qualquer nunca nos dá o seu verdadeiro aspecto senão uma só vez, no momento fugitivo da primeira percepção. É como se nos dêsse a sua virgindade. Passado esse momento já não é o mesmo, é outra cousa. O nosso espirito, os nossos nervos fazem-lhe soffrer uma transformação, uma falsificação, um obscurecimento. E leva o diabo a verdade.

Por isso sempre tive inveja do homem que pela *primeira vez* via aquella creatura. Comprehende-me? Não, o senhor não me comprehende. Julga que eu disparato, que me atrapalho, que me contradigo.

É o mesmo, vamos adiante, voltemos aos factos.

... Uma sala illuminada a gaz, uma atmospherá pesada, de um calor arido que secca a pelle; cheiro e fumo de carnes; um ruido confuso de vozes, e, por cima de to-

das, a voz aspera de Wanzer, que dá a cada palavra uma accentuação brutal. Depois, de tempos a tempos, uma interrupção, um silencio que me parece aterrador. E uma mão, que me toca de leve, tira o prato de diante de mim, põe outro, e communica-me o estremecimento que me daria uma caricia.

Os que estão em volta da mesa sentem, cada um por sua vez, esse estremecimento; isso é visivel. E o calor torna-se suffocante, os ouvidos excitam-se, os olhos lampejam. Uma expressão abjecta, quasi bestial apparece nos rostos dos homens que comeram e beberam, que attingiram o fim unico da sua existencia diaria. A ostentação da sua impureza dá-me um abalo tão cruel que me sinto quasi a desfallecer. Recosto-me na cadeira e tento com os cotovellos alargar o intervallo que me separa dos meus visinhos. De repente grita uma voz no meio do alarido:

— Episcopo tem a colica.

E outra:

— Não. Episcopo faz sentimento. Vocês não viram a cara que elle arranja quando Ginevra lhe muda o prato?

Eu diligeceo rir. Levanto os olhos e encontro os de Ginevra fixos em mim com uma expressão ambigua.

Ella sae da sala e então Filippo Doberti faz uma proposta burlesca:

— Meus amigos, aqui não ha outra solução. É preciso que um de nós case com ella... por conta dos outros.

Não são estes exactamente os termos que elle empregou. Pronunciou a palavra crua, deu á situação o seu verdadeiro nome e disse que papel os outros representariam.

— A votos! A votos. É preciso eleger o marido.

Wanzer grita:

— Episcopo!

— Casa Episcopo & C.^a!

O alarido augmenta. Ginevra entra tendo talvez ouvido tudo. E sorri com um sorriso tranquillo que a faz parecer intangivel.

Wanzer clama :

— Episcopo, faze o teu pedido.

Dois commensaes, com uma gravidade fingida, adiantam-se para pedir em meu nome a mão de Ginevra.

Ella responde com o seu sorriso habitual:

— Hei de pensar n'isso.

E novamente encontrei o seu olhar. Realmente ignoro ainda se é de mim que se trata, se é de mim que se fala, se sou eu esse Episcopo de quem se zomba. E não consigo imaginur a physionomia que tenho n'aquelle momento...

Um sonho, um sonho. Todo este periodo da minha vida me parece um sonho. O senhor não poderá nunca comprehender ou imaginar que sentimento eu tinha então do meu sêr, que consciencia tinha dos actos que via em execução. Revivia em sonho uma phase de vida já vivida; assistia á repetição inevitavel de uma serie de acontecimentos já realizados. Quando? Ninguem o sabe. De resto, eu não estava bem certo de ser *eu mesmo*. Umas vezes parecia-me que tinha perdido a minha individualidade; outras, que tinha uma individualidade artificial. Que mysterio são os nervos do homem!

Em resumo, uma noite Ginevra despediu-se de nós annunciando que não queria servir mais, e que nos deixava; que não se sentia bem, e por isso se retirava para Tivoli, aonde passaria alguns mezes em casa de sua irmã. No momento das despedidas todos lhe estenderam a mão, e ella, sempre sorrindo, repetia a todos:

— Até á vista, até á vista.

A mim disse-me rindo:

— Nós somos *promettidos*, senhor Episcopo; não se esqueça.

Foi a primeira vez que lhe toquei na mão, a primeira vez que a fitei nos olhos com intento de lhe ler no coração, mas ella continuou a ser um enigma para mim.

Na noite seguinte, o jantar foi quasi lugubre. Todos os commensaes tinham o aspecto amuado.

Wanzer disse :

—Apezar de tudo a idéa de Doberti não era má.

E alguns dos presentes voltaram-se para mim e prolongaram estupidamente as zombarias.

A sociedade d'estes imbecis tornava-se-me insupportavel, mas não procurei afastar-me. Continuei a frequentar a casa, aonde achava entre a tagarelice e as gargalhadas, um alimento para as minhas obscuras e doces phantasias. Durante semanas e semanas, não obstante os maiores embaraços materiaes, e apesar das humilhações, dos receios e terrores da minha vida de escravo, saboreei tudo o que ha de mais delicado e de mais violento nas angustias do amor. Aos vinte e oito annos desabrochava na minha alma uma especie de adolescencia inopinada e tardia, com todos os desalentos, com todas as ternuras, com todas as lagrimas da adolescencia...

Oh! senhor, imagine este milagre n'um ente como eu, já envelhecido, corrupto, gasto até o amago. Imagine uma flôr que desabrochasse de improviso na ponta de uma haste secca.

Outro successo extraordinario e inesperado veio espantar-me e desorientar-me. Havia já alguns dias que Wanzer me parecia mais duro, mais irritavel. Tinha passado as ultimas cinco ou seis noites n'uma casa de jogo, e uma manhã entrou no meu quarto, livido como um cadaver; atirou-se para cima de uma cadeira, e duas ou tres vezes quiz falar; depois, renunciando subitamente a dizer alguma coisa, sahiu sem pronunciar uma palavra, sem me responder, sem olhar para mim.

Não o vi mais n'aquelle dia, nem ao jantar nem no dia seguinte.

Quando estavamos á mesa entrou Questori. Era um collega de Wanzer.

—Ja sabem a novidade? disse elle; Wanzer fugiu.

Ao principio não comprehendí bem, ou antes fui incredulo; mas o coração saltou-me no peito.

Algumas vozes perguntaram:

— Que dizes tu? Quem fugiu?

— Wanzer, Julio Wanzer.

Eu não sei verdadeiramente o que senti; mas o que é certo é que a minha primeira impressão foi sobretudo de alegria. Fiz um esforço para a conter, e ouvi então a explosão de todos os resentimentos, de todos os rancores, de todos os odios accumulados contra o homem que tinha sido meu senhor.

— E tu? me gritou um dos mais ferozes. Tu não dizes nada? Wanzer tinha feito de ti seu creado, e foste tu, sem duvida, que lhe levaste as malas á estação.

Outro disse-me:

— Tu foste marcado na testa por um ladrão; has de ir longe.

E outro:

— Quem vaes tu servir agora? Entras na Questura?

Insultavam-me d'este modo pelo prazer de me incomodarem porque sabiam que eu era poltrão.

Levantei-me e sahi. Fui pelas ruas vagueando ao acaso. Livre! Livre! Era livre finalmente!

Era uma noite de março, serena, quasi tépida. Subi pelas Quatro-Fontes e voltei para o Quirinal.

Procurei os espaços largos, quiz beber de um trago uma immensidade de ar, contemplar as estrellas, ouvir o murmurio da agua, fazer alguma cousa de poetico, sonhar para o futuro. Repetia incessantemente: Livre, livre! Sou um homem livre!... Estava dominado por uma especie de embriaguez; não podia ainda reflectir, coordenar as minhas idéas, examinar a minha situação. Vinham-me desejos pueris, queria praticar mil cousas ao mesmo tempo para verificar a minha liberdade. Passando por um café recebi uma reboada de musica que me impressionou profundamente. Entrei de cabeça alta, parecia-me que tinha o ar imponente. Pedi cognac, mandei deixar a garrafa em cima da mesa e bebi dois ou tres calices.

Abafava-se n'aquelle café. O gesto que fiz para tirar o chapéu fez-me lembrar a cicatriz e trouxe-me á memoria a phrase cruel: «— Foste marcado na testa por um ladrão.» — E imaginava que toda a gente me olhava para a testa e notava a cicatriz; e pensava: «— o que vão elles julgar? Pódem julgar que foi um golpe recebido em duelo? — E eu, que nunca tive a coragem de me bater envaideci-me com esta idéa. Se alguém tivesse vindo assentar-se ao pé de mim e travasse conversa comigo, eu acharia decerto meio de lhe contar o meu duelo. Mas ninguem veio. Um pouco mais tarde entrou um sujeito que tomou lugar de frente de mim, do outro lado da mesa, sem me pedir licença, sem olhar para mim, sem se importar comigo. Foi uma grosseria não é verdade?

Sahi e continuei a andar pelas ruas, ao acaso. A minha embriaguez dissipou-se de repente e senti-me infinitamente desgraçado, sem saber muito porque. Pouco a pouco surgiu uma vaga inquietação da minha vertigem; e esta inquietação cresceu, tornou-se pungitiva e sugeriu-me estas perguntas: «— Se elle ainda estivesse escondido em Roma? Se percorresse as ruas disfarçado? Se me esperasse á minha porta, para me falar? Se se introduzisse nas trevas da minha escada?» Então tive medo, olhei para traz duas ou tres vezes para me certificar de que não era seguido, e entrei n'outro café como n'um refugio.

Só tarde, muito tarde, me decidi a voltar para casa. Todas as apparencias, todos os ruidos me faziam estremecer de medo. Um homem estendido no passeio, na sombra, dava-me uma visão de cadaver. «Oh! porque não se suicidou elle? pensava eu; porque não teve a coragem de dar um tiro na cabeça? Era a unica coisa que tinha a fazer.» E então percebi que a noticia da sua morte me teria tranquillizado mais do que a da fuga.

Dormi pouco e com um somno agitado; mas de manhã logo que abri as janellas comecei a sentir-me invadido por uma sensação de allivio e bem estar, uma sensação extra-

nha que o senhor não pôde comprehender, porque o senhor nunca foi escravo.

Na repartição tive informações minuciosas da fuga de Wanzer. Tratava-se de irregularidades muito graves e d'um roubo de valores na Thesouraria Central, aonde elle era empregado havia um anno. Tinha sido passado mandado de prisão contra elle, mas sem resultado, e affirmavam alguns que elle tinha conseguido pôr-se em lugar seguro.

Desde então, certo de estar livre, só vivi para o meu amor, para o meu segredo. Parecia-me que estava n'uma convalescença, tinha uma sensação mais leve, menos desagradavel, do meu proprio corpo, chorava com tanta facilidade como uma creança. Os ultimos dias de março, os primeiros dias de abril tiveram para mim doçuras e tristezas cuja recordação me consola de ter nascido, agora que estou a morrer.

Esta recordação só por si é bastante para que eu perdoe á mãe de Ciro, á mulher que me fez tanto mal. O senhor não pôde fazer idéa do que é para um homem endurecido e pervertido pelo soffrimento e pela injustiça, a revelação da sua propria bondade latente, a descoberta d'uma fonte de ternura no intimo da sua propria natureza. Não pôde comprehender, talvez mesmo que não acredite o que eu digo, mas não tem duvida, dil-o-hei apezar de tudo. Ha momentos, Deus me perdoe, em que sinto em mim alguma cousa de Jesus. Fui o mais vil e fui o melhor dos homens.

Deixe-me chorar um pouco. Vê como correm as minhas lagrimas? Tantos annos de martyrio ensinaram-me a chorar assim, sem soluços, sem suspiros, para não ser ouvido, para não affligir o ente que me amava, para não aborrecer o ente que me torturava. Poucas pessoas no mundo sabem chorar como eu, senhor, e peço-lhe que se lembre d'isto para attenuar a minha responsabilidade. Depois da minha morte ha de dizer que o pobre Giovanni Episcopo soube, pelo menos, chorar em silencio toda a sua vida.

Como foi que um domingo — no domingo de Ramos — me achei no tramway, a caminho de Tivoli? Realmente tenho d'isso apenas uma lembrança muito confusa. Foi um accesso de demencia? Foi um acto de somnambulismo? Realmente não sei.

Ia para o desconhecido, deixava-me attrahir pelo desconhecido, Ainda uma vez tinha perdido o sentido da realidade. Parecia que andava envolto n'uma especie de atmosphera extranha, que me isolava do mundo exterior; e não tinha esta sensação sómente nos olhos, tinha-a tambem na pelle. Não sei como hei de explicar-me. Por exemplo, a campina, aquella campina que eu ia atravessando, parecia-me infinitamente distante, separada de mim por um intervallo incalculavel...

Como se póde conceber um estado mental tão extraordinario? Tudo o que lhe descrevo deve necessariamente parecer-lhe absurdo, inadmissivel, contrario á natureza. Pois creia que até hoje a minha vida passou-se n'esta desordem, n'esta confusão, n'estas anomalias, quasi sem interrupção.

Paresthesias, dysestesias... disseram-me bem os nomes das minhas doenças, mas ninguem soube cural-as. Durante toda a minha vida andei ás portas da demencia, consciente do meu estado, semelhante ao homem que estivesse curvado sobre um abysmo esperando de um a outro momento a vertigem suprema, a grande obscuridade.

Que lhe parece? Acha que perderei a razão antes de fechar os olhos? Vê algum symptoma no meu rosto ou nas minhas palavras? Responda-me sinceramente, senhor, responda-me.

E se eu não morresse ainda? Se eu tivesse de viver muito tempo ainda n'um hospicio de alienados?

Não, confesso-lhe que não é esse o meu verdadeiro receio. Bem sabe... que *elles* voltam ambos, de noite. E sei com certeza que uma noite *Ciro* ha de encontrar o *outro*; sei-o, prevejo-o. E então? A explosão do furor, a lou-

cura furiosa nas trevas... Meu Deus, meu Deus! É assim que eu devo acabar?

Allucinações, sim; não é outra cousa. Diz bem. Oh! sim, sim, diz bem. Bastará accender uma lamparina para eu ficar tranquillo, para dormir profundamente. Sim, sim, uma lamparina, uma simples lamparina. Obrigado meu querido senhor.

Onde estava eu? Ah! sim, em Tivoli.

... Um fetido penetrante de agua sulphurosa, e depois em volta, oliveiras, oliveiras, bosques de oliveiras; e em mim a extranha sensação primitiva, que se dissipa pouco a pouco no vento do trajecto. Apeio-me. Anda toda a gente nas ruas; os ramos tremeluzem ao sol, os sinos repicam. Eu sei que *hei de encontral-a*.

— Oh! senhor Episcopo! o senhor aqui?

É a voz de Ginevra; é ella que está diante de mim com as mãos extendidas, e eu fico confuso.

Ella olha para mim e sorri, esperando que eu consiga dizer alguma cousa.

Mas será aquella a mesma mulher que andava em volta da mesa, na salla cheia de fumo, sob a luz do gaz? É possível que seja ella?

Eu acabo por balbuciar uma phrase.

Ella insiste:

— Mas como está o senhor aqui? Que surpresa!

— Eu venho para a vêr.

— Então lembra-se de que estamos *promettidos*?

E accrescenta rindo:

— Aqui está a minha irmã. Acompanhe-nos á egreja e passará o dia connosco, não é verdade? Representará assim o seu papel de noivo. Vamos, diga que sim.

Ella está alegre, faladora, cheia de graças imprevistas, cheia de seducções que eu não lhe conhecia. Traz um vestido simples, sem pretensão, mas com graça, quasi com elegancia. Pede-me noticias dos conhecidos.

— E aquella Wanzer?

Por acaso um jornal tinha-a informado de tudo.

— O senhor era grande amigo d'elle, pois não era?

Eu não respondo. Ha um curto silencio e ella parece pensativa.

Entramos na egreja toda florida de ramos bentos.

Ella ajoelha ao lado da irmã e abre um livro de orações; eu em pé atraz d'ella, contemplo-lhe o pescoço e descubro um pequeno signal escuro que me causa um indizivel estremecimento. No mesmo instante ella volta-se um pouco e envia-me uma scintillação do seu olhar.

A memoria do passado anniquila-se, a inquietação do futuro adormece. Não ha mais do que a hora presente; na terra não ha para mim senão aquella mulher. Sem ella sómente restaria morrer.

Á sahida offereceu-me um ramo, sem dizer nada, e eu, sem dizer nada, olho para ella; parece-me que este olhar lhe fez comprehender tudo. Encaminhamo-nos para casa da irmã e convidam-me a subir. Ginevra aproxima-se da varanda dizendo-me:

— Venha para aqui, venha tomar um ar de sol.

Eis-nos na varanda, um ao pé do outro. O sol innundanos, o som dos sinos passa por cima das nossas cabeças. Ella diz baixinho, comsigo mesmo.

— Quem o teria pensado!

O meu coração está cheio de uma ternura sem limites, e mal me seguro em pé. Com a voz alterada pergunto-lhe:

— Então estamos *promettidos*?

Passa um segundo em silencio; depois, muito baixo, com um rubor imperceptivel e baixando o olhar, responde:

— Sempre quer? Pois sim, seja.

Chamam-nos de dentro. É o cunhado, são outros parentes, são as creanças. E eu tomo a serio o papel de noivo! Á mesa puzeram-me ao pé de Ginevra. Houve um momento em que pudemos apertar a mão por baixo da toalha, e estive quasi a defallecer, tanto aquella voluptuosidade me pareceu pungente. De quando em quando, o

cunhado, a irmã, os outros parentes, olhavam para mim com um mixto de curiosidade e pasmo.

— Mas como foi isto sem ninguém saber?

— Porque não nos falastes n'isto, Ginevra?

Nós sorriamos, embaraçados, confusos, mais estupefactos do que os outros pela facilidade absurda com que se realisava aquelle importante acontecimento.

Sim, absurda, incrível, ridícula; ridícula, sobretudo. E todavia, isso fez-se n'este mundo, entre mim, Giovanni Episcopo e a chamada Ginevra Canale, como lhe digo, exactamente como lhe estou contando.

Póde rir, se quizer, senhor, que não me offenderá com isso.

A *farça tragica*. . . não sei aonde li esta phrase, mas é apropriada; foi tudo quanto ha de mais ridiculo, de mais ignobil, de mais atroz.

Fui visitar a mãe a um casebre da rua Montanara; trepei uma escada estreita, humida, escorregadia como a de uma cisterna, e aonde se infiltrava por uma fresta uma claridade duvidosa, esverdeada, quasi sepulchral, alguma coisa que não se esquece, e eu tenho tudo na memoria!

Fui obrigado a parar quasi em cada degrau, porque me parecia sempre que me faltava o equilibrio, como se andasse sobre um espelho movediço. Quanto mais subia mais phantastica me parecia a escada, cheia de mysterio, cheia d'um silencio profundo aonde vi'ham morrer vozes muito longinquas, incompreensiveis. De repente, no patamar superior, ouvi abrir uma porta com violencia, e uma explosão de injuriás uivadas por voz de mulher eccoou na escada; depois a porta fechou-se com estrondo que fez tremer a casa até os fundamentos. Eu tambem tremi de susto e parei sem saber o que devia fazer. Descia um homem, de vagar, muito devagar; dir-se-hia que escorregava ao longo da parede como um objecto flaccido. Resmungava e gemia sob um chapéu esbranquiçado de abas largas. Mas esbarrando em mim levantou a cabeça; e vi um par de olhos

escuros, cercados por uma rede de arame, oculos enormes, que faziam saliencia sobre uma physionomia avermelhada como um pedaço de carne crua.

O homem tomou-me por algum dos seus conhecidos, e chamou :

— Pietro !

(Continúa).

Gabriel d'Annunzio.

MEMORIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

(Conclusão)

Napoleão sentiu-se commovido.

— Dedicando-se a mim, disse-lhes elle, dedicam-se á França. Comtudo, são ainda muito novos, meus filhos, para serem soldados; e depois, os seus paes consentiram na sua resolução?

— Meu senhor, partimos de Grenoble sem prevenir pessoa alguma.

— Não procederam bem; o primeiro dos deveres é ser obediente aos paes, não o esqueçam. Que idade tem? onde foi educado?

— Tenho dezeseis annos, meu senhor, e estudei como alumno nacional no lyceu de Grenoble.

— Sabe mathematica?

— Não, meu senhor.

— Que diabo sabe, então?

— Litteratura e historia.

— Ora! a litteratura não serve para ser official general. Ha de seguir-me a Paris e entrar em Saint-Cyr ou em Fontainebleau.

— Meus paes não teem o sufficiente para me pagarem qualquer d'esses collegios, meu senhor.

— Eu me encarrego d'isso. Tambem sou seu pae ! Adeus: quando estivermos em Paris, lembre ao ministro da guerra a promessa que lhe faço.

E o imperador afastou-se.

As tropas enviadas contra o imperador encontraram quarenta ou cincoenta granadeiros que haviam partido de Lamure para explorarem o caminho. Os officiaes, não vendo Napoleão, não consentiram nenhuma approximação entre as duas tropas. Os granadeiros da guarda voltaram para junto do imperador, e os outros postaram-se entre Lamure e os lagos de Laffrey; occuparam um cabeço que vi depois d'essa epoca memoravel, e que saudei com um respeito sagrado.

Sabendo a resistencia encontrada pelos seus soldados, o imperador sentiu-se inquieto. A crise do seu destino devia resolver-se em Grenoble e pelas tropas que ahi se achavam. As populações de Lamure e das aldeias proximas tinham abandonado as suas moradas, para seguirem o imperador. Estavam sobre picos elevados, correndo pelo cume das montanhas, com ramos, mólhos de violetas, de primaveras, de jacinthos, com os quaes juncavam o caminho que Napoleão percorria, por baixo d'elles. Nem ao menos se mostravam inquietos com a lucta que ia travar-se.

O imperador montava um cavallinho de montanha, muito pequeno e muito vivo; raras vezes se apeava, mas, reconhecendo as tropas que occupavam o planalto de Lamure, poz pé em terra e avançou bruscamente ao seu encontro.

Então uma voz ordenou um movimento; os soldados ficaram immoveis: o imperador aproximou-se e, desabotoando a sobrecasaca cinzenta, disse, com voz forte:

— Soldados! sou o vosso imperador. Se ha ahi algum que queira matar o seu general, aqui me tem!

— Viva o imperador! exclamaram os soldados largando as espingardas e correndo para elle para lhe beijarem as mãos, o fato, as botas. Tiravam os *schakos*, punham-os na ponta das baionetas, e gritavam: Viva o imperador! em-

quanto que os montanhezes agitavam os largos chapéus, do alto da montanha, e respondiam a esses gritos. O moço ajudante de campo do general Marchand mandou, por duas vezes, fazer fogo contra o imperador. A' segunda, os soldados queriam assassinal-o.

Foi então que Napoleão, sentindo uma sede ardente, ao atravessar a aldeia de Laffrey, entrou em casa de uma velhinha, a qual, não o conhecendo, lhe falou n'elle com tanto amor que o commoveu.

— Se ao menos eu pudesse vê-lo antes de morrer, dizia ella, para lhe beijar a mão e pedir-lhe que nos tire o imposto dos direitos reunidos?

Quando se foi embora, o imperador deu-lhe tres ou quatro napoleões, e deu-se a conhecer. Agora a boa velha pode morrer descansada:

— Como Simeão, diz ella, porque vi o Senhor.

E' que elle era adorado pela França; aquelles homens simples, de espirito rude, mas de alma grande, viam em Napoleão a gloria da patria.

Atravessou Vizille no meio de mais de seis mil habitantes que o rodeavam. Quasi todos os rapazes levavam fitas tricolores nos chapéus, e precediam o imperador, cantando.

Todas as casas estavam abertas, e os moradores obrigavam os granadeiros, que succumbiam á fadiga, a entrarem para comer e descansar um instante. Foi assim que chegaram á aldeola de Brié, entre Grenoble e Vizille; eram perto de cinco horas. De repente, o imperador estacou e, pegando no oculo:

— Não me engano, diz elle, são tropas.

Desmoulin deu de esporas ao cavallo para ir reconhecer os que vinham. Passados alguns minutos veio annunciar ao imperador que encontrara M. de Launay, ajudante mór do 7.º de linha, enviado por Labédoyère para annunciar que o 7.º vinha ao seu encontro. No mesmo instante, chegava o regimento, correndo, e na maior desordem! Fôra

impossível deter os soldados. Eram gritos, lagrimas. O imperador estava deveras commovido.

— Onde está o coronel? disse elle.

— Ah! meu senhor, até que emfim, torno a vê-lo! exclamou o nobre rapaz precipitando-se de encontro ao estribo de Napoleão. Vinha coberto de suor e de poeira; mas o seu bello rosto brilhava de alegria, e tinha os olhos cheios de lagrimas.

— Nos meus braços, meu querido filho, disse-lhe o imperador, abrindo-lh'os. Labédoyère lançou-se n'elles e Napoleão abraçou-o como a um irmão.

— E a minha aguia? disse o imperador.

Labédoyère apresentou-lh'a... Napoleão pegou-lhe, contemplou-a, e, em seguida, beijou-a duas vezes, e duas lagrimas rolaram sobre esse emblema da nossa gloria, duplamente santificado por esse nobre baptismo.

Em Grenoble reinava grande agitação. Tudo se apresentava com um aspecto sinistro para o governo.

Na segunda feira, 7 de março, cerca do meio dia, ouve-se rufar o tambor, e, um momento depois, um regimento atravessa a cidade e veio postar-se em ordem de batalha na praça principal. Esse regimento era o 7.º de linha, vindo de Chambéry; era o melhor regimento de França, e o seu coronel um dos mais valentes que havia em todo o exercito.

O coronel Labédoyère tinha trinta annos, n'essa epoca. Era formoso como Reynoldo. Os cabellos louros amontoavam-se-lhe sobre a testa larga e poderosa, revelando uma vontade profunda! Os olhos eram azues, e, comtudo, brilhantes e cheios de fogo. A figura era elegante, a estatura esbelta e flexivel, e toda a sua pessoa perfeitamente distincta. A sua dedicação ao imperador era um culto.

Chegando á praça principal, Labédoyère viu que o general Villiers, commandante do districto, o seguira. Vinha dar-lhe ordens da parte do general Marchand. Labédoyère ouviu-as em silencio. Enquanto o general falava, erguiam-se

murmúrios de entre as fileiras. De repente, o coronel percorre com a vista a frente de regimento; ordena silencio, e exclama, com voz forte:

— Soldados! ordenam-me que os conduza contra o imperador, para o combater! Soldados! dou a minha demissão e já não sou vosso coronel. Não sou eu que hei de conduzi-los ao caminho da infamia!

Erguem-se logo gritos de todos os lados:

— Não! não! viva o nosso coronel! viva o imperador! sigamos o nosso coronel!

— Obrigado, disse Labédoyère. O imperador recebeu os meus primeiros juramentos, reclama-me, devo segui-lo. Soldados! podem ficar fieis á sua bandeira; eu volto para junto d'aquelle por quem sempre combati. Adeus, vou para a bandeira nacional.

Os gritos de: Viva o imperador! redobram com uma exaltação que é impossivel descrever. As fileiras destroçam-se, e o coronel é rodeado por todos os lados.

— Coronel, diz um official, não pode deixar os seus filhos que o estimam; conduza-os ao imperador!

— Sim! sim! bradam elles, ao imperador! ao imperador! viva o nosso coronel!

Labédoyère olhou para elles, enternecido.

— Já que o querem, exclamou, para a frente! siga-me quem me ama!!

— Vamos todos! exclamou um velho soldado, e, se nos conduzisse contra o imperador, não o seguiamos. Olhe, coronel! Vem cá, tambor.

O tambor rasgou logo um dos lados da caixa, e tirou de lá a aguia do 7, que estava ali guardada: entregou-a ao coronel, que, pegando-lhe, a beijou com alegria respeitosa! A bandeira branca foi logo despedaçada, pisada aos pés pelos habitantes de Grenoble e pelos soldados; porque a população juntára-se á tropa, e gritava tanto como ella. No mesmo instante cada soldado teve no *schako* uma fita tricolor. Foi como que um encanto. Apenas acabaram de

prendel-as, o regimento poz-se em marcha, com os tambores rufando e a musica á frente, a passo acelerado. Ao mesmo tempo sahiram mais de seis mil pessoas.

Isto passava-se á mesma hora que o combate de Lamure.

Agora as tropas estavam reunidas em torno do imperador. Depois de Vizille, atravessaram duas grandes aldeias, cuja população se juntou á grande massa que já seguia Napoleão; e quando elle chegou em frente de Grenoble, ás 6 horas da tarde do dia 7 de março, levava comsigo mais de 15:000 almas.

As portas de Grenoble estavam fechadas.

Depois da partida do 7, o general Marchand passára uma revista; falára aos soldados, gritára: viva o rei! Os soldados ficaram taciturnos e sombrios. O general mandou reunir um conselho de guerra, não se resolveu nada; e a agitação augmentou quando se soube que o imperador não parava em Vizille e marchava para Grenoble. Ao mesmo tempo vieram dizer que os soldados e os officiaes do 5, fechados na caserna, desciam pelas janellas, servindo-se dos lençoes, para irem reunir-se ao imperador.

N'esse momento entrava Napoleão no arrabalde de S. José, e chegava á porta de Beaune. O dr. Emery, que estivera escondido em Grenoble, acabava de dar-se a conhecer ao imperador, que lhe puxava as orelhas para lhe testemunhar a alegria de tornar a vê-lo!

— Esperam-o com impaciencia, meu senhor! disse M. Emery.

— Pois então, disse alguem do sequito de Napoleão, é preciso arrombar a porta.

— Não, não! disse o imperador.

E, não parecendo nada inquieto com a demora, deixava-se estar na rua, com ar tranquillo, de braços cruzados, e passeando no meio d'aquella multidão idolatra que o seguira a muitas leguas de distancia dos seus lares.

Era noute. Para illuminarem a rua, os soldados do im-

perador, e grande numero de pessoas, tinham comprado archotes e velas, o que tornava a scena muito pittoresca.

N'esse momento, uma voz, partindo das muralhas, exclamou: Vão disparar! O moço ajudante de campo do general Marchand, o mesmo que mandara fazer fogo em Lamure, procurava excitar os soldados.

Por fim, apoderou-se de um morrão, e ia elle mesmo deitar fogo á peça, quando uma mulher correu para elle e lhe arrancou o morrão das mãos, gritando: Viva o imperador!

A este grito, espalha-se uma commoção electrica. O nome do imperador é bradado por miliares de vozes! Comtudo, o imperador estava tão perto das baterias, que M. Émery pediu-lhe que se retirasse.

— Ora adeus, disse Napoleão, o que quer que me succeda? E depois, uma bala mata, mas não faz mal.

Soube-se, por fim, que o general Marchand deixára Grenoble, levando as chaves da cidade.

Esta vingança era bem mesquinha, em tão grande circumstancia. Os habitantes da cidade pegaram immediatamente n'uma trave e despedaçaram a porta de Beaune. Então viu-se um espectaculo admiravel! Trinta mil pessoas fóra das casas guarnecem as ruas e o largo principal, para formarem cortejo. Todas as casas estão illuminadas; os soldados, os officiaes, são convidados á força pelos habitantes. Todos querem tomar parte no que elles dizem ser a festa da sua cidade. É assim que o imperador chega ao hotel dos Tres Delfins. Assim que lá entra, é introduzida uma deputação do povo.

— Meu senhor, diz-lhe um homem da cidade, obedecemos-lhe quando nos ordenou que não arrombassemos as portas de Grenoble; mas, se Vossa Magestade quizer chegar á janella, verá as portas que trouxemos a seus pés, para lhe mostrar que não partilhamos da resistencia indigna que lhe fizeram.

E, abrindo a janella, mostra effectivamente ao impera-

dor as duas portas que estavam deitadas no chão, defronte da casa. O imperador sorria a estas provas de afeição, quando os gritos, mais violentos que nunca, de: viva o imperador! e parecendo soltados por vinte mil homens, se fizeram ouvir. Era um batalhão do 5.^o que o tenente-coronel quizera obrigar a sahir da cidade, e que voltava para lá á força, conduzido pelo capitão Palaprat, e gritando: viva o imperador! abaixo os Bourbons!

Dumoulin, que ainda não tinha descansado um momento desde que chegára, acabava de deitar-se em cima de uma cama, quando o seu amigo Èmery veio chamal-o da parte do imperador. Elle ergueu-se e dirigiu-se ao hotel dos Tres Delfins. Foi introduzido pelo marechal, e o imperador disse-lhe, ao vê-lo:

— Quero provar-lhe a minha satisfação pelo seu bello procedimento, senhor Dumoulin: é membro da Legião de Honra! Ha de seguir-me a Paris! a minha fortuna será a sua; fica addido á minha pessoa.

E, batendo-lhe no hombro, quando elle ia retirar-se:

— Espere, disse. E abriu uma caixinha, tirando de lá uma cruz:

— Aqui tem esta, e amanhã, cedo, comece o seu serviço, senhor official ás ordens.

Sahindo de casa do imperador, Dumoulin encontrou M. Champollion Figeac, que era o segundo dos amigos que entraram no segredo da viagem á ilha d'Elba. Vinha exercer junto do imperador as funções de secretario, e conservou-as durante as quarenta e oito horas da sua estada em Grenoble. O imperador não o conhecia; mas pedira a Dumoulin um homem de confiança, e este lembrara-se de M. Champollion, que lhe era dedicado. Depois de agradecer a M. Champollion, falou-lhe no Egypto, e eil-o que esquece Grenoble, a ilha d'Elba, e até Paris, falando n'esse Egypto bem amado, nas suas antiguidades, nas quatorze dynastias dos Lagidas encerrados nas pyramides, no despertar do povo arabe, no isthmo de Suez:

— O que dizem a respeito dos trabalhos que eu ordenei para a traducção do Diccionario chinéz e da nova traducção franceza de Strabão? Quando estiver em Paris, hei de informar-me ácerca d'esses trabalhos litterarios.

E a conversa prolongou-se até á uma hora da manhã.

— Vá-se deitar, disse o imperador a M. Champollion, e volte amanhã o mais cedo que puder.

No dia seguinte, 8 de março, ás seis horas da manhã, M. Champollion estava no quarto de dormir do imperador. Este levantára-se uma hora antes, e esperava-o.

— Ao trabalho! disse elle.

Ás oito horas e meia chegou um chefe de esquadrão que vinha de Lyão em nome do general Brayer. Era um official do seu estado maior, chamado Mollien de Saint-Yon. Vinha certificar ao imperador a dedicação do general Brayer; partira de Lyão no dia 7, ás duas horas da tarde.

— Torne a partir á mesma hora, disse Napoleão; diga a Brayer que conte com a minha amisade. Sobretudo, diga-lhe que quero chegar a Paris sem que se dispare um tiro.

Foi em Grenoble que Napoleão dictou a M. Champollion a sua carta ao imperador da Austria.

Logo que o imperador esteve visivel, M. Simon, bispo, apresentou-se á frente do seu capitulo e dos quatro parochos das freguezias de Grenoble.

Quando o bispo apresentava os curas ao imperador, nomeando-lh'os:

— Tenho a honra de apresentar a vossa magestade M. de La Grez.

— Ah! é o sr. cura, disse o imperador caminhando para elle, que me diz tantas injurias, aos domingos, nos seus sermões ás cosinheiras!

— Oh! meu Deus, meu senhor, dizia o cura, muito perturbado, afianço-lhe...

— Não lhe quero mal por isso; sei que é um bom padre; continue, se gosta; eu permitti a liberdade dos cultos.

O pobre cura ficou estupefacto. Napoleão, vendo-o tão afflicto, quiz valer-lhe:

—Vamos, não pense mais em tal! mas seja brando e caridoso para todos; é a verdadeira lei de Jesus Christo.

Annunciaram o tribunal imperial.

Napoleão foi tambem prodigioso n'essa audiencia; falou de jurisprudencia como o mais habil de todos elles, e, sobretudo, na necessidade de reformar as nossas leis mal-feitas.

Mas, o que era commovedor era vêr os generaes, os coroneis, os officiaes, aproximarem-se de Napoleão! Choravam de alegria e tremiam enquanto falavam.

—Os Bourbons repudiaram as vossas glorias, disse-lhes Napoleão. Praticaram um erro; foi um insulto à França.

Depois de todas essas audiencias, desceu, afim de passar revista à guarda nacional.

O enthusiasmo foi ainda mais delirante no dia 8 do que na vespera á noute. O povo levava o imperador nos braços. Uma menina approximou-se d'elle, com um ramo de louro na mão, e recitou-lhe versos.

—Em que posso servir-a, minha querida filha? disse o imperador.

A menina córou; depois erguendo os olhos para elle:

—Vossa magestade tornar-me-ia bem feliz, disse ella, se quizesse dar-me um beijo.

O imperador beijou-a nas duas faces.

—Minha filha, beijo em si todas as senhoras de Grenoble, disse elle em voz alta e olhando para todos os lados com um sorriso encantador.

Quando se encaminhavam para o logar da revista, notou-se que não havia bandeira tricolor; no mesmo instante, Dumoulin corre a um armazem de merinos; pegando em tres bocados, um branco, outro encarnado, outro azul, mandou cozel-os uns aos outros, e d'ahi a alguns minutos, estava a bandeira prompta. Logo que, agitada pelo vento, se desenrolou no ar, mostrando as suas vivas côres, pri-

meiro houve um momento de silencio, e depois, applausos fanaticos! Mas nada pode descrever o enternecimento, o delirio que se apoderou da multidão.

N'esse mesmo dia 8 de março, às quatro horas da tarde, sahiu Napoleão, de Grenoble, com todo o seu estado-maior.

Desde o golfo Juan até Grenoble viajara constantemente a cavallo ou a pé; foi só ahi que mandou comprar uma caruagem.

No dia seguinte, aproximando-se de Lyão, o imperador ordenou que explorassem o caminho até á Guillotiére. A população, mal avista os lanceiros polacos, quer sahir dos seus muros e ir ao encontro do imperador. Havia dois dias que ninguem se deitava; o delirio era ainda maior do que em Grenoble.

Foi em S. Diniz de Brou, duas estações antes de Lyão, que o imperador encontrou a população lyonnense, quasi toda, que vinha recebê-lo!

Napoleão desembarcara no dia 1.º de março com novecentos homens; estava no dia 9 e entrava em Lyão com oito mil homens e 30 peças de artilheria! A estrada de Grenoble a Lyão está cercada de villas pequenas, mas ricas, cuja população rodeava o *caleche* descoberto em que elle viajava, formando-lhe um cortejo.

Em Bourgoing, teve conhecimento da primeira resistencia séria que tinha de combater; era a chegada do conde d'Artois a Lyão. Macdonald, que commandava as tropas, guardava no coração um fel rancoroso contra o imperador por não ter sido marechal em 1809. Foi escolhido por Luiz XVIII para marchar contra Napoleão.

A sua influencia nas tropas era quasi nulla. Poude vê-lo na revista passada pelo conde d'Artois,

Um regimento de dragões, o 13.º, que regressava de Hespanha, compunha-se de velhos soldados. O coronel, interpellado pelo principe, respondeu:

— Meu senhor, estou prompto a derramar o meu sangue pela causa de vossa alteza real.

E, erguendo o sabre, gritou:

— Viva o rei!

Ninguém respondeu. Então o príncipe quiz tentar um ultimo esforço; aproximou-se de um official subalterno cujo peito ostentava a aguia, e que tinha o braço coberto de estrellas.

— Dá-me a tua mão, meu valente, diz o conde d'Artois, e grita comigo: Viva o rei!

— Não, meu senhor, respondeu o veterano com firmeza; eu respeito Vossa Alteza Real, mas o meu grito é: Viva o imperador.

N'esse mesmo instante, o regimento repete este nome querido, este nome bem amado! O príncipe afasta-se e precipita-se para a carruagem, exclamando:

— Está tudo perdido!

Emquanto o desgraçado príncipe fugia do imperador, o marechal Macdonald tratou de disputar a passagem a Napoleão; mas os soldados, apenas avistaram as peliças encarnadas do 4 de hussares, atiraram os schakos ao ar com os gritos repetidos de: Viva o imperador!

Momentos depois, o proprio imperador atravessou a cavallo a ponte da Guillotière. O marechal aproximou-se d'elle e conversaram durante sete ou oito minutos. Em seguida, Napoleão disse-lhe adeus amigavelmente, e o marechal tomou, n'essa mesma hora, o caminho de Paris. O imperador entrou em Lyão sem nenhum obstaculo e apeou-se no arcebispado.

No dia 19 de março, á meia noite e um quarto, sahiu Luiz XVIII do palacio das Telharias, que tornara a vêr depois de um exilio de vinte e tres annos!

No dia seguinte, 20 de março, ainda não tinham decorrido vinte e quatro horas, já o mesmo palacio assistia a uma scena bem differente: o regresso do imperador! Chega na vespera a Fontainebleau, com os seus bravos granadeiros; sendo informado da partida dos Bourbons, comprehendeu que não devia haver interregno, correu imme-

diatamente. A multidão que estava na estrada detinha-o a cada passo, e só às nove horas da noite é que entrou em Paris.

Que commoções devem ter sido as suas, passando sob o arco de triumpho das Telharias !

Quem poderá dizer quaes foram os pensamentos que assaltaram a grande alma de Napoleão quando poz a sua mão poderosa no corrimão de marmore d'essa escada que tantos reis, havia ainda poucos mezes, subiam e desciam como simples cortezãos ?

Entretanto, o que faziam os marechaes ? Um dizia a Luiz XVIII: Meu senhor, hei de trazer-lh'o como um animal feroz, n'uma jaula de ferro. Outro fazia uma proclamação, na qual dizia que *Bonaparte* era um scelerado ; outros, emfim, abandonavam-o cobardemente, emquanto que um dos que deviam defendel-o com o seu corpo, fazia um tratado para conservar uma dotação no paiz inimigo.

Foi pois assim, despojado de todo o brilho que recebia da aureola militar formada por esses homens, valentes, de certo, mas illustrados só por elle, que Napoleão entrou, no dia 20 de março, no palacio das Telharias, emquanto o lume, acceso na vespera para Luiz XVIII, ardia ainda nos fogões !

Considero o dia 20 de março de 1815 como complemento da grande existencia militar e politica do imperador Napoleão. É no dia 20 de março que devemos findar, porque, para elle, já não ha grandes dias, d'esse em diante.

É pois no dia 20 de março que deixo Napoleão, n'estas memorias ; esse dia em que, mais admiravel que nunca, entrou sósinho, á frente de alguns bravos, no palacio conquistado pela sua espada, e do qual não sahira senão deante da Europa inteira, armada contra elle ! Napoleão foi para a França, desde 1795 até 1814, uma providencia tutelar, uma gloria que ha de resplandecer além dos seculos ! Sob os tectos dourados dos palacios,

sob os telhados de colmo das choupanas, será proclamada esta verdade; e sinto-me feliz por ter o meu nome ligado a esta collecção de factos da sua época, afim de perpetuar-lhe a memoria.

Duqueza d'Abrantes.

ASHAVERO

Fragmento de uma versão paraphastica,
em verso portuguez, do poema em prosa «Ahasvérus»
de EDGARD QUINET

PRIMEIRA JORNADA

A CREAÇÃO

I

O Oceano, Leviathan, a Serpente, a Ave Vinatayna, o Peixe Macar

O OCEANO

São já de mais, Senhor, as ondas que me déste ;
A urna, gôtta a gôtta, encheu-se a trasbordar !
Pódes fechar a mão ; o rebanho celeste
Já tem onde beber ; deixal-o saciar !

Teu halito castiga, ainda quando affaga ;
Levanta no meu seio a furia do escarcéu . . .
Eu não posso lamber a mão que me azorraga,
Nem as vagas erguer até beijar o céu.

Eu não posso cavar, mais fundo e mais estreito,
O abysmo, horrivel, negro, aberto em convulsões ;
E nem rolar melhor meus flancos e meu peito,
Espuma sobre espuma, em brancos turbilhões.

Attraes-me para onde?... Ha muito vou, fremente,
As ondas impellindo e sem chegar jámais!...
Seria eu condemnado a vêr, eternamente,
Na minha immensidade, eu só e nada mais?...

Quando, hontem, sobre mim, em rapida bonança,
Um raio de luar, sereno deslisou,
No meu seio convulso houve um pulsar d'esperança,
Um canto festival nos ares resoou.

Julguei que a tua mão, em laços d'ouro e rosa,
Descia a captivar-me o indómito valor;
Pareceu-me até sentil-a, ardente e carinhosa,
Na juba desgrenhada entrando com amor.

Mas breve dissipaste essa illusão fagueira;
Não me reservas, não, carinhos nem mercês.
Logo que em mim pousou, qual sombra passageira,
O limpido clarão em espuma se desfez.

Se ouvisses algum dia os gritos que me arrancas,
E se outro mundo houvesse, além, além de mim,
Ahi quizera eu ter, sobre as areias brancas,
Um leito socegado onde jazer emfim.

Sobre elle extenderia as aguas crystallinas
Eternamente em paz; seria feito só
De limo esverdeado e conchas purpurinas,
De crystaes de coral e perolas em pó.

No dorso meu robusto, a luz do céu ondeante
Em jorros cahiria, affeito á mansidão,
Como chuva de prata, á lua, scintillante,
Como o gladio, Senhor, que vibra a tua mão.

Toda a noite, da praia, a areia beijaria,
As ondas desdobrando em lento espreguiçar,
E tão sómente Deus, só elle o saberia,
Que o mar estava ali, sereno a descansar!

LEVIATHAN

(Arrojando-se das aguas para a terra firme)

Que voz dominadora ordena ao cataclysmo
Que d'elle a ordem saia, eterna, universal?
Quem foi que me arrancou do fundo e negro abysmo
E inerte me estendeu no desolado areal?

Quem meu corpo adornou de escamas reluzentes?
Quem as fauces me abriu em antros de pavor?
Quem as filas crueis me triplicou dos dentes?
E das algas me deu a verde-negra côr?

A agua sem se ouvir pelas praias rasteja,
As ilhas em descanso agacham-se no mar,
O vento açoutador nas rochas esbraveja,
Seus abysmos a terra, abre-os de par em par.

As ondas palpitando e curvas como peitos
Fazem lembrar emquanto uma apoz outra vem,
Crocodilos de mez, brincando satisfeitos,
Sobre um rochedo nú em derredor da mãe.

Das montanhas azues as cristas erriçadas,
Batidas pelo sol, rebrilham de manhã,
Em reflexos de luz, como conchas quebradas,
Que, cego de furor, partiu Leviathan.

A AVE VINATEYNA

Abaixa-te, Oceano! ó mar das transparencias!
Os teus abysmos cerra e deixa adormecer,
Como eu as azas fecho, em prumo ás eminencias,
Quando nas nuvens quero os vãos suspender.

Abaixa-te, Oceano! até que a onda pura
Como um lago de anil me queira reflectir,
De ponta a ponta d'aza a enorme envergadura,
Que nem a vaga póde attonita medir!

Abaixa-te, Oceano! as ondas abonança
Té que eu veja brilhar, das aguas atravez,
No fundo do teu leito em viva similhaça
As azas como prata e d'ouro o bico e os pés!

Escuta-me, responde, ó tu que sabes tudo,
E dize-me onde eu estava ao despontar do sol?
Cingidas junto ao corpo as azas de veludo
Dormia envolto em branco e tépido lençol?

Dize que Deus subtil me foi buscar sósinho
E dos fraguedos nús ás nuvens me elevou?
Quem do chaos á beira, onde eu puzera o ninho,
Para a vida do espaço ha muito me arrancou?

No azul illimitado, é força que o conheça,
O meu destino é só voar, voar, voar...
A vastidão do céu por cima da cabeça,
E por baixo dos pés a vastidão do mar.

Mas quando do seu ermo a terra me convida,
Eu as azas desprendo, e sem cansasso algum,
Á terra vou levar as sementes da vida
E sólto do meu bico os grãos a um e um.

Nas encostas espalho os bosques, as florestas;
O lyrio vou depôr nas fresquidões do val;
Nas areias derramo as urzes, as giestas;
A toda a parte levo a vida vegetal.

Nas planicies sem fim o baobab implanto,
E o lotus que uma flôr em cem annos produz;
Nas collinas, ao sol, extendo como um manto
Os vinhedos em flôr voltados para a luz.

Nem abysmos esqueço e nem despenhadeiros;
Dos regatos á borda alinho os salgueiraes;
Em vasto amphitheatro, abetos e pinheiros,
O cedro gigantesco, os negros cyprestaes.

Já do vento ao soprar as folhas estremecem;
Os astros vejo unir em grossas legiões,
Tão densas, que sómente um bando me parecem
D'aves a demandar mais férteis regiões.

A SERPENTE

Tivesse eu, Vinateyna, as tuas grandes azas,
Que ás nuvens subiria, antes de erguer a voz,
E na terra fixando os olhos como brazas
Veria quanto mundo em torno está de nós,

Mas visto ser preciso, eu que vivo de rastos,
Dos limos o meu corpo ao alto aprumarei,
E acima do universo, em seus dominios vastos,
Verei se d'elle todo é já nascido o rei.

Da arvore do mundo as minhas roscas prendo,
Em volta do seu tronco escalavrado e nú;
Da sua ramaria em voltas me suspendo
Por não ter, Vinateyna, oh! azas como tu!

E no mais alto d'ella, em seus copados cimos,
Minhas cabeças ergo a mais e mais de mil,
Emquanto longamente arrasto pelos limos
Em ondas e espiraes a cauda de reptil.

Como flôres de sangue as linguas coruscantes
Dardejam seu veneno aos ventos cardinaes,
Das folhagens sahindo a perguntar vibrantes
Que vencedora mão as colherá jámais.

Mas d'aqui tão sómente os montes vejo em dobras,
Como, em longo arrastar, serpentes cascavéis;
Grandes rios de prata, andando como cobras,
Em florestas sem fim rolando os seus anneis.

E vejo Séméhé, corcel de crinas d'oiro,
Sob as garras d'um djin que o fere em cada ilhal,
Correndo sem descanso e bravo como um toiro,
Suando o sangue ardente em espuma de coral.

Alastra pelo espaço a cauda reluzente,
E, como a d'uma estrella, agita-a o vento sul;
No largo peitoral dois olhos tem á frente,
Como prégos de luz brilhando em céu azul.

Nunca em seus dias teve um momento sereno,
Em cada novo instante alterna e muda a côr;
Pallido, negro, azul, roxo como o veneno
Que vem na minha baba em horas de furor.

LEVIATHAN

Olha as ondas agora, ó serpente vigia!

A SERPENTE

Agora as ondas fito, e n'ellas vejo só
Vir o peixe Macar de cauda luzidia,
Aquelle que roubou a tromba a Behemoth.

Ah! quem me dera ter as suas barbatanas!
Aos meus rijos anneis quem as pudesse unir!
Ao fundo iria vêr as pelejas insanas
Dos monstros a bramar, das ondas a rugir.

LEVIATHAN

Inda acima de nós, portanto, nada temos,
Ninguém nos dicta leis em toda a vastidão,
Somos inda do mundo os grandes reis supremos,
É, pois, certo que em nós parou a criação.

Quando vi sobre o mar erguerem-se os rochedos
Muito tempo, de medo, a sós estremeci,
Julgando ter defronte um berço de penedos
E um novo rei do mundo a descansar ali.

Julguei do negro abysmo um monstro haver sahido
Todo escamas de pedra a derramar terror,
E que eu volvendo ao mar profundo onde hei nascido
Tivesse de saudar por fim o meu Senhor.

Porém tu, Vinateyna, ahi do céu, que viste?

A AVE VINATEYNA

Sobre as nuvens pairando as azas demorei,
Profundo olhar desci a tudo quanto existe,
Por baixo dos meus pés todo o Universo olhei.

Da arvore do mundo ergui-me aos altos ramos,
Segui no seu correr a estrella mais veloz,
Nos valles penetrei que a custo profundamos,
E nada, nada vi, nada maior que nós.

Apenas encontrei a experta cotovia
Por toda a parte alçando o canto matinal,
O abutre solitario e djins d'aza sombria
Raivosos cavalgando o seu corcel fatal.

No bosque verdejante o chamariz gemmado
Em saudação alegre ao despontar da luz,
De dois fios de seda o ninho pendurado
E n'elle balouçando-se os filhinhos nós.

LEVIATHAN

E tu, peixe Macar, não viste cousa alguma?

O PEIXE MACAR

As ondas vi correndo, aligeros corcéis!
Sondei com minha tromba os turbilhões de espuma
Quebrando em rijo embate os hórridos parcéis.

Penetrei do mais fundo as lôbregas cavernas,
E vi, como leões entrando no covil,
De cauda e juba hirsuta, a perpassar eternas
Em torres de coral as aguas côr de anil.

LEVIATHAN

Podemos, pois, viver com toda a segurança.
É nossa a immensidade e n'ella estamos sós.
No céu, no mar, na terra a criação descança
E nada mais produz em derredor de nós.

À beira dos paues a terra estende o lôdo
Sómente para eu n'elle os passos imprimir;
O mundo ao despertar desenrolou-se todo
Para a serpente em arco apenas o cingir.

Ninguém maior que nós agora a terra nutre,
Agora que, fugindo, a léva pelos céus,
Nas suas garras presa o sempiterno abutre!
Por onde quer que vá, ahí seremos Deus.

TODOS

Nós é que sômos Deus! Acaso alguém protesta?
Alguem, Leviathan, a contestar-nos sáe?

OCEANO

De novo levantaes os ramos da floresta!
Procurae, outra vez; de novo, procurae!

Ide apartar melhor as aguas das nascentes,
Cavae mais fundo o limo e remexei o pó,
As préguas sacudi das nuvens transparentes,
Procurae sem descanso, interrogae sem dô.

Na essencia d'uma rosa, onde estáveis, subiu;
Nas azas d'uma ave, ao pé de vós, passou;
Na dobra d'uma folha, a vêr-vos, se sumiu;
Na fenda d'uma rocha, a ouvir-vos, se occultou.

Quando vos vi chegar, estava-lhe eu falando.
Ouve Leviathan: A sua espada em cruz
Faz lembrar uma cauda azul serpenteando
Mais bella do que a tua e de escamas de luz.

Emquanto pairas baixo ou sobre mim fluctuas,
Escuta Vinateyna: As azas que lhe vi
Fizeram-me saber a pequenez das tuas
Quando de ponta a ponta eu proprio lh'as medi.

Da arvore do mundo, emquanto te não sóltas,
Atende-me Serpente: A que é serpente Deus
Por toda a immensidade enleia em suas voltas
Os mundos aos milhões rolando pelos ceus.

Toda a noite senti os seus fataes carinhos
Impellindo-me além, além, sem descançar,
Como o leão do mar impelle os leõesinhos,
Sem saber em que ponto os ha de agasalhar.

Toda a noite avancei, ancioso pelo dia;
Toda a noite a seus pés deitei o meu lençol;
No leito me acordou quando tudo dormia;
Por fim desapareceu ao despontar do sol.

TODOS

Oh! maldito, maldito, Oceano mentiroso!
Nas tuas ondas caia, eterna, a maldição!
Mais verde sejas tu que o succo venenoso
Por viboras babado, a rastos pelo chão!

Ergam serpentes mil o vingador açoite,
Castiguem-te sem dó a furia insana e má,
Torne-se a tua espuma escura como a noite,
Desabe no teu fundo a ponte Tchinevad.

Misturemos n'um só todos os nossos gritos,
Das azas o bater, das caudas o roçar,
Repercutam-se ainda em echos infinitos,
Sejam eternamente a musica do mar.

Agucêmos depressa, anciosos, esfaimados
Como se fosse agora a véspera d'um festim,
As garras como pedra em troncos desfolhados,
Sobre o granito duro os dentes de marfim.

A rija pata córnea escarve e pise a areia
E ouça-se largo tempo ao longe retinir,
Venha beijal-a humilde o mar que se arreceia,
E torne logo d'ella humillimo a fugir.

As ondas quebre ao meio a forte barbatana,
Rastejem pelo chão com estrépito os annéis,
Dos djins a aza negra os flancos bata ufana,
N'uma vertigem louca, aos rábidos corcéis.

Rolem no fundo val em peso as avalanchas,
As ilhas a tremer subvertam-se no mar,
Cubram-se a lua, o sol, as estrellas de manchas,
Acabe o seu fulgor, esqueça o seu brilhar.

Vomitem fogo e lava as cristas fumegantes,
Quatro ventos em cruz batalhem com furor,
As caudas dos leões, as jubas ondulantes
Mostrem qual tem de ser na lucta o seu ardor.

Atrôem todo o espaço uivos, gritos, rugidos,
Solte-se a furia toda aos doudos vendavaes,
Do raio, do trovão ouçam-se os estampidos,
Nunca no mundo a paz volte a reinar jámais.

Dize-nos, velho mar: A sua voz, falando,
É mais branda que a nossa? ou vence as multidões?
Andam gryphos no céu as nuvens desmanchando,
E corôa a Eternidade a fronte dos leões.

Desde o planeta á flôr agita-se o Universo,
Occulta força o move, é ella que o conduz,
E d'elle a vida sae, como no azul immerso,
Das narinas do sol em jorros sae a luz.

Em toda a parte a vida esplende, avulta e corre,
Sente-se a formigar, percebe-se a zumbir,
Trasborda do que nasce, emana do que morre,
Veste fórmulas sem conto em ancias de existir.

Ter pedaços de sol, do dorso nas arestas,
Dentes de mais alvor que perola e marfim,
Mais crinas a voar que folhas as florestas,
Pennas d'ouro e de azul, de prata e de carmim;

Ser gigante e cruel, ser imperioso e forte,
Descer á folha humilde os olhos desde os céus,
Sentir desejos crus, sêde de vida e morte,
Que mais se quer, ó mar! que mais para ser Deus?

Ha de seguir-se ao tempo o tempo illimitado,
Depois de seculos mil, mais outros mil virão,
Depois outros ainda; ao tempo accumulado
Dias, dias sem fim, sem fim succederão.

E nunca nenhum tempo ha de poder, comtudo,
A um qualquer de nós as garras desgastar,
Nem macular no limo as azas de velludo,
Nem brilho, nem matiz nas aguas apagar.

Passados annos mil, hão de espelhar as fontes,
Como hoje exactamente, os céus de luz e anil;
A mesma côr de rosa irá nos horisontes
Erguer e pôr o sol, passados annos mil.

Nossa imagem serena e pura, como agora,
Transparente o regato em si reflectirá;
A voz da cotovia estridula e sonora
Avisos de alvorada, em cantos saudará.

Sempre o mesmo caminho havemos, sem fadiga,
Por todo o tempo além tranquillos percorrer,
Sempre as azas no céu, á mesma luz amiga,
Sem jámais as fechar, havemos de extender.

Formem-se em turnos já os passaros sem conta;
Comece-se a dispôr, em rigida união,
Junta n'um bando só, para avançar em ponta,
De peito contra o vento, a alada multidão.

Á frente o mais ligeiro, agil, veloz se poste,
Dias e noites tres avance para o sul,
Intrepido levando atraz de si a hoste,
Como uma nuvem negra, a macular o azul.

E quando esteja ao pé dos vastos céus profundos,
Aos quatro ventos lance a estrepitosa voz,
E pergunte onde está, onde o Senhor dos mundos,
Onde o Deus que nos vença, o Deus maior que nós?

Então Leviathan, nos charcos rastejando,
E Vinateyna, abrindo as azas pelos céus,
Dirão, n'um só protesto, os eccos atroando:
Arrasta-te e ouve, ó mar! nós é que somos Deus!

FERNANDES COSTA.

LUMEN

Quinta narração

INGENIUM AUDAX, NATURA AUDACIOR

Lumen. — Conheces a esplendida constellação de Orion, que brilha deslumbrante nas vossas noites de inverno, e a curiosa estrella multipla (*thêta*) que está por baixo da Espada, suspensa do talabarte, e que scintilla no meio da celebre nebulosa.

Este systema de Orion é um dos mais curiosos que existem no estojo, tão variado, comtudo, dos diamantes celestes. É composto de quatro soes principaes dispostos em quadrilatero. Dois d'estes soes formam o que se pode denominar a base do quadrilatero, e estão acompanhados, um por um sol e o outro por dois. É, portanto, um systema de sete soes, á roda de cada um dos quaes gravitam planetas habitados.

Eu estava então em um dos planetas que giram á roda de um sol secundario. Este gira, tambem, á roda de um dos quatro soes principaes, o qual, por seu lado, circula, junto com os outros, á roda de um centro de gravidade invisivel collocado no interior do quadrilatero. Não insisto n'estes movimentos: a mechanica celeste já os explicou.

Eu estava portanto, illuminado e aquecido no meu pla-

neta por sete soes: por um maior e mais ardente na apparencia do que os outros seis, porque era o que estava mais proximo: por um segundo muito grande e tambem muito brilhante; por tres de dimensões regulares, e por dois pequeninos, dois gemeos. O meu sol principal era azul anilado; o segundo era côr de laranja; os tres mais pequenos eram brancos e os dois ultimos pareciam dois rubis.

Quærens. — O que? pois ha no ceu alguns soes com semelhantes cores, duplos e multiplos?

Lumen. — Ha grande numero d'elles. O systema de que estou fallando é conhecido dos astrônomos da Terra, que contam aos milhares, nos seus catalogos, os systemas de estrellas duplas, multiplas e coloridas. Tu mesmo podes estudal-o com o telescópio.

Ora, no planeta de Orion que designei ha pouco, os seres não são vegetaes nem animaes. Não poderiam ser comparados com nenhuma classificação da vida terrestre, nem mesmo com uma das duas grandes divisões em reino vegetal e reino animal.

Não sei realmente, com o que hei de comparal-os para te dar uma idéa da sua fôrma.

Tens visto, nos jardins botanicos, o cirio gigantesco, o *cereus giganteus*?

Quærens. — Conheço particularmente esse vegetal. Deve o nome que tem á sua semelhança com os cirios de tres ou mais braços que se accendem nas egrejas.

Lumen. — Exactamente. Pois os homens de Orion approximam-se um pouco d'essa fôrma. Movem-se lentamente e conservam-se em pé por um processo de sucção, como as empolas. A parte inferior da sua haste vertical, a que descança no chão, estende ligeiramente, á maneira das estrellas de mar, uns pequenos appendices que se fixam no solo. Estes seres andam, muitas vezes, em ranchos, e mudam de latitude segundo as estações.

Mas ha um ponto mais curioso na sua organização, que

põe em evidencia o principio, de que eu fallava ha pouco, da reunião das almas elementares no corpo humano.

Visitei um dia aquelle mundo e achei-me no meio de uma paisagem orionica. Defronte de mim estava um ser, semelhante a um vegetal de dez metros de altura, sem folhas nem flores, composto essencialmente de uma haste cylindrica, terminada, na parte superior, por muitas ramificações parecidas com as de um candelabro. O diametro da haste central, assim como o dos ramos, media bem um pé.

A extremidade superior da haste e dos ramos era coroada por um diadema de franjas prateadas.

De repente, vi este ser agitar os ramos e desmaiar.

N'aquelle mundo é muito vulgar este facto; individuos de perfeita saude desabam litteralmente de uma vez, sem que isto cause admiração.

As moleculas que os constituem cahem por terra, todas as mesmo tempo. O individuo deixa de existir pessoalmente. As moleculas espalham-se pela superficie do solo, e separam-se umas das outras.

Quærens. — Desaggregam-se e vão dar o seu passeio?

Lumen. — Pouco mais ou menos. Esta decomposição do corpo produz-se com frequencia durante a vida. Umas vezes é resultado de uma contrariedade, outras da fadiga, e outras de um desaccordo organico entre as differentes partes. Uma pessoa existe integralmente, como tu existes agora, e, de repente, acha-se reduzida á sua mais simples expressão. A molecula cerebral, que vos constitue essencialmente, sente-se descer em consequencia da queda das outras ao longo dos membros, e chega á superficie do solo, solitaria e independente.

Quærens. — Essa maneira de desaparecer é um processo que convinha muito á Terra. Para sahir de uma situação critica, por exemplo de uma scena conjugal á Molière, ou de um quarto d'hora desagradavel como o de Rabelais, ou de um logar doloroso tal como a escada de um cadafalso,

era bastante não sustentar os atomos constitutivos, e... passem muito bem...

Lumen. — Levas o caso de brincadeira; mas affirmo-te que a sua realidade é incontestavel. Existiria na Terra como no planeta de Orion se o principio de auctoridade não reinasse tão absolutamente entre os homens. E, comtudo, existe elementarmente. O corpo humano é formado de moleculas animadas. A espinha, segundo disse um physiologista eminente, é uma série linear de centros, ao mesmo tempo independentes e governados. As partes essenciaes e constitutivas do sangue, da carne, dos ossos, estão no mesmo caso. São provincias com uma administração autonómica, mas submettidas a uma auctoridade superior.

O exercicio d'esta auctoridade superior é uma condição da vida humana, condição menos exclusiva nos animaes inferiores. Debaixo de cada annel da lombriga ha um verme completo, de maneira que uma lombriga representa uma série de entes semelhantes constituindo uma verdadeira sociedade de cooperação vital. Cortado em anneis, o verme constitue outros tantos individuos independentes. Na tenia ou solitaria, a cabeça é já mais importante do que o resto, e possui, como as plantas, a faculdade de reproduzir o resto do corpo, quando lh'o arrancam. A sanguesuga é tambem um ser formado de uns poucos de individuos reunidos. Cortada em cinco ou seis anneis, a operação dá outras tantas sanguesugas. Assim como os ramos crescem ás arvores, as patas do caranguejo ou a cauda do lagarto reconstituem-se. Na realidade, os animaes vertebrados, — como o homem, por exemplo — são compostos, na sua arvore essencial (a espinha e a sua dilatação no cerebro) de segmentos justapostos, de centros nervosos, cada um dos quaes é dotado de uma alma elementar.

A lei de auctoridade em acção na Terra determinou na série animal uma direcção preponderante. Os homens são compostos de uma multidão de seres agrupados e domi-

nados pela attracção plastica da alma pessoal, que formou o corpo desde o embrião, e reuniu á roda d'ella, no seu microcosmo, um mundo de seres que não teem consciencia da sua individualidade.

Quærens. — Então, no planeta de Orion, a natureza existe no estado de republica absoluta?

Lumen. — Republica governada pela *lei*.

Quærens. — Mas quando um ser fica assim decomposto, de que maneira se póde reconstituir integralmente?

Lumen. — Por meio da vontade, e muitas vezes sem o mais pequeno esforço, com um desejo mesmo furtivo. Apesar de estarem separadas da molecula cerebral, as moleculas corporaes não deixam de lhe pertencer intimamente. No momento preciso, reúnem-se e toma cada uma o seu lugar. A molecula principal attrahe as outras a distancia, como o iman attrahe o ferro.

Quærens. — Estou imaginando vêr todo esse exercito liliputiano surprehendido por um toque de corneta, e, reunindo-se á roda do seu centro, organizar a reunião de todos esses soldadinhos, os quaes, trepando agilmente uns por cima dos outros, reconstituem n'um momento o homem-cirio que descreveste. Realmente, é preciso deixar a Terra para vêr novidades semelhantes!

Lumen. — Estás julgando a natureza universal pelo atomo que podes vêr, e não comprehendes senão os factos que entram na esphera das tuas observações. Mas, repito, a Terra não é modelo do universo.

Este mundo de Orion, com os seus sete soes, é povoado por um systema organico analogo áquelle que acabei de definir. Vivi lá ha 2:400 annos e posso vêr-me n'essa época em consequencia do tempo que a luz emprega para vir d'este ponto do espaço até Capella. Conheci ahi o espirito que, depois, se encarnou na Terra e publicou os seus estudos com o nome de Allan Kardec. Durante a nossa vida terrestre, não nos lembravamos do nosso conhecimento anterior, mas sentimo-nos ás vezes attrahidos um

para o outro, por semelhança de pensamentos. Agora que elle está, como eu, no mundo dos Espiritos, lembra-se tambem da extraordinaria republica de Orion e pôde tornar a vel-a.

Sim, muito extraordinaria; mas, comtudo, real. Não possues, no teu pobre planeta, noção alguma da diversidade que separa os mundos, tanto na sua geologia como na sua physiologia organica.

Estas conversas pôdem servir para ampliar os teus conhecimentos a respeito d'este facto geral, tão importante na concepção do universo.

Mas o principal serviço scientifico que ellas te podem prestar é o de ficares sabendo que a luz é o modo de transmissão da historia universal. Com a poderosa faculdade visual que possuimos aqui, podemos distinguir a superficie dos mundos longinquos. O olhar do nosso espirito não é identico ao olhar do corpo. Nos olhos corporaes os raios divergem, de maneira que um corpo muito pequeno collocado junto do olho preenche o intervallo de dois raios, emquanto que, a maior distancia, é preciso um corpo maior para preencher o espaço, augmentado proporcionalmente, que separa os mesmos raios. Nos nossos olhos, pelo contrario, os raios visuaes entram em linhas parallelas, de maneira que vemos cada objecto na sua proporção real, sem que a distancia influa, de modo nenhum, no tamanho. Não vemos os objectos maiores por inteiro, mas unicamente as secções proporcionadas á abertura da nossa retina particular, e estas partes estão visiveis para nós a qualquer distancia, com a mesma claridade, (quando a atmosphera não encobre essa distancia); uma arvore de um prado pertencente a um corpo celeste tão distante como *theta* de Orion o está de Capella, é vista por nós perfeitamente.

Em consequencia da transmissão successiva da luz, todos os acontecimentos da natureza, a historia de todos os mundos, estão espalhados no espaço como o panorama

universal mais verdadeiro e mais grandioso da natureza inteira.

— Como sabes, viajei por um grande numero de paizes celestes differentes, e estou estudando actualmente a criação sem me fixar em ponto algum. Espero, no decorrer do seculo que vem, reencarnar-me em um mundo dependente do cortejo de Sirio. A humanidade d'esse globo é mais bella do que a da Terra. Os nascimentos effectuam-se por um systema organico menos ridiculo e menos brutal do que o systema terrestre; mas o character mais notavel da vida n'esse mundo é que o homem vê as operações physico-chimicas que se produzem para a conservação do corpo. No organismo terrestre não se vê, por exemplo, como os alimentos absorvidos se assimilam, como o sangue, os tecidos, os ossos, se renovam; todas as funções se produzem instinctivamente, sem que o pensamento dê por tal. Por isso se soffrem mil doenças, cuja origem fica muitas vezes occulta e inexplicavel. No mundo de Sirio o homem sente as operações da sua conservação vital, como na Terra se sente um prazer ou uma dôr. De cada molecula do corpo, por assim dizer, parte um nervo que transmite ao cerebro as impressões variadas que essa molecula recebe. Se o homem terrestre fosse dotado de um systema nervoso semelhante a este, veria, mergulhando o olhar no organismo, por intermedio dos nervos, como o alimento se transforma em chylo, este em sangue, o sangue em bilis, em saliva, em materia nervosa, etc: ver-se-ia bem a si mesmo.

Mas está longe d'isso, pois o centro animico das suas percepções já está embaraçado pelos nervos multiplicados dos lobulos cerebraes e das camadas opticas.

N'esse globo do systema de Sirio, os olhos humanos são organisados de maneira que são *luminosos* durante a noite e dão luz como se do seu foco irradiasse alguma emanção phosphorescente. Uma reunião nocturna composta de grande numero de pessoas, apresenta um aspecto ver-

dadeiramente phantastico, porque a claridade e a côr dos olhos mudam segundo os sentimentos diversos que os animam. Além d'isso, o poder do olhar é tal, que exerce uma influencia *electrica* e magnetica de intensidade variavel, e em certos casos pode fulminar, fazer cahir morta a victima em quem se fixa toda a energia da sua vontade.

Outro character precioso da organização vital do mundo siriano é a alma poder mudar de corpo sem passar pela circumstancia da morte, muitas vezes desagradavel e sempre triste. Um sabio que trabalhou toda a sua vida para instrucção da humanidade, e vê chegar o fim dos seus dias sem ter podido terminar as suas nobres emprezas, pode trocar o corpo pelo de um adolescente e recommençar outra vida, mais util ainda do que a primeira. É sufficiente, para esta transmigração, o consentimento do rapaz e a operação magnetica de um medico competente. Às vezes dois seres, unidos pelos laços, tão suaves e tão fortes, do amor, operam uma troca de corpos depois de muitos annos de união: a alma do marido vae habitar o corpo da mulher, e reciprocamente, para o res'to da sua existencia. A experiencia intima da vida torna-se incomparavelmente mais completa para ambos.

N'um astro proximo d'este, muito curioso debaixo d'este ponto de vista, os vegetaes são compostos de uma substancia analoga ao *amianto*, porque é a silica e a magnesia que dominam na sua constituição. Os animaes não se sustentam senão d'esta substancia. Quasi todos os seres que habitam este globo são *incombustiveis*.

Em um planeta illuminado pelo brilhante sol Vega da Lyra, o pensamento não tem necessidade de passar pela palavra para se manifestar. Quantas vezes te tem succedido, quando uma idéa luminosa te atravessa o cerebro, querer exprimil-a ou escrevel-a, e durante o tempo em que comesças a falar ou a escrever, sentir já a idéa dissipada, obscurecida ou metamorphoseada? Os habitantes d'este planeta teem um sexto sentido, que se poderia cha-

mar telegraphico, electrico, e por meio do qual, quando o auctor não se oppõe, o pensamento se communica ao exterior, podendo-se ler em um órgão que occupa, pouco mais ou menos, o logar da fronte. Estas conversas silenciosas são muitas vezes as mais profundas e mais interessantes, e são sempre as mais sinceras.

Estás sempre disposto a crêr que a organização humana não deixa nada a desejar na Terra, e falta-te logica, o que não é raro na maneira de pensar dos homens. Nunca te sentiste incommodado por teres que ouvir, a teu pesar, palavras desagradaveis, um discurso absurdo, um sermão cheio de banalidades, musica má, maledicencias ou calumnias? Apesar de affirmarem as linguas humanas que se pode «tapar os ouvidos» a esses discursos, não se pode fazer nada, em casos semelhantes. Ninguém pode fechar os ouvidos como fecha os olhos. Ha aqui uma lacuna. Visitei planetas menos incompletos do que este, onde a natureza não esqueceu este pormenor. N'esses mundos ha menos coleras violentas do que na Terra, mas as divisões entre os partidos politicos são mais pertinazes porque os adversarios não querem ouvir nada e conseguem-o, fazendo perder o tempo aos advogados mais falladores.

Em um mundo onde o phosphoro representa um papel muito importante, cuja atmosphaera está constantemente electrificada, cuja temperatura é muito elevada e onde os habitantes não tiveram motivos sufficientes para inventar o vestuario, algumas paixões traduzem-se pela illuminação de uma parte do corpo. É, em ponto grande, o mesmo que se passa nos prados terrestres, onde se vê, nas noites serenas de verão, os pyrilampos consumindo-se silenciosamente em chammas amorosas. O aspecto dos pares luminosos é curioso para observar á noite, nas grandes cidades. A côr da phosphorescencia differe segundo os sexos, e a intensidade varia segundo as edades e os temperamentos. O sexo forte apresenta uma chamma vermelha, mais ou menos intensa, e o sexo gracioso uma chamma azulada,

às vezes pallida e discreta. Só os pyrilampos poderiam formar uma idéa, muito rudimentar, da natureza das impressões sentidas por aquelles seres extraordinarios. Nos pyrilampos do norte, que se encontram em França, o macho tem azas mas não é luminoso, e a femea, pelo contrario, é luminosa, mas privada do privilegio aereo. Nos pyrilampos da Italia os dois sexos teem azas e possuem a faculdade de se tornarem luminosos. A humanidade, n'aquelle mundo, possue todas as vantagens d'este ultimo typo.

Mas, meu caro amigo, é impossivel descrever-te todas as curiosidades do universo. Contenta-te com o teres eriguido o veu de maneira que te deixasse imaginar a incommensuravel diversidade que existe nas producções animadas de todos os systemas disseminados no espaço.

Acompanhando-me com o espirito n'esta viagem intersideral, passaste algumas horas longe da Terra. É bom percorrer assim, às vezes, os atalhos celestes. A alma comprehende-se melhor a si mesma, e, nas suas reflexões solitarias, mergulha profundamente atravez da realidade universal. A humanidade terrestre, como já comprehendeste, é, no moral e no physico, o resultado das forças virtuaes da Terra.

A força humana, a estatura, o peso, dependem d'estas forças. As funcções organicas são determinadas pelo planeta. Se a vida terrestre é partilhada em trabalho e em descanso, em actividade, em somno, é por causa da rotação do globo e da noite: nos globos luminosos ou illuminados por muitos soes alternativos, não se dorme. Se os homens, na Terra, comem e bebem, é por causa do estado imperfeito da atmosphaera. O corpo dos seres que não comem, não é construido como o vosso, porque não teem necessidade de estomago nem de ventre.

Os olhos terrestres fazem vêr o universo de uma certa maneira; o olhar saturniano vê-o de maneira differente; ha sentidos que vêem cousas que os homens não veem e não distinguem nada do que elles distinguem na natureza.

Cada mundo é habitado por especies essencialmente diferentes, e que não são, ás vezes, vegetaes nem animaes. Ha homens de todas as fórmas possiveis, de todas as dimensões, de todos os pesos, de todas as côres, de todas as sensações e de todos os caracteres. O universo é um infinito. A nossa existencia terrestre não é mais do que uma phase no infinito. Uma diversidade inexgotavel enriquece este campo maravilhoso do Semeador eterno.

O que compete á sciencia é estudar o que os sentidos terrestres são capazes de comprehender. Á philosophia compete formar a synthese de todas as noções restringidas e determinadas e desenvolver a esphera do pensamento. Agora, meu querido amigo terrestre, sabes o que é a Terra no universo, sabes elementarmente o que é o Ceu, e sabes tambem o que é a Vida... e o que é a Morte.

Mas está a despontar a aurora, que põe em fuga os espiritos e vae acabar a nossa conversa; o brilho de Venus já empallidece á aproximação do dia terrestre. Comtudo, queria accrescentar ás palavras precedentes uma reflexão muito interessante, inspirada pelas mesmas observações. É esta: Se partisses da Terra no momento em que brilhasse um raio, e viajasses durante uma hora, ou mais, com a luz, verias o raio durante todo o tempo que olhasse para elle. Este facto está estabelecido pelos principios que já expuz. Mas, se, em lugar de te afastares *exactamente* com a velocidade da luz, te afastasses com uma velocidade um pouco inferior, poderias fazer a observação seguinte: Supponhamos que a viagem a partir da Terra, durante a qual olhas para o raio, dura um minuto. Supponhamos agora que o raio dura um millesimo de segundo. Continuas a ver o raio durante 60:000 vezes a sua duração. Na primeira hypothese, esta viagem é identica á da luz. A luz empregou 60:000 decimos de segundo para se transportar da Terra ao ponto do espaço onde tu estás; a tua viagem e a d'ella coexistiram. Ora, se em lugar de andares

com a mesma velocidade que a luz, andasses um pouco mais devagar, e empregasses, por exemplo, um millesimo de segundo mais para chegares ao mesmo ponto, em lugar de veres sempre o *mesmo momento do raio*, verias successivamente os diversos momentos que constituem a duração total do raio, egual a um millesimo de segundo. N'esse minuto inteiro, terias tempo de ver primeiro o começo do raio, de lhe analysar, em seguida, o desenvolvimento e as phases todas, até ao fim. Imagina que extraordinarias descobertas se poderiam fazer na natureza intima do raio, augmentado 60:000 vezes na ordem da duração! Que batalhas terriveis distinguirias nas suas chamas! Que pandemonio! Que sinistros de atomos! Que mundo occulto pela sua rapidez aos olhos imperfeitos dos mortaes!

Se pudesses ver com o pensamento, separar e contar os atomos que constituem o corpo de um homem, esse corpo desappareceria, porque existem n'elle milhões e milhões de atomos em movimento, e para o olhar analysador seria uma nebulosa animada pelas forças da gravitação. Swedenborg não imaginou que o conjuncto do universo tem a forma de um homem immenso? Isto era anthropomorphismo. Mas tudo se assemelha. O que sabemos com mais certeza é que as cousas *não são* o que nos parecem, nem no espaço nem no tempo. Mas voltemos ao raio.

Quando viajasses com a velocidade da luz, verias constantemente o quadro que existia no momento da tua partida. Se durante um anno fosses caminhando com a mesma rapidez, durante um anno estarias contemplando o mesmo factio. Mas se, para ver melhor um acontecimento que durasse apenas alguns segundos, como por exemplo, a queda de uma montanha, uma avalanche, ou um tremor de terra, partisses de maneira que pudesses ver o começo da catastrophe, e demorando um pouco o andar, de forma que não visses sempre o começo, mas o momento que o seguiu immediatamente, depois o outro, e assim seguida-

mente, não chegando a ver o fim senão passada uma hora de exame, indo sempre atraz da luz: o facto duraria para ti uma hora em lugar de alguns segundos, verias os rochedos ou as pedras suspensos no ar, e poderias assim observar o modo de producção do phenomeno e das suas peripecias demoradas.

Estou vendo no teu pensamento que comparas este processo ao de um microscopio que augmentasse o tempo. É isso exactamente. Vemos assim o tempo amplificado. Este processo não pôde receber rigorosamente a denominação de microscopio; antes a de *chronoscopio*, ou de *chrono-te-les-copio*.

O tempo de um reinado pode, pelo mesmo processo, augmentar á vontade de um partido politico. Por exemplo, Napoleão II reinou apenas tres horas, mas poder-se-ia vel-o reinar durante quinze annos *successivamente*, dispersando os 180 minutos que formam as tres horas ao longo de 180 mezes, fugindo da Terra com uma velocidade um pouco inferior á da luz, de maneira que, partindo no primeiro minuto em que as camaras reconheceram Napoleão II, não se chegasse ao ultimo minuto do seu reinado ficticio senão passados quinze annos. Cada minuto seria visto durante um mez, cada segundo durante doze horas.

A conclusão d'estas observações, meu querido Quærens, reside toda no seu principio. Queria fazer-te saber que a lei physica da *transmissão successiva da luz* no espaço é um dos *elementos principaes das condicções da vida eterna*. Em consequencia d'esta lei todos os factos são immortaes, e o passado está sempre presente. A imagem da terra ha 6:000 annos está actualmente no espaço, na distancia que a luz transpõe em 6:000 annos: os mundos situados n'essa região veem a Terra como era n'essa época. Podemos vêr a nossa propria existencia directamente e as diversas *existencias anteriores*; para isso é bastante estarmos collocados a distancia conveniente dos mundos onde temos vivido. Ha estrellas que se vêem da Terra, e já não existem, porque

se extinguiram depois de terem emitido os raios luminosos que só agora chegam ao vosso planeta; da mesma maneira que poderias ouvir o grito de um homem que já estivesse morto, se elle tivesse tido, por exemplo, um ataque de apoplexia logo depois de ter dado o grito.

Estou satisfeito por ter podido apresentar-te ao mesmo tempo um quadro da diversidade das existencias e da *possibilidade de formas vivas desconhecidas da Terra*. Até n'este ponto as revelações de Urania são maiores e mais profundas do que as de suas irmãs. *A Terra não é mais do que um atomo no universo.*

Deter-me-hei aqui; até hoje tinhas desconhecido todas estas numerosas e differentes applicações das leis da Luz. Na Terra, n'essa caverna escura, tão judiciosamente qualificada por Platão, os homens vegetam na ignorancia das forças gigantescas que actuam no universo. Ha de vir um dia em que a sciencia physica descobrirá na Luz o principio de todo o movimento e a razão intima das cousas. Já, ha alguns annos, a analyse espectral mostrou n'um raio luminoso vindo do Sol ou de uma estrella, as substancias que constituem esse Sol e essa estrella; já se pôde determinar, a uma distancia de milhões e milhões de leguas, a natureza dos corpos celestes, examinando-lhes os raios luminosos! O estudo da luz prepara resultados ainda mais surprehenderes, na sciencia experimental e nas suas applicações á philosophia do universo.

Mas a refração da atmosphaera terrestre estende para além do zenith a luz enviada pelo sol distante. As vibrações do dia impedem-me de te communicar mais tempo as minhas observações. Adeus, meu digno amigo. Adeus! ou antes: até á vista! Vão succeder grandes acontecimentos em redor de ti.

Voltarei, talvez depois da tempestade, para te dar signal de existencia e provar-te que não te esqueço. Depois, mais tarde, quando tiveres deixado de viver n'esse planeta mediocre irei ao teu encontro, e faremos juntos uma viagem

real por entre os esplendores maravilhosos da immensidade. Nos sonhos mais temerarios da tua imaginação não poderás nunca formar uma idéa que se aproxime das curiosidades admiraveis, das maravilhas incriveis que te esperam.

NO INFINITO

Descripção do tempo e do espaço, por um espirito

Chego de uma estrella com a velocidade do passaro das regiões elevadas, velocidade superior á do mais rapido dos comboios expressos. Voei mais depressa do que a andorinha, mais depressa do que o pombo correio, mais depressa do que o condor precipitando-se sobre a preza. Atravessei o espaço com uma rapidez maior do que a da unica locomotiva que percorre uma legua por minuto, — com uma rapidez maior do que a de um aerostato arrebatado pelo vento do cyclone, que transpõe 80 metros por segundo quando devora a atmosphaera do Atlantico. Viajei, sem parar nunca, percorrendo *cem leguas* por hora...

Apesar d'esta velocidade constante, principiei a marcha ha cento e trinta e oito trilliões, seiscentos e noventa milhões trezentos e noventa e quatro mil e seis centos seculos. Isto é, logo que ha 8:766 horas em cada anno, percorri 12 quintilliões, 157 quadrilliões e 600 trilliões de leguas desde a minha partida. Estes numeros são faceis de verificar, porque, dir-t'o-hei já, venho de um universo analogo a este onde estás, de uma nebulosa com as mesmas dimensões que a Via lactea, a qual, não apparecendo á Terra senão debaixo de um angulo de dez minutos, como essas accumulações de estrellas distantes, está á distancia de 334 vezes o grande diametro da Via lactea, que é de 36:400 trilliões de leguas, pouco mais ou menos (700 vezes a distancia d'aqui a Sirio.)

Vim em linha recta.

São ali os confins do vosso universo sideral visível. À vista desarmada não se pôdem distinguir; mas, graças às vossas invenções opticas que centuplicam o alcance da vista, graças aos vossos methodos de calculo, conseguistes levar as vossas investigações a este ponto, — a saber que a Terra é um planeta que gravita, na companhia de muitos outros, á roda de uma estrella, que é o vosso Sol — a obter a certeza de que cada estrella é um sol, brilhando com a sua propria luz, — a medir que a estrella mais proxima da Terra está a 8 trilliões de leguas, — a observar que todas as estrellas formam um só conjuncto, uma unica nebulosa, — a adivinhar que ha um deserto immenso á roda d'essa nebulosa, — a notar outras accumulações de estrelas, muito distantes, não menos povoadas do que a vossa, a reconhecer que as mais afastadas d'essas nebulosas conhecidas estão situadas no limite que acabo de indicar, limite para além do qual a criação continúa até ao infinito, mas para além do qual a imaginação exgotada dos homens não pôde adivinhar cousa alguma.

Ora, eu atravesso este universo sideral de um limite a outro. Venho de uma nebulosa situada na constellação de Orion, e vou para outra situada na constellação de Ophiuco, mesmo opposta á primeira, relativamente á estação terrestre; vês que atravesso o universo de extremo a extremo. Paro um momento n'este systema solar, que fica, pouco mais ou menos, no meio do caminho. Esta viagem dar-te-ha idéa das dimensões do universo reveladas pelas descobertas da astronomia moderna.

Apesar das tuas meditações profundas ácerca do problema universal, não comprehendes com exactidão as grandezas que elle contém, e não pôdes ter noções tão absolutas como o que julga por si mesmo. Situado nò puro espaço, julgo melhor, e as minhas medidas impressionar-te-hão. Assisti muitas vezes aos teus desejos vehementes de saber, e, quando Lumen me pediu para te descrever um dia as verdades celestes, recebi o seu pedido com sympathia,

porque comprehendi que as minhas palavras seriam comprehendidas pelo teu espirito.

Em primeiro logar imaginas o que é o infinito? O espaço, não tem fim, não tem medida, nem dimensões. Comprehendes bem isto? — Não tem dimensões? isto quer dizer que, se partisses d'aqui para um ponto qualquer do Céu apparente, e viajasses com a maior velocidade, durante o tempo que quizeses, em direcção a esse ponto, depois do maior numero de seculos que possas imaginar, não terias adiantado nada, não terias feito nenhum progresso para o limite, cada vez mais afastado, do infinito. Outro exemplo. Suppõe que a Terra onde habitas durante este seculo, cahia no espaço, — e é, afinal, o que ella faz com o Sol e com a nebulosa de que este faz parte — Pois bem! suppõe que ella cahia em linha recta ou em espiral durante os milhões de seculos que quizeres imaginar: depois de uma queda espantosa, que a arrastaria no precipicio, sempre aberto e sem fim, com uma rapidez de um milhão de leguas por dia, ou mais, se o podes imaginar, depois de milhões de seculos de queda... não estaria mais perto do fundo do abysmo, e seria o mesmo em relação ao infinito, que se tivesse ficado immovel.

N'este espaço infinito, eterno, necessario, podia não existir nada, e o infinito podia conservar-se eternamente vasio. Por que motivo «ha alguma cousa» n'este espaço? Por que motivo ha globos luminosos e globos escuros, e n'estes, mineraes solidos, vegetaes, animaes, homens, de todas as especies, de todas as fórmãs e de todas as dimensões, isto é um segredo intrinseco, e, actualmente seria superfluo procurar explical-o. Qualquer que seja a rasão da existencia do universo, não podemos, por emquanto, fazer mais do que provar essa existencia e comprehender os seus segredos.

A concepção mais importante para ti é representares bem este espaço infinito, para onde acabo de dirigir a intensidade da tua vista intellectual, e, n'esta immensidade,

globos luminosos suspensos, isolados, sem apoio de especie alguma. São estrellas ou soes, porque estas duas palavras são identicas, espalhados no infinito a enormes distancias uns dos outros.

(Continúa)

Camille FLAMMARION.

O ULTIMO DIA DE UM CONDEMNADO

-- Então, deixa-nos? não tornaremos a vê-lo?

— Infelizmente, minha senhora, assim é preciso. Amanhã pela manhã, irrevogavelmente e sem appello, ás dez horas em ponto, serei enforcado!

Apesar da indifferença, resultante de tres mezes de convivencia com os Yankees, abri os olhos, espantado, ao ouvir este dialogo.

Ia a transpor o limiar da enxovia dos condemnados á morte, na prisão de Humanity-ville — lugar extravagante, parecendo mais uma sala do que um quarto de prisão. Fazia lembrar tambem o locutorio de um collegio de provincia; janellas de grade, paredes caiadas, grandes ferro-lhos, e, no chão, um tapete ordinario cheio de cadeiras de todos os feitios.

No meio da casa, sentadas umas, outras de pé, mas todas luxuosamente vestidas, em *toilette* de visita, umas dez *ladies* elegantes formavam circulo em torno de um unico *gentleman*. Este, em trajo de gala, de fraque ornado com uma camelia, gravata de cambraia de linho bem engomada e claque que elle segurava nas mãos enluvadas de branco.

— É o assassino, disse-me o *detective* que me acompanhava, — dez dollars por dia, fóra a comida.

Não pude conter um gesto de surpresa. O meu compa-
nheiro não reparou n'isso, e começou o seu papel de cice-
rone consciencioso: James Dux, cujo nome ha de figurar
entre os dos criminosos da ultima cathegoria, teve, com-
tudo, principios intelligentes. Tinha o bom gosto de não
atacar senão pessoas respeitaveis (individuos que possuíam
10:000 dollars e mais). Graças a este costume, poudesca-
par á forza umas quatro vezes: quando commetteu o pri-
meiro assassinio, comprou testemunhas que estabeleceram
o seu *alibi*; no segundo, teve a felicidade de poder *chegar*
a um accordo com os jurados; á terceira vez, transigiu
directamente com o juiz. O negocio seguinte, porém, ia-lhe
custando a cabeça. Os valores *encontrados* por Dux na
burra de um banqueiro que elle assassinou no seu escriptorio,
foram declarados falsos. James matara um collega, por
acaso. Na impossibilidade em que estava de reunir a quan-
tia indispensavel para proclamar a sua innocencia, foi con-
demnado por um jury, que não fora possivel preparar com
antecedencia. Ia ser executado, quando um dos seus colle-
gas, que fundara uma instituição de credito, mandou propôr
pelo seu advogado a compra, por um preço diminuto,
das *bank-notes* inuteis, tencionando fazel-as circular nas cida-
des de oeste, onde tinha correspondentes. A quantia realisada
d'esta maneira, quasi *in extremis*, foi sufficiente para *decidir*
o chefe do Estado, que assignou generosamente o per-
dão do reu. Este acontecimento causou, porém, um grande
abalo a Dux. Nunca se viu livre do medo que tivera, e
desanimou. As faculdades baixaram-lhe. Perdeu a clareza
de observação que lhe adquirira uma reputação legitima e
o collocára no estado-maior dos da sua profissão. Chegou
a roubar as primeiras pessoas que encontrava. E, uma
noite, em um bairro afastado, matou grosseiramente ás
marteladas, um velho miseravel que não trazia na algibeira
senão um relógio de nickel.

«Apanhado em flagrante, em consequencia do zelo de um *policeman* noviço, que julgou distinguir-se prendendo-o, James Dux compareceu, pela quinta vez, no tribunal superior. Testemunhas compromettedoras, defensor distrahido, tudo foi contra elle. As audiencias realisaram-se durante a maior força de um verão abrazador. Emquanto os jurados saboreavam *wiskey cock-tail*, o juiz Blackstone levantou-se, no meio do fumo dos charutos, e proferiu a sentença de morte, fixando em tres mezes o tempo concedido ao condemnado para lêr a Biblia. Hontem era o ultimo dia d'esses tres mezes.»

Eu ouvira tudo isto sem dizer uma palavra, mas não pude conter-me mais tempo:

— E o condemnado é este homem? Com este trajo? N'esta sala? Rodeado de atenções?

O official de policia encarou-me surprehendido:

— Sim, é Dux, replicou, depois de um momento de silencio. Converteu-se, como deve saber! Toda a gente de *Humanity-ville* se interessa por elle.

«As nossas *ladies* mais ricas pagam-lhe todas as despesas. Ha de ser uma bella morte, com certeza, e uma victoria positiva para a igreja baptista. Verá que é o fim de um verdadeiro christão!»

O *detective* deixára o tom de indifferença banal com que proferira o seu «discurso» de guia pago. A sua voz tomou um *accento* pessoal que já não era do officio de mostrador de curiosidades. A idéa da conversão de um peccador, o sangue puritano, que corre nas veias de todos os *Yankees*, exaltou-se no honrado *policeman*.

Devo ter dirigido ao meu companheiro um olhar cheio de pasmo, porque a sua *physionomia* tomou uma expressão desdenhosa.

Ouvi-o murmurar um «*frenchman!*» que queria dizer claramente:

«Estes francezes são uns infleis, uns impios, sem fé nem lei. Não teem visto, comprehendem nada do que diz res-

peito a cousas razoaveis.» Por consequencia, resolvi dissimular as minhas impressões e conservei-me silencioso.

Entretanto, o assassino, acompanhando uma das visitas até á porta, passou muito perto de nós, e pude vê-lo de frente.

Atarracado, mal feito, grosseiro, de rosto sarabulhento e avermelhado pelo *wiskey*, testa pequena, olhar obliquo, membros de quadrumano. Que sinistra caricatura, aquelle ser bestial, grotescamente enfarpellado com o trajo de um homem de boa sociedade, amolgando o verniz dos sapatos com os pés ossudos, e a cabelleira lanuda cheirando a *new mawn hay*!

Uma senhora, quasi occulta por um grande ramo de rosas brancas, symbolo da pureza da alma, adeantou-se até ao meio da sala. Mas, quando diligenciava balbuciar um cumprimento para apresentar as flôres a James Dux, faltou-lhe a coragem, e deixou-se cahir n'uma cadeira.

O condemnado recebeu o ramo com ar aborrecido. Cheirou-o distrahidamente, e atirou-o, com um gesto desdenhoso, para um dos cantos da sala. Foi então que reparei em um montão de flôres raras, postas para ali ao acaso. Era a colheita de um dia de visitas.

— As pobres creaturas são nervosas, disse James em tom de compaixão. Deviam tomar um copo de *gin* antes de entrarem aquil.

— Apresento-lhe a minha unica filha, Nelly Blackstone, disse, em voz muito alta, um *gentleman* barrigudo, que atravessava a casa com ar importante, para dar passagem a uma rosada *miss* que elle levava pelo braço.

— Este, disse-me o *policeman* ao ouvido, é o juiz Blackstone, que proferiu a sentença de morte.

O assassino e o juiz apertaram as mãos um ao outro, cordealmente, e a donzella fez uma cortezia graciosa. O seu meigo rosto de virgem parecia brilhar de alegria.

— O papá tem-me falado muito no senhor, ha tres mezes para cá, disse a gentil creança com ar travesso. Sei

que houve uma ligeira questão entre os dois, mas supponho que isso não o impedirá de acceitar um convite para jantar connosco.

— É impossivel, *miss*... E com grande pesar meu, creia, respondeu Dux, rindo.

A donzella córou e baixou os olhos.

— A não ser, continuou o condemnado, que o senhor seu papá consinta em revogar a sentença.

— Ah! James, exclamou o juiz, com um mixto de sentimento e de arrogancia de tribunal, isso, infelizmente, é uma cousa impossivel, como diz. Negocios são negocios, bem sabe!

E, inclinando-se ao ouvido de Dux:

— Agora não podia fazel-o nem pelo dobro do que o meu logar de juiz me rende annualmente.

— Deve ser uma cousa horriavel, morrer enforcado, interrompeu *miss Nelly Blackstone*.

— Um momento de angustia, nada mais, e um momento muito rapido, declarou o juiz com ar entendido. Gostava de acabar assim, accrescentou, com melancolia scismadora.

— Sim, mas com a condição de ter confiança na machina, respondeu James Dux brandamente, e de tratar com um *sheriff* que entendesse do officio. A proposito, juiz, obsequiava-me bastante mandando vêr se a corda estará bem untada... Sabe que não é muito agradavel pensar que se pôde repetir o espectaculo causado pela experiencia do *sheriff* Parnell, de Philadelphia? Lembra-se d'aquella machina inventada por elle, e movida tão desastradamente que deixou o pobre diabo do Phelps pernear, durante mais de um quarto d'hora, dez pés acima da terra, na extremidade da corda partida, enquanto os *reporters* da imprensa e os espectadores mais proximos se viam obrigados a prestarem o seu auxilio para o condemnado acabar ¹.

¹ Historico.

— Esteja descansado, meu caro, conte comigo para tudo o que eu possa fazer-lhe com o fim de ser-lhe agradável... Ha apenas uma cousa que já não está na minha mão...

— Bem, bem, está entendido, juiz! James Dux não é nenhum bruto.

O sr. Blackstone afastou-se, levando a filha. Observei que esta se voltava para traz muitas vezes, com o fim evidente de encontrar o olhar do assassino da moda.

Soube, mais tarde, que miss Blackstone, no dia seguinte, pela manhã, mandou um açafate de flôres ao condemnado. «Mais ramos! exclamou Dux. Decididamente, só aquella pobre Jane, (sua amante, uma cortezã da classe mais baixa) sabe o que é preciso para ajudar um homem livre a fazer esta jornada; porque só ella teve a boa idéa de mandar-me um *gallão*² de velho *Bourbon whiskey*.

Entretanto a sala foi invadida por uma onda de visitantes. Era uma deputação que desejava ser recebida pelo heroe do dia.

O orador vinha á frente. Trazia na mão um estojo de marroquim encarnado, ornado de filetes de ouro, e apresentou-o ao condemnado, com o seguinte cumprimento:

«Meu câro senhor Dux, permita que o povo de Humanity-ville e, com elle, os membros do jury, o *sheriff*, os officiaes do Tribunal que julgou o seu processo, os empregados da prisão e os guardas da policia que realisaram a sua captura, lhe offereçam, por intermedio da minha pessoa, uma prova insignificante da estima que o senhor soube inspirar-lhes, a todos, com a sua resignação serena, com a sua attitude digna, em tudo, de um *gentleman*, attitude que não abandonou, nem durante o tempo que esteve preso, nem durante as audiencias tão penosas e demoradas.

«Na qualidade de thesoureiro da igreja baptista de Humanity-ville, devo, primeiro que tudo, exprimir-lhe a nossa

² Dois litros.

admiração universal pelos sentimentos verdadeiramente christãos que o fizeram perdoar áquelles cuja iniciativa poudo contribuir para a sua condemnação. Peço-lhe que acceite esta joia modesta, que tenho o gosto de oferecer-lhe. Desajamos que ella lhe dê algum prazer durante as ultimas horas da sua existencia terrestre.»

Agitou-o tres vezes, com força, e, encostando-o ao ouvido:

— Anda?

— Oh! yes! disseram os membros da deputação, todos ao mesmo tempo.

— Tem corda?

— Oh! yes!

— Está pago?

— Oh! yes!

— É certo?

— Oh! yes!

— Muito bonito...

— Oh! yes!

Aqui, os membros da deputação comprehenderam que a série de explicações estava exgotada. Retiraram-se discretamente, depois de terem ido, um após outro apertar a mão do corajoso senhor Dux.

Logo em seguida entrou outra deputação. Depois dos cumprimentos do costume, o *presidente* recitou um pequeno *speech* n'estes termos:

— Meu caro senhor Dux, eu sou o irmão gêmeo, e estas senhoras e estes cavalheiros são os parentes mais proximos e os amigos intimos de Jorge Brown, que o senhor assassinou, ás martelladas, durante a noite de 30 de novembro passado, para roubar-lhe um relógio de nickel que valia cinco dollars.

«Desejando dar a conhecer ao publico os sentimentos de admiração que a sua conversão nos inspira, pedimos-lhe que acceite a simples homenagem de um fato completo para seu uso. Se quizer vestil-o para a cerimonia d'ámanhã, consideramos isso um favor precioso da sua parte.»

James Dux cuspiu nas mãos a porção de tabaco que tinha na bocca, fez d'ella uma bola escura que atirou, com um gesto indolente, para cima dos ramos amontoados ao canto da sala, absorveu nova provisão de tabaco fresco, e pegou no embrulho que lhe apresentavam. Rasgou o papel, desdobrou, sucessivamente, um casaco, um colete e umas calças, e poz-se a apalpar o panno, como entendedor.

— Artigo inglez? perguntou, sem levantar os olhos.

— Garantido, pura lã! exclamou o côro de parentes e amigos.

— Á moda?

— Ultima moda!

— Botões solidos?

— Muito solidos!

De repente, no meio das suas investigações, Dux franziu a testa severamente. E, com voz indignada: «Os suspensorios? Não vejo suspensorios nem botões de punhos?»

Os membros da deputação olharam uns para os outros, muito mortificados. Estabeleceu-se um colloquio, em voz baixa, entre elles. Dois dos mais novos separaram-se dos outros e desapareceram. O orador, então, recuperando o sangue frio, deu a sua palavra ao condemnado de que os «artigos» qae faltavam, por um esquecimento imperdoavel mas involuntario, não se fariam esperar muito.

— Bem, disse o assassino, não falemos mais n'isso.

No meio do silencio que se seguiu a estas palavras, ouviu-se um soluço mal reprimido.

Era a mais nôva das duas netas que o filho do velho Brown lhe legara, morrendo, e que, depois do assassinio do avô, eram duas vezes orphãs.

— Como foi que o senhor, que parece tão bom, dizia a creança por entre lagrimas, poudes matar o avôsinho?

— A culpa foi d'elle, respondeu James com bonhomia. Fazia tanto alarde do relógio, fingindo que via as horas,

quando todos os relógios da cidade estavam a dal-as! Era de provocar o homem mais paciente d'este mundo. Foi por isso que não resisti á tentação de dar-lhe cabo da pelle. Se não fosse essa circumstancia excepcional, era mais facil ter morrido de fome do que lembrar-me de roubar aquelle maldito relógio!

— Os Brown sempre tiveram a mania das joias! » exclamou uma senhora, de peito chato e anguloso, bandós pretos, estatura de couraceiro e gestos varonis, e que era nada menos do que a *presidente da Sociedade protectora dos assassinos arrependidos*. — Pobre homem! continuou ella, voltando-se para Dux. Vae morrer, victima da vaidade deploravel do nosso parente. Parece-me que é tempo de se fazer uma lei que prohiba ás mulheres trazerem diamantes pela rua, com risco de excitarem a cubiça dos transeuntes.

— É verdade! confirmou o senhor Anthropophilo, secretario da Sociedade. Nem Deus resistiria a isso! O verdadeiro culpado foi Brown, tenhamos a coragem de confessal-o! Teve o destino que merecia. Mas, dê-nos alguns pormenores a esse respeito, senhor Dux. Diga-nos como foi que sentiu a tentação de se desembaraçar d'elle... Soffreu muito para lhe tirar o relógio?

— Muito, senhor! Quando o vi tiral-o da algibeira para vêr as horas, pensei que queria ultrajar-me por eu não ter relógio, insultar a minha pobreza. Um cidadão d'este paiz livre não tolera uma zombaria impunemente... Primeiro senti um abalo no estomago, depois uma especie de fraqueza nas pernas juntamente com vertigens. Tentei resistir, mas debalde; fiz até um esforço para fugir. Não sei como aquillo foi; mas, quando serenei completamente, estava de martello erguido para o homem que me insultara!... Emfim, o mal está feito, e já lhe perdoei...

— Pobre homem! exclamaram as mulheres presentes, em tom de profunda sympathia.

E todos deram uma lembrança ao condemnado: « Aqui

tem esta bolsa, disse uma; — E este frasco de saes, disse outra; — Olhe! estas gotas de saude, disse terceira, são excellentes contra a asthma e a suffocação».

Dux pegou em todos os objectos que lhe apresentavam, e não tardou que fossem todos reunir-se ás flores. Estas expansões foram interrompidas por um tumulto. Um pobre diabo, esfarrapado e com as faces cavadas pelo jejum, debatia-se nas mãos de uma duzia de pessoas muito irritadas:

— Apanhei-o! guinchava uma voz de mulher. Queria roubar o pastelão de lebre reservado para o jantar do senhor Dux.

— *Gentlemen*, supplicava o miseravel, offegante; *ladies*, ha dois dias que não como! E nunca matei ninguém!

Puzeram-o fóra.

Um creado preto veio annunciar que o jantar do senhor Dux estava na mesa.

Todos entraram na casa de jantar do director da prisão, que cedera generosamente, para o banquete, a sua baixella e o seu cosinheiro.

O condemnado sentou-se no lugar de honra. Á sua direita sentou-se o juiz Blackstone e á esquerda o *attorney* (procurador) do districto. Um parcho celebre recitou uma oração na qual se distinguiram algumas allusões eloquentes á cerimonia do dia seguinte.

O senhor Dux comeu e bebeu ruidosamente. A sua alegria durante o jantar foi um motivo de admiração para todos os convivas distinctos reunidos em torno d'elle. Nos intervallos dos pratos executaram-se bonitos quintettos e solos muito notaveis, pelos meninos do côro de uma celebre capella baptista. Simplesmente, depois da neve, fizeram-se *toasts*. O mais curto e mais delicado de todos foi o seguinte, proferido pelo irmão gêmeo de Jorge Brown:

«*Gentlemen e ladies*. O nosso amavel e saudoso James vae deixar-nos. Permitta Deus que o *dissabor* da partida lhe seja diminuido e a dôr suavizada!»

Dux ergueu-se para responder:

«*Ladies e gentlemen.* Esta hora é a mais bella da minha carreira. Outr'ora, nos tempos difficeis da minha estreia, nada me fazia prevêr que, um dia, teria a honra de ser admittido em uma sociedade tão digna; — até ao momento em que dei cabo do velho Brown — a quem Deus perdôe! A morte d'aquelle peccador fez de mim outro homem. Deu-me uma vida nova, para assim dizer. Logo que ouvi proferir a sentença, senti-me melhor, e, posso dizel-o com franqueza, antes d'esse momento vivera ignorando completamente a alegria que se sente quando se é bom, — antes do dia em que fiz o que me fará ser enforcado amanhã. Ó meus amigos, gostava que fosseis todos Justos, como eu. Sabem que é uma grande cousa, lêr tratados religiosos, ser christão e comer frango? A mim, a felicidade torna-me indulgente para com todos os que tomaram parte n'esta morte, que os senhores presenciarão amanhã, e não conservo resentimento contra pessoa alguma. Se me deixassem em liberdade, não tocaria em um cabello da cabeça de uma creancinha. Não, mas amanhã, graças a Deus, os meus negocios estarão em melhor estado do que os de seja quem fôr, n'este mundo de peccadores. Sim, amanhã estarei na companhia dos santos, dos prophetas e dos anjos, mais poderosos do que o presidente dos Estados-Unidos, no seu palacio da Casa-Branca. Então, do ceu, onde tenho direito a um bom lugar, deitarei um olhar de compaixão a estes miseraveis peccadores! E, enquanto eu lá estiver, sentado no meio da bemaventurança, os senhores terão ainda que lutar com as suas paixões más, n'este mundo de provações, para alcançarem, por meio de mortificações e de uma vida inteira de deveres, uma salvação bastante incerta. É por isso que, em vespas de entrar na bemaventurança eterna, declaro que perdôo a todos, de boa vontade; perdôo ao juiz, aos jurados, e ás testemunhas que, com as suas deposições, concorreram maldosamente para a minha morte. Finalmente, perdôo ao

velho Jorge Brown, primeira causa de tudo isto. No meu coração não ha a minima gota de fel...»

Todos choravam.

— É um santo! murmurava o parochó.

Emquanto ao juiz, sentado defronte de quatro garrafas de Cliquot da California, tapava com o guardanapo os olhos vermelhos da commoção.

Quando eu ia a sahir da sala, depois d'este jantar de despedida, o clergyman recommendou a todos que haviam obtido logares reservados para a execução, que levassem tambem as creanças: «Este justo, que vae deixar-nos tão cedo, derramará mais uncção nas almas juvenis do que os discursos dos nossos melhores prégadores.»

Jehan SOUDAN.

NEMROD & COMPANHIA

XV

(Continuação)

— Mas porque ? gemeu Nuno com desespero.

— Não pôde ignoral-o.

— Ignoro, sim. Idéas, suspeitas, discussões, mas tudo isto ao acaso, no ar, sem provas...

— Ha de tel-as, meu pae, respondeu Esther claramente, Elle estacou, fitando-a, assustado:

— Tu sabes mais do que o que queres dizer? Mais do que eu, talvez? Hein? Dize-me o que sabes. Mas, não, é o odio que te domina, não sabes nada, inventas! Talvez fosses tu que obrigasses essa pobre senhora a partir!

Esther mordeu os labios, e, amargamente:

— Lastimemol-a!

— Com certeza, porque não? A sua situação aqui era agradável!... Tolerada a custo por ti, e...

Ia envolver-se em confidencias perigosas, deteve-se bruscamente. Dirigindo um olhar sombrio a Esther:

— Então recusas-me o que te peço?...

— Espere até amanhã, meu pae, disse ella com força, e, se o exigir, irei então a Paris, se fôr necessario, buscar M.^{me} del Peral.

Elle ficou interdito, comprehendendo que a filha lhe annunciava revelações dolorosas, de certo, procurando adivinhá-las, não se decidindo por nenhuma, e, amedrontado vendo Esther tão affirmativa quando elle se debatia na duvida. Desviou-se, envergonhado e descontente, ao mesmo tempo, e, sentando-se á secretaria, mergulhou-se na mais dolorosa meditação. A sineta, chamando para o jantar, fel-o voltar á realidade. Pensou que ia vêr Manuela, de quem não podia approximar-se desde a vespera, e sem dirigir uma palavra a sua filha, passou por deante d'ella e entrou na sala.

XVI

A casa do guarda do Bosque queimado é a que fica mais proximo de Précigny. É dividida em duas pela estrada de Lagny. Uma casinha de tijolo, cercada por um jardim, serve de habitação ao guarda. Junto a essa casa ha uma criação de faisões, e numerosos canteiros alinham-se, no meio de um prado, fechado por uma grade de arame. Gallinhas, que chocaram na primavera, passeiam e debicam em liberdade na floresta. Um cão escuro, de pello curto, aquece-se aos pallidos raios de um sol outomnal. A carruagem de Nuno e um *landau* com as armas do barão de Préfont, esperam no meio da rotunda. Os cavallos estão fumegantes debaixo das coberturas, como depois de uma corrida rapida. O guarda, com as mãos atraz das costas, passeia de um lado para o outro, e parece vigiar. De vez em quando, dirige um olhar preocupado para uma alameda que se esconde na matta. Foi por ahi que, cinco minutos antes, os adversarios, as suas testemunhas e o cirurgião chamado para a circumstancia, se afastaram silenciosamente. Uma ruasinha á esquerda conduziu-os a uma grande clareira com o solo de grés, muito fino, rodeada de bétulas e de tojo, como um circo. Logar excellente para um combate. O nevoeiro da manhã encobre o sol, nem a mais leve

aragem agita os ramos. Qualquer que seja o lado que lhes pertença, os adversarios teem as mesmas probabilidades. De mais, elles preoccupam-se pouco com isso. Raras vezes se presenceou tranquillidade e firmeza mais completas. Cada um n'uma das extremidades da clareira, conversam, Brucken com o cirurgião, Pont-Croix com Termont, emquanto que Francfort e Préfont examinam o terreno, seguidos por Nuno, que se agita, dominado pelo mal estar e por uma commoção sempre crescentes, tentando enganar a angustia physica e moral com o movimento. Não o consegue, e, pallido, com a testa banhada em suor, as mãos tremulas, dir-se-hia ser elle que vae, passado um instante, arriscar a vida. Entretanto, o lugar que deve servir de campo, está medido. Postou-se uma bengala em cada extremidade, marcando o limite que os adversarios não devem transpôr, sob pena de serem postos fóra de combate. Francfort pisou duas rugas de terreno, que tornavam o solo desigual. Préfont fez signal a Termont para vir ter com elle. Tira uma moeda da algibeira e, para decidir de que espadas hão de servir-se, diz a Nuno:

— Cunho ou face?

— Cunho! respondeu Nuno com voz surda.

Préfont abre a mão: Brucken ganhou. Servir-se-hão dos seus espadalhões pesados, de folha larga e copos profundos, e cujo peso elle espera que ha de fatigar Pont-Croix. Termont pega nas armas, desembainha-as; tirando da algibeira um frasco de acido phenico, esterilisa as duas pontas; em seguida estende os punhos a Francfort, que escolhe uma ao acaso. Clemente e Huberto seguiram com a vista os movimentos das testemunhas, e despiram os casacos com rapidez. Conversando sempre com o doutor, Brucken arregaça a manga da camisa e deixa vêr um braço musculoso e solido. Parece inteiramente senhor de si, não obstante uma pallidez desusada cobrir-lhe o rosto. Pont-Croix está impassivel. Um faisão soltando um grito agudo por cima das arvores do bosque attrahe-lhe a attenção;

ergue os olhos e observa um instante a ave de rapina, pairando no céu. O ar de indiferença com que se distrae dos preparativos do combate para seguir o vôo do passaro, causou um abalo moral a Nuno. Aquella serenidade aterra-o mais do que uma fanfarronice theatral. Lembra-se de que Brucken tem tido muitos duellos sempre felizes, que é considerado extremamente temivel. Quem é então esse Pont-Croix para afrontar semelhante homem com tranquillidade?

Vae sabel-o. Huberto e Clemente acabam de cahir em guarda, com uma firmeza e uma nitidez terriveis, depois de Termont ter junto as espadas a dois centimetros da ponta, proferindo o decisivo: «Vá, meus senhores!»

Brucken recuou dois passos para deixar o adversario avançar, e, com os copos da espada na coxa, a mão des-cida, a ponta firme, e sem dar ferro, espera. Os dois comba-tentes observam-se um instante, immoveis; depois, Clemente avança os dois passos que Brucken recuou, e, bruscamente ameaça-o no rosto. Huberto, que é muito mais alto que Pont-Croix, desvia o golpe e joga a estocada, com uma viva-cidade fulminante. Clemente afasta o ferro do adversario, com um golpe secco, e, vibrando a contra-estocada, que provocou, arranca um pedaço á camisa do adversario. Bru-cken não teve tempo de afastar o ferro, e, sem uma reti-rada rapida do corpo, era tocado.

Os dois homens estão em guarda, firmes, com os labios comprimidos pela tensão das vontades, a respiração acti-vada pelo esforço, soberbos, de arma em punho. Antes que as testemunhas, anciosas, tivessem podido contem-plal-os, cahem de novo um sobre o outro, e com tal furor, que tres golpes são dados, desviados e retribuidos, n'um encadeamento de phrases admiravel, sem que nenhum dos adversarios pudesse ter alguma vantagem sobre o outro.

Respiram um momento, observando-se. As testemunhas podem então reflectir e comprehendem a gravidade da lucta. Nenhum golpe acertou no braço ou nas mãos. Os

dois adversarios procuram o corpo. O duello terá, inevitavelmente, um desenlace dos mais graves. Entre dois homens tão resolutos, tão experientes, o resultado não pode depender do acaso. Ambos empregam todas as suas forças, mas não se arriscam senão com extrema precaução. O impeto e a ligeireza são maravilhosamente dirigidos.

Depois de tomarem folego, os combatentes tornaram a aproximar-se; Brucken recuou brandamente meio passo, a uma ameaça de Pont-Croix. Este avança e como executa um golpe um pouco alongado, a espada de Brucken apanha-o no caminho, por meio de um movimento muito habil, e o hombro de Clemente tinge-se de vermelho. Termont corre a separar os combatentes. Préfont detem Brucken.

O cirurgião aproxima-se de Pont-Croix e rasga-lhe a manga com a tesoura.

—Mas isto não é nada! diz o ferido.

—Perdão, senhor marquez: tem um ferimento penetrando tres centimetros no deltoide. Antes de cinco minutos, não poderá servir-se do seu braço... Acha-se n'um estado de inferioridade evidente e parece-me que só nos resta retirarmo-nos.

Nuno solta um suspiro de allivio e olha para Francfort com alegria mal dissimulada. Afinal, aquelle horrivel pesadelo terminou: Pont-Croix foi derrotado! E, no intimo do seu ser, Nuno regosija-se com a superioridade de Huberto, como com uma victoria pessoal. Mas Clemente falou com as suas testemunhas, e Préfont adianta-se:

—Meus senhores, o nosso cliente é da opinião de que o combate não deve findar por causa de semelhante arranhadura. O resultado parece-lhe em desproporção com a causa. Por consequencia, pede para continuar. Se M. de Brucken não vir n'isso inconveniente, M. de Pont-Croix servir-se-ha da mão esquerda.

Huberto ouviu. Não hesita e, voltando-se para as testemunhas:

— Acceito, diz elle.

Sabe que Pont-Croix manaja tão bem a mão esquerda como a direita. O ferimento deve incommodal-o bastante, mas a mudança de braço compensa essa desvantagem. No entanto, Huberto, que pensa em tudo, calcula que Clemente deve estar desesperado, que deve temer o prolongamento da lucta, que ha de querer precipitar o desenlace entregando-se a alguma temeridade que o deixará ao seu dispor. No mesmo instante, Pont-Croix, não menos lucido, resolve não atacar e esperar Brucken. Teve uma replica para o recorte, que raras vezes falha.

Tornados a collocar nos seus logares por Préfont, os dois adversarios acham-se de novo frente a frente. A pé firme, distantes um do outro, sondam-se, procurando dar um golpe vantajoso. Brucken, apesar da sua resolução, sente-se nervoso, verificando que Pont-Croix se conserva immovel. Esperava um ataque furioso, encontra uma defensiva irritante. É attrahido para a frente, quasi sem querer. Clemente, bem em guarda, envolve-o no seu olhar claro, que parece procurar o sitio onde a mão deve ferir. Durante um segundo ficam ambos parados, como se a morte estivesse suspensa entre elles. Um silencio terrivel opprime os assistentes. De repente, Huberto aproxima-se e vibra um valente golpe ao ferro do adversario, Clemente recua. Brucken redobra, e avançando dois passos rapidos, n'uma mudança de linha, cahe a fundo. Mas Pont-Croix encontra ensejo de recorrer á sua famosa estocada, baixa a mão, e, semelhante a um relampago, a lamina brilhante enterra-se no peito de Brucken, que dá um suspiro e larga a arma. De pé, com o rosto crispado e ameaçador, a mão no pescoço como para deter a respiração que lhe foge, encara um momento Pont-Croix. Dá um passo, afim de avançar para elle, mas os joelhos curvam-se-lhe, e, amparado por Francfort e Termont, deixa-se cahir, com um soluço horrivel.

— Estendam-o ahi, n'esse talude! grita o cirurgião.

E, abrindo a camisa do ferido, descobre-lhe o largo peito. Um pontinho arroxado marca o lugar da ferida. Nem uma gota de sangue: dir-se-hia uma picada de vespa. Mas o golpe foi profundo, e a suffocação do ferido indica um derramamento interno. Dos labios sae-lhe uma espuma avermelhada, a cabeça pende para traz: está desmaiado.

— E' preciso sangral-o, diz o cirurgião.

Pega no estojo, e, ligando o braço de Huberto, pica a veia. Mas o sangue corre a muito custo. Nuno interroga Francfort com o olhar, e vê-o abanar a cabeça com desalento.

— Está perdido, murmura Termont: a espada penetrou até ao coração.

Brucken, n'esse mesmo instante, faz um movimento como para se endireitar; os labios tremem-lhe, n'um estertor. Olha para Nuno, quer falar-lhe. Mas uma expressão de soffrimento horrivel transparece-lhe na physionomia, os olhos reviram-se-lhe e elle torna a deixar-se cahir para traz.

O cirurgião põe-lhe a mão no peito, abana a cabeça e diz:

— Acabou-se!

Termont, então, separa-se do grupo funebre, e, dirigindo-ae a Pont-Croix, que se está vestindo, ajudado por Préfont:

— Está morto!... diz elle.

Clemente franze o sobr'olho, o rosto annuvia-se-lhe tristemente. Volta-se para não vêr aquelle grande corpo branco estendido em cima do tojo; depois, quasi em voz baixa:

— Era valente: acabou como um homem de brio. Foi melhor assim.

E como Termont, admirado, parece interrogal-o com o olhar:

— Meu caro, diz elle, faze-me o favor de pedir a M. Nuno que venha falar comigo. Tenho uma cousa importante a communicar-lhe... Já não precisam de mim, não é verdade?

— Não! Que diacho! E' bastante trabalho para um dia.

— Bem! eu vou com o Préfont para o lado das caruagens...

— N'esse caso manda-nos o guarda e os creados para transportarmos aquelle pobre rapaz, diz Termont, commovido. Sabes que sou muito teu amigo, Pont-Croix, mas tambem era muito amigo de Brucken. Ha dez annos que caçávamos juntos: isto faz crear afeição... Realmente, não tiveste a mão feliz!...

Clemente ergueu a cabeça e, no mesmo tom que empregara o amigo, repetiu:

— Não lamente o que succedeu: foi melhor assim!

E, pegando no braço do primo, dirigiu-se para a casa do guarda.

— A ferida não te incommoda?

— Alguma cousa.

— O cirurgião podia tratar-t'a.

— Ora! é uma arranhadura que estará curada dentro em oito dias. O Celestino arranja-me isto d'aqui a nada.

Desembocaram na encruzilhada. Os creados e o guarda viam-os aproximar-se, com anciedade.

— Vão todos ter com aquelles senhores, disse Préfont.

Dominados pela curiosidade, os homens iam correr para o logar do combate. A presença de Nuno, chegando apressado, acalmou-lhes o ardor. Esperaram que elle não pudesse vê-los para desatarem a correr.

Nuno dirigia-se a Clemente, com o horror do combate ainda impresso no rosto. Acercou-se-lhe com um certo respeito medroso que faria rir, em circumstancias menos tragicas.

— Deseja falar-me, senhor marquez? Aqui estou ás suas ordens.

— O senhor ignorava as causas da minha disputa com M. de Brucken, disse Clemente. Agora devo esclarecel-o, porque a morte do seu amigo torna possível, immediata-

mente, uma explicação que seria addiada se elle vivesse. Não foi Rabasson que assassinou o guarda Strehley. O acaso fez-me saber a verdade, a qual tambem era conhecida de M. de Brucken, e foi quando eu o intimei a denunciar o verdadeiro culpado, que elle se entregou aos actos que motivaram este duello.

— Mas quem praticou o crime? perguntou Nuno.

— Este papel explicar-lhe-ha tudo, melhor do que muitas palavras.

E tirou do bolso a declaração assignada por Huberto, apresentando-a a Nuno. O banqueiro, empallidecendo, leu-a n'um relance, e, com a voz estrangulada por uma commissão mais violenta do que todas as que experimentava desde essa manhã:

— Elle! exclamou. Era elle?

— Comprehende agora por que motixo o ponho ao facto da situação. Ao senhor e a mais ninguem pertence revelar á justiça o que ella deve saber. O guarda estava ao seu serviço, o culpado era seu hospede. Tem o maior interesse em dirigir o negocio e em não deixar continuar as pesquisas que podiam ser feitas para um supplemento de informação... Quem sabe se não se chegaria a descobrir uma ou mais testemunhas que convem não comprometter?...

A estas palavras, Nuno dirigiu um olhar assustado a Pont-Croix: tivera, n'um segundo, a visão de Manuela intimada a comparecer perante o juiz de instrucção, e interrogada sobre as circumstancias do crime.

— Compreendeu, disse Clemente com um signal de cabeça. Communicando essa confissão ao tribunal, livra-me de parecer que quero perseguir o meu adversario além da morte. Eu não o odiava, apesar de elle me odiar a mim. E em tudo isto, foi mais infeliz que culpado.

Selim respondeu com um grunhido surdo, que não se assemelhava a um signal de aprovação. Amarrotava o papel nas mãos cabelludas, agitadas por um tremor febril.

— Peço-lhe que me desculpe tel-o encarregado d'esta

penosa missão. Mas, a todos os respeitos parece mais conveniente ser o senhor que a execute. Ha de cumpril-a, não é verdade? Posso contar com isso?

— Pode.

— Muito bem.

O marquez ergueu levemente o chapéu, com a mão esquerda, e, deixando Nuno, foi ter com M. de Préfont.

— Vamos para casa, meu amigo: não temos nada a fazer aqui.

— Ainda bem para os que ficam! disse o barão com um sorriso. Encosta-te ao meu braço.

Subiram para o trem, e partiram. Pelo atalho avançava o lugubre cortejo das testemunhas, precedendo os homens que levavam Brucken. Nuno, immovel, sombrio, via-os aproximar, repetindo: Era elle! era esse miseravel! Não me tinham mentido: ella enganava-me com elle!

Uma raiva surda transtornava-lhe o espirito, e o ciume exasperado não se acalmava deante d'aquelle cadaver.

— Onde havemos de collocar este pobre rapaz? perguntou Termont.

Selim dirigiu-lhe um olhar atroz, e, com a sua voz aspera, que a colera tornava mais rouca, no mesmo tom em que diria: Em casa do diabo! gritou:

— Na casa do guarda!

E, como Termont se mostrasse dolorosamente admirado:

— Pensava que ia leval-o para o palacio? De mais elle ha de ser transposto para Paris, não é verdade? Então, está aqui mais perto da estação!

Arrastado pela violencia, deu alguns passos em direcção á padiola onde o corpo estava extendido. Teve um gesto de ameaça. Vendo, porém, que os creados o examinavam, esperando uma ordem:

— Para debaixo do alpendre! bradou.

Em seguida voltou-se para Francfort e Termont:

— Veem comigo?

— Não! Ficamos para vêr arranjar tudo.

— Como quizerem: mandar-lhes-hei o trem.

— É inutil: voltamos a pé.

Nuno ia afastar-se. Termont correu atraz d'elle e, agarrando-o pelo hombro:

— O que tem, Selim? Que maneiras são essas? Não parece o mesmo, meu caro.

— Bem! bem! disse o banqueiro com um riso amargo, mais tarde perceberá tudo. Mas creia que não faço cousa alguma que não seja justificada! Até á vista.

E deixou o amigo bruscamente. No trem, pareceu-lhe que o movimento lhe activava as idéas. Rememorou, febrilmente, todos os factos decorridos havia uma semana. O pedido da mão de Esther por Brucken, com o apoio de Manuela, a resistencia de sua filha, como se ella conhecesse a infamia do homem que queria desposal-a; depois, a denuncia de Strehley, o incendio do pavilhão das entrevistas, a fuga do homem, a entrega da mulher, o furor d'esta, a sua arrogancia, as suas ameaças, a habilidade com que ella desviara as suspeitas para outro, o alibi extraordinario apresentado por Huberto, a prisão do caçador furtivo, a intervenção de Pont-Croix... Tudo, tudo, n'esse instante lhe acudia á memoria, n'um encadeamento logico, uma clareza deslumbrante, a ponto de perguntar a si mesmo como pudera hesitar em julgal-os culpados.

Sim, enganavam-o, os infames! Ella, em quem tinha tanta confiança! Elle, a quem tratava como filho! Como deviam ter rido da sua credulidade! A pallida e contrahida physionomia de Huberto agonisante apresentava-se-lhe á vista, e pensou ferozmente: Ahi está um que não torna a rir! Emquanto á outra... Oh! a outra, a sua cumplice, hei de vingar-me d'ella! Desmascaral-a-hei, lançar-lhe-hei o meu desprezo na cara. Saberá o que penso do seu procedimento, da sua cobarde hypocrisia. Porque ella foi cobarde: abandonou aquelle desgraçado depois de o ter perdido. Sim, perdeu-o: como é possível duvidar? Huberto tinha o maior interesse em poupar-me. Mas a maldita creatura estava

ali, perto d'elle, e elle não poudo resistir. Oh! essa mulher tão seductora, cujas seducções eu julgava serem todas para mim! Todas essas bellezas, todos esses encantos, prodigalisava-os a outros! Em quem hei de ter confiança, agora? Ella tinha umas maneiras tão innocentes, uma attitude tão correcta! Seria capaz de jurar que não amava ninguem a não ser eu. Oh! miseravel! miseravel! Que castigo inventarei que seja bastante cruel para a sua culpa? Só encontro um: abandonal-a brutalmente, deixal-a na miseria. Sim, que diga adeus ao dinheiro e ao luxo! O que fará ella? Porque estava acostumada a gastar ouro ás mãos cheias. Ninguem será tão generoso como eu era. Custava-me os olhos da cara com os seus ares desinteressados! Que vá para o diabo! Ah! para mim acabou-se a felicidade. Terei de renunciar a tudo o que constitue o encanto da existencia. Nem ao menos a illusão do amor!

Cahiu n'uma melancolia desolada. Mas, fosse qual fosse o seu pesar, não lhe diminuia a colera. Quando o trem parou á entrada do palacio, estava tão animado, tão resolvido a proceder rigorosamente, como no primeiro momento de cólera. Esther achava-se, como por acaso, na galeria do rez-do-chão. Menos preocupado, Nuno poderia julgar que sua filha o esperava. Dirigiu-se para elle com vivacidade. O banqueiro abraçou-a ternamente, como costumava, nos momentos de contrariedade. Ella fitava-o anciosa, não se atrevendo a interrogar-o, tal era o medo que tinha de ouvir a resposta. Elle arrastou-a para o seu gabinete, e, atirando o chapéu para cima de um movel:

— Ai, minha pobre filha! disse elle.

Ouvindo esta lamentação, Esther teve a horriavel suspeita de que seu pae adivinhara por quem ella tremia, e que a preparava para lhe annunciar a morte de Clemente. Empallideceu de um modo horriavel, e, não podendo supportar a sua indecisão:

— Qual? balbuciou ella. Qual dos dois?

— Brucken.

— Morto?

Nuno não respondeu. Baixou a cabeça.

Esther sentiu como que um orvalho celeste, refrigerante e delicioso, cahir sobre o fogo ardente do seu cerebro. Sentou-se sem dizer uma palavra, e as lagrimas correram-lhe dos olhos enquanto os labios murmuravam acções de graças. Não reflectiu no que havia de atroz na sua alegria, não viu senão uma cousa, que Clemente estava salvo e que os seus rogos tinham sido attendidos.

Foi interrompida por seu pae, que, de pé deante d'ella, dizia:

— Espera-me aqui. Vou falar a M.^{me} del Peral.

Ella fitou-o com espanto. Todo entregue ao seu contentamento, não pensara mais na bonita portugueza, causa principal de todas aquellas desgraças. Ergueu-se:

— Mas, meu pae, M.^{me} del Peral foi-se embora, ha duas horas...

— Foi-se! exclamou Nuno. O que! não poderei annunciar-lhe o resultado das suas infamias? Ah! foi-se embora! repetiu elle. Fugiu!... Não se atreveu a afrontar a minha presença! Não me admiro! Ah! minha filha, tinhas razão! Aquella mulher é um monstro, commetteu crimes!...

E como Esther o ouvia sem um signal nem uma phrase de approvação:

— Não podes imaginar, pobre creança, do que ella era capaz! A tua innocencia teve a intuição da sua indignidade. Mas, se soubesses...

— Eu sabia, meu pae, disse Esther gravemente, sabia que tinha motivos para temeí-a, e hontem soube que tambem os tinha para desprezal-a.

— Aquelle Brucken, que ella pensou em casar comtigo! Aquelle bandido, que vivia debaixo do meu tecto, que me roubara a confiança e a afeição, e me trahia com ella!... Sim, foi para que eu não o surprehendesse no pavilhão onde estavam juntos, que esse animal feroz estrangulou o desgraçado Strehley. E, sem a intervenção quasi providen-

cial do marquez de Pont-Croix, deixava condemnar um inocente. E era esse homem que ella queria impor-nos, a ti, para marido, a mim para genro! Elle era muito vil, muito miseravel... E, ainda assim, valia mil vezes mais que ella!

—Meu pae, devia lembrar-se sempre do que está dizendo.

—Julgas que posso mudar de opinião a seu respeito? exclamou Nuno, cessando de passear de um lado para o outro.

—Espero que não, mas devo confessar-lhe que M.^{me} del Peral pensa o contrario.

—Disse-t'o?

—Com a maior serenidade, como quem tem a certeza do que affirma.

—Que impudente creatura! Pois verá! Preferia morrer a achar-me outra vez na sua presença!

—Afiança que não precisa mais do que fazer um gesto para meu pae correr para junto d'ella.

—Depois de se ter portado comigo de um modo tão abominavel?

—Ainda que fosse mil vezes mais criminosa!

—Ella julgar-me-ha demente? exclamou Nuno exasperado. Mas, se eu tivesse a fraqueza de perdoar-lhe o mal que ella me fez, nunca seria tão louco que esquecesse o que ella queria fazer-te! Não, minha filha, não receies que eu mude de idéas a respeito d'essa mulher. Até aqui tive illusões, agora vejo tudo perfeitamente. Está acabado! Tornar a vel-a? Não posso supportar essa idéa. Amei-a muito: era tão encantadora! Nem mesmo tu pudeste esquivar-te á influencia que ella exercia em ti... Conquistara-te... Agora, odeio-a! Temos de voltar á nossa boa intimidade de ha dois annos, enquanto essa perfida creatura não se introduziu entre nós para nos desviar. Eramos felizes, tornaremos a sel-o. A tua ternura consolar-me-ha das minhas desillusões! Na minha idade não se deve pen-

sar senão na família... Serás tudo para mim e viverei unicamente para te amar!

— Ah! meu querido pae, disse Esther, se eu pudesse acreditar que as suas resoluções são duráveis...

— Mas, duvidar d'isso é offender-me...

— Veja que situação seria a minha se meu pae tornasse a cahir na dependencia de M.^{me} del Peral e se quizesse impor-m'a como antigamente!

— Eu estava doido!... Não tornará a dar-se esse caso. Queres que te jure?

— Basta que torne a vel-a para estar tudo perdido!

— Fugirei d'ella.

— Fugir?... Ah! como se sente ainda pouco senhor de si!...

Nuno ficou silencioso, humilhado pelas duvidas da filha, sentindo, no emtanto, que eram justificadas e não querendo protestar mais a sua sinceridade.

Esther aproximou-se d'elle e, com gravidade solemne:

— Ouça, meu pae, a hora que atravessamos deve ser decisiva para ambos. Até agora supportei as suas fraquezas: não quero soffrer mais com ellas. Affirma que o seu rompimento com M.^{me} del Peral é definitivo: quero crer o que diz. Mas, em troca, faço-lhe a seguinte declaração: acaba de oscolher entre ella e eu. Em sua casa será uma ou outra. Se tornar a vel-a, partirei!

— O que! deixavas-me só, Esther? exclamou Nuno, assustado com a resolução impressa no rosto da filha.

— Não o deixava só, meu pae, porque teria M.^{me} del Peral... Repito-lhe: ella ou eu. Sou maior, independente. Afastava-me para o deixar gosar a sua liberdade.

— Pois seja! É um compromisso que me pedes: acceito. Estou bem emendado, descança, não tens nada a temer.

— Queira Deus que seja verdade.

Foram interrompidos pela chegada de Francfort e de Termont, que voltavam de casa do guardião do Bosque-Quei-

mado. Esther soube então, minuciosamente, os pormenores d'aquella terrível manhã. Tremeu de horror imaginando Pont-Croix lutando com Brucken. Orou mentalmente pelo descanso eterno d'aquelle que acabava tão mal a existência. Sem parecer interrogar, soube obter informações ácerca do estado de Clemente. Termont e Francfort vinham da Commenda, onde a acta do duello fôra redigida com Préfont. O marquez, muito bem disposto, fizera as honras da casa como se nada tivesse succedido. Tinha apenas de trazer o braço ao peito durante oito dias.

(Continúa).

Georges OHNET.

MAL SECRETO

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma e destrôe cada illusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora
Vêr, atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, comsigo,
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como visível chaga cancerosa...

Quanta gente, talvez, no mundo existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosai

RAYMUNDO CORREIA.
(BRAZILEIRO).

SERINGAPATAM

Em uma das minhas excursões pelos estados *nominaes* do rajah de Mysore tive occasião de visitar a cidade de Seringapatam, antiga e esplendida capital que foi d'aquella região, e a cuja fortaleza se ligam tão gloriosas tradições.

Foi ella, por assim dizer, o centro das lutas entre os Estados sul indianos, habilmente aproveitadas pela Inglaterra para enfraquecer aquelles Estados e para, com maior facilidade, d'elles todos realmente se apoderar, embora exteriormente pareça que a alguns permite umas sombras de scberania.

O que já da fortificada cidade eu conhecia, a sua gloria e antigo esplendor, as interessantes informações, mais ou menos phantasiosas, que pessoalmente ouvi de alguns habitantes da decahida capital, levaram-me a deter-me um pouco sobre o estudo do seu passado. Do que d'elle colhi hoje uma resumidissima idéa, n'estes despretenciosos apontamentos, passando em claro pormenores interessantes e detalhes technicos, bastante precisos, sobre os dois cercos que lhe fizeram os inglezes. Taes detalhes melhor

cabimento terão em qualquer jornal militar: aqui não excitariam interesse algum.

Seringapatam está situada n'uma ilha, entre dois braços do Kaveri, o rio sagrado do sul, 9 milhas a N. E. de Mysore, a moderna capital do Estado, e distando 78 milhas de Bangalore, onde os inglezes teem o nucleo das forças europeias pertencentes á presidencia de Madrasta, e onde tambem vive o residente britannico nos Estados do rajah, dos quaes a cidade de Bangalore tambem faz parte.

A linha do maximo comprimento da ilha fórma perto de 15° de inclinação com a linha E-O, e mede um pouco mais de 5,5 kilometros. A sua maxima largura, ao centro, é de quasi 2,5 kilometros.

A ilha vae estreitando do centro para as extremidades; não é inundada, ainda nas maiores cheias do rio; o seu clima é pouco salubre e o solo relativamente fertil.

A fortaleza, situada no extremo oeste da ilha, acha-se, sobretudo no seu recinto exterior, em bom estado de conservação e cobre uma area de mais de 1:500 metros quadrados.

Antes de 1792, epocha em que soffreu o primeiro cêrco dos inglezes, as muralhas, em quasi toda a sua extensão, eram formadas de enormissimos blócos naturaes de granito: as faces norte e sudoeste tinham mesmo junto a si o rio, excellente fosso aquatico que nem era navegavel nem vadiavel desde junho até setembro; os outros fossos eram cavados na rocha.

Posto que na face norte se tivesse tido o enormissimo trabalho de talhar nos rochedos da margem uma esplanada extensa, no emtanto a escarpa e a contra-escarpa haviam ficado interrompidas em dois pontos. Nas faces leste e sudoeste havia duplas muralhas e respectivos fossos. As portas eram defendidas por obras exteriores; no centro

da fortaleza e no reparo do sul havia alguns cavalleiros e o angulo noroeste era reforçado por uma obra interior.

Depois da epocha mencionada, a fortaleza augmentou os seus meios de defensa. A léste da praça fez-se um caminho coberto em cremalheira, de fôrma a defender esta face dos fogos de enfiada da margem norte do rio. Obras de character identico foram feitas na face norte, que era dominada pelas alturas visinhas; n'esta face foram tambem construidos cavalleiros e travezes de *leivas*. Addicionou-se ao angulo nordeste um baluarte do mais moderno systema europeu d'aquella epocha. Antes do cêrco de 1799 foi levantado um segundo parapeito interior protegido por um profundo fosso na face norte.

Por esse tempo construíram-se tambem algumas eclusas para regular a entrada e sahida da agua nos fossos.

Desde o angulo nordeste até Dariadault, palacio de verão do famoso Tippu-Sultão, construiu-se um parapeito sobranceiro ao rio, cuja margem foi cortada a prumo. A parte leste do jardim do palacio foi defendida por um entrincheiramento, que depois, reflectindo-se, seguia até á ponte de Periapatan.

De todas estas obras pouco resta hoje em pé. As canhoneiras sem peças, as banquetas abandonadas, os postos de observação sem sentinellas, as portas escancaradas e carcomidas, a cidade morta e sem bulicio, tudo nos causa invencivel pezar, quando nos lembramos dos grandes estragos que menos de um seculo pode fazer n'uma cidade guerreira, que dominou todo o sul da peninsula e que tão graves apprehensões causou aos actuaes dominadores da India.

O major Dirom, que fez parte do exercito sitiante em 1792, dá-nos da Seringapatam d'esse tempo uma pomposa descripção.

Conta elle que todo o espaço entre a cidade, situada a oeste e Lal Bagh, a leste da ilha, onde actualmente se

acham os tumulos de Tippu, de sua mãe e de Haider, seu pae, estava antes da guerra, povoada de casas que formavam um delicioso e extenso suburbio, de que hoje apenas é bem reduzido resto a aldeia de Ganjam; o que falta foi mandado arrazar por Tippu, para dar lugar ao estabelecimento de baterias e para desembaraçar o campo de tiro da fortaleza.

A cidade assentava na parte media e mais alta da ilha, tinha ruas regulares e espaçosas, emsombreadas por copadas arvores e ladeadas por casas magnificas.

No extremo oeste, no recinto da fortaleza, que se distinguia pelas suas brancas muralhas, existiam tambem sumptuosos edificios, antiquissimos pagodes hindus, que contrastavam singularmente com os não menos esplendidos monumentos, erigidos mais recentemente em honra de Mahomet, pelos sultões Haider e Tippu. Em Lal-Bagh, além de já então existir o magnifico e sumptuoso mausoleu de Haider, construido por Tippu, que hoje tambem ali repousa ao lado de seu pae, elevava-se a mesquita e o soberbo palacio do *Tigre de Mysore*, nome que os inglezes deram ao temido Tippu Sultão.

Que differença entre o passado e o presente!

A fortaleza existe desmantelada e como que envergonhada da miseria em que se encontra. Os inglezes, com todo o cuidado e carinho, conservam religiosamente no mesmo estado, *apenas* a brecha por onde penetraram em 1799 as suas columnas de assalto; o resto vae, pouco a pouco, sendo destruido. Existe a mesquita do sultão, a aldeia de Ganjam, Dariadaulât, o palacio de verão de Tippu, o seu tumulo e o de seu pae; mas, as brancas muralhas, os pagodes hindus, os sumptuosos edificios, o soberbo palacio de Lal-Bagh, as boas casas e os seus ricos habitantes, tudo, tudo desappareceu! O destino da cidade acompanhou o da fortaleza; a decadencia de uma seguiu-se ao desmantelamento da outra.

Ainsi, donc, perissent les ouvrages des hommes!

Sob um certo ponto de vista a historia de Seringapatam é quasi o typo exacto da hislória do Hindustão.

Primitivamente *hindu*, ameaçada, ora pelos *mouros*, ora pelos *mahrattas*, foi transformada em capital mahometana do sul da India, e succumbiu, por fim, ás mãos da nação que, na India, subjugou aquelles tres povos.

A historia de Seringapatam remonta ao anno de 1133. Conta-se que n'esse anno um rajah da dynastia Ballal, que professava o *jainismo*, fôra convertido ao brahmanismo, e que ao brahmane, seu conversor e aos que o acompanhavam concedera o tracto de terreno, de ambos os lados do rio, conhecido então, como agora, pelo nome de Ashtagram, ou oito concelhos. Os successores dos primitivos donatarios conservaram a posse dos referidos terrenos, sujeitos sempre á dynastia hindu que reinava em Bisnagar.

Em 1454, um d'elles, Timmaná, pediu e obteve licença para fundar uma cidade fortificada e um templo na ilha do Kaveri. Aquella recebeu o nome de *Xry-Ranga-patan*, ou cidade do Deus Ranga, em honra do qual tambem foi erigido o templo, de pequenas dimensões a principio, mas consideravelmente augmentado depois á custa dos materiaes de demolição de 101 templos *jainistas* da Kalaswary, aldeia que existe a meio caminho entre Mysore e Seringapatam.

Por algum tempo foram Seringapatam e seus territorios governados pelos descendentes de Timmaná, mas a crescente importancia da cidade determinou o rajah de Bisnagar a collocar no governo d'ella um vice-rei de nomeação sua, o que parece ter sido levado a effeito nos fins do seculo XV.

Ora, em 1564, o reino de Bisnagar succumbiu á colligação dos reis mouros de Deckan. Com esta deposição nada soffreu Seringapatam, e o vice-rei de Bisnagar, Trimal Raj, não foi inquietado pelos mouros, que muito menos cuidados lhe causavam do que o rajah de Mysore, com quem

tivera já varias desavenças. Em 1610, gasto pelos annos e pela doença, vendo que, mais tarde ou mais cedo, o poder cahiria nas mãos do seu ambicioso visinho, e querendo findar em socego os seus dias, entregou a cidade a Raj Wadiar, que então reinava em Mysore e que transferiu para Seringapatam a séde do governo.

Vinte e oito annos depois sustentou Seringapatam o seu primeiro cerco, posto pelas tropas do rei mouro de Bijapur, commandadas por Rand Dhula Khan. As tropas de Mysore eram commandadas pelo proprio rajah, Cantarava Narsá Raj, rapaz muito novo, terceiro descendente de Raj Wadiar. Os mouros chegaram a fazer uma brecha praticavel e a dar assalto á praça; mas, não só foram repellidos, como tambem valentemente perseguidos e derrotados.

Em 1662, isto é, 28 annos depois do primeiro cêrco, veio atacal-a o rajah de Bednur, excitado a isso por um descendente da antiga dynastia de Bisnagar, que se havia refugiado n'aquella côrte. Ainda d'esta vez os assaltantes retiraram vencidos, com enormes perdas, para Bednur.

Em 1697 foi a praça repentinamente atacada por Zulficar Khan, general do famoso conquistador Aureng-Zeib. O corpo principal do exercito de Mysore achava-se então junto de Trichinopoly, sob o commando de Dalwai ¹; em Seringapatam estava apenas uma pequena guarnição. O Dalwai apressou-se a mandar um exercito de soccorro, que surprehendeu o inimigo e o derrotou.

Depois, em 1755, foi atacado pelas tropas do Subadar do Deckan, sob o commando de Bussy, o brilhante official francez que tanto se illustrou na India pelos seus notaveis feitos militares. Do exercito sitiante faziam parte 500 francezes. O fim de Subadar de Deckan era exigir um tributo, que pelos rajahs de Mysore fôra promettido mas ainda não

¹ Titulo inherente ao cargo hereditario de commandante em chefe das tropas do rajah de Mysore.

pago. Também a esse tempo, o grosso do exercito se achava em Trichinopoly, em lucta com os inglezes. O Dalwai, Devaraj Urs, que se achava em Seringapatam, vendo que não poderia resistir até que chegasse o exercito de soccorro, graças á rapidez das operações de Bussy, decidiu-se a pagar os 15 lacks ² de rupias exigidos. Mas, como os cofres do thesouro estavam vãos, apenas se poudo realizar um terço da quantia com as alfaías dos templos hindus e com as proprias joias do rajah. Entregaram-se refens como penhor do resto, mas falleceram na prisão, visto como tal pagamento se não effectuou nunca.

Dois annos depois, o Peshwa (³), Balaji Rau, veio por sua vez sitiá-lhe Seringapatam. O paiz achava-se então dividido por discordias internas; o rajah só nominalmente governava; o Dalwai e seu irmão disputavam-se o poder; apesar d'estas agitações, a fortaleza teria resistido, graças ás sábias disposições tomadas por Nanjanraj, irmão do Dulwai, se o exercito de soccorro chegasse a tempo, de Dindigul, onde se achava. A cidade viu-se forçada a capitular e Nanjanraj teve de ceder 14 dos seus districtos e pagar aos mahrattas 5 lacks de rupias.

Depois d'esta epocha começa uma era nova para Seringapatam. A decadencia de poder dos rajahs accentuára-se depois da morte de Chick Deu Raj, em 1704; desde então eram os Dalwais que governavam.

Um dos mais habéis, Devaraj Urs, administrou o Estado com grande tino, mas foi destituído das suas funcções por seu irmão Nanjanraj. Este havia notado o valor e intelligencia de um official de fortuna, mahometano, Haidar-Ali, e chamou-o para junto de si, a fim de reorganisar o exer-

² Cada lack vale 100:000 rupias.

(³) *Peshwa* era o titulo dos primeiros ministros do imperio mahratta, que depois conseguiram apoderar-se do throno; mas que, mesmo soberanos, nunca deixaram o titulo de Peshwa.

cito. Como não abundasse o dinheiro necessario para o completo pagamento ás tropas, Nanjanraj resignou desgostoso o seu cargo. Haider tão habilmente soube manobrar que conseguiu, ajudado por Khandé Rau, hindu seu amigo, o dinheiro necessario para regular as contas com o exercito e fazer n'esta instituição grandes reformas; reintegrou depois d'isso Nanjanraj no seu cargo, em que, a breve trecho, foi substituido por Khandé Rau.

Haider, em paga dos seus serviços, recebeu mais de metade dos territorios do Estado e, desde então, «começaram a sorrir-lhe propicias as auras da fortuna». Bem cedo a nobreza hindu se arrependeu de haver concorrido para a elevação do ambicioso mahometano, e a rainha, Nanjanraj e Khandé Rau pozeram-se á testa de uma conspiração para se livrarem d'elle. Atacado no jardim de Dari-a-Daulat, teve de fugir e deveu a vida a ter-se deitado ao rio, Pouco tempo depois, tendo conseguido levantar um corpo de tropas, derrotou o exercito de Nanjanraj e Khandé Rau, em Nanjangud, e, marchando sobre Ganjam, dictou d'alli as suas condições ao fraco rajah. Succedia isto em 1761, e, desde então, foi Haider o verdadeiro rei de Mysore: o rajah, preso no palacio, reinava só nominalmente.

O poder crescente de Haider fazia sombra aos seus visinhos, e o Nizam, os mahrattas e os inglezes levantaram-se contra elle. Batido pelo coronel Smith em Changama e em Tirunamalé, Haider dirige-se a sitiar Ambur; Smith força-o a levantar o cêrco e marcha para Bangalore. Smith é depois substituido por Wood, a quem Haider derrota; em seguida marcha sobre Madrasta com seu filho Tippu, á frente de 5:000 cavalleiros escolhidos, e fôrça o governador a assignar a paz, em 29 de março de 1796. Cada um dos dois belligerantes ficava com as possessões que tinha antes da guerra e firmava-se entre elles um tratado de alliança offensiva e defensiva. Foi esta uma das mais audazes acções de Haider, que soube, n'esse relance, aproveitar-se da distancia a que os seus inimigos estavam de Madrasta para

dictar aos orgulhosos bretões a paz sob os muros d'aquella cidade.

Em 1772, Trimbak Rau, á frente de um exercito de mah-rattas, invadiu o territorio de Haider; este, fundado no tratado de Madrasta, pediu auxilio aos inglezes, que se negaram a dar-lh'o, pois que á sua politica convinha que os diversos soberanos mutuamente se enfraquecessem. Haider foi derrotado em Chirkuli, 11 milhas a oéste de Seringapatam. É tradição que elle, no dia da batalha, se achava em completo estado de embriaguez e que até batera tanto em Tippu, que este ficára doente de cama. A derrota em Chirkuli foi completa; o exercito de Haider, quasi desarmado, cheio de terror panico, precipitou-se cegamente em Seringapatam, que elle não teria podido defender se fosse perseguido por Trimback Rau. Mas este ficou assolando a região e só appareceu diante da capital no fim de dez dias.

Preferiu ao cêrco um bloqueio, que durou 15 mezes e que terminou por Haider ceder sete dos seus melhores districtos da fronteira norte aos mahrattas e pagar-lhes 5 lacks de rupias, segundo uns, ou 15 segundo outros.

Não desanimou, porém. Dentro em pouco reconquistou o Coorg aos mahrattas, Calicut e Gooty.

Em 1778 as suas possessões estenderam-se até ao Krishna.

Por esta epocha a America, ajudada pelos francezes, lutára pela sua independencia. Os inglezes conquistaram então as possessões francezas de Pondichery e Mahé. Haider, cujos territorios confrontavam com os d'esta possessão, não lhe agradando os seus novos vizinhos, alliou-se com os mahrattas e com o Nizam, seus recentes inimigos, e, á frente de 90:000 homens, dos quaes 400 francezes, commandados por Lally, sobrinho do general d'este nome, marchou sobre o Carnatico, apoderando-se de todas as praças e chegou a algumas milhas de Madrasta. Para deter a invasão, mandaram os inglezes ao seu encontro o coronel Baillie, que foi derrotado no combate de Pollilur, em 10 de

setembro de 1780, e aprisionado com cerca de 2:000 soldados europeus. Esta derrota acha-se representada, d'uma maneira bastante ingenua e primitiva, em uns frescos muito bem conservados, pintados por artistas nativos, sobre um dos muros exteriores de Dariadaulê, palacio de verão de Tippu.

Baillie morreu prisioneiro em Seringapatam em 13 de novembro de 1782 e os seus restos repousam em um tumulo que, perto de Lal-Bagh, lhe mandou erigir um seu sobrinho em 1816.

Em vez de marchar sobre Madrasta, Tippu foi sitiar Vellore, mas, á chegada de sir Eyce Coote, levantou o sitio e foi em perseguição dos inglezes; foi batido em Porto Novo e em Pollilur, mas chegou a reconquistar Gudalur, emquanto seu filho Tippu aprisionava Braithwaite que acabava de tomar Negapatam. Depois, pelos manejos dos inglezes, os mahrattas voltam-se contra Haider, que, apesar do auxilio dos francezes, é batido em Arni. O Coorg, Mangalore e Tellichery tinham-se revoltado; Tippu dirigiu-se á costa do Malabar para suffocar a rebelião, e alli soube da morte de seu pai, em seguida ao combate de Orni, a 17 de dezembro de 1781.

Haider, que foi um grande politico e um habil general, não sabia lêr, o que não o impediu de, ao morrer, deixar perfeitamente organizado e aguerrido um exercito de cem mil homens; no thesouro deixou 3 crores ⁽¹⁾ de rupias, além de uma enormissima porção de pedras preciosas. Seringapatam prosperou enormemente no seu tempo e chegou ao auge da opulencia, sendo sem contestação a mais rica e a mais poderosa cidade do sul da India.

Tippu, mal soube da morte do pai, dirigiu-se a Seringapatam, onde foi proclamado rajah; continuou depois com felicidade a guerra contra os inglezes, que por fim pedi-

(1) Cada crore vale 250 lacks.

ram a paz, a qual foi assignada em março de 1784 e em que cada um ficava com as suas possessões.

Tippu Sultão herdára do pai o odio aos inglezes, mas não lhe herdára o talento. Demais d'isso era um musulmano fanatico que odiava todos os *infeis*, fossem christãos ou gentios; este odio levou-o por vezes aos actos mais impoliticos. No Canará forçou perto de 30:000 christãos a fazerem-se musulmanos; do Coorg mandou sahir 70:000 para Seringapatam, a fim de obrigar-os a abraçar a fé de Mahomet. Como em Travancore havia muitos christãos, Tippu invadiu este paiz, alliado dos inglezes, e devastou-o, apesar da sua resistencia. Então os inglezes, os mahratas e o Nizam alliaram-se para combater Tippu e invadiram-lhe os seus dominios, sob o commando do proprio governador geral, lord Cornwallis.

Bangalore foi tomada em 7 de março de 1791, e a sua fortaleza em 21 do mesmo mez; as forças dos alliados appareceram diante de Seringapatam em maio, mas a falta de material de sitio, a doença das tropas e o mau tempo que se aproximava obrigaram as tropas a retirar para voltarem a 5 de fevereiro do anno seguinte.

Passando em claro as minuciosidades do cêrco, direi apenas que se decidiu atacar a fortaleza pela face norte, cujas muralhas eram mais fracas. Os inglezes operaram com rapidez e occuparam boas posições a norte e a léste, preparando-se para um cêrco em regra.

No exercito de Tippu as deserções eram constantes, ao passo que as tropas sitiadas recebiam continuos reforços e todos os dias ganhavam terreno. Apesar da sua constante actividade e energia, Tippu ia perdendo a confiança nos resultados da lucta; chegou mesmo a pôr em liberdade alguns officiaes inglezes prisioneiros e a envia-los a lord Cornwallis com propostas de paz. Os inglezes, enquanto as examinavam, continuavam com afan os seus trabalhos de ataque.

A 16 de fevereiro chegava o general Abercromby, com

um reforço de 6:000 homens do exercito de Bombaim. Os trabalhos avançavam sempre: Tippu, no dia 22, tentou desalojar as forças de Abercromby, que haviam tomado posição a S-O. Depois de uma renhida luta retirou com grandes perdas.

Este desastre e as informações que teve de que 20:000 mahrattas vinham reforçar os sitiante e avançavam para occupar posições ao sul, envolvendo-o completamente, decidiram-o a acceitar, no dia 23, em principio, as condições de lord Cornwallis. Foram então suspensas as hostilidades, que estiveram a ponto de recommençar, pela obstinação de Tippu em ceder o Coorg.

Por fim, a 19 de março, assignou um tratado em virtude do qual cedia mais de metade dos seus territorios e pagava 3 crores e 30 lacks de rupias! Os territorios e o dinheiro foram divididos pelos inglezes, o Nizam e os mahrattas, ficando os primeiros com a parte do leão. Dindigul, Tellichery e Calicut ficaram pertencendo a estes ultimos.

Apesar de tão notavelmente enfraquecido, Tippu não perdeu a esperanza e começou desde logo a preparar-se para nova luta. Reforçou notavelmente a fortaleza, como eu já atraz disse, ao mesmo tempo que fazia algumas uteis reformas economicas e de administração.

Na impossibilidade de lutar só, tratou depois de procurar alliados. Nem o Nizam, nem os mahrattas, largamente engrandecidos á custa de Tippu, se queriam malquistar com os inglezes, e rejeitaram a alliança.

Virou-se para o Afghanistan e, em 1797, mandou uma embaixada a Zemam Shah Abdali, que então alli reinava. Tambem aqui foi mal succedido.

Depois da tomada de Pondichery, havia francezes em todo o sul da India. Muitos se haviam refugiado em Serīngapatam, onde tinham estabelecido um *Club de Jacobinos* e levantado uma arvore da liberdade. Alguns occupavam postos importantes no exercito de Tippu e haviam ahi introduzido algumas reformas. Conseguiram que Tippu enviasse

uma embaixada á ilha de França e ao directorie, pedindo auxilio para expulsar os inglezes da India. O auxilio que o governador da ilha, o general Malartic, lhe enviou foi apenas de uns 100 homens, apesar da proclamação por elle feita em 30 de janeiro de 1798, aos habitantes da ilha, exhortando-os a ir prestar auxilio ao sultão. D'esta proclamação teve conhecimento em Calcuttá o governador geral, marquez de Wellesley (irmão do futuro duque de Wellington), que tambem fôra avisado de todos os esforços feitos por Tippu para obter alliados e que igualmente soubera da sua intelligência directa com a França pela interceptação de uma carta escripta por Bonaparte, do seu quartel-general no Cairo, com a data de 7 *Pluviose* do anno VII, dirigida a Tippu, dizendo-lhe que se achava alli com um exercito numeroso e invencivel e desejava ardentemente livral-o do jugo inglez, e pedindo-lhe que mandasse a Suez uma pessoa intelligente e de confiança conferenciar com elle. Tanto bastou para lord Cornwallis pedir contas do seu procedimento a Tippu, que, não se achando devidamente preparado, procurou ganhar tempo, mas por fim, muito instado, deu a Wellesley uma resposta altiva e arrogante. O governador geral determinou logo que o major-general Harris invadissee os territorios do sultão; para esse fim deu-lhe o commando de um exercito de perto de 50:000 homens, em cujo numero entravam 16:000 fornecidos pelo Nizam.

O plano de Harris era atacar Mysore por dois lados. De Vellore marcharia o proprio general Harris, seguindo para oeste; de Cananor viria o general Stuart, marchando para leste pelo caminho do Coorg. Tippu resolveu atacar separadamente cada uma d'estas forças e dirigiu-se a Periapatan para bater o general Stuart. Foi bem succedido a principio nas suas habeis monobras, em que não soube persistir; chegou mesmo a bater completamente uma brigada inimiga, que conseguira separar do corpo principal. Depois começaram os desastres: Tippu, sabendo que o

exercito de Harris avançava sempre, decidiu ir ao seu encontro e deixou apenas uma pequena força para vigiar e embaraçar a marcha de Stuart. Foi encontrar Harris em Malavali, a 40 milhas de Seringapatam; atacou-o logo, mas depois de uma brilhante carga de cavallaria, valentemente sustentada pela infantaria, apoiada pela artilheria, e, tendo perdido mais de 100 homens, retirou-se á pressa para Seringapatam, devastando completamente a região para embaraçar ou mesmo tornar impossivel a marcha do inimigo, que contava com os recursos do paiz que atravessava. Mas o general Harris, em vez de seguir pelo caminho directo, seguiu para Sosilla, perto da junção do rio Kabani com o Kaveri, e, atravessando este, foi tomar posições a oéste e a noroéste da fortaleza. Doze dias depois juntou-se-lhe o general Stuart, a quem mandou occupar posições d'onde podésse enfiar a face sudoéste por onde Harris resolvera atacar a praça.

A 20 de abril romperam fogo as baterias de Stuart, e Tippu foi successivamente sendo desalojado das posições que occupava fóra da fortaleza, e a linha parallela foi estabelecida n'essa noite diante da face sudoeste, a uns 700 metros das muralhas.

Tippu fez no dia 22 uma rigorosa sortida, chegando a penetrar nos entrincheiramentos inglezes; mas foi repellido, deixando no campo 700 homens.

Os trabalhos dos inglezes proseguiram com regularidade e segurança. Tippu pediu a paz; os inglezes impozeram-lhe estas condições: cessão de metade dos seus dominios, pagamento das despesas da guerra, entrega de dois de seus filhos como refens e occupação pelos inglezes de Serigapatam, até á conclusão da paz definitiva. Tippu nem se dignou responder.

Não me detendo nos pormenores do sitio, direi apenas que no dia 3 de maio a brecha aberta junto ao angulo noroeste estava praticavel e o assalto realisou-se na manhã de 4, commandado pelo major-general David Baird, que

estivera quatro annos prisioneiro em Seringapatam. O logar da ultima parallela, d'onde as tropas sahiram ao assalto, está ainda marcado por duas peças na margem do rio.

As tropas inglezas, chegadas ao alto da brecha, defrontaram com um segundo parapeito, de que, no dizer dos escriptores inglezes, só então reconheceram a existencia. Mas, a esse tempo, os parapeitos estavam quasi desguarnecidos, graças á teimosia de Tippu, que contra os sensatos avisos do seu mais habil general, Said Ghafir, que o prevenira do proximo ataque dos inglezes, mandara retirar as tropas das suas posições para lhes fazer pagamento! Não fôra tambem cortada uma estreita communicação entre os dois recintos fortificados. Foi por ella que os inglezes passaram e se apoderaram facilmente da cidade, apesar da tenaz resistencia que Tippu lhes oppoz por fim, á frente de um punhado de bravos, que o viram morrer valentemente, crivado de feridas e vendendo bem cara a vida.

No paiz corre insistentemente a tradição de que, para a tomada de Seringapatam, concorrera muito o traidor Purniah, *divan* ou primeiro ministro de Tippu, hindu falso e vingativo, que não podia vêr com bons olhos um estranho dominando o seu paiz. Não dizem, porém, se seria devido aos seus conselhos que, justamente á hora do ataque, Tippu desguarnecera os parapeitos. Purniah, dedicissimo depois aos inglezes, foi o *divan* que estes puzeram ao lado do joven Krishna Raj Wadiar, a quem elles deram o throno de Mysore em seguida á morte de Tippu, cujos territorios foram divididos entre os inglezes, o Nizam e o joven rajah, o qual então contava tres annos de idade e que era neto do rajah desthronado por Haider.

Seringapatam ainda foi falada em 1809, por se haver tornado o centro de resistencia de muitos officiaes e tropas da *Companhia*, indignados por umas insensatas ordens de sir George Barlow, então governador de Madrasta, e pelas desconsiderações feitas a varios officiaes da *Companhia*, que eram tirados dos commandos importantes e subs-

tituidos por officiaes do exercito da rainha. Não pretendo agora desenvolver este assumpto, que não é tratado pela grandissima parte dos historiadores da India, mas cuja importancia foi tamanha que levou lord Minto a escrever sobre o caso estas palavras:

*«The East India Company and, I may add, the British Empire in all its parts, never, I believe, was exposed to greater or more imminent danger.»*¹.

A esta lucta, que esteve prestes a travar-se e em que o numero dos officiaes descontentes era enorme, soube a Inglaterra atalhar a tempo, corrompendo alguns d'elles, levando-os a espalhar a sizania e o desanimo entre os rebeldes, levando outros a vingar-se das humilhantes ordens de Barlow e a reconhecerem em documento publico o seu erro; manobrou por fórma a deixar em resistencia aberta apenas um pequeno numero de officiaes, que promptamente foram castigados.

Seringapatam vive hoje apenas do seu passado. A não ser Daria Daulât, palacio de recreio de Tippu, e Lal-Bagh, jardim onde está uma pequena mesquita e o soberbo mausoléu de Haider e de seu filho, quasi tudo o mais são curiosissimas ruínas, de que em breve, pouco ou nada restará.

No emtanto, o viajante acha ainda muitas e muitas curiosidades dignas de demorada attenção.

Não é meu intuito descrevel-as hoje. Longo de mais vae o trabalho, que outros intuitos não tem mais que tornar-conhecida de muitos um pouco da historia da capital do

¹ Creio que a Companhia das Indias Orientaes, e posso acrescentar, o Imperio britannico, em todos os pontos que o constituem, nunca se viram expostos a perigo, nem mais imminente, nem maior.

«Frederico da India,» como os francezes chamavam a Haider, e tambem alguns factos da vida d'este e de seu filho, que tantos pesadellos causaram aos inglezes, durante as suas longas e porfiadas luctas no sul da peninsula.

Um dia, em prosa mais amena, talvez tente a descripção das curiosidades que a antiga capital ainda mostra a quem a visita.

Por hoje basta. *Jam sat prata biberunt.*

Mormugão, 3 de agosto de 1896.

ADRIANO DE SA.

NEMROD & COMPANHIA

XVI

(Continuação)

Depois de deixar falar os seus amigos, Nuno mostrou-lhes o documento que Pont-Croix lhe entregára. Foi um pasmo extraordinario, quando elle revelou que o assassino de Strehley era Brucken. Explicou, muito engenhosamente, que o guarda, furioso por o terem despedido, e sabendo que Huberto era a causa d'isso, o esperava no bosque para lhe fazer qualquer partida. O caso tivera um resultado differente do que o patife esperava. O vigor athletico de Brucken livrara-o do assaltante. Mas, na lucta, a mão pesara-lhe mais do que era necessario, e o guarda pagaria com a vida o seu criminoso intento. M.^{me} del Peral não entrava na questão, contada d'esta maneira. Já não se tratava de uma entrevista surprehendida. Tudo se limitava a uma baixa vingança de um subalterno expulso. Pelo maior dos acasos, o marquez de Pont-Croix descobrira o verdadeiro assassino de Strehley. E o duello, resultado da explicação que elle tivera com Brucken, havia detido este no momento em que ia revelar tudo, para fazer soltar o pobre diabo, preso em seu logar.

Ahi, Nuno, por muito habilmente que apresentasse os factos, não persuadiu tão bem os ouvintes. A attitudo impassivel de Huberto, quando o magistrado, na vespera,

procedia á devassa, não era a de um homem que vae entregar-se á justiça para salvar um innocente. A intervenção de Pont-Croix pareceu um pouco mais necessaria do que Nuno queria dar a entender. Mas, para que servia discutir? O culpado estava morto. O seu castigo fôra mais completo do que o que poderia desejar o mais rigoroso dos juizes. Só restava lastimal-o e dar uma pensão á viuva da victima.

— Posso ir hoje com o tio a Meaux, se quizer, disse Francfort a seu tio. Iremos pagar a visita ao procurador da Republica, faremos soltar o Rabasson, que não deixa, por isso, de ser um canalha refinado, e, á volta deixamos os nossos bilhetes em casa de M. de Pont-Croix. Fica assim liquidada esta desagradavel questão.

— Está dito.

A sineta chamou para o almoço.

— É verdade, disse Nuno, M.^{me} del Peral não está cá... Regressou esta manhã a Paris.

Termont e Francfort trocaram um olhar; mas, como Esther se achava presente, absteram-se de qualquer reflexão. A filha de Nuno, privada da excitação da expectativa, sentiu-se invadida por um grande cansaço e uma profunda tristeza. Emquanto receara pela vida de Clemente, não pensava no que succederia se elle ficasse são e salvo. Agora, lembrava-se de que ia partir e que ella ficaria, sem esperança de tornar a vê-lo. O futuro mostrou-se-lhe tão sombrio, tão desolado, que desviou d'elle o pensamento, com o coração oppresso. Confiando pouco nas resoluções de seu pae, não previa para ella, n'este mundo, senão desgostos, e, instinctivamente, os olhos dirigiram-se-lhe para o céu, como que pedindo-lhe um soccorro supremo.

XVII

Havia uma semana que M.^{me} del Peral regressara ao seu palacete da rua Fortuny. Não recebia noticias de Nuno,

e um amúo tão prolongado causava-lhe alguma admiração.

Estava-se no começo de novembro, e Paris povoava-se a pouco e pouco. No entanto, nenhum salão se abria ainda, e a bonita viuva não podia ter ocasião de fazer-se lembrada, indirectamente, a Selim. Esperou, portanto, jurando vingar se cruelmente das impaciencias que elle lhe causava, se tornasse a cahir na escravidão.

E, pensando bem, como podia isso deixar de succeder? Como não succedera já? A encantadora Manuela conhecia bem o seu poder, sabia de que maneira enlouquecia um homem, e o tornava incapaz de poder passar sem ella. Depois de ter visto Nuno arrastar-se-lhe aos pés, como um cão submisso, não admittia que, em oito dias, elle recuperasse o equilibrio da razão e o socego dos sentidos. Não! Elle resistia por orgulho, mas soffria, longe d'ella.

Bastava que se apresentasse uma ocasião de tornar a vê-lo, de encontral-o, que o acaso os collocasse na presença um do outro, e toda a sua antiga magia produziria novamente os seus effeitos no velho. As lembranças incendiar-lhe-hiam o cerebro, os desejos agitar-lhe-hiam o coração. E seria muito feliz em implorar de joelhos o perdão que ella havia de regatear-lhe, para o castigar da sua fingida indifferença.

Entretanto, installava-se em sua casa, apresentando uma physionomia tranquillã aos olhares curiosos da creada do quarto. Todos os dias ia passear ao Bosque, afim de se mostrar, de informar do seu regresso os frequentadores da alameda das Acacias, prodigalizando cumprimentos e sorrisos, contente por ser admirada, e tendo a certeza de que Nuno ouviria falar d'ella com brevidade. Com effeito, ainda não tinham decorrido dois dias desde que ella manobrava tão habilmente, quando Bernheimer, encontrando Nuno na Bolsa, lhe disse:

— Sabes? Vi hontem M.^{me} del Peral na alameda do Bosque de Bolonha... Ia muito bonita... Decididamente, é uma formosa mulher...

Selim recebeu um choque no coração. Dirigiu uns olhos ameaçadores ao seu rival em negocios e em galanteria, e não poudo proferir senão um «Ah!» abafado. Perdeu-se na multidão, com risco de fazer conceber suspeitas ao seu collega acerca das relações que existiam entre elle e a viuva. Perguntava a si mesmo, tremulo de colera, se Bernheimer não andaria já fazendo a côrte a Manuela. Aquelle bandido, pensou elle, sempre quíz tirar-me as mulheres de quem eu gostava! Talvez me dissesse isto para me experimentar. Então! e depois? O que tenho eu com isso, logo que estou decidido a não tornar a ver Manuela? Conquistaste-a, se puder e ella quizer. Será ainda mais maltratado do que eu!

Diligenciou não pensar mais na condessa, mas esteve preocupado durante o resto da sessão. Sahiu, pensativo, e metteu-se no *coupé* do seu secretario que estacionava sempre na rua da Bolsa, á esquina da rua das Columnas. No banco, tratou com aspereza os chefes de serviço, e partiu cedo para a estação de leste. Na Chevrolière mostrou-se preocupado, com momentos de animação que pareceram um pouco febris. Esther examinou seu pae com inquietação. Conhecia aquellas alternativas de prostração e de enervamento que se manifestavam quando Nuno estava em desaccordo com M.^{me} del Peral. Viu n'isso a prova de que seu pae continuava a pensar na bonita viuva, que talvez até quizesse aproximar-se d'ella.

No dia seguinte, Selim esteve alegre, vivo, amavel, como se tivesse empenho em fazer esquecer as suas maneiras da vespera. Não foi á Bolsa, caçou com os amigos. Na planicie de Précigny havia-se preparado um cerrado de coelhos, por meio de uma espera nocturna. Disparou quanto poudo, matou pouco, mas declarou-se encantado. Havia trezentos coelhos, doze lebres, e umas quarenta perdizes, na lista. Esther pensou que era rebate falso. Attribuiu o mau humor de seu pae a preocupações de negocios. Acreditou que elle já não pensava em M.^{me} del Peral e que

cumpriria as suas promessas. Elle foi a Paris dois dias a fio, e voltou sem que a physionomia trahisse o mais leve cuidado, sem apresentar nenhuma alteração nas maneiras. Ao terceiro, não voltou: produzira-se um incidente bem simples, e, no emtanto, bastante grave.

As tres horas, depois de tocar a sineta, Nuno ia, como costumava, pelo passeio da rua da Bolsa, em direcção á carruagem, quando uma mulher saltou ligeiramente d'um *coupé*, alguns passos adeante d'elle. Viu um bonito pé, uma figura encantadora; levantou os olhos para ver a cara e ficou estupefacto reconhecendo Manuela. Esta, quando o avistou fez: «Ah!» com ar assustado, córou, baixou as longas palpebras sobre os formosos olhos, sorriu tristemente, e, passando com rapidez, como que atemorizada, refugiou-se na loja do pasteleiro. Elle entrou tambem com a mesma rapidez, impellido por um desejo mais forte que todos os raciocinios. Manuela não pareceu dar pela sua presença; fez a encomenda de pasteis sem se voltar uma unica vez para elle. Mas Selim notou que a mão lhe tremia e que elle tinha a voz alterada. Nunca a vira tão bonita. Uma pequenina capota côr de malva emmoldurava-lhe a formosa cabeça, dando-lhe uma viva animação á tez. Um casaco justo, bordado a *soutache*, muito simples, moldava-lhe o busto roliço; uma saia de panno desenhava-lhe, a cada movimento, a elegancia das fórmãs. Nuno, agitado, com as fontes em braza, conservava-se immovel, á espera, como um cão á espreita de uma perdiz. M.^{me} del Peral deu a sua morada, e sahiu arrebatadamente, como entrara. Nuno correu atraz d'ella, ouviu-a dizer ao cocheiro: Para casa! e enquanto a portinhola estava aberta, antes que Manuela tivesse tempo de oppor-se, saltou para dentro do trem e instalou-se nas almofadas, ao lado d'ella:

— Está doido, senhor? gritou M.^{me} del Peral, vermelha de indignação. Desça immediatamente!

Elle não fez caso, e com ar supplicante:

— Então, Manuela... Ouça... Ainda está zangada?

—É odioso! odioso! exclamou ella. Visto que não obedece, desço eu...

E levantou-se para passar por deante d'elle.

Nuno agarrou-a, apertou-a phreneticamente nos braços, collou os labios á fazenda macia e quente do corpete, obrigou-a a sentar-se e fechou rapidamente a portinhola.

A esse ruido, o cocheiro partiu. O trem rodava pela rua Quatro de Setembro, dirigindo-se para a rua Fortuny.

—Vamos, Manuela, não seja má, disse Nuno tentando pegar-lhe na mão, que se desviou logo, contrahida e ameaçadora. Não fuja, então! Custa-lhe muito conversar um quarto d'hora com um homem que lhe tem dado provas sinceras de afeição?

A estas palavras, M.^{me} del Peral não deixou ver a Nuno senão a alva nuca, sobre a qual se annelavam os cabellos pretos, e uma orelhinha rosada, nacarada, travessa, que attrahia os labios. Ao mesmo tempo, ouviu-se um vago soluço.

—Está chorando, Manuela? exclamou o banqueiro fóra de si. Em nome do ceu, olhe para mim, fale-me, expliquemo-nos.

Agarrou-a pela cintura, e obrigou-a a voltar-se, e, com um pasmo delicioso, viu lagrimas correndo d'aquelles bonitos olhos. Perolas brilhantes, deslisavam, sobre as faces rosadas, para uma bocca palpitante que Nuno desvairado, daria cem mil francos para poder beijar. Resignada, como que extremamente constrangida, continuava a chorar, com a physionomia de uma virgem afrontando o martyrio.

—Manuela, tenha dó de mim, supplico-lhe! disse Selim, com o coração dilacerado. O que lhe fiz eu para estar tão irritada? Não quer olhar para mim, nem falar-me?

Ella, então, ergueu os olhos para elle, e foi de um brilho admiravel, esse olhar avivado pelas lagrimas que tremiam na extremidade das longas pestanas. Teve um ar tão desolado que Nuno esteve quasi a chorar, tambem, e gemeu, com voz entrecortada:

— Não pode deixar-me entregue á minha dôr? Não lhe peço nada além do esquecimento e do silencio...

— Mas porque, Manuela? Porque?

— Que me quer o senhor? Tudo acabou entre nós. Não me mandou expulsar de sua casa?

— Eu! exclamou elle. Expulsal-a!... Por quem?

— Por sua filha!

Ouvindo esta resposta, Nuno teve um lampejo de razão. Lembrou-se do que Esther lhe dissera, do que elle suspeitara. Durante um segundo, adivinhara o laço que lhe armavam. Mas a viuva continuou, em tom lastimoso:

— Ah! eu não o accuso! Era tão natural, o que ella fez!... Tinha ciumes da afeição que eu lhe dedicava. Quiz separar-nos... Eu, no seu lugar, procedia da mesma maneira, de certo. Mas soffri muito: não quero tornar a soffrer assim!...

— Com certeza, ella talvez fosse rigorosa... Concedo-lhe isso, capitulou Nuno, mas confesso que as circumstancias... Com franqueza, as circumstancias não a desculpavam?...

— As circumstancias! protestou Manuela, saltando sobre as almofadas do trem. Vae falar-me outra vez n'esses acontecimentos?... Meu Deus! Pensei que enlouquecia! E tudo por sua causa! Sim, o senhor é responsavel por tudo! O seu ciume absurdo causou a morte d'aquelles dois homens!...

Tornára-se vermelha de furor, e fulminava Nuno com o olhar. O pobre homem, estupefacto, viu-se culpado de todas as faltas commettidas, de todos os crimes praticados. O sangue de Strehley e de Brucken recahia sobre elle: era o duplo assassino.

— Pobre Huberto! soluçou Manuela. Tão bom, tão simples, e morto assim, miseravelmente!... Olhe, vá-se embora; causa-me horror! Leio-lhe no rosto que ainda o julga culpado!

E novas torrentes de lagrimas brotaram dos olhos de

Manuela. Nunca se mostrara tão seductora como dentro d'esse trem, meio desfallecida, com a cabeça encostada ao setim preto do estofa, e chorando perdidamente.

Nuno assistia a esta scena com o coração torturado, não se atrevendo a dizer uma palavra com receio de excitar a colera ou de augmentar a dôr de M.^{me} del Peral. Dirigia a si mesmo as exhortações mais prudentes e as mais violentas censuras, sentindo estar na presença de uma espartilhona, que lhe representava uma comedia admiravel, e pensando: «Onde encontrarei uma mulher que m'a faça esquecer?» Gostava de a ver enganar-o, tão superior era a arte da enganadora.

—Então, Manuela, disse elle, seja rasoavel. Eu recriminhei-a? Não! Procuo desculpar todos, tal é o desejo que tenho de acalmar os espiritos. O mal que está feito está feito: não podemos remedial-o. Mas resta-nos o futuro... Para que havemos de sacrificar-o quando seria tão facil aproveitá-lo para sermos felizes?

—Ah! já não é possível!

—Porque?

—Como posso agora ter confiança no senhor? Depois de me tratar como me tratou, tenho tudo a temer dos seus caprichos ou da sua colera .. Não! Está acabado!... E isto desgosta-me tanto, que estou decidida a voltar para a minha terra. Ao menos ahi posso chorar sem que me espiem as lagrimas nem se regosijem com os meus pesares...

—Volta para Portugal! exclamou Nuno, surprehendido. N'esse caso, não tornarei a vê-la, nunca mais?

—Nunca mais!

Disse estas palavras com uma suavidade que lhes dava o sentido de «sempre».

—Bem: vou comsigo, disse Selim sem hesitar.

No mesmo instante, a carruagem parava á entrada do palacio de M.^{me} del Peral. Nuno desceu, offereceu a mão á sua formosa companheira, e, entrando como se nada ti-

vesse havido entre elles, acompanhou-a até ao meio do vestibulo. A creada de quarto vinha ao encontro da ama.

Com um gesto cerimonioso, Manuela deteve o banqueiro e, indicando a porta da sala :

—Tenha a bondade de esperar aqui, peço-lhe, disse ella.

E desapareceu. Ficando só, Nuno recuperou alguma lucidez, que a rapida successão de sentimentos perturbara. Pensou que era um reles adversario para Manuela. Ella é mais forte do que eu, disse elle consigo mesmo. Mas não posso passar sem ella: por consequencia, devo render-me. E como hei de arranjar este negocio com Esther? Ora! ella é tão boa que de certo obterei a sua indulgencia! Mas, e a outra contentar-se-ha com indulgencia?

Se não abranda mais, é capaz de querer triumphar, entrar victoriosa. D'esta vez, temos de lutar com difficuldades sem conto. E se ella me deixar, o que ha de ser de mim?...

Tenho possuido muitas mulheres, ha vinte annos para cá. Conheci tudo o que ha de melhor em Paris. Nenhuma valia Manuela, nem valerá! Manuela, não é uma mulher, são dez mulheres: um harem completo!... Curvemo-nos, pois, á lei do vencedor. Mas discutindo as condições... Que diabo! Não levemos as cousas até ao casamento!...

Estava disposto a perdoar enganos da condessa e a restituir-lhe todo o seu agrado, quando se abriu a porta e appareceu Manuela. Foi uma transformação completa. Trazia um vestido de siciliana crême, guarnecido de rendas; os cabellos, em bandós, enmolduravam-lhe virginalmente a fronte, os olhos já não tinham a mesma expressão diabolica. Avançava lentamente, de olhos baixos, as mãos pendentes, suave, fresca, serena. Dir-se-ia uma menina solteira. Nuno, apesar de muito habituado aos artificios da portugueza, contemplava-a com admiração. Era uma Manuela de dezeseis annos, innocente e acabando de sahir do convento.

Dirigiu-se para elle e, em voz meiga:

— Realmente, meu amigo, depois de reflectir, concordo que fui injusta para comsigo. Afinal, o senhor não é o unico responsavel pelos meus dissabores, o acaso tambem teve grande parte n'elles. Não pensei n'isso quando estava dominada pela colera. Falei-lhe com aspereza, mas as cousas más que lhe disse não me sabiam do coração. Rogo-lhe que me perdoe.

— Manuela!...

— Não quero que fique com uma recordação minha desagradavel. Ha dois annos que o senhor me tratava como o mais terno e mais indulgente dos paes... Eu não devia esquecel-o.

— Mas eu não me queixo, interrompeu Nuno. Não lhe peço senão uma cousa; que não pense mais n'esta desintelligencia passageira e seja para mim o mesmo que era ha oito dias: uma mulher encantadora...

— Oh! isso é impossivel!

— Impossivel?

— Sim, meu amigo. Fiz uma loucura cedendo á sua afeição... Fui bem castigada: não quero recommençar.

Uma idéa atroz occorreu a Selim: Já me substituiu! Chego tarde!

Não poudede supportar essa incerteza, tornou-se de um vermelho carregado, os olhos injectaram-se-lhe, sentiu zunirem-lhe aos ouvidos. Parecia ameaçado por uma apoplexia tão imminente, que Manuela receou ter representado excessivamente bem o seu papel. Correu para elle, poz-lhe as mãos frescas na testa, desatou-lhe amavelmente a gravata, para deixar á vontade o seu pescoço de touro, e disse, com ternura inquieta:

— O que tem, meu amigo?

Elle respondeu com voz surda:

— Manuela, está-me matando. Brinca com o meu coração sem saber o mal que me faz. Jura-me que não ama ninguém? Que é livre?

— Mas, já se vê que juro, disse ella em tom meigo e candido.

Pareceu a Nuno que o dia se acabava, que o seu coração era alliviado de um peso esmagador e que o ar rescendia a flôr de laranjeira.

— Pois bem, accrescentou elle com esforço, prove-me que diz a verdade, deixando-me jantar hoje comsigo.

— Só isso? disse ella com um sorriso que causou um calafrio a Selim. Contenta-se com pouco. Mas vae passar mal ... Desde que vivo desgostosa, não como.

— Oh! não importa. O que houver é sufficiente...

— Seja! Fique.

— Como é boa!

— Mas em sua casa esperam-o.

— Vou dizer ao telephone do meu escriptorio que previnam na Chevrolière, de que fico em Paris, detido por um negocio importante...

Manuela accrescentou, por detraz d'elle, com voz suave:

— Mas que volto esta noite, no comboyo das dez horas.

Selim collocou os dois receptadores nos ganchos, tocou a campainha para indicar que acabara, e, resolutamente:

— Não! não! Não gosto de voltar á noite... Durmo em Paris.

Esteve tres dias sem apparecer na Chevrolière. Antes de se reconciliar com M.^{me} del Peral, o que mais preocupava Selim era o receio de não obter o perdão. Agora, o que temia sobre tudo, era a explicação que tinha de dar a Esther. Pois, como era possivel illudir um espirito tão sagaz? E para que? Não teria de confessar, mais tarde ou mais cedo? Então, quanto mais cedo fosse, melhor. Comtudo Nuno via chegar esse momento com inquietação. Fizera promessas excessivamente solemnes a sua filha para deixar de cumpril-as com tanta facilidade. Depois, sabia que ia affligil-a e isso apoquentava-o. Em sua casa estavam amigos que, por muito intimos que fossem, deviam ter acabado por se admirarem de uma ausencia tão pro-

longada. Deixou Manuela, decidido a installar-se de novo em Paris.

O acolhimento que lhe fez Esther, à chegada, surpreendeu-o agradavelmente. Esperava uma hostilidade glacial, talvez recriminações amargas. Encontrou-a exactamente como de costume: serena e risonha. Abraçou-o, informou-se da sua saúde, prodigalisou-lhe cuidados e afagos, e animou-o de tal maneira, que elle, no dia seguinte, desmascarou as baterias e annunciou que ia deixar a Chevrolière.

— Começa a estar frio, os dias já são pequenos, as noites intermináveis... Não imaginas a gente que já está em Paris!...

Falou assim durante cinco minutos, procurando nos olhos de Esther uma aprovação com que contava e que não se manifestou. Sua filha não protestou nem annuiu. Ficou silenciosa, de cabeça baixa, com o que quer que fosse de decidido na contracção dos labios e das sobrancelhas, o que deu muito que pensar a Nuno. Compreendeu que chegara o momento da lucta, se é que devia haver lucta. Preparou-se. Mas não esperava o que sua filha lhe reservava. Quando ficaram sós, Esther aproximou-se d'elle, e disse-lhe com o ar mais natural:

— Meu pae, não me admira que deseje aproximar-se dos seus negocios... O campo, n'esta época, não tem muitos attractivos, quando não ha razões especiaes para gostar da solidão... Em Paris encontrará tudo o que lhe falta aqui. —

Fez uma leve pausa, a qual sublinhou tão claramente a allusão, que Nuno sentiu uma onda de sangue subir-lhe ao rosto. Ia falar, interromper, protestar; ella não lhe deu tempo a isso, e continuou:

— Parta. Eu, porém, que não tenho as mesmas razões para desejar regressar à capital, peço-lhe que me deixe ficar na Chevrolière, com M.^{elle} Faverger. Eu gosto do silencio, do isolamento, dos passeios ao ar livre: deixe-me estar aqui ainda algum tempo... Mais tarde irei fazer-lhe

companhia... Tudo é vantajoso para meu pae e para mim, na combinação que lhe proponho: meu pae terá mais liberdade para proceder como lhe convier, e eu terei o direito de ignorar-o, para não me affligir com isso.

Nuno teve um presentimento que lhe opprimia o coração:

— Esther! gritou elle, Esther... Queres separar-te de mim?

— Não, meu pae.

— Mas eu não posso deixar de te vêr.

Ella baixou a cabeça, e, d'essa vez, com uma vibração de cólera na voz:

— Terá tantas compensações!

Nuno pegou-lhe no braço, puxou-a para si, e, com ternura calorosa:

— Vamos, minha filha, não me estejas atormentando... Eu percebo-te por meias palavras... Estás despeitada, queres castigar-me pela minha fraqueza... Pois seja! Mas não debes tratar teu pae com rigor durante muito tempo.

— Engana-se. Não é essa a minha intenção, e estou prompta a obedecer-lhe se me ordenar que o siga.

— Ordenar-te que me sigas! protestou Nuno. Então eu havia de tornar-me um tyranno? Eu, que nunca tive senão uma vontade: a tua? Minha filha, minha Esthersinha, tu estás zangada. Tens razão, bem sei! Vês como desejo conciliar tudo. Mas não me fiques com rancor... Sabes quanto me custa vêr-te descontente... Façamos as pazes, queres? O que desejas tu n'este momento? Uma bella joia, um quadro, uma carruagem, cavallos? Pede, seja o que fôr. Não te recusarei cousa alguma.

Pobre Nuno, não sabia obter nada de uma mulher, mesmo de sua filha, sem se offerecer para pagar! Esther, muito perturbada por essa effusão, que sentia sincera, hesitando entre a affeição que tinha a seu pae e as resoluções que tomava conservava-se silenciosa.

— Não respondes? continuou Nuno. O caso é então mais

grave do que eu imaginava! Ora vamos... Estás amuada? Nem ao menos queres fazer-me censuras?... É indiferença, visto isso? Não! Bem sei que és minha amiga, apesar de tudo. Ah! minha filhinha... Sim, é verdade que fiz mal, mas, se tu soubesses...

Ainda que quizesse não podia deixar de falar em Manuella. Esther poz-lhe a mão na bocca. Elle beijou-a ternamente. Ella quiz impor-lhe silencio, mas, como era possível deter uma tal corrente?

— Juro-te que foi tudo acaso... Eu não a procurava... Vi-a deante de mim, sem o esperar, na rua da Bolsa... Ia a entrar no pasteleiro... Apeou-se do trem... Eu podia continuar o meu caminho, não é verdade? Ella não me obrigava a segui-la... Mas quando a vi, esqueci tudo...

Esther pensava: Pobre pae, acredita que o seu encontro com aquella astuciosa, foi simplesmente acaso. Julga que, se não se tivesse aproximado d'ella, ella não o teria obrigado... Mas elle acredita tudo! O que não será Manuella capaz de fazer-lhe pensar? Ella bem me disse: Um homem apaixonou-se tanto mais quanto maior é o perigo ou a infamia que ha n'essa paixão... N'esse caso, qualquer dia pôr-me-ha tambem á disposição d'essa mulher! Oh! isso, nunca!

Nuno continuou:

— Explicámo-nos um com o outro... E, realmente, houve muito exaggero nas nossas apreciações a seu respeito... Estavamos enervados por uma situação muito penosa... Mas, agora que recuperei a serenidade, avalio melhor as cousas... Afianço-te que tudo isto se reduz a cousa nenhuma. Se consentisses em conversar com ella, ainda que não fosse senão durante cinco minutos...

— Nunca! exclamou Esther, com um olhar scintillante que intimidou Nuno.

— Mas se ella podesse convencer-te...

— De que? De que não é uma intrigante? Foi meu pae mesmo que o disse.

— Mas eu estava dominado pela colera, como tu o estás n'este momento. Ai, meu Deus! Como é triste não poder-mos conciliar as pessoas a quem temos affeição!

— Meu pae, queira reflectir um segundo, apenas, na grande immoralidade do seu queixume!

— Oh! tu não és facil de accomodar!

— Fui-o de mais, até! Mas, agora, acabou-se: já não quero sel-o. Faça o que lhe aprouver, meu pae; não tem contas a dar-me, nem a mim nem a ninguém. Mas não me peça que o aprove, que o encubra com a minha presença. Lembre-se dos termos do tratado que concluimos ainda não ha muito tempo, ha dez dias: em sua casa, ou M.^{me} del Peral ou eu. M.^{me} del Peral volta. Por emquanto está só á porta. Mas amanhã estará em casa. Por consequencia, já lá não ha lugar para mim.

— Juro-te que M.^{me} del Peral não torna a vir a minha casa.

— Meu pae, não tenho confiança no que me diz...

— Julgas que quero enganar-te? exclamou Selim dolorosamente.

— Não! Estou convencida que fala com sinceridade, n'este momento. Amanhã, porém, cedendo á influencia irresistivel que o dirige, mudará de idéas, e eu não quero expôr-me a essas mudanças.

— O que? Mesmo se eu te der a minha palavra?

— Quero crêr que não faltaria a ella, meu pae. Mas seria tão desgraçado, que eu propria o desligaria da sua promessa... E teria de supportar o que não posso, de maneira alguma, impedir.

Nuno encostou a cabeça á mão e ficou abatido por um instante. Sentia a verdade que havia no raciocinio de sua filha; mas, quanto mais justo era, mais o offendia e maguava. Como Esther devia julgal-o severamente, para o tratar com aquella desconfiança! E que miseria, não encontrar em si mesmo em primeiro lugar, a energia necessaria para bradar com força: Pois bem! Tens razão! Não tor-

narei a vê-la! e, em seguida, a firmeza de perseverar na sua resolução.

Mas elle sabia que isso era superior ás suas forças.

O que devia então responder a sua filha?

— Assim, disse elle muito sombrio, queres ficar aqui, sósinha?

— Sim, meu pae.

— Até quando?

— Até me aborrecer.

— Mas isso é um termo indefinido... Pode ser toda a vida!...

— Não será toda a vida.

— Pois faz o que quizeres. Não tenho o direito de contrariar a tua vontade. Mas affliges-me cruelmente.

Esther não replicou. A replica era excessivamente facil.

Aproximou-se de Nuno, beijou-o e disse:

— É muito bom, meu pae.

Depois sahio e, até á partida dos habitantes do palacio, que se realisou no dia seguinte, mostrou-se tranquilla e risonha.

Emquanto a Nuno, extremamente preocupado, chamara M.^{elle} Faverger de parte e dera-lhe instrucções muito circumstanciadas, a principal das quaes era tel-o ao facto do estado de espirito de Esther. Chegou triste a Paris, não obstante saber que Manuela o esperava, e o primeiro cuidado que teve foi o de contar á viuva o estranho capricho de sua filha. M.^{me} del Peral ouviu-o, pensativa; depois, como se quizesse mudar de assumpto:

— E o seu visinho da Commenda? perguntou-lhe. Sabe o que foi feito d'elle?

— Disseram-me que foi para Inglaterra e que a sua ausencia será longa.

— Ah!

Manuela fez um gesto que queria dizer: Então, não percebo! E mudou de conversa.

XVIII

Nuno, reinstalledo em Paris havia tres semanas, e arrastado na corrente da vida activa, sentia-se menos desgracado do que esperara estar quando se separasse de sua filha. Prático, aproveitava a ausencia d'esta para não receber. Tinha assim uma razão excellente para M.^{me} del Peral não ir a sua casa. Não a via senão em casa d'ella. E, attribuindo á sua força de character o que era apenas um effeito das circumstancias, felicitava-se por conservar Manuela afastada. De mais, recebia noticias qnotidianas de sua filha, conversava com ella, todas as manhãs, pelo telephone. As cousas iam correndo ou pareciam correr bem, na Chevrolière. Selim não indagava os pormenores da existencia de Esther. Contentava-se com o presente tal como lh'o descreviam. Temia o futuro, e, quando reflectia na transformação completa dos sentimentos de sua filha, havia um anno, sentia-se inquieto. Porque? Não procurava definil-o nem explicar a si mesmo o que podia recear. Preferia deixar estes pontos obscuros. Parecia um enfermo, atacado de doença grave, mas que não quer saber qual é o seu mal, temendo que elle seja incuravel.

Sua filha fugia d'elle, já não o amava como outr'ora: era um facto innegavel. Mas de quem se aproximava, então? A quem era que amava? Eis o que elle não queria indagar. Não ignorava que, um dia, a verdade, á qual fechava os olhos, havia de apresentar-se-lhe claramente. Preferia esperar que esse dia chegasse por si mesmo, a tornal-o mais proximo por meio de pesquisas. Nunca falava nas suas preocupações a M.^{me} del Peral. Mas nada provava que ella não as tivesse adivinhado. Era excessivamente perspicaz para que as agitações de espirito de Nuno podessem escapar-lhe. No emtanto, como não tinha nenhum interesse em discutir o assumpto, mantinha-se em reserva.

Nunca se mostrara tão boa e tão carinhosa para Nuno. Dir-se-hia que desejava fazer-lhe esquecer os seus dis-

sabores e substituir, tanto quanto fosse possível, a companhia de Esther. A intimidade da sua existencia era quasi completa e, a datar d'essa epoca, a ligação dos dois já não podia dissimular-se. Foi a epoca das grandes liberalidades de Selim para com a viuva.

Na Bolsa havia uma grande actividade de negocios. Durante algumas semanas, um lançamento de empréstimos estrangeiros agitou o mercado. A politica internacional reinava nas diversas praças da Europa, e os especuladores combatiam a tiros de milhões, o que era menos mortifero mas não menos caro do que os tiros de peça. Houve algumas flutuações importantes, que Nuno, sempre bem informado ácerca do cambio, aproveitou sem correr o mais leve risco, e com a sua destreza habitual. Pescou, n'essas aguas turvas, uma fortuna para Manuela, e poudo dar-lhe, não um masso de notas do banco, liberalidade quasi insultante, por ser visivelmente a paga do prazer, mas valores a cujo movimento a associara, e que ella teve de acceitar como um ganho licito. Foi muito bem encontrado e verdadeiramente principesco. Manuela recompensou-o com uma phrase que fez estremecer de alegria o sensível coração do banqueiro:

— Meu caro Selim, o senhor tornou-me tão rica e, por consequencia, tão independente, que agora não deve pensar que não o amo só por si.

Nuno não acreditava estas amabilidades, mas gostava de ouvi-las.

A sua existencia era, pois, tão agradável quanto podia ser, quando o pontinho que escurecia no horisonte engrossou, de um momento para o outro, como uma nuvem impellida pelo vento, e desencadeou uma tempestade assustadora.

Nuno estava no seu escriptorio, cerca das dez horas, recebendo os correctores de cambio e distribuindo trabalho pelos chefes de serviço, quando lhe annunciaram M.^{elle} Faverger. O banqueiro teve o presentimento de uma des-

graça. Despediu todos os que o rodeavam, e indo ao encontro da governante:

— O que foi? Succedeu alguma cousa a Esther? perguntou elle, muito agitado.

— Não, senhor: está de perfeita saude.

Elle conduziu-a para o seu gabinete e, offerecendo-lhe uma cadeira:

— Então, qual é o motivo da sua visita? Tem algum pedido a fazer-me? Minha filha quererá regressar a Paris? Não ignora que nada me daria mais prazer...

— Não se trata d'isso... Prouvera a Deus que a querida menina tivesse uma idéa tão razoavel!... Mas está bem longe d'isso...

— Está-me assustando, M.^{elle} Favarger...

Nuno fizera-se muito pallido e fitava a governante com um oihar pesado, que a confundia. Afinal, desfez-se em pranto e só poudo balbuciar:

— Ah! o que irá o senhor pensar de mim? Uma creança que foi entregue aos meus cuidados... E eu não consegui demovel-a dos seus projectos... Não, senhor, não foi possivel... E, no emtanto, Deus sabe que fiz tudo o que estava ao meu alcance, disse tudo o que devia dizer!... Não servia de nada... Está firmemente resolvida... E é afim de prevenil-o que eu estou aqui... Acredite que estou verdadeiramente afflicta!...

— Mas, afinal, de que se trata? gritou Nuno exasperado pela desconfiança e pelo receio. Em vez de lamentar-se, explique-me tudo. O que quer ella?

— Quer converter-se.

— Converter-se?

— Sim, senhor.

Nuno fez um gesto terrivel. Ergueu para o ceu os punhos fechados. Mas não disse uma palavra. O seu fatalismo tapou-lhe a bocca. Isto devia succeder, pensou elle. No vasto gabinete, onde o fumo dos cigarros espalhava ainda flosinhos azulados, fizera-se um silencio profundo.

M.^{elle} Faverger, enxugando as lagrimas, olhava ás furta-dellas para o homem que outr'ora lhe confiara uma judia, e a quem ella hoje restituia uma christã, e pensava: póde accusar-me de havel-o atraído, de ter faltado aos meus deveres, e attribuir semelhante procedimento aos motivos mais degradantes! E, na sinceridade, na honestidade da sua consciencia, a boa Faverger preferia morrer a achar-se ali, como uma culpada perante o juiz.

Nuno despertou da sua sombria meditação, e, com voz suffocada:

— Quando manifestou ella esse desejo?

— Falou n'isso hontem á noute, muito decididamente. Mas, havia já algum tempo que o seu estado de espirito me inquietava.

— Antes da minha vinda para Paris?

— Um pouco antes.

— A que attribue essa mudança? Seja franca, M.^{elle} Faverger. Bem vê que não a censuro... Estou certo de que não influiu nada na resolução de minha filha... Justifique a confiança que me inspira, descobrindo-me a verdade toda.

— Quem pode gabar-se de conhecê-la? Esther, como o senhor sabe, é uma menina muito concentrada, que pensa muito e não diz senão o que quer dizer... Oh! é a bondade e a virtude em pessoa... Nunca teve um mau pensamento...

M.^{elle} Faverger, enternecendo-se, começou de novo a chorar ruidosamente. Selim ouviu-a balbuciar, por entre suspiros e soluços:

— Oh! ella teve um grande desgosto... Não ha duvida... Só um grande desgosto podia leval-a a semelhante resolução!...

— Que desgosto? bradou Nuno, com o coração opprimido. Ella confiou-lh'o? O seu dever é repetir-me tudo o que minha filha lhe disse...

M.^{elle} Faverger ergueu o olhar atemorizado para Nuno.

Abanou a cabeça e, como quem toma uma resolução inabalável:

— Não, não... Não sei nada... Andava triste, já ha algum tempo... Ella, que tinha o character mais igual do mundo, cedia muitas vezes a impetos de colera, immediatamente reprimidos por ella propria... Mas nunca me fez confidencias... Mesmo porque eu nunca a impelli a isso.

— Fez mal! exclamou Nuno. Se soubesse de que se tratava, e me tivesse prevenido, todas estas difficuldades, todas estas desgraças podiam ter sido evitadas!

(Continua).

Georges OHNET.

DOIS SONETOS

O seu nome

Não sei que canto imite o som querido
Do seu nome. Não sei que doce harpejo,
De lyra o imite: é como o som de um beijo
Em róseos lábios virginaes colhido.

Digo-o, repito-o, e sinto-me envolvido
N'um diluvio de flores... sonho, vejo
Rasgar-se o céu e nada mais desejo
Que ouvil-o em tudo, sempre repetido.

Parece um coro de anjos, a chilrada
Canção das aves matinaes, o brando
Suspitar de uma cythara encantada...

E ouço-o... e em torno a mim, susurra um bando
De leves e brancos pombos em revoada,
Indo e vindo, passando e repassando...

Inania verba

Ail quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?!

— Ardes, sangras, pregada á tua cruz... E, em breve,
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava.

O pensamento ferve, e é um turbilhão de lava;
A fôrma, espessa e fria, é um sepulchro de neve;
E a palavra, pesada, abafa a ideia leve,
Que, perfume e clarão, — refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ai! quem ha-de dizer as ancias infinitas
Do sonho? e o céu que foge á mão que se levanta?

E a ira muda! e o asco mudo? e o desespero mudo?
E as palavras de fé que nunca foram ditas?
E as confissões de amor que morrem na garganta?!...

Olavo BILAC.
(Brazileiro)

SILVA JARDIM E A ALMA PORTUGUEZA

(Excerpto)

.....
O que prevalece no Brazil, da mesma fórma que em Portugal, é a consciencia da unidade de raça entre os dois povos, e o interesse mutuo, que d'essa consciencia deriva.

Portugal antigo bracejou na America esse ramo frondoso, que foi depois o Brazil independente e livre. Tinha de ser assim; e quando pequenos e mesquinhos successos politicos annuearam, com desintelligencias e preoccupações dynasticas, o quadro da natural e fatal separação, não foi isso mais do que o pagamento de um tributo historico que os dois povos faziam á sua tradição commum.

A forte raça portugueza, transplantada e avigorada ainda no sólo virgem do grande continente sul-americano, havia muito que a si propria se consultava, reconhecendo-se capaz de avançar sósinha.

O governo e a administração da metropole eram para ella empecilhos de toda a hora, que a distancia se incumbia de tornar irremoviveis. Como uma bella ave de larga envergadura, o Brazil sentia que tinha azas, e via o espaço

immenso diante de si. Quem podia, por mais tempo, contrariar-lhe os vãos?

A sua liberdade, a sua grandeza, a sua expansão, tornaram-se instinctivamente para nós um motivo de gloria e de alegria. As grandezas antigas e modernas de Portugal são outros tantos padrões de honra para o espirito nacional, intelligente e consciente, do grande povo brasileiro.

As nacionalidades são como as religiões; parecem tanto mais estaveis e verdadeiras, quanto mais largamente, no passado tradicional, profundam as vetustas raizes. Ora, ninguém pôde desconhecer, — ninguém que observe os factos serenamente, — com quanto ardor o velho sangue portuguez palpita ainda no coração brasileiro.

O Brazil não data de quatro seculos, do periodo relativamente proximo em que fizemos o seu descobrimento. Nasceu connosco, aos lampejos flammejantes da espada de Affonso Henriques; combateu com Affonso IV nos campos do Salado; e em Aljubarrota, nas hostes do Condestavel e de João I.

O Brazil não é uma transformação indiana, é uma dilação portugueza. O Brazil é um Portugal maior, ha de ser um Portugal immenso e se as leis inexoraveis da historia quizessem que Portugal desaparecesse, em breve, do concerto europeu, enquanto houvesse Brazil, Portugal não morreria.

Quem escreve este artigo é, pela eventualidade do nascimento, portuguez de Lisboa; mas é, por berço de familia, portuguez do norte, portuguez da alta Beira. Fazendo a sua educação na capital, desde as primeiras letras conviveu principalmente com brasileiros. Eram estes que povoavam, na grande maioria, o internato do importante estabelecimento onde cursou as materias dos lyceus.

Ahi, n'essa convivencia numerosa, e durante os primeiros tempos, tão espontaneos e sinceros, da vida, foi-lhe dado surprehender nas almas infantis dos seus pequenos companheiros, vindos de tão longe, de todo o Brazil enorme,

quanto elles se sentiam na patria ainda; n'uma palavra, como apesar de brasileiros, eram profundamente portuguezes.

Mais tarde, foi ainda com brasileiros que travou as mais sólidas amizades da adolescencia, e no convivio familiar de gente brasileira encontrou o carinhoso e hospitaleiro acolhimento, de cujas inolvidaveis recordações ha de perpetuamente alimentar-se o seu espirito.

Foi ahi, foi n'esse conviver com gente de outra terra, com gente aparentemente estranha, que elle sentiu, melhor do que em parte alguma, a verdadeira fraternidade patria; mais ainda, o verdadeiro character portuguez.

N'essas persistentes relações, muitas das quaes tão saudosas são já, um facto, entre outros, o impressionou com mais constancia. Foi vêr como em geral alli eram conhecidas, mais do que entre nós mesmos, as linhas geraes da nossa historia, e muitas vezes os factos minimos e os menores accidentes; e ao mesmo tempo o grande apêgo, igualmente maior do que o nosso, ás tradições gloriosas e mesmo ás lendas poeticas do nosso remoto passado.

Entre os amigos que o Brazil tão gratamente trouxe ao nosso encontro, — ah! tantos d'elles para nos serem roubados tão cedo! — um dos mais recentes e dos mais queridos foi o grande republicano propangadista, o homem de acção, que tanto contribuiu para accelerar a transformação politica do antigo imperio na republica presente. Esse homem foi Silva Jardim.

Embora nos viesse recommendado por carta instante de um amigo commum, foi um mero acaso que nos fez encontrar, pois elle na sua chegada a Portugal, deliberára, por motivos que nos explicou, abster-se de aproveitar todas as apresentações e recommendações que trazia.

Não o fazia por desdem; antes pelo contrario. Como a sua primeira demora aqui tinha de restringir-se a uns quinze dias quando muito, seguindo-se a ella uma viagem

pela Europa, que poderia talvez prolongar-se dois annos, Silva Jardim, que desejava travar relações apertadas com alguns dos nossos homens mais eminentes, reconheceu que essas recommendações apenas o habilitavam a um trato ephemero, uma simples troca de visitas de cortezia, por falta de tempo para mais, e que teria de renovar-as todas, mais tarde, quando aqui viesse residir alguns mezes, conforme tencionava.

Encontrámo-lo, pois, occasionalmente, no hotel Atlantico, então estabelecido ao Corpo Santo, e quando iamos visitar o nosso antigo professor, camarada e amigo, Elias Garcia, alli hospedado, e soffrendo já a terrivel doença que em breve o havia de victimar.

Feitas as apresentações e terminada a nossa principal visita, Silva Jardim quiz que o acompanhassemos ao seu quarto, para nos fazer entrega da carta que para nós trazia, e dar-nos as explicações acima resumidas.

O quarto era sombrio, de abobada cylindrica, e com uma larga janella de peitos, rasgada na espessura enorme da parede mestra, formando assim um vão, onde cabia á larga uma secretária, e onde fazia escriptorio o notavel publicista.

Depois de longa palestra, em que tomou parte muito notavel e saliente sua gentilissima esposa, delicada como a haste de uma palmeira tenra, e viril de animo como a mulher de Scipião ou a mãe dos Gracchos — eila, a nobilissima e dignissima neta de José Bonifacio — Silva Jardim não consentiu que sahissemos, sem lhe dizermos se havíamos reparado na fortaleza d'aquelles muros, na profundidade d'aquella cella, e na curvatura da abobada hemicylindrica que lhe servia de tecto. E dizia-nos jubiloso, e como se d'isso pudesse tirar orgulho: «Isto é um convento antigo, e os quartos dos hospedes são as proprias cellas dos antigos frades! Quanto passado ha dentro d'estes muros! O que-se viveu, o que se passou aqui!»

E voltando-se para nós, irradiando-lhe dos bellos olhos

negros, relampagos de commoção, e dos labios, fulgores de eloquencia, receava que o não comprehendessemos n'aquella expansão de sentimento, que se lhe affigurava dever causar-nos surpresa, e dizia-nos: «E' que no Brazil tudo é novo, e eu estou sentindo pela vez primeira a commoção de viver no antigo.»

E sahia d'alli, pelos corredores fôra, a explicar-nos a topographia do velho convento, que elle já conseguira desemmaranhar, no meio da infinidade de tabiques, com que o haviam apropriado aos seus modernos fins.

Tornámo-nos uns bons amigos, inseparaveis, de tres semanas: combinámos umas singelissimas e naturaes disposições de convivencia futura, e formámos projectos, que parecia não deverem ter nada de falliveis.

Silva Jardim não quiz vêr nada de Lisboa, nem do reino todo, n'aquelles breves dias. Satisfez, apenas, as naturaes curiosidades de um viajante, ao chegar a uma cidade, para elle nova, mórmente quando o acompanha uma esposa querida. Passeou de carruagem nos sitios mais frequentados pela sociedade, percorreu os espectaculos, foi vêr o panorama de Lisboa, do outro lado do Tejo; foi ao Estoril, a Cascaes, a Cintra.

Trazia, porém, no seu projectado itinerario, apontamentos de tudo quanto, entre nós, mais o attrahia. Havia de vêr Lisboa, longa e pausadamente, no seu Castello, na sua Sé, na sua Alfama, Lisboa velha. Lisboa primitiva. Viu, porque lhe ficou uma vez em caminho, os Jeronymos. Mas, deixou-se esmagar sob a impressão de tudo quanto aquellas paredes e aquellas abobadas dizem, e sahio, a correr quasi, dizendo-nos: «Depois, depois, com mais vagar; isto precisa de muito vagar para ser visto.»

E seguiu, um largo pedaço, silencioso, absorto em pensamentos que não quízemos interromper, pois bem lhes comprehendiamos toda a intensidade fervorosa e poetica, que tinham.

Foi elle quem quebrou o silencio, para nos dizer: «É

grandioso! Li, no Brazil, muitas descripções dos Jeronymos, e, sabe você? ria já quando n'ellas me apparecia, como um impertinente lugar commum, a imagem sédica de estarem aquellas pedras a falar das grandes glorias antigas. Pois agora senti, que a metaphora não é ridicula. Falam, sim, que eu bem as ouvi. E é extraordinario, é sublime tudo quanto nos dizem!»

E repetia, depois, mais de uma vez, seguindo o fio de um pensamento constante: «Isto é que o Brazil não tem!»

Oh! era a alma portugueza a pulsar no coração d'aquelle filho do Brazil!

Silva Jardim partiu para França, atravessando a Hespanha. Tinha curiosidade immensa de vér o mupdo velho, e n'elle, principalmente, Paris e Roma o attrahiam. Cada uma das duas capitaes humanas, no seu genero, e com diverso objectivo.

Mas, depois, depois, quando tivesse visto tudo a correr, quando voltasse, para então se demorar tres ou quatro mezes, depois havia d'ir socegradamente ao Porto, a Coimbra, a Braga, a Guimarães. Então já havia de ter visto Nossa Senhora de Paris, S. Pedro de Roma, S. Paulo de Londres e a abbadia de Westminster; mas não receava que esses deslumbramentos lhe offuscassem os olhos da alma, com que desde a mais extrema infancia se habituara a vér, idealisadas no espirito, aquellas cidades contemporaneas da primitiva monarchia.

Queria vér Santarem e Leiria, cujos castellos phantasiava; e Almourol, que não sabia bem se era uma realidade, se um sonho; e Evora, com as suas ruinas; e Silves com as suas tradições mouriscas.

E depois, para o fim de tudo, guardava uma excursão singularmente poetica e artistica, na qual o haviamos de acompanhar e na qual pensava que lhe seria dado encontrar as mais amplas satisfações do seu quasi inconsciente atavismo. Essa excursão seria a visita a Alcobaca e á Ba

talha, e era sob essa ultima impressão que elle tencionava regressar ao Brazil.

O mais incomprehensivel desastre havia de anniquilar, dentro em poucos mezes, tão innocentes projectos. Um dia, n'uma formosissima manhã de julho de 1891, ao regressarmos a casa, de volta do Alemtejo, o primeiro jornal em que pegávamos. inseria bem evidente na primeira pagina a noticia de que Silva Jardim fôra engulido na vespera por uma fenda que se lhe abrira debaixo dos pés, quando elle subia, proximo da cratera em erupção, a vertente do Vesuvio!

Morreu, aos trinta annos apenas, esse brasileiro glorioso, que tão intensamente nos fez vêr quanto a alma brasileira e portugueza é uma alma commum de dois, expandindo-se em diversas frondes, porém alimentando-se nas mesmas raizes.

E morreu, sem ter voltado aos Jeronymos a ouvir as confidencias que os seculos murmuram sob a amplidão d'aquellas naves; sem ter ido à Batalha e a Alcobaça perguntar aos eccos d'aquelles claustros silenciosos o segredo que levou este pequeno povo a encher o mundo de prodigios; sem ter ido ás velhas cidades do norte vêr o berço da nação-mãe, em cujas entranhas foi gerado o filho glorioso, que hoje se chama o Brazil.

.....

FERNANDES COSTA.

LUMEN

Quinta narração

INGENIUM AUDAX, NATURA AUDACIOR

(Continuação)

Quem sustenta estes globos no vacuo? Nenhuma força é absolutamente necessaria para isso. Suppondo a materia inerte, desprovida de todas as propriedades, estes globos, por muito grandes e muito pesados que sejam, ficarão immoveis no lugar onde foram collocados ou formados. Faltando-lhe todas as propriedades da materia ou de todas as forças influentes, que causa os tiraria do seu descanso, e os faria mudar de sitio? Nenhuma.

O verbo *cahir* não exprime uma idéa absoluta, e não pôde ser empregado senão para exprimir uma idéa relativa, não havendo *em cima* nem *em baixo* no universo. Assim, não se pôde mesmo perguntar que força impede os astros de cahirem, porque esta pergunta faz suppor que ha uma região inferior no universo, para a qual seriam attrahidos os objectos abandonados ao seu proprio peso.

Mas essa disposição não existe. Para os homens a Terra parece formar a região inferior do universo, porque habitam a sua superficie; mas, reflectindo que gira sobre si mesma em 24 horas e que todos os astros passam assim successivamente por cima das cabeças, sentes que seria

absurdo suppor que esta pretendida base do universo mudasse diametralmente de lugar cada dia. A illusão dos sentidos faz imaginar, em seguida, que a Terra pôde ser um globo situado no centro do universo, para o qual seriam attrahidas todas as partes da esphera celeste. Mas quando se sabe que a Terra circula, durante um anno, á roda do Sol, é-se obrigado a abandonar tambem a segunda illusão, e a considerar todos os corpos celestes, comprehendendo a Terra, isolados e suspensos na immensidade.

Os habitantes de cada mundo andam no espaço como o aeronauta na barquinha, como os grãos de poeira, adherentes a uma bala de canhão, a seguem no seu caminho. O espaço que nos rodeia é o Céu.

Disse-te que, se não houvesse forças na natureza, estes corpos materiaes inertes deveriam necessariamente ficar immoveis, nos pontos respectivos onde a mão de Deus os collocou. Mas ha forças, e a mais geral, a mais importante de todas, a que faz mover o universo e constitue o mecanismo da sua vida, é a attracção.

Os corpos celestes attrahem-se em razão directa das massas e em razão inversa do quadrado das distancias.

Existindo esta força, todos os astros espalhados no infinito se attrahem mutuamente. Suppondo que tivessem sido creados já formados nos differentes pontos do espaço onde existem e abandonados em seguida á força da attracção, ter-se hiam posto todos em movimento, soffrendo cada um d'elles a influencia attractiva do seu visinho mais pesado e mais proximo — estando esse visinho, comtudo, a uma distancia de milhões de leguas. Cada um dos astros teria, digo, soffrido uma ligeira oscillação, e em seguida outra, e ainda outra, porque não seria a attracção de um só que cada um d'elles teria que sentir, mas a de dois, dez, cem, mil, já enfraquecida quando viesse de distancias mais consideraveis.

Esta primeira agitação de todos os corpos celestes seria seguida pela sua partida universal, soffrendo cada um a

attracção da massa preponderante que excedesse as outras influencias, e dirigindo-se para essa massa. Os astros mais pesados attrahiriam os mais leves e a acção attractiva seria exercida em razão do quadrado das distancias. N'esta hypothese, a marcha geral de todos os astros teria por fim a sua reunião. Precipitar-se-hiam uns sobre os outros, e ainda que dois soes caminhando um para o outro, afim de se encontrarem, empregassem milhões de annos para se approximarem, o resultado final seria o choque de todos os corpos celestes precipitando-se uns por cima dos outros com frenesi. Assim, por exemplo, a Lua, é attrahida pela Terra: se, da altura onde está (96:000 leguas) cahisse sobre a Terra, que é o seu centro de attracção, levaria a cair 4 dias, 19 horas e 55 minutos... não percorreria mais do que um millimetro no primeiro segundo de queda, augmentaria progressivamente a velocidade e chegaria á superficie do globo com uma rapidez cem vezes superior á de uma bala de canhão.

A Lua pesa 72 sextilliões de kilogrammas, e a Terra 5875. Outro exemplo: A Terra é attrahida pelo sol: se ella da altura onde está (37.000:000 de leguas), cahisse para o seu centro de attracção, que é o Sol, levaria 64 dias e 12 horas a cair, percorrendo 3 millimetros no primeiro segundo da queda, accelerando progressivamente a marcha, e precipitando-se afinal a razão de 600:000 metros por segundo. Adivinhas o choque que esta massa de 5:875 sextilliões de kilogrammas produziria no Sol, cujo peso é de dois nonilliões: 2,000,000,000,000,000,000,000,000,000. Ainda outro exemplo. Suppõe que ha uma estrella bastante proxima da Terra para ter um segundo de paralaxe (na realidade, não existe nenhuma tão proxima), e que essa estrella é tão importante como o vosso Sol (na realidade algumas são muito mais importantes); muito bem! se essa estrella e o Sol comesçassem hoje a caminhar um para o outro, obedecendo á sua dupla influencia attractiva, encontrar-se-hiam um dia, no meio da distancia que os separasse, isto é,

depois de cada um d'elles ter percorrido tres trilliões e setecentos billiões de leguas; depois de uma viagem de mais de um milhão de annos! O choque d'esses dois colossos, precipitando-se assim um contra o outro, era capaz de os despedaçar ambos! A paragem repentina do seu movimento produziria um calor capaz de os reduzir a vapores. Formariam então um só astro, immenso e gazozo. — Já tem havido choques semelhantes. Os habitantes da Terra notam-os, sem os conhecerem, pelo brilho excessivo e repentino que produzem no ponto do Céu onde os astros se encontram. Muitas das estrellas chamadas *novas* que brilham um momento e desapparecem passados alguns annos ou mesmo alguns mezes, são devidas a choques sideraes mais ou menos poderosos. Voltemos, porém, aos movimentos celestes.

Se a attracção fosse a unica força que regesse o universo e os astros tivessem abandonado o repouso para lhe obedecerem, o universo inteiro teria tendencia para se agglomerar em uma só massa, e acabaria por formar um todo solido. Mas não é esse o fim da creação. Todos os astros se movem, não em linha recta, mas em linhas curvas. Aquelles cuja carreira tem sido inteiramente medida, seguem curvas fechadas. Exceptua-se apenas alguns cometas; esses vagabundos caprichosos voam um pouco á maneira dos morcegos que parecem correr para as torres e de repente voltam para traz, descrevendo uma parabola e voam para outra direcção. Os cometas de cauda correm assim de systema em systema. Mas os globos solidos, que constituem a base dos systemas, circulam formando curvas fechadas, os satellites á roda dos planetas, os planetas á roda dos soes, e estes á roda de centros de gravidade mais importantes.

Estas curvas fechadas produzem uma outra força, contraria á de attracção, a força *centrifuga*, que obriga os astros a afastarem-se dos centros á roda dos quaes gravitam. Como a pedra na funda tende a saltar para fóra, assim os

planetas tendem a libertar-se da força solar e os satellites do dominio planetario. Se existisse apenas a força centrífuga, ou mesmo se ella excedesse a da attracção, resultaria d'ahi uma tendencia geral do universo opposta á que já descrevi ha pouco; todos os corpos celestes se iriam afastando, e, em logar da convergencia que na primeira hypothese teria concentrado todos os corpos em uma só massa, seria uma divergencia afastando, em espiraes, todos os astros para o exterior, e impellindo-os, como ondas, para se irem perder nas margens do infinito. Mas como o infinito não tem limites, este afastamento do centro, este afastamento das posições primitivas, perpetuar-se-hia indefinidamente, faria uma especie de vacuo no centro do universo, e impelliria todos os astros para uma circumferencia exterior, nunca alcançada e sempre distante.

Mas a força contrífuga não dirige exclusivamente os astros, assim como a attracção os não possui absolutamente. Estas duas forças contrarias são *eguaes*. Em virtude da attracção do Sol, a Terra tende a approximar-se d'elle, com uma intensidade de 3 millimetros no primeiro segundo d'esse movimento. Em consequencia da repulsão causada pelo seu curso, tende a afastar-se exactamente com a mesma intensidade de 3 millimetros, no primeiro segundo d'esse movimento em sentido contrario. D'esta sollicitação dupla resulta um *equilibrio* perfeito, graças ao qual os planetas não pôdem approximar-se nem afastar-se do Sol. É este equilibrio que sustenta a Terra e todos os mundos no espaço. Agora, meu amigo, espero que comprehenderás claramente esta organização ideal. Nem a Terra nem nenhum dos milhões de mundos habitados que existem, são sustentados por poder algum material. É, por assim dizer, sobre *uma idéa*, que os corpos celestes descansam. E estão mais fortes, mais seguros sobre esta força invisivel do que estariam sobre as poderosas columnas de ferro ou de bronze quê os antigos julgavam necessarias para a estabilidade do mundo.

Ora este equilibrio magico só póde existir com a condição do *movimento* perpetuo e universal. É por esse motivo que nem um unico atomo está em repouso no mundo. Tudo está em movimento, em movimento perpetuo. A Terra gira sobre si mesma em 24 horas. A Lua gira á roda da Terra em 27 dias. A Terra descreve ao mesmo tempo uma orbita, cujo centro é o Sol, empregando 365 dias em descrevel-a. Cada planeta descreve tambem á roda do Sol uma orbita proporcionada á sua distancia: a mais proxima, a de Mercurio, precisa 88 dias para ser descripta, e a mais afastada, a de Neptuno, precisa 165 annos. Emquanto ao Sol, que parece estar immovel no centro do systema planetario, gira sobre si mesmo em 25 dias e meio, de oeste para este, no sentido do movimento de todos os planetas. Além d'isso, muda de logar e caminha tambem no espaço, arrastando comsigo todo o systema planetario. No seu movimento annual á roda do Sol, a Terra anda 644:000 leguas por dia, e cada planeta é levado no seu curso por um movimento analogo, proporcionado á sua distancia e ao caminho que tem de percorrer na sua revolução. A rapidez de transporte do Sol e do seu systema no espaço é de 60 milhões de leguas por anno. É assim que elle corre desde que existe, dirigindo-se actualmemente para as estrellas da constellação de Hercules. Esta rapidez é consideravel, em relação ás medidas terrestres; mas o espaço é tão vasto, que, mesmo suppondo que o Sol se dirige em linha recta para Hercules, depois de um milhão de annos, não terá alcançado nenhuma das estrellas da constellação, porque ellas estão situadas a mais de 60 trilliões de leguas, (60:000.000.000.000).

Cada estrella, cada sol do espaço, acompanhado pelo seu systema de planetas, voa d'esta maneira. E é em consequencia d'este movimento rapido que todos os astros do infinito se conservam em equilibrio, longe uns dos outros, sustentados pela rede invisivel e inextricavel da attracção universal. É este movimento que lhes dá vida. O vosso

Sol é um dos que vôa com menos rapidez. O movimento proprio de Arcturo é de 1:800.000 leguas por dia! O da estrella que é designada pelo n.º 1830 do catalogo de Groombridge é de 2.822:000 leguas por dia. E assim muitos outros soes. E, comtudo, estas estrellas parecem fixas no firmamento das noites silenciosas, e ha annos e seculos que são observadas, parecendo não terem mudado de lugar; a Terra parece estar em descanso no centro do systema planetario. Por que motivo existe este aspecto de tranquillidade e de immobibilidade? Porque estes movimentos effectuam-se em um espaço tão immenso, a taes distancias, que são imperceptiveis. Da estrella mais proxima do globo terrestre, a amplitude do movimento annual da Terra, o circulo da orbita terrestre, que mede 74 milhões de leguas de diametro, seria occulto por um fio da largura de um millimetro collocado a 125 metros do olhar de um observador.

Os setenta e cinco milhões de soes que constituem a vossa nebulosa, são todos centros de systemas variados, levando pelos desertos do espaço as humanidades creadas na superficie dos seus mundos. Entre estas producções do céu reina a maior diversidade. Na Terra, a luz do Sol é branca, o seu calor medio annual não excede trinta graus centigrados, o anno dura 365 dias e o dia 24 horas; o homem pesa, em geral, 60 kilogrammas, mede 5 pés e $\frac{3}{4}$ de altura, possui 36 graus e meio de calor vital, vive, em termo medio, 39 annos, e reproduz-se á razão de tres gerações por seculo. Em um outro mundo a luz do Sol é azul, não ha lá outras côres; o seu calor regular é de 50 graus abaixo de zero; o anno é de 60:000 dias, o dia de sete horas; o homem pesa 1:500 kilogrammas, mede 50 metros de altura, sente circular nas veias um sangue muito mais frio do que o gelo, e vive em geral, quatro seculos. Em outro mundo, pelo contrario, ha tres Soes, dois encarnados e um violeta, e doze Luas de differentes côres; a temperatura do sangue é de 300 graus, e o homem parece esphe-

ras de gaz, voando e nadando na atmosphaera como bolas de sabão. Materiaes, pesos, densidade, calor, luz, annos, estações, metro, etc., todos os elementos variam indefinidamente, atravez da extraordinaria diversidade dos systems de mundos.

As estrellas não são astros de brilho e dimensões eguaes, e não é unicamente ás differenças de distancia que é devida a differença dos seus tamanhos apparentes. As estrellas mais brilhantes, denominadas de primeira grandeza, não são as mais proximas, e as mais pequenas não são as mais afastadas. Ha tantas variedades e mesmo muitas mais, nas producções do Céu do que nas da Terra. Algumas estrellas excedem muito o Sol terrestre em dimensões e em luz; outras são-lhe muito inferiores. O movimento annual da Terra fal-a descrever uma orbita de 74 milhões de leguas de diametro, e produz um pequeno movimento apparente nas estrellas mais proximas: como, quando se vae por uma estrada, as arvores da paisagem parecem fugir no horisonte em sentido contrario ao movimento que se segue, assim as estrellas mais proximas descrevem annualmente, defronte das mais afastadas que se conservam fixas, uma pequena ellypse cuja extensão é apenas a 900.^a parte do diametro apparente da Lua. É excessivamente pequena. Mas esta distancia (a mais proxima) é ainda tão grande, que a orbita de Neptuno, descripta com um raio 300 vezes maior do que a orbita terrestre, não se pôde comparar com ella.

Se se imaginasse um sol bastante vasto para occupar toda esta orbita, não appareceria, visto d'aquella estrella, senão com um disco nove vezes mais pequeno do que o que elle apresenta á Terra. Se o Sol, tal como é, fosse transportado para o ponto onde está a Alpha do Ceutauro, o seu brilho seria representado pela fracção $\frac{1}{52.900.000.000}$ relativamente ao seu brilho actual. Mas a luz que se recebe, na Terra, da Alpha do Centauro é de $\frac{1}{18.950.000.000}$, em comparação com a do Sol. Por consequencia esta estrella emite tres vezes a

quantidade de luz emittida pelo Sol. O seu volume está na mesma relação, e o seu diametro é para o Sol o mesmo que 17 para 10.

As duas estrellas mais brilhantes d'este firmamento são Canopo e Sirio. A primeira é tres vezes mais brilhante do que a Alpha do Centauro, e como a translacção annual do observatorio terrestre não produz a menor mudança de posição n'esta estrella, segue-se que está incomparavelmente mais afastada e é inconparavelmente mais luminosa e mais volumosa. Sirio é mais de quatro vezes mais brilhante do que a Alpha do Centauro, e apresenta uma mudança de posição annual que fez com que os homens lhe podessem determinar a distancia. Observando essa distancia nota-se que a sua luz intrinseca excede 64 vezes a do sol do Centauro e 192 vezes a do Sol terrestre. O diametro d'este astro é quatorze vezes maior que o do vosso Sol, e o seu volume é 2:688 vezes mais consideravel, posto que o Sol seja 1.279:000 vezes mais volumoso do que a Terra.

Por outro lado, a 61.^a do Cysne, mais afastada do que a Alpha do Centauro e menos afastada do que a Sirio, é uma estrella dupla e cada uma das suas partes não envia senão a centessima parte da luz d'esta ultima estrella. Esta, collocada na mesma distancia, pareceria nove vezes menos bri.hante do que parece, e excederia onze vezes o brilho de cada uma das estrellas que formam a 61.^a do Cysne. O diametro de cada uma d'ellas não chega a ser o terço do diametro da Alpha do Centauro, e o seu volume não chega a ser o trigessimio d'este. A somma dos dois volumes dá a terça parte do volume do Sol. Aqui estão, portanto, dois soes conjugados, que são muito mais pequenos do que o terrestre.

Por estes exemplos, que recommendo á tua attenção, podes comprehender a diversidade que existe entre os soes. Sirio é 2688 vezes mais volumoso do que o vosso Sol, o qual é seis vezes mais volumoso do que cada um dos dois Soes gemeos do Cysne, o que dá ao Sol-Sirio

um volume 16000 vezes maior do que o dos Soes do Cysne. Ha mais differenças entre os soes do vosso universo sideral do que entre os planetas do vosso systema solar, onde já ha um globo, que é Jupiter, 1400 vezes maior do que a Terra, e pequenos planetas telescopicos, taes como Sylvia e Camilla, que egualam apenas um dos departamentos francezes.

Além d'isso, a quantidade de luz não é sempre uma indicação do volume, porque ha astros de todos os brilhos, de todas as condições chimicas, de todos os estados phisicos e de todas as densidades. Uns são immensos e ligeiros, outros pequenos e pesados. Uns, gigantescos, são quasi escuros, são mesmo completamente escuros, não emittindo senão calor. Outros, de dimensões mais pequenas, brilham com uma luz deslumbrante, que atravessa os espaços illimitados. Estes diversos estados chimicos, calorificos, electricos, estabelecem entre os soes as maiores variedades de côres, desde a côr de ouro e côr de laranja, até á esmeralda e á saphyra: e todas as flores desabrocham no canteiro celeste, desde a rosa brilhante, até á modesta violeta.

Uma viagem por estas vastas regiões muda todas as perspectivas e todas as idéas. Atravessei, na minha passagem, tres nebulosas que pairavam no oceano dos ceus como archipelagos immensos. As accumulações de estrellas, os universos, são compostos de muitos milhões de soes e de systemas planetarios, e rodeados de desertos insondaveis. O primeiro d'estes universos sideraes que atravessei na minha viagem estava situado a 2 quintilliões de leguas do meu ponto de partida, o segundo a 5, e o terceiro a 9 quintilliões. Chegando a 36 ou 37 quintilliões de leguas d'aqui, comecei a encontrar as primeiras casas da vossa aldeia, ou antes os primeiros arrabaldes da vossa cidade estellar, e desde esse momento até hoje não tenho feito mais do que atravessar metade d'este universo, posto que entrasse n'elle ha 415 milhões de seculos, e que per-

corra cem leguas por hora. Encontrei, alternativamente, soes duplos, triplos, multiplos, girando em circulo com os seus systemas á roda uns dos outros:—soes solitarios fugindo com uma rapidez extraordinaria, arrastando com elles os mundos que lhes pertencem;—soes coloridos, derramando nos seus planetas as extravagantes misturas de côres;—systemas absolutamente gazosos e formados só de espheras de vapor;—estrellas de azote e cometas de acido carbonico.

A disposição dos astros no espaço varia segundo o lugar que se occupa. As linhas, rectas ou quebradas, as figuras diversas: rectangulos, quadrados, arcos, corôas, que elles formam vistos de um certo ponto, já não existem vistos de outro ponto. Chegando ao vosso systema solar, notei a disposição apparente da esphera celeste, das constellações. São as mesmas vistas da Lua ou da Terra, de Venus, ou de Marte, e até de Neptuno, porque as perspectivas celestes não mudam por uma simples differença de algumas centenas de milhões de leguas. Mas se se contar por trilliões, e sobretudo por centenares de trilliões de leguas, a differença é sensivel e as constellações mudam de fórma, principalmente as mais proximas e aquellas onde se entra.

Aqui o Espirito calou-se. E, depois de um comprido silencio, continuou nos seguintes termos:

Chegamos agora a este systema solar. Os numeros precedentes, se lhe sentiste bem a simples eloquencia, desenvolveram taes grandezas a teus olhos, que vaes imaginar facilmente a extensão do dominio do Sol. Até hoje, apesar das tuas meditações, não o tinhas imaginado com exactidão.

Servirá para um dos exemplos d'essa extensão a orbita do grande Cometa que passou perto da Terra no anno de 1680. Este cometa afasta-se a uma distancia igual a 28 vezes a de Neptuno, e qual gravita, como sabes, sobre uma orbita cujo raio excede 30 vezes o da orbita terres-

tre. A distancia da estrella Alpha do Centauro é 270 vezes maior do que o raio aphelico d'este Cometa, que pódes considerar como representando no menor grau o raio do systema solar. Vês que tomando extensões immensas para unidades de comparação, póde-se medir o espaço sem empregar uma infinidade de algarismos que escapam á apreciação.

Para vir, não da estrella, porque não venho d'esse lado, mas da distancia onde se acha a estrella mais proxima, empreguei nove milhões e oitocentos mil annos. Para vir do aphelio d'este grande Cometa, empreguei trinta e seis mil e tresentos annos. Elle está, effectivamente, a 32 billiões de leguas do Sol, e a essa distancia o astro solar tem ainda o poder de chamar das profundezas essa fraca nebulosidade cometaria, tão ligeira apesar da sua extensão, tão diffusa, tão insignificante para elle, e que, em um tal deserto, estremece ainda quando na extremidade da sua carreira o grande Sol lhe ordena que volte, o que elle não póde fazer, apesar da sua obediencia e da velocidade com que vae precipitar-se para o Sol resplandecente que o chama, — o que elle não póde fazer, digo, senão em quarenta e quatro seculos.

Durante os nove milhões setecentos e sessenta e quatro mil annos que empreguei em atravessar o espaço que rodeia o dominio solar e o isola da circumscripção do Centauro — um deserto analogo rodeia cada systema e torna cada sol rei no seu paiz — não encontrei nenhum corpo celeste importante, cuja attracção pudesse ter influencia na do Sol sobre os astros que elle governa; encontrei apenas restos de mundos destruidos que cahem no espaço com lentidão extrema, e parecem até immoveis, porque já não ha quasi nenhuma attracção de astros n'estas zonas intermediarias. Na distancia aphelica do Cometa de 1680, a attracção solar é apenas $0^m,000,000,008,333$, e o Cometa é attrahido por uma força que lhe faria percorrer apenas 416 millesimos de millimetro no primeiro segundo de queda! Por isso elle se assemelha a um morto, suspenso no

vacuo sombrio como um ligeiro phantasma. Todos os que se perdem n'aquellas regiões formam uma procissão lugubre de sombras sepulchraes !

A cem vezes a distancia aphelica do mesmo Cometa, a attracção do Sol é só de $0^m,000,000,000,008,333$. Assim, entre as duas espheras de attracção do Sol e da Alpha do Centauro, a força que rege os movimentos celestes, torna-se, por assim dizer, nulla, e um corpo collocado n'essa distancia ficaria suspenso durante milhares de annos, sem se mover. Parece que se entra no nada ou no chaos; mas depois de se ter atravessado aquellas solidões, penetra-se em novos systemas.

Finalmente, depois de transpór a orbita de varios planetas posteriores a Neptuno, o ultimo dos quaes, Hyperion, está situado a 48 raios da orbita terrestre e gravita em uma revolução de 335 annos, cheguei a Neptuno, situado a 1:147 milhões de leguas d'aqui. Isto foi ha treze seculos.

N'este ponto, o Espirito calou-se durante alguns instantes, como quando se termina a exposição de um assumpto. E effectivamente, acabava de me fazer passar em revista toda a constituição dos céus, desde os confins da nebulosa a que pertence o nosso Sol, e desde os universos longinquos, desconhecidos do nosso, até a este systema planetaris, onde elle tinha chegado quando começou a sua narração. Ouvi-o attentamente e profundi os grandes numeros por meio dos quaes a sua synthese desceu successivamente das profundezas do infinito até á região celeste onde vivemos, e quando elle me disse que tinha chegado a Neptuno, hoje o ultimo planeta conhecido, ha treze seculos, notei que esse facto datava, por consequencia do sexto seculo do nosso calendario e disse-lhe:

«Estamos actualmente no anno de 1872 da era christã. Portanto, visitaste Neptuno no tempo do reinado de Chilperico e Fredegunda. Viajas, desde essa época, percorren-

do cem leguas por hora, e só este anno pudeste chegar á Terra!

— No espaço, respondeu-me o Espirito, não se conta o tempo, como já te fiz comprehender. A historia do globo terrestre e das suas dynastias politicas é da mais absoluta insignificancia. Até a era christã, que parece, debaixo de muitos pontos de vista, dever existir no céu como nas nações evangelisadas, não é conhecida nos outros mundos. Mas contando por revoluções terrestres, ha realmente, 1308 annos, que passei por Neptuno.

— Assim, repliquei para confirmar melhor a medida do espaço pelo tempo, se um homem podesse partir hoje da Terra e dirigir-se para o limite conhecido dos astros planetarios, o mundo de Neptuno, não chegava a essas fronteiras, viajando com a extrema rapidez de cem leguas por hora, senão d'aqui a 1308 annos, isto é, no anno de tres mil cento e oitenta?

— É verdade. É a medida do meio diametro da ultima orbita planetaria conhecida. Comtudo, estes 1308 annos terrestres são apenas oito annos de Neptuno... O calendario muda completamente de um planeta para outro, apesar de um anno de Neptuno não ser mais comprido para os habitantes d'este planeta do que um anno da Terra para os seus habitantes. Debaixo do ponto de vista do absoluto, para um Espirito desencarnado, estes dois annos não são *nada*, e são perfeitamente eguaes. O tempo é formado pelos movimentos periodicos dos corpos materiaes, e só estes mudam com elle, e estão na sua dependencia. As forças, entidades reaes dependentes da materia, poderes dynamicos imponderaveis que sustentam os pesos, são quasi independentes do tempo, porque se transmitem com uma rapidez que se aproxima da instantaneidade. A alma do homem, posto que esteja envolvida na substancia fluidica que fórma um intermedio necessario entre ella e o corpo, e que, sobrevivendo á morte do corpo terrestre, fica ligada á monada espiritual, a alma, digo, póde trans-

portar-se de um lado para o outro do espaço com uma rapidez maior do que a da luz e da electricidade, e, por assim dizer, instantanea.

— Mas, ó Espirito, se a alma pode viajar no espaço com tal velocidade, porque levaste tantos seculos a vir dos confins do universo astronomico?

— Podia ter feito a mesma viagem em alguns dias, replicou o Espirito com benevolencia. Mas, repito, dias ou seculos não differem de extensão para um espirito. E não levei *mais tempo* na minha viagem do que se tivesse vindo instantaneamente.

Preexistente á vida, a alma não tem idade no momento em que se encarna. Não tem idade no momento em que, cessando a vida, abandona o seu involucro terrestre. Não é mais velha quando se encarna novamente na Terra ou em outro planeta. Não envelhece durante a eternidade. Os seculos, passando sobre ella, deixam-lhe menos vestigios do que a agua do ceu nos brancos hombros de uma estatua de marmore.

Não acontece o mesmo com os corpos animados, as combinações de atomos, as aggregações de moleculas, os mundos materiaes e todos os astros que constituem o universo physico. O tempo existe para estes mundos e por causa d'elles. Os soes não teem noites, e, gozando um dia eterno, aproximam-se já das condições da eternidade. Mas teem translacções, modificações de temperatura, e variações que lhes distribuem uma medida de tempo, lenta, é verdade, mas real. Não duram sempre; envelhecem e morrem. Os mundos planetarios teem dias e noutes, mezes, estações, annos. Os movimentos que os dirigem formam os seus calendarios variados, dando á Terra annos de 365 dias, pelos quaes se medem todas as existencias creadas n'este planeta, — a Jupiter annos de 10,400 dias, a Saturno annos de 25,421 dias, ao Sol e ao systema planetario uma revolução de mais de duzentos mil annos terrestres.

Com o tempo, as estrellas mudam de logar, as constel-

lações perdem a forma, os systemas acabam, os planetas desfazem-se em poeira, e os soes apagam-se. O tempo, isto é, o movimento, existe, portanto, para os objectos materiaes.

Debaixo do ponto de vista do absoluto, não existe; porque no puro espaço, entre os corpos celestes, não ha tempo nem medida. O Espirito não está tambem na dependencia do tempo; não pode medil-o senão empregando os movimentos planetarios, relogios seculares dos ceus.

Por isso os trinta e oito billhões de seculos que empreguei na minha viagem sideral, não se contam para mim como para os mundos materiaes, e não tenho mais idade do que no momento da partida. É este o grande principio para o qual chamo a tua attenção. O universo material é a morada variavel dos Espiritos, que não envelhecem n'ella.

Na vida de um Espirito, ou, para fallar com mais exactidão, n'uma phase da vida eterna de um Espirito, um mundo com a importancia da Terra inteira, e até de Saturno ou Jupiter, pode nascer, viver e morrer, e cumprir-se a sua historia, e a sua humanidade apparecer, civilisar-se, progredir, chegar ao seu apogeu e desaparecer, emquanto que todos os dos Espiritos que o tiverem habitado conservar-se-hão intactos, reencarnando-se umas poucas de vezes n'esse mesmo planeta, e passando para outro, morando no espaço, sem nunca envelhecerem.

Ha dois mundos bem differentes na criação: o mundo espiritual, para o qual não existem as condições materiaes, taes como o tempo, o espaço, o volume, o peso, a densidade, a côr, e onde existem os principios de justiça, de verdade, do bem e do bello, que são coeternos de Deus; o mundo physico para o qual não existem nem bem nem mal, nem justo nem injusto, nem bello nem feio, que é fundado nos principios da realidade material, tempo, espaço, dimensões, pezo, etc.

— Mestre! repliquei, ouvindo esta classificação, se os

elementos dō mundo physico são absolutamente extranhos ao mundo dos Espiritos, como podem estes conhecer o universo, ver os mundos, viajar de um para outro? Como pode a alma, durante a encarnação, distinguir o universo exterior?

— Pelos principios intermediarios, respondeu o Invisivel. Estes principios são as *forças*, a attracção, a luz, o calor, a electricidade, etc.

A alma, mesmo encarnada, não pode ter acção directa sobre a materia. Se a tua alma pode occupar-se de astronomia, de physica, de chimica, em uma palavra, de sciencias exactas. não é pela sua propria intuição ou pelo seu poder, mas sim graças aos agentes intermediarios. Por outro lado, o teu corpo não poderia trabalhar sem essas forças. Estas são o *substratum* do universo, existem universalmente no infinito e occupam todo o espaço, onde os atomos não fazem mais do que fluctuar. Os atomos constitutivos de um bocado de ferro, de marmore ou de barro, de uma molecula de agua ou de ar, de oxygenio ou de hydrogenio, não estão ligados solidamente uns aos outros, como parecem, estão isolados, separados, exactamente como os planetas, os mundos do universo. Não ha nada absolutamente solido, ha apenas intersticios, espaços immensos, relativamente, entre os atomos constitutivos de todos os corpos, animados e inanimados, tanto que a força calorifica, por exemplo, aproxima-os ou afasta-os, dilata ou contrahe os volumes, produz os solidos apparentes, os liquidos e os gazes, tres estados diferentes das mesmas substancias, os quaes são devidos unicamente à força calorifica. Um olhar que visse a estrutura atomica de um objecto não poderia já ver esse objecto: a vista atravessal-o-hia.

Os homens não vêem do seu universo senão os atomos, as estrellas; é preciso ver de muito longe para reconhecer a fórmula definida de um universo, de uma accumulacção de estrellas. Quando recibes um raio de luz, por exemplo, esse

raio atravessa a orbita dos teus olhos e a estrutura do teu órgão para ir impressionar um nervo, o qual não transmittiria nenhuma sensação se, tendo-se acabado a vida, a tua alma não estivesse ahi para interpretar a commoção, dar um sentido ás vibrações luminosas transmittidas pelo nervo optico. Entre o objecto visto e a tua alma ha o agente intermediario, a força, que n'esse caso é a luz, sem a qual a alma não poderia travar relação com o objecto.

Mas o organismo actual que possues não é necessario para esta obra. A luz, assim como o calor, a electricidade e outras formas que não conheces, transmite-se pelo movimento, por vibrações ou ondulações que a tua alma poderia receber sem nenhum dos sentidos que possues. Os olhos não são indispensaveis para ver. Um outro órgão poderia substituil-os, órgão differente, sensivel, por exemplo, ás ondas lentas e vendo o calor, ou então ás ondas rapidas e vendo a acção chimica, e dando á alma a noção de uma parte mais ou menos extensa de cousas que ignoras, porque não tens sentidos para as apreciar. Vives no meio de um mundo invisivel, onde os Espiritos, providos de outros sentidos além dos teus, distinguem um numero indefinido de realidades que não podes conhecer.

Deves ver, portanto, no universo: 1.º, o elemento *materia*, sujeito ás condições limitadas do espaço, subdividido em atomos muito pequenos, immudaveis em tamanho e em massa; 2.º, o elemento *dynamico*, que, pelo contrario, não está sujeito ás condições limitadas; 3.º, o elemento *animico*, o espirito, essencialmente individualisado no espaço, e, ao contrario do elemento materia, incompativel com qualquer idéa de formas e de limites definidos.

— Espirito desconhecido que me fallas, tornei, quem quer que sejas, ouvi-te com respeito, e tenho a felicidade de accrescentar que comprehendo essa synthese. Vejo os astros e os atomos, as forças que sustentam e dirigem os corpos ponderaveis, os Espiritos que habitam os mundos

ou o espaço; o universo illumina-se para mim com uma claridade nova que me faz imaginar a sua extensão e a sua belleza. Mas ainda não me fallaste de Deus?

— Até para os Espiritos é impossivel adivinhar o Ser infinito, replicou a voz. Teem-te feito adorar até hoje um Deus creado á imagem do homem, ou negar energicamente a existencia de um Auctor da natureza, porque ninguem a comprehende. Nem os dogmas das theologias officiaes, nem as negações do atheismo são verdadeiros.

Deus não existe mais em qualquer ponto do Ceu do que na Terra, ou, para fallar com mais exactidão, não está em parte nenhuma mais visivel do que aqui. Em região alguma do infinito está o logar fixo, atapetado de pedrarias, onde se veja o throno do Altissimo. O empyreo da idade media não é mais verdadeiro do que o Olympo grego.

O paraizo de Mahomet nunca brilhou em outra parte que não fosse a imaginação ardente dos discipulos do propheta. Os sete ceus de Buddha não teem realidade mais effectiva do que a que lhe deram nos phantasticos desenhos chinezes e japonezes que os representam. Vêr Deus face a face é uma expressão puramente symbolica. Os olhos do mais evangelico dos corpos glorificados não poderiam ver nem admirar em parte alguma esse ente invisivel. O Ceu não existe. O espaço astronomico é infinito. Deus é um espirito puro, ou antes, o espirito puro, consciente de si mesmo e de cada parte infinitesimal do universo inteiro, pessoal, mas sem forma, infinito e eterno, isto é, sem extensão e sem duração, tão presente aqui, no meio de Paris, onde te estou falando, como nas estrellas mais brilhantes, tão activo nas obras da natureza terrestre como nas manifestações sublimes das espheras espirituaes superiores.

O Ser infinito, causa das causas, principio de tudo o que existe, virtude e apoio do universo, absoluto, eterno, é inteiramente incomprehensivel para ti, para mim, e para todos os seres. A sua existencia é incontestavel, porque,

sem ella, seria impossivel explicar a existencia do entendimento na creação, das mathematicas (que o homem não inventou, mas descobriu), das verdades intellectuaes e moraes. Mas o Auctor e Juiz supremo de todas as cousas está acima da nossa concepção. Já podemos comprehender que para elle não ha espaço nem tempo, que vê tudo, e a propria astronomia deu a conhecer que a luz emittida por todos os soes e todos os planetas leva a sua historia antiga no espaço; de maneira que, estando-se collocado no ponto onde chega hoje o raio luminoso reflectido pela Terra ha cem annos, vê-se a Terra d'essa epoca com os seus habitantes, e todo o passado se pode ver da mesma maneira, e a historia de todos os mundos, que fica assim permanente no infinito, em Deus. Já podemos comprehender tambem que o futuro é para elle presente, assim como o passado, porque os factos que hão de succeder estão encerrados no estado actual do universo, exactamente como o passado. Mas procurar comprehender a natureza intrinseca e o modo de acção do Ser infinito era um trabalho absolutamente esteril.

E agora, meu filho, a tua alma recebeu, sentiu a noção da infinidade do espaço. Compreenderia com a mesma exactidão a da infinidade do tempo? Imaginas bem a grandeza da idéa, do facto representado por esta palavra: A Eternidade?

Camille FLAMMARION.

(Continúa)

UM BAPTISADO Á FORÇA

(Historia americana)

Leitura edificante para as creanças das escolas methodistas

Teem ouvido falar muitas vezes, meus queridos meninos, na dedicação admiravel com que os nossos heroicos *Reverendos* embarcam para os paizes mais insalubres, esperando introduzir entre os negros sem leitura, o precioso *stock* das edições polyglotas, que as generosas *Sociedades methodistas de Londres e de Boston reunidas*, publicam todos os annos, com grandes despezas...

Nenhum de vós, meus queridos filhos, ignora os prodigios de habilidade, de audacia, de engenho, que os nossos *Reverendos* empregam nas regiões, — cada vez menos numerosas, infelizmente, — onde o commercio respeitavel tem probabilidade de estabelecer novos escriptorios afim de favorecer a troca dos nossos productos convenientes por ouro em pó, dentes de marfim, tabaco, café em grão e aguardente de canna.

Ouçam, meus meninos, a narração de uma nova façanha praticada pelos nossos *Reverendos*, em Madagascar.

Durante uma longa serie de annos, a grande ilha africana foi, como os meninos sabem, um vasto campo de prosperidade para as nossas sociedades de Londres e de

Boston, uma fonte inexgotavel de lucros para o nosso honrado commercio yankee, um paraizo terrestre para os Pastores Methodistas que se haviam tornado—à custa de quantos esforços!—amigos intimos e conselheiros da rainha dos Malgachas. É o nome da grande tribu que vive na ilha.

E graças, tanto á habilidade pratica dos nossos pastores como ao auxilio divino e á protecção da Rainha, os nossos reverendos prodigalisavam áquelle povo ingenuo, brando, animado pelas melhores intenções, todos os beneficios da nossa civilisação superior. Ferragens, merceria, conservas alimenticias, linoleum, cautchuc impermeavel, tudo o que, em a nossa gloriosa republica, contribue para tornar as nossas existencias americanas respeitaveis e commodas, tudo, desde os collarinhos postiços de celluloides, até aos *whiskey-cocktails*, tudo, sem excepção, era fornecido aos consummidores indigenas de Madagascar... pelos escriptorios dos Reverendos Methodistas, com um ardor e uma abnegação sublimes. Comprehendem que honra para as nossas sociedades e que lucro para as nossas casas bancarias!

Um dia, porém, viram chegar á ilha um bando de missionarios, que vinham de França. Os seus pastores, os seus paes, os seus mestres, repetem-lhes todos os dias, meus filhos, que os desgraçados povos latinos vivem em uma immoralidade, uma ignorancia de negocios, uma abjecção, que se assemelha a um barbarismo e que é apenas o castigo das orgias abominaveis com que essas nações degradadas profanam, ha seculos, o sagrado descanso do domingo.

Os nossos Reverendos preveniram a rainha dos Malgachas do perigo que o seu povo corria. Com os missionarios catholicos acabavam-se os escriptorios, o commercio honrado e os productos convenientes, porque o unico fim d'esses missionarios, cheios de fanatismo, era obrigar os pobres selvagens sem defeza a partilharem as tristes superstições com que elles embrutecem os cerebros francezes!

A rainha mandou os seus guerreiros ao encontro dos missionarios para se opporem á passagem d'elles; os nossos Reverendos forneceram espingardas, canhões e polvora. Ah! foi o ultimo lucro concedido ao seu commercio; porque os calças vermelhas não tardaram em ir defender os missionarios, e, depois de grandes batalhas, a rainha, ingrata para com os seus bemfeitores, deu ordem aos vasallos de abandonarem os escriptorios methodistas.

Foi então que as nossas admiraveis sociedades de Londres e de Boston, commovidas pelas despesas consideraveis d'essa campanha, supprimiram, em um momento de desanimo, os soccorros de dinheiro que enviavam, havia annos, aos Reverendos de Madagascar. A situação parecia estar perdida.

Comtudo, foi salva por dois homens, simplesmente.

Pensem n'este nobre exemplo, meus queridos meninos, e fórmem, no intimo do coração, um proposito firme de virem a ser dignos dos seus pastores quando crescerem.

Poucas semanas depois da decisão penosa tomada pelas nossas sociedades, dois Reverendos, installados pouco commodamente em uma simples canôa de cortiça, subiam um dos rios mais desconhecidos de Madagascar, corrente de um accesso quasi impossivel, e que é designada nos mapas da Sociedade de Boston por um nome indigena, muito difficil de pronunciar.

Um d'esses navegantes intrepidos era o irmão John Calvin, e o outro, o irmão Phileas Sweet, ambos Reverendos distinctos da congregação methodista de Boston. O fim da sua viagem ser-lhes-ha revelado, meus queridos meninos, pelo dialogo que elles travam um com o outro, afim de matarem o tempo, dentro da sua canôa selvagem.

— Só um selvagemzinho, só um, dizia o irmão Calvin ao seu companheiro. Só um, e a nossa associação cobrir-se-ha de gloria, não falando no lucro. Sabe, reverendo Phileas, que ha tres mezes assignámos aquelle tratado que nos liga um ao outro por quatro mezes, e que faz hoje quinze dias

que procuramos inutilmente alcançar um d'esses misera-
veis?

— Sim! Ha quinze dias e quatorze noutes, disse o irmão Phileas, suspirando. Durante todo esse tempo temos navegado nas aguas perigosas d'este rio cujo nome não posso pronunciar; atravessámos mais de cincoenta aldeias. Mas, em toda a parte, os homens, as mulheres e as creanças fugiram da nossa presença.

— É para obedecerem, com certeza, disse Calvin, á ordem formal d'essa rainha ingrata. Não se dirá, porém, que desistimos. Avancemos, irmão Phileas! Avancemos sempre e não duvidemos!

Como recompensa da sua firmeza de alma, mal o irmão Calvin acabou de proferir a sua phrase, avistou um bambu flexivel, plantado a pouca distancia d'elles, no meio do rio. Em cima, empoleirada na verdura, uma bonita cabana de folhagem era balouçada pela brisa ligeira. Um Malgacha misanthropo construiu ali o seu retiro, elegante e economico ao mesmo tempo, onde embalava em paz a sua melancolia de selvagem. Os Malgachas são o unico povo que acha encanto em estabelecer poleiros solitarios no cume dos bambus, no meio dos rios.

Este genero de propriedade predial pertence ao genero de construcções de estacaria, e consiste, sobre tudo, em modelos de architectura ligeira, notaveis pela falta absoluta de subsolo.

O Malgacha era, por acaso, um Malgacha de coração duro, de alma obstinada, desprezando a sociedade dos outros Malgachas, para viver no seio de uma meditação doentia, nas profundidades de uma folha de palmeira.

Os Reverendos, ao approximarem-se, avistaram, á entrada da cabana, dois objectos de fôrma singular. Calvin, que era o espirito forte da associação, pegou no seu oculo de explorador e conheceu, á primeira vista, que eram os dois pés do habitante da choupana; dois pés enormes, e nus, que serviam como que de taboleta á morada do infiel,

e avançavam em uma posição cheia de abandono, que indicava disposições naturaes para adoptar os usos e costumes dos nossos legisladores do Capitolio de Washington.

— Estes pés negros annunciam-nos uma alma para lavar! exclamou o irmão Calvin que parou com os remos.

O irmão Phileas sentiu uma vontade furiosa de exclamar que devia haver duas almas, visto que havia dois pés; mas, contendo-se, fez um simples signal de adhesão, e os dois socios, depois de manobrar para chegar ao pé do bambu, metteram mãos á obra sem demora.

O irmão Phileas, que tinha uma bella voz, entoou os primeiros compassos do celebre hymno:

«Colloquem as suas economias no céu, e com ellas comprarão corôas d'ouro e azas.»

Em seguida, o irmão Calvin leu em voz alta um d'estes tratadinhos edificantes dos quaes as *Sociedades de Londres e de Boston reunidas* mandam imprimir, gratuitamente, milhões de exemplares, para serem distribuidos nos carros publicos e nas estações dos caminhos de ferro. Era, justamente, meus queridos meninos, uma historia que os meninos conhecem perfeitamente, a de um bom rapazinho que denunciou o seu camarada por este haver collocado um alfinete na cadeira do mestre. O denunciador recebeu uma chuva de murros na cabeça; mas o bom rapazinho vingou-se deixando-se morrer e perdoando ao malvado ¹.

O Malgacha, ao ouvir esta leitura, não se commoveu, como devia. Pelo contrario, o infiel deitou a cabeça fóra da gruta e dirigiu aos dois socios um gesto irreverente que o irmão Phileas qualificou de grosseiro.

O irmão Calvin replicou nobremente:

Respondamos á injuria com a grandeza de alma.» E

¹ Copiado tèxtualmente do titulo de um pequeno tratado methodista.

preparou-se para ler outro tratado, mais commovedor que o primeiro, a historia de um honrado operario que, um día bebeu um copo de cidra na companhia de alguns devassos, tornando-se depois d'isso, um bebado incuravel. ¹

Esta instante appellação, em forma de apologo, não arrancou ao selvagem senão uma repetição do gesto que offendera, com razão, os bons Reverendos; pantomima expressiva, acompanhada de algumas observações em dialecto malgacha.

Então, accommettido por um ardor invencivel, o irmão Calvin leu um terceiro tratado, mais eloquente do que os outros.

Era a historia de um rapazinho que fuma um charuto, e confessa as torturas que soffreu quando o assaram nas labaredas ardentes do inferno.

Talvez não acreditem, meus queridos meninos; o coração do feroz Malgacha continuou a ficar insensivel!

— Basta de brincadeira! — disse, de repente, o irmão Calvin ao irmão Phileas. Com os impenitentes não se pode ter considerações!

O irmão Phileas chorou; mas viu-se obrigado a concordar em que era um caso de força maior.

Os dois Reverendos pegaram, então, em uma serra que haviam mettido na canôa, esperando trocal-a, na cabana do primeiro chefe que encontrassem por uma boa viga de madeira, de quatro fios. E, piedosamente, começaram, á maneira de Samsão, a serrar pela base o tronco de bambu que servia de columna á gruta philistea.

O Malgacha, quando percebeu o intento dos dois companheiros, sentiu o coração de pedra abrandar-se-lhe. Reflectiu, pela primeira vez, que as estacas da idolatria não são, a final de contas, senão um caniçado bem fragil.

O irmão Phileas, sensivel, por temperamento, ás desgraças alheias, não poude conter um gesto de compaixão

¹ Textual.

que lhe inspirava aquelle pobre Malgacha, expropriado para salvar a alma.

E, querendo suavisar o amargo destino do desgraçado, entoou, com a sua harmoniosa voz de baixo, o psalmo n.º 3524, que diz:

«Sêde correctos á hora da morte! Fixae a cabelleira no vosso craneo de peccador com a colla da esperanza celestial.»

Quando o ultimo echo moribundo repetia as ultimas syllabas d'estas bellas estrophes, a serra chegou á medulla do bambu; o cume de verdura oscillou, vagarosamente, como que contrariado; depois, afastando se bruscamente dos outros troncos, arrastou em um banho improvisado, não um selvagem impenitente, mas um honrado Malgacha de coração arrependido e submisso.

Por um effeito da Providencia, os bons Reverendos tinham o desgraçado em seu poder. O irmão Calvin agarrou no pagão por um annel de carapinha e conservou-o debaixo da agua durante quatro ou cinco segundos, repetidas vezes; ora, o selvagem não sabia nadar, o que é rectificado pelas descripções de viagens anteriores a esta narração fiel.

E assim, em alguns instantes, os bons irmãos, não conseguindo embranquecer a pelle do seu captivo, lavaram-lhe todas as manchas da alma. Tanto que, ao terceiro mergulho, o Malgacha declarou que fôra tocado pela graça celeste. O baptisado estava completo, e o reverendo Calvin deu-lhe o nome de John Ranarivo, que, em malgacho, significa bambu.

John apprendeu as consoladoras verdades methodistas e foi conduzido, triumphante, a Boston, com uma grande carregação de productos de Madagascar. Passando por Nova-York, amoldou-se aos costumes d'essa grande cidade, e usou chapéu alto e gravata branca. Hoje tambem prega, com grande edificação dos nossos padres.

— E eu, para concluirmos, diz elle, no fim de cada

speech, não sou uma prova da utilidade das *Sociedades de Londres e de Boston, reunidas*? Quem se atreveria a negal-o?

Effectivamente, ninguém se atreve a contradizel-o, e John Ranarivo aproveita isso para fazer correr a bandeja, como eu vou ter a honra de fazer, meus meninos, em proveito da obra da civilisação de Madagascar,— da qual John é thesoureiro.

Jehan SOUDAN.

EPISCOPO & C.^A

(Continuação)

E agarrou-me no braço atirando-me ao rosto o seu halito avinhado; mas percebendo que se enganára continuou a descer. Então eu, machinalmente, recomecei a ascensão, certo, sem saber porque, de que tinha encontrado alguém da *família*. Defrontei com uma porta aonde li: «Emilia Canale, corretora do Montepio, com auctorisação da Questura Real.» Para acabar com o tormento da incerteza, fiz um esforço e puxei o cordão da campainha; mas, sem querer, puxei com tanta força, que a campainha tocou com furia. Uma voz irritada respondeu de dentro, a mesma que tinha proferido as injurias: a porta abriu-se; e eu, dominado por uma especie de panico, sem vêr nada, sem esperar nada, offegante, disse, mastigando as palavras:

— Eu sou Episcopo, Giovanni Episcopo, empregado... Vim, sabe, por causa de sua filha... sim... Peço desculpa... puxei com muita força.

Estava diante da mãe de Ginevra, uma mulher ainda bella e florida, diante da corretora, enfeitada com um collar de ouro, grandes brincos de ouro, anneis de ouro em todos os dedos. E fazia timidamente um pedido em casa-

mento, — lembra-se? — o famoso pedido proposto por Filippo Doberti!

Oh! senhor, póde rir-se á sua vontade; não me offende com isso.

E' preciso contar-lhe tudo minuciosamente, dia por dia, hora por hora? Quer todas as scenas pequenas, todas as minudencias da minha vida d'essa época, tão disparatada, tão extravagante, tão comica e tão miseravel, tudo até o *grande acontecimento*? Quer rir? Quer chorar? Nada é mais facil contando-lhe tudo. Leio no meu passado como n'um livro aberto. Sinto a grande luz que vem áquelles cujo fim está proximo.

Mas eu estou cansado, estou fraco; e o senhor tambem deve estar um pouco fatigado. Vale mais abreviar.

Eu abrevio. Obtive sem difficuldade o consentimento. A corretora parecia já informada do meu emprego, do meu ordenado, e da minha situação. Tinha a voz sonora, o gesto decidido, o olhar mau e quasi cubiçoso momentaneamente embahidor e um tanto lascivo, semelhante ao de Ginevra. Quando me fallava em pé aproximava-se muito, tocava-me sem cessar; umas vezes dava-me uma pequena palmada, outras puxava-me por um botão do casaco; sacudia um grão de poeira do meu hombro, ou tirava-me um fio ou um cabello do fato. E o contacto da mão d'aquella mulher, que eu mais d'uma vez vi levantar o punho até á cara do marido, causava-me irritação de todos os nervos.

O marido era justamente o homem da escada, o homem dos oculos verdes, um pobre idiota.

Tinha sido typographo, mas uma doença dos olhos impedia-o de trabalhar. Vivia á custa da mulher, do filho e da nora, maltratado, martyrisado por todos, considerado como intruso. Tinha o vicio da bebida, o habito da embriaguez, a *séde*, a terrivel *séde*. Ninguem em casa lhe dava um soldo para beber, mas, para ganhar algum dinheiro, devia fazer occultamente, em qualquer rua, em qualquer

casa, não sei a que gente, algum serviço ignobil, alguma tarefa vil e facil. Quando tinha ensejo apanhava em casa o que se lhe deparava á mão e corria a vendel-o para beber, para se proporcionar o meio de satisfazer a sua indomavel paixão; o medo das injurias e das pancadas era impotente para o conter.

Uma vez cada semana, pelo menos, a mulher expulsava-o sem compaixão, e durante dois ou tres dias elle não tinha coragem para voltar a bater á porta. Para onde ia? Aonde dormia? Como vivia?

Logo no primeiro dia, no dia em que travei conhecimento com elle, sympathisou comigo. Emquanto eu, assentado, supportava a tagarelice da minha futura sogra, elle voltado para mim sorria-se com um sorriso continuo que lhe fazia tremer o labio inferior, um pouco pendente, mas que não transparecia debaixo das especies de gaiolas onde tinha encerrados os olhos doentes. Quando me levantei para sahir, elle disse-me em voz baixa, com receio manifesto :

— Eu saio tambem.

Sahimos juntos. Elle firmava-se mal nas pernas, e ao descer as escadas vi que elle hesitava, que vacillava; e então disse-lhe:

— Quer apoiar-se ao meu braço?

Acceitou, apoiou-se, e na rua não me largou o braço apezar do movimento que eu fiz para me soltar. A principio não disse nada, mas de espaço a espaço, voltava-se para mim e aproximava tanto o rosto que me tocava na aba do chapéu. Continuava a sorrir, e, para quebrar o silencio, acompanhava o sorriso com um grunhido guttural.

Lembro-me bem; era ao escurecer de uma tarde muito serena. Andava muita gente nas ruas; dois musicos, flauta e guitarra, tocavam uma aria da *Norma* no terraço d'um café. Lembro-me bem: passou uma carruagem conduzindo um ferido escoltado por dois agentes de policia.

Elle disse afinal, apertando-me o braço :

— Estou contente, sabes? Estou mesmo muito contente. Que bom filho tu deves ser! Sympathiso já muito contigo, sabes?

Disse isto convulsivamente, absorvido por uma idéa unica, por um desejo unico, mas que tinha vergonha de exprimir. E poz-se a rir como um bestificado. O silencio recommçou. Depois elle repetiu ainda:

-- Estou contente.

Tornou a rir-se, mas com um riso spasmodico, e notei que soffria de uma crise nervosa que o agitava. Quando chegámos diante de uma porta envidraçada coberta com cortinas vermelhas que faziam flammejar uma luz interior, disse de repente, com voz rapida:

— Vamos beber um copo juntos.

E parou, retendo-me em frente da porta, no reflexo avermelhado que cobria o lagêdo. Senti que tremia e pude ver-lhe, atravez dos oculos, os olhos inflammados. Respondi:

— Vamos.

Entrámos na taberna. Os poucos bebedores que lá estavam, reunidos em grupos, jogavam as cartas. Assentámos-nos a um canto e Canale pediu:

— Um litro, tinto.

Dir-se-ia que tinha enrouquecido subitamente. Deitou vinho nos copos e a mão tremia-lhe como a de um paralytico; bebeu de um trago e lambeu os labios, enchendo outra vez o copo. Depois largou a garrafa e poz-se a rir dizendo com ingenuidade:

— Ha já tres dias que não bebia.

— Tres dias?

— Sim, tres dias. Eu não tenho um soldo de meu, e em casa ninguem m'o dá. Tu comprehendes? comprehendes? E eu não posso trabalhar, com estes olhos assim. Vê, meu filho.

Levantou os oculos e foi como se tivesse tirado uma

maskara, tão completa foi a mudança que se operou no seu rosto. As palpebras estavam ulceradas, intumecidas, sem pestanas, cheias de pus, horriveis; e n'aquelle fundo vermelho, n'aquelle intumescimento, abriam-se a custo duas frestas lagrimejantes, infinitamente tristes, d'esta tristeza profunda e incomprehensivel que tem o olhar dos animaes doentes. Diante d'esta revelação senti um mixto de repugnancia e piedade. Perguntei-lhe:

— Sofre muito com isso? Muito?

— Oh! meu filho, imagina. Agulhas, alfinetes, lascas de madeira, bocados de vidro, espinhas venenosas... tudo isto, a picar-me nos olhos, não seria nada em comparação do que soffro.

Exaggerou talvez por saber que era objecto da minha piedade, da piedade de uma creatura humana, depois de tanto tempo! Nunca tinha ouvido uma voz compadecida e exaggerou talvez para augmentar a minha commiserção, para ouvir uma vez ao menos as consolações de um homem.

— Deve soffrer muito.

— Sim, muito.

Passou pelas palpebras, devagarinho, muito devagarinho, uma especie de farrapo que já não tinha forma, nem côr. Depois deixou cahir os oculos e despejou segundo copo, de uma vez. Eu bebi tambem. Elle tocou na garrafa e disse:

— Olha, meu filho, não ha no mundo senão isto.

Eu observava-o attentamente. Na realidade não lhe descobria nas feições nada que recordasse Ginevra; nem uma linha, nem uma expressão, nem um gesto, nada.

— Não é pae d'ella, pensava eu,

Tornou a beber, e pediu outro litro, depois repetiu em tom de falsete.

— Estou muito contente por tu casares com Ginevra. E tu podes estar contente tambem. Os Canale são uma familia honesta. Se não fossemos honestos... a esta hora...

E levantando o copo, sorriu com um modo equivoco que me inquietou. Depois proseguiu:

— Ginevra... Ginevra podia ter feito a nossa fortuna, se nós quizessemos. Tu entendes? Isto são coisas que se podem dizer a ti. Não foi uma, nem duas, mas dez, mas vinte propostas... E que propostas, meu filho!

Eu devia estar verde.

— O principe Altini, por exemplo... Ha uma eternidade que elle me persegue. Desanimado a final, mandou-me ir ao seu palacio, uma tarde do mez passado, antes da partida de Ginevra para Tivoli. Tu percebes? Dava tres mil francos, e punha-lhe um estabelecimento, etc., etc. Mas não, não. Emilia disse sempre: «não é isso o que nos convem, não é isso que nós queremos; casámos a mais velha, tambem havemos de casar a mais nova. Havemos de achar um empregado, com bonito futuro, com ordenado certo...»

E vês? Apareceste tu. Tu chamas-te Episcopo, não é verdade? Que nome! A senhora Episcopo, então, a senhora Episcopo...

Tornara-se loquaz; e poz-se a rir.

— Aonde a viste? Como a conheceste? Foi na casa de pasto? Conta, conta, quero ouvir-te.

N'aquelle momento entrou um homem de aspecto equivoco, repulsivo, meio creado de quarto, meio cabellereiro, pallido, com as faces cheias de pustulas avermelhadas, e cumprimentou Canale.

— Boa tarde, Battista.

Battista chamou-o e offereceu-lhe um copo de vinho.

Beba á nossa saude, Theodoro. Apresento-lhe o meu futuro genro, o noivo de Ginevra.

O desconhecido olhou para mim surprehendido, com olhos esbranquiçados, que me fizeram estremecer como se tivesse sentido na pelle um contacto frio e viscoso; e murmurou:

— Ah! o senhor é...

— Sim, sim, replicou o fallador, cortando-lhe a palavra; é o senhor Episcopo.

— Ah! senhor Episcopo! Estimo muito... as minhas felicitações...

Eu não abri a bocca. Mas Battista ria, com o queixo no peito, dando-se ares de velhaco. O outro não tardou a despedir-se.

— Adeus, Battista, Até outra vez, senhor Episcopo.

E estendeu-me a mão, e eu dei-lhe a minha. Apenas se afastou, Battista disse-me em voz baixa:

— Sabes quem é? E' Theodoro... o *homem de confiança* do marquez Aguti, o velho proprietario do palacio ao lado de casa. Ha um anno que elle anda atraz de mim por causa de Ginevra. Tu entendes? O velho quer possuil-a por força; chora, grita, bate os pés como um fedelho, porque a quer. O marquez Aguti, é aquelle que se fazia amarrar aos pés da cama e fustigar pelas suas mulheres até deitar sangue. Nós até ouviamos os gritos, de nossa casa... Mais tarde a Questura metteu-se n'isso... Ah! ah! ah! o pobre Teodoro! Que cara! Viste a cara que elle fez? Elle não esperava isto, o pobre Teodoro, não esperava isto!

E continuava a rir estupidamente enquanto eu estava sobre brazas. De repente suspendeu o riso e soltou uma imprecação. Por baixo da rede dos oculos corriam-lhe nas faces dois rios de lagrimas impuras.

— Oh! estes olhos! Quando bebo, é um supplicio.

E novamente levantou os terriveis oculos verdes; e vi de novo em cheio, aquella cara disforme que tinha a apparencia de um esfolado, vermelho como as nadeegas de certos macacos que se vêem nas exposições. Tornei a ver aquelles dois olhos dolorosos no meio das duas chagas, e o gesto com que elle passara o farrapo sobre as palpebras.

— Preciso partir, disse eu, já não tenho muito tempo.

— Vamos embora, mas espera um pouco.

E por-se a revistar os bolsos, como que a procurar dinheiro, grotescamente. Paguei e sahimos. Agarrou-me outra vez no braço como se não quizesse largar-me em toda a noite. A cada instante ria como um idiota, e senti que lhe voltava a crise, a agitação que o dominava antes de beber, a lucta interior do homem que quer dizer alguma cousa e que não se atreve, que se envergonha.

— Bonita noite ! disse elle. Seguiu-se o mesmo riso convulso da primeira vez.

De subito, com um esforço igual ao do gago que se esquece do que vae dizer, a cabeça baixa para esconder a cara na sombra do chapéu, accrescentou :

— Empréstame cinco francos. Eu t'os pagarei.

Parámos. Metti-lhe os cinco francos na mão tremula, e, immediatamente, voltou-se, fugiu, perdeu-se na sombra.

Ah ! senhor ! que lastima ! um homem que o vicio devora, que estrebucha nas garras do vicio, que se sente devorar, que se vê perdido e que não quer, que não pode salvar-se ! Que lastima, senhor, que lastima ! Conhece alguma cousa mais inconcebivel, mais fascinante, mais triste ? Diga, diga se entre todas as abjecções humanas haverá alguma cousa mais pungente do que o medo que domina o homem diante do objecto da sua paixão desordenada. Haverá nada mais triste do que ver as mãos tremulas, os joelhos vacillantes, os labios crispados, todo o homem torturado pela implacavel necessidade de uma sensação unica ? Diga, diga se haverá nada mais triste na terra ? Haverá ?

Pois bem, senhor, desde aquella noite senti-me ligado áquelle miseravel e fiz-me seu amigo. Porque ? Por que affinidade mysteriosa ? Por que previsão instinctiva ? Seria pela attracção do seu vicio que principiava a dominar-me irresistivelmente tambem ? Ou pela attracção do seu infortunio, inevitavel e sem esperanza como o meu ?

Depois d'aquella noite encontrei-o, tornei a vel-o em quasi todas as seguintes. Procurava-me aonde quer que

estivesse; esperava-me à porta da repartição, em minha casa, de noite, na escada. Não me pedia nada; não tinha mesmo o recurso de fazer fallar os olhos, que andavam cobertos, Mas bastava-me olhar para elle para o comprehender. Sorria com o sorriso habitual, bestificado e convulso, e esperava sem pedir nada. Eu não tinha força para lhe resistir, para o despedir e humilhar, para lhe mostrar o aspecto carregado ou dizer alguma cousa mais aspera. Estaria já submettido a novo tyranno? Julio Wanzer, já tinha successor? A's vezes a presença d'elle incommodava-me horivelmente e comtudo eu não fazia nada para me livrar do importuno. Outras vezes tinha effusões de ternura ridiculas e afflictivas que me cortavam o coração. Um dia disse-me imitando o tregeito de uma creança que vae chorar:

— Porque não me chamas tu *papá*?

Eu sabia que elle não era o pae de Ginevra; sabia que os filhos de sua mulher não eram filhos d'elle. Talvez até que elle não o ignorasse; mas passei a chamar-lhe *papá* quando ninguem nos ouvia, quando estávamos sós ou quando elle tinha necessidade de consolações. Para me commover mostrava-me ás vezes uma contusão, o signal de uma pancada, com o gesto que fazem os mendigos quando apresentam a sua deformidade ou a sua chaga para arrancar uma esmola.

O acaso fez-me descobrir que elle, em certas noites, ia postar-se nos logares mais escuros das ruas e pedia esmola em voz baixa, habilmente, sem se fazer notar, caminhando alguns momentos ao lado dos transeuntes. Uma noite, no angulo do Forum de Trajano, fui acompanhado por um homem que resmungava:

— Sou um operario sem trabalho e estou quasi cego. Tenho cinco filhos que não comem ha quarenta e oito horas. Dê-me uma esmola por caridade para eu comprar um bocado de pão para aquellas pobres creaturas do bom Deus.

Reconheci immediatamente a voz d'elle, mas, como effectivamente elle era quasi cego, não me reconheceu na obscuridade; afastei-me apressadamente com receio de ser reconhecido.

Elle não recuava perante baixeza alguma, comtanto que d'ahi lhe viesse com que satisfazer a sede atroz que o devorava. Uma vez achava-se elle no meu quarto e não parava em parte alguma. Eu tinha regressado da repartição e estava a lavar as mãos: tinha dependurado o casaco e o collete em cujo bolso estava o meu relógio, um pequeno relógio de prata, que era uma lembrança do meu pobre pae, já então fallecido. Lavava-me, pois, atraz de um biombo, e ouvia o Battista remexer no quarto d'uma maneira insolita, como se tivesse coisa que o inquietasse; perguntei-lhe:

— Que anda a fazer?

Elle respondeu apressadamente e com a voz um pouco alterada:

— Nada. Porque?

E correu logo atraz do biombo com uma pressa excessiva.

Vesti-me e sahimos. No fundo da escada quiz ver as horas e não achei o relógio.

— Diabo! deixei o relógio no quarto e preciso ir buscá-lo. Espere-me aqui, volto n'um instante.

Subi, e accendi uma véla; procurei o relógio por toda a parte sem conseguir achá-lo. Depois de alguns momentos de buscas inuteis, ouvi a voz de Battista perguntar:

— Então achaste-o?

Tinha-me seguido e parára á porta, cambaleando um pouco.

— Não. É singular; parecia-me que o tinha no bolso do collete. O senhor não o viu?

— Não.

— Realmente não o viu?

— Não.

Eu já tinha tido uma suspeita. Battista conservava-se no limiar da porta, em pé, com as mãos nos bolsos. Tornei a procurar com impaciencia, quasi com colera.

— É impossivel que o tenha perdido porque o tinha ainda ha pouco quando me despi. Estou certo de que o tinha. Deve estar aqui com certeza e é preciso que appareça.

Battista acabou por se approximar. Voltei-me de repente e li o peccado no seu rosto; senti desfallecer-me o coração.

Elle balbuciou muito envergonhado:

— Deve estar aqui, deve, é preciso que appareça.

Pegou na luz, curvou-se para procurar em volta do leito, levantou os lençoes, olhou para debaixo da cama; afadigava-se, arquejava e a véla salpicava o chão, na sua mão mal firme.

Esta comedia exasperava-me e gritei-lhe asperamente:

— Basta, levante-se; não se incommode tanto. Eu bem sei aonde deveria procurar.

Pousou a luz no sobrado, e ficou um momento de joelhos, todo curvado, timido como quem vae confessar um delicto. Mas não confessou nada. Levantou-se com difficuldade, sem dizer palavra, e li, pela segunda vez, o peccado no seu rosto, como um accesso de despeito. — «Elle tem o relógio no bolso, pensei eu; é preciso obrigar-o a confessar, a restituir o objecto roubado, a arrepender-se. É preciso que eu o veja chorar de arrependimento.» — Mas faltou-me a coragem, e disse:

— Vamos embora.

Sahimos. O culpado descia a escada atraz de mim, de vagar, muito de vagar, apoiado ao corrimão. Que lastima! Que tristeza.

Quando chegámos á rua elle perguntou-me com voz que parecia um sopro:

— Assim pensas que fui eu que o tirei?

— Não, não, repliquei eu. Não falemos mais n'isso.

E pouco depois accrescentei:

— Tenho pena porque era uma lembrança de meu pae.

Notei que reprimiu um movimento, como se tivesse intenção de tirar alguma coisa do bolso; mas não fez nada e continuámos o nosso caminho.

Um pouco mais tarde disse, quasi bruscamente:

— Queres tu revistar-me?

— Não, não. Já lhe disse que não falemos mais n'isso.

Adeus, tenho que fazer esta noute.

E voltei-lhe as costas, sem olhar para elle. Que miseria!

Nos dias seguintes não o vi, mas na noute do quinto dia apresentou-se no meu quarto. Mostrei-lhe um ar sério.

— Ah! é o senhor?

E continuei a escrever, sem uma palavra mais. Depois de um prolongado silencio, ousou perguntar-me:

— Achaste-o?

Fingi um sorriso e continuei a escrever.

Depois de outro silencio tornou a dizer:

— Não fui eu que o tirei.

— Sim, sim, bem sei. Então ainda pensa n'isso?

Depois, vendo que eu não me levantava da mesa, disse em seguida a outro silencio:

— Boa noute.

— Adeus, boa noute.

E deixei-o sahir assim, sem o deter. Arrependi-me logo, quiz chamal-o, mas já ia longe.

Esteve invisivel durante quatro ou cinco dias. Depois, uma noute, no momento em que eu entrava em casa, um pouco antes da meia noute, encontrei-o debaixo de um bico de gaz. Choviscava.

— O que? é o senhor, a esta hora?

Mal se tinha em pé e julguei que estava embriagado; mas observando-o melhor reconheci que se achava n'um estado lastimoso, coberto de lama como se tivesse sahido d'um atoleiro, emmagrecido, extenuado, e a cara côr de violeta.

— Que lhe aconteceu? Diga.

Começou a chorar e aproximou-se como para me cahir nos braços, e soluçando, tentava contar-me o succedido, suffocado pelos soluços e pelas lagrimas que lhe corriam para a bocca. Ah! senhor, era uma coisa horriavel, á luz d'aquelle bico de gaz e debaixo da chuva, os soluços d'aquelle homem que não comia desde tres dias.

Conhece a fome? Já viu alguma vez um homem semi-morto de fome, assentado á meza, levando á bocca um bocado de pão e um bocado de carne, mastigar a primeira dentada com os dentes enfraquecidos e oscillantes nas gengivas? Já viu? E não sentiu cortar-se-lhe o coração de tristeza e de piedade?

É verdade, tem razão, eu não queria falar-lhe tanto tempo d'este pobre diabo. Deixei-me arrastar, esqueci todo o resto nem sei porque. Mas, realmente, este pobre diabo foi o meu unico amigo e eu fui o unico amigo d'elle; vi-o chorar e elle a mim mais de uma vez. No vicio d'elle contemplei o reflexo do meu. Repartimos as nossas dores, soffremos a mesma injuria, arrastamos a mesma vergonha.

Elle não era pae de Ginevra; não. Nas veias da creatura que me fez tanto mal, não era o sangue d'elle que corria.

Quantas vezes pensei com uma curiosidade inquieta e insaciavel, no *verdadeiro* pae, no desconhecido, no anonymo! Quem seria? Não era, certamente, um do povo. Certas delicadezas physicas, certas maneiras d'uma elegancia nativa, certas crueldades, certas perñdias muito complicadas; e depois o instincto do luxo, o desgosto facil, um modo muito particular de ferir e torturar rindo; todas estas cousas e outras mais revelavam algumas gottas de sangue aristocratico. Quem era então o pae? Talvez algum velho devasso como o marquez Aguti? Talvez um ecclesiastico, um d'estes cardeaes galantes que semeiam filhos por todas as casas de Roma?

Quantas vezes pensei n'isto ! A minha imaginação representou-me também uma figura de homem, não vaga e indistincta, mas bem determinada, com uma physionomia especial, com uma expressão particular, e que parecia viver d'uma vida extraordinariamente intensa.

Sem duvida, Ginevra devia saber, ou pelo menos *sentir*, que não tinha nenhuma communitade de sangue com o marido de sua mãe. O facto é que eu nunca conseguiprehender nos olhos d'ella, um lampejo de affecto ou pelo menos de compaixão, quando se voltavam para aquelle desventurado.

Pelo contrario, era a indifferença, era muitas vezes a repugnancia, o desprezo, a aversão, era mesmo o odio que se via n'aquelles olhos quando se voltavam para elle.

Oh ! aquelles olhos ! Diziam tudo ; diziam muitas cousas n'um momento, muitas cousas differentes, e eu perdia-me n'elles. Às vezes encontravam os meus por acaso e tinham um reflexo de aço polido e impenetravel; e depois, de repente cobriam-se com um veo pallido e perdiam a sua dureza. Imagine, senhor, um espelho embacia-do por um halito.

Mas não, sinto que me é impossivel fallar-lhe do meu amor. Ninguem saberá nunca como eu a amei, ninguem. Ella propria nunca o soube, não o sabe. O que eu sei muito bem é que ella nunca me teve amor, nem um dia, nem uma hora, nem mesmo um só instante.

Eu sabia-o desde o principio; sabia-o mesmo quando ella olhava para mim com o seu olhar velado. Não me iludia. Nunca os meus labios pronunciaram a pergunta terna, a pergunta que todos os amantes repetem:— «Amas-me? E lembro-me de que quando estava junto d'ella, quando sentia a invasão do desejo, pensei mais de uma vez:— Oh ! se eu pudesse beijar-lhe o rosto sem ella sentir o meu beijo ! »...

Não, não posso fallar-lhe do meu amor. Vou contar-lhe

ainda factos, pequenos factos ridiculos, pequenas miserias, pequenas vergonhas.

Foi decidido o casamento. Ginevra esteve ainda algumas semanas em Tivoli, e eu ia muitas vezes lá, no tramway, demorando-me meio dia, uma hora ou duas. Andava contente por ella estar fora de Roma. A minha constante apprehensão era se algum dos meus collegas chegava a descobrir o meu segredo. Empregava uma quantidade de precauções, de subterfugios, de pretextos, de mentiras innocentes para encobrir o que tinha feito, o que faria, o que ia fazer. Tinha desaparecido dos logares aonde nos encontravamos habitualmente; respondia com evasivas a todas as perguntas; mettia-me n'uma loja, n'um portal ou por uma rua qualquer, quando avistava de longe algum dos meus antigos commensaes.

Mas um dia não pude evitar Filippo Doberti; alcançou-me, deteve-me, ou antes empolgou-me.

— Olá! Ditosos os olhos que te vêem, Episcopo! Que tens feito? Estiveste doente?

Não consegui vencer a minha involuntaria agitação, e respondi sem reflectir:

— E' verdade, tenho estado doente.

— Bem se vê; estás verde. Mas, que vida passas tu, agora? Onde vaes comer? Onde passas as noites?

Respondi com segundas mentiras, sem olhar para elle.

— Uma d'estas noites fallou-se em ti, continuou elle; foi Efrati que disse que te vira na rua Alexandrina de braço dado com um bebado.

— Com um bebado? repliquei eu; Efrati estava a sonhar.

Doberti deu uma gargalhada.

— Ah! ah! ah! não cores. Decididamente tu procuras sempre boas companhias. E a proposito, tens noticias de Wanzer?

— Não, não sei nada.

— Como? Então não sabes que está em Buenos-Ayres?

— Não sei, não.

— Meu pobre Episcopo! Adeus, deixo-te. Trata de ti, trata de ti, que te vejo doente, muito doente. Adeus.

Seguiu por outra rua, deixando-me n'uma agitação que não consegui dominar. Todas as palavras que elle dissera na noite, já distante, em que falara da bocca de Ginevra, me accudiram á memoria, todas, exactas, vibrantes. E vieram-me tambem á memoria outras palavras mais duras, mais brutaes. Tornei a ver, na sala illuminada a gaz, a meza grande em torno da qual estavam assentados aquelles homens repletos, incendiados pelo vinho, um pouco entorpecidos, de connivencia na mesma preocupação obscena.

E ouvi ainda as gargalhadas, o alarido, o meu nome troado por Wanzer, acclamado pelos outros, e a phrase atroz: «Casa Episcopo & C.^a» — E então lembrei-me de que esta cousa monstruosa poderia ser uma realidade!

Uma realidade, uma realidade! Mas será possivel uma tal ignominia? Será possivel que um homem que, pelo menos na apparencia, não é louco, nem idiota, nem insensato, se deixe arrastar a tamanha baixeza?

Ginevra voltou para Roma, e fixou-se o dia do casamento.

Mettidos n'um carro com a corretora percorremos Roma para arranjar uma casa pequena, para comprar o leito nupcial e differentes moveis indispensaveis, n'uma palavra para fazer todos os preparativos ordinarios. Eu tinha levantado o deposito de quinze mil francos, que constituia toda a minha fortuna de orphão.

Como disse, percorremos triumphalmente Roma, dentro d'um carro: eu, anniquilado no assento de diante e as duas mulheres defronte de mim com os joelhos contra os meus.

Encontrámos todos os conhecimentos e fomos vistos por todos.

Vinte vezes, apesar de levar a cabeça baixa, vi pelo

canto do olho alguém que do passeio fazia signaes para nós. Ginevra alegrava-se, inclinava-se, voltava-se, e dizia de cada vez:

— Olha Questori! Olha Micheli! Olha Palumbo com Doberti!

Aquelle carro foi um pelourinho para mim.

A noticia correu e foi motivo de alegria sem fim para os meus collegas da repartição, para os meus antigos commensaes, para todos os meus conhecidos. Li em todos os rostos a ironia, a irrisão, a hilaridade maligna, e por vezes tambem uma especie de compaixão insultante. Ninguem me poupava a sua offensa, e eu, para fazer alguma cousa, sorria a cada offensa, com uma contracção sempre igual como um automato impeccavel. Tinha outra coisa a fazer? Devia zangar-me? Ameaçar? Entregar-me á violencia? dar uma bofetada? atirar com um tinteiro? brandir uma cadeira? bater-me em duello? Mas tudo isso seria mais ridiculo ainda.

Um dia na repartição dois «rapazes de espirito» imitaram um interrogatorio. Travou-se o dialogo entre o juiz e Giovanni Episcopo. Á pergunta do juiz: «A sua profissão?» Giovanni respondia: «Homem a quem ninguem respeita.» N'outro dia chegavam-me aos ouvidos estas palavras:

— Não tem nas veias nem uma gotta de sangue. O pouco que tinha tirou-lh'o Julio Wanzer pela testa. Positivamente não lhe ficou nem uma gotta.

E era verdade.

Como foi que repentinamente resolvi escrever a Ginevra para me desligar da minha promessa? Sim, escrevi a Ginevra para desmanchar o casamento; escrevi eu mesmo com esta mão que vê aqui, e levei eu mesmo a carta ao correio.

Lembro-me de que era á noite. Passei e tornei a passar diante do marco postal, agitado como o homem que está resolvido a suicidar-se.

Depois parei e metti a carta na abertura da caixa, mas

parece-me que os dedos não queriam largal-a. Ignoro quanto tempo estive n'esta posição. Um agente de policia tocou-me no hombro perguntando:

—Que faz ahi?

Separei os dedos e a carta cahiu. Pouco faltou para eu desmaiar nos braços do agente de policia.

—Diga-me, balbuciei eu com lagrimas na voz, o que é preciso fazer para retirar aquella carta?

Não sei descrever-lhe as angustias que passei n'aquella noite, e na manhã seguinte, em que fui ver os novos aposentos, os aposentos conjugaes já preparados para receber os esposos e que, de repente, se tornavam inuteis. Oh! este sol, estes raios cortantes de sol sobre toda a mobilia nova, luzidia, intacta, que exhalava um cheiro a armazem, um cheiro intoleravel...

Á tarde, pelas cinco horas, quando sahia da repartição, encontrei Battista que me disse:

—Chamam-te lá em casa, com toda a pressa.

Dirigi-me para lá tremendo como um malfeitor capturado; e perguntei a Battista:

—O que é que me querem?

Battista não sabia nada, e encolheu os hombros. Quando chegámos á porta deixou-me. Subi a escada muito lentamente com pezar de ter obedecido e pensando nas mãos da corretora, n'aquellas terriveis mãos que me causavam um medo enorme. E quando levantei os olhos para o patamar, quando vi a porta aberta, e no limiar a megéra prestes a saltar, disse apressadamente:

Foi uma brincadeira, uma simples brincadeira.

Na semana seguinte realisou-se o casamento. Foram meus padrinhos Eurico Efrati e Filippo Doberti.

Ginevra e sua mãe quizeram que fosse convidado para o jantar o maior numero possivel dos meus collegas, para deslumbrar a canalha da rua Montanaro e arredores. Creio que não faltou nenhum dos meus antigos commensaes.

Tenho uma lembrança muita confusa, vaga e imperfeita

da cerimonia, da boda, da multidão dos convidados, das vozes, dos rumores. N'um dado momento pareceu-me que passava por cima da mesa alguma coisa semelhante ao sopro ardente e impuro que outr'ora passava pela *outra mesa*. Ginevra tinha a physionomia em fogo e um brilho extraordinario nos olhos. Em torno d'ella luziam muitos outros olhos e muitos outros sorrisos.

Recordo-me de uma especie de tristeza pesada que me invadiu e obscureceu a consciencia. E vejo ainda na ponta da mesa, muito ao fundo, n'um afastamento incrivel, aquelle pobre Battista, que bebia, bebia, bebia...

Uma semana ao menos! Não digo um anno, um mez. Mas uma semana, ao menos a primeira semana. — Não, nada; sem misericordia. Ella não esperou nem um dia; immediatamente, na propria noite do noivado começou ella a sua obra de carrasco.

Ainda que eu vivesse um seculo não poderia esquecer a gargalhada imprevista, que, na obscuridade do quarto, me gelou, e humilhou a minha timidez e a minha ignorancia. Nas trevas não via o rosto d'ella, mas senti pela primeira vez toda a sua perversidade n'aquelle riso mordaz, zombeteiro, impudico, nunca ouvido, nunca conhecido. Senti que respirava ao meu lado uma creatura venenosa.

Oh! senhor, ella tinha o riso nos dentes como as viboras teem o veneno.

Nada, nada teve o poder de a apiedar: nem a minha submissão muda, nem a minha adoração em silencio, nem a minha dôr, nem as minhas lagrimas, nada. Tentei tudo para lhe commover o coração, mas inutilmente. Algumas vezes ouvia-me séria, com olhar grave, como se comprehendesse; e depois, de repente, punha-se a rir, com esse riso espantoso, deshumano, que luzia mais nos dentes do que nos olhos, e eu ficava aniquilado.

Não, não posso. Permitta, senhor, que não diga mais, permitta que pãsse adiante. Não posso falar d'ella. É como se me obrigasse a mastigar uma coisa amarga, mas de

amargura intoleravel e mortal. Não vê como se me torce a bocca em quanto falo.

Uma noite, dois mezes depois do casamento, ella teve na minha presença uma perturbação, uma especie de desmaio... O senhor sabe, a scena do costume... E eu que, tremendo de esperança, esperava em segredo esta revelação, este indicio, este cumprimento do meu voto supremo, esta immensa alegria na minha miseria, cahi de joelhos como deante de um milagre. «Era verdade? Era verdade?» Sim. Ella mesma o confirmou; trazia em si uma *segunda vida*.

O senhor não pôde comprehender. Ainda que fosse pae não comprehenderia a agitação extraordinaria que se apoderou de toda a minha alma. Imagine, senhor, imagine um homem que soffreu tudo quanto é possivel soffrer debaixo do céu, um homem sobre quem se obstinou, sem um momento de interrupção, toda a ferocidade dos outros homens, um homem que nunca foi amado por alguém, e que todavia possue no fundo do seu ser thesouros de ternura e de bondade, thesouros inexgotaveis para distribuir; imagine, senhor, a esperança d'este homem que espera uma creatura do seu sangue, um filho, um pequeno ser delicado e meigo, oh! d'uma meiguice infinita de quem poderá fazer-se amar... Comprehende? fazer-se amar!

Era em setembro, recorda-me bem; n'um d'estes dias serenos, tepidos, um pouco melancolicos... sabe, quasi no fim do estio. Eu sempre, sempre sonhava com *elle*, com *Ciro*, ineffavelmente.

Um domingo encontrámos no Pincio, Doberti e Questori. Ambos fizeram muita festa a Ginevra e reuniram-se a nós para continuar o passeio. Ginevra e Doberti tomaram a frente, Questori e eu ficámos atraz. Mas parecia que cada passo do par que me precedia me calcava o coração. Elles falavam animadamente e riam, e as pessoas voltavam-se para olhar para elles. As suas palavras chegavam-me indistinctas entre as revoadas da musica, por mais que eu ap-

plicasse o ouvido para perceber algumas no vôo. O meu desgosto era tão visível que Questori chamou-os, dizendo:

— Não vão tão depressa, não se afastem tanto que o Episcopo vae aqui a morrer de ciumes.

Elles gracejaram, zombaram de mim, mas continuaram a andar na frente, rindo e conversando no meio do estrondo da musica que talvez os exaltava e embriagava; e eu sentia-me tão infeliz, que passando ao longo do parapeito, tive o louco pensamento de me precipitar em baixo, com um impulso brusco para acabar de vez instantaneamente com este soffrimento. Houve um momento em que o proprio Questori se calou, e notei que seguia com olhar attento os movimentos de Ginevra, que o desejo o perturbava. Outros homens que vinham em direcção opposta voltaram-se duas ou tres vezes para a ver e tinham nos olhos o mesmo lampejo. Era sempre, sempre a mesma cousa, quando ella passava por entre a multidão como n'um sulco de impureza.

(Continúa)

Gabriel d'Annunzio.

O PARQUE NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS

Na occasião em que a exposição de Chicago attrahe á America um numero consideravel de forasteiros, é azado ensejo de dar-lhes um conselho com o qual por certo ficarão encantados os que o seguirem ¹.

De regresso d'uma excursão ao Parque Nacional dos Estados Unidos, dou-me pressa em indicar e propôr aos meus compatriotas uma viagem até áquella região.

A ser certo — e d'isso estou eu segurissimo — que não existe no mundo paiz de maiores maravilhas, os que o visitarem pôdem vangloriar-se de ter realisado a mais captivante e a mais singular das explorações.

Convém, antes de mais nada, dissipar uma miragem e definir as expressões. O Parque Nacional desperta, pelo nome, a idéa d'um jardim de recreio, e essa designação é

¹ Comquanto tenha visto a luz da publicidade ha cerca de tres annos o presente artigo, que os nossos leitores por certo apreciarão devidamente, nada perderá do seu interesse e da sua actualidade.

por isso assás impropria. É uma região de 10:000 kilometros quadrados, da grandeza de um terço da Belgica, situada no coração das montanhas Rochozas, entre os Estados de Wyoming, de Montana e de Idaho, rodeada de todos os lados por um cinto de penhascos e de geleiras.

Este vasto territorio é um verdadeiro theatro de prodigios; a sua recentissima descoberta emocionou o novo mundo, sem que, no emtanto, se tornasse popular no velho continente.

Na interessante narrativa de uma viagem ao Parque Nacional em 1883, Mr. Jules Leclerc, presidente da Sociedade de Geographia de Bruxellas, baseando-se n'um relatorio do sabio americano A. C. Peale, fez uma resenha da bibliographia especial relativa a este assumpto, e menciona nada menos de cento e dezoito trabalhos de differentes generos, nos quaes se póde dizer que a França não é representada, porquanto não devem ser comprehendidos n'aquelle numero os rapidos esboços dos srs. Gauilleur e Tissandier. É tempo de quebrar o silencio e de que entre nós se deixe de ignorar que recentes explorações enriqueceram a terra habitada com uma região maravilhosa.

Logo que foram reconhecidos os relatorios dos exploradores Doane, Langford, Hayden, o Estado lançou mão d'essa região que elle não conhecia. No primeiro de março de 1872 uma deliberação do congresso dos Estados Unidos reservou e declarou propriedade nacional todo o territorio que cerca o lago de Yellowstone, as bacias dos geysers, as nascentes d'agua quente, os rios Yellowstone, Gardner, Firehole e Missouri. É prohibido em toda esta região formar estabelecimentos, comprar terrenos, caçar, edificar, levar qualquer objecto como lembrança, alterar a disposição natural das differentes localidades. É o estado selvagem garantido pelo parlamento, a barbarie mantida pela protecção official, é a conservação do inculto e a religião da natureza. Quando cahe uma arvore, cortam-se os ramos que obstruem a estrada e deixam-se apodrecer os troncos

sem lhes tocar. De facto ha uma estrada que faculta o accesso á brenha, onde elcos e castores vagueiam em liberdade.

Com quanto a distancia seja desproporcionada com aquellas a que na Europa estamos acostumados, o leitor não hesitará por certo em tomar logar no «North-Pacific» que liga New-York a S. Francisco. O Yellowstone-Park fica no trajecto de um ao outro oceano.

De Chicago, a duração da jornada, feita directamente, é de quarenta e oito horas, que se passam muito agradavelmente, porque as carruagens são confortaveis e pittorescas. Não se encontra n'este percurso nenhuma cidade importante, a não ser S. Paulo — Minneapolis. O que alonga as viagens são as grandes capitaes. Aqui as povoações constam apenas d'alguns casebres de madeira, e só teem de seductor os nomes: Sycomore, Byron, Saint-Cloud (bufete,) Bismarck — uma aldeola, — New-Salem, Glendive. Sentado na plataforma descoberta, na rectaguarda do comboio, o excursionista atravessa, a toda a força de vapor, aqui gargantas formadas por penhascos de tons rubros e ouro, alem areaes ondulados, mais adeante improductivas charnecas, onde as faulhas das locomotivas lançam fogo ás arvores e ás hervas resequidas.

Por fim, uma bella manhã a machina pára n'uma estação-entroncamento chamada Livingstone, logarejo recentissimo e já prospero. É ahi que se cruzam o comboio que vae do Atlantico com o que vem do Pacifico. No ponto em que os operarios uniram os ramaes convergentes da via em construcção, acha-se cravada no *rail* uma cavilha d'oiro, como que para sellar a fusão dos dois oceanos e dois hemispherios.

Os viajantes que se destinam ao Parque apeiam-se em Livingstone e seguem n'um comboio reduzido, até Cinabar, onde termina a via ferrea. Não se construíram caminhos de ferro no Parque para não introduzir um anachronismo n'essa região primitiva.

Em Cinnabar, onde se desembarca cerca das dez horas da manhã, aguardam os viajantes tres grandes *mail-coaches*, tirados a quatro parelhas, que partem sem demora.

Os pesados vehiculos, violentamente sacudidos nas suas molas de couro, resaltam sobre o accidentado caminho que contorna os reconcavos da alcantilada serra e acompanha os meandros das torrentes, n'um panorama grandioso: circo immenso, cujos socalcos são cristas inacessíveis que se sobrepõem, elevando-se até as nuvens, á maneira de vagas encapelladas.

Pela portella da montanha, a estrada desemboca no valle do Paraíso, onde choupanas baixas, feitas de troncos d'árvores mal desbastados, emergem aqui e acolá da herva espessa.

Sobre a porta d'uma d'ellas ostenta-se uma taboleta: *Post-office saloon*. É a um tempo correio e casa de pasto. As paredes são feitas de oito ou dez barrotes, empilhados uns sobre os outros e cimentados com barro amassado. Algumas pedras espalhadas sobre o tecto, formado de ramos d'arvore, garantem-lhe a precisa estabilidade contra as ventanias.

O valle dilata-se; assombream-n'o, com amplos cortinados de verdura, pinheiros e faias. A diligencia transpõe um ultimo desfiladeiro e entra-se na região maravilhosa, na *Wonderland*, em frente das fontes do Mammuth, pelo imponente valle do rio Gardner, ao galope dos vinte e quatro cavallos, incitados por *cowboys*, de calção de couro.

A 19 de setembro de 1870, no proprio dia em que Paris era investido pelo exercito prussiano, a missão capitaneada pelo general Washburn com o intento d'explorar a região d'Yellowstone, acampava melancolicamente na bacia superior dos geysers do Firehole, atribulada pelo extravio d'um dos expedicionarios, e em busca d'elle. Os exploradores tinham pregado nos troncos das arvores que ladeavam o caminho por elles seguido letreiros explicando circumstanciadamente ao seu camarada a direcção a seguir

para os encontrar; aqui e acolá, nos ramos tinham amarrado cestos com mantimentos destinados a restaurar-lhe as forças se tivesse a felicidade de deparar com elles. Durante vinte dias gritaram em vão aos echos das Montanhas rochosas o nome do seu companheiro Everts; dispararam tiros de espingarda, lançaram fogo a florestas inteiras para lhe servirem de pharol e de signal, expediram cavalleiros em varias direcções.

Quando por fim depararam com elle, foram encontral-o macilento, extenuado, quasi doido. O seu cavallo tendo partido as redeas a que se achava preso, fugira levando-lhe armas e apetrechos. Everts, desprovido de munições, de viveres, de agasalhos, deitava-se á noite, com o intuito de se resguardar do frio, junto dos mananciaes d'agua quente, dos quaes se utilisava tambem para n'elles coser raizes de cardos, de que se alimentava. Estava semi-morto de fome; via passar bandos d'aves, sem poder dar-lhes caça; durante uma noute inteira foi espreitado por um leão da California, para o qual era arma inoffensiva o unico objecto de que dispunha: uma lente de que se servia para obter fogo, fazendo convergir os raios solares sobre maravilhas resequidas.

Era totalmente desconhecida, e inexplorada, a região percorrida por aquelles excursionistas, que assim faziam, no coração da America, uma verdadeira viagem de descobrimento.

Por vezes deparavam, por entre o arvoredado, com um esqueleto amarellecido pelo tempo, restos d'algun caçador aventureiro victimado pelos Indios.

Durante a noite accendiam grandes fogueiras e postavam duas sentinellas para os prevenirem da approximação dos leões ou dos Sioux.

Tal era ha vinte e dois annos esta região ignota. Ainda em 1877, um bando de Pés-Negros, capitaneado pelos chefes Espelho e Ave-Branca trucidou no seu acampamento, nas margens de Firehole, um grupo de oito excursionistas.

Hoje toda ella é cortada d'estradas, percorridas em todas as direcções, na quadra estival, por mais de 15:000 *touristes*, que lá encontram hoteis bastante confortaveis, illuminados a luz electrica, carruagens, mudas, — serviço que em determinados pontos, nada tem que invejar ao da Suissa — correio, telegrapho, estradas bem reparadas, viajantes das cinco partes do mundo e damas que conscienciosamente mudam de vestuario tres vezes ao dia.

Alguna razão ha de haver que explique tão radical modificação no aspecto d'um paiz pouco ha selvagem, ignoto, frequentado sómente, e a largos intervallos, por bandos de Pelles-Vermelhas, de Pés-Negros ou de Narizes-Furados. Ora não escasseiam razões da mudança aqui, n'esta terra maravilhosa, n'esta *Wonderland*, paiz de gigantesca phantasmagoria e de prodigios taes que em toda a superficie do globo nada ha que lhe seja comparavel.

Pelas narrativas dos exploradores que haviam logrado escapar a salvo das settas e da perseguição dos indios, sabia-se ha muito que se passavam phenomenos inverosímeis dentro do ambito d'esse vasto circo de montanhas quasi impenetraveis, no far-west. Sentados á noite em volta das fogueiras dos acampamentos, elles faziam aos cowboys maravilhados descripções phantasticas de rios congelados passando subitamente pelo attricto ao estado d'ebullicão, de montanhas de vidro cobertas de florestas petrificadas, de palacios e templos magnífcentes, com festões de perolas e torres rendilhadas, de fornalhas incandescentes, de caldeiras effervescentes, de muralhas d'oiro, de terraços de marmore e d'onix.

Que deveríamos pensar de taes prodigios ao reflectirmos que n'este particular a imaginação dos selvagens pouco se vantagem á realidade?

I

As nascentes thermaes do Mammuth brotam da maior das maravilhas architectonicas da natureza: nenhum ani-

mal fossil foi ali encontrado, como do nome poderia deprender-se: designa esse nome simplesmente as descommunaes dimensões da bacia thermica. Na cumiada d'um monte de dois mil metros d'altura borbulham numerosas fontes d'agua a ferver que trasbordando innunda ha seculos a encosta. Possuem aquellas aguas a propriedade de depositarem no seu percurso substancias diversas, carbonatos e silicatos, cuja accumulacão durante esse largo periodo fabricou á montanha uma couraça de marmore e de alabastro. Da base ao cume sobrepõem-se em socalcos terraços e tanques, constantemente lubrificados pela tenue camada d'agua. O conjunto é imponente.

Á primeira vista apenas se distingue um immenso revestimento branco que se ajusta ás vertentes da montanha em toda a largura e a toda a altura, suggerindo a idéa d'uma geleira, que tendo-se dilatado pela encosta viesse morrer nas margens do rio, em camadas cada vez mais adelgaçadas. Quando o sol brilha, o effeito é deslumbrante e mal podem os olhos desarmados supportar a reverberação; é mister prover-se no hotel de lunetas fumadas. Mas com tempo nublado ou chuvoso desaparece o prestigio; a refulgente alvura torna-se em tonalidade baça de gelo pendente. O colorido carece de sol.

Se nos acercamos vemos que o revestimento não é uniforme; apresenta-se-nos como um lençol immenso que n'uma superficie de tres milhas quadradas, desce do cume do monte, passando por uma serie de socalcos, cavados em caprichosos tanques.

O espirito desconcerta-se em presença das combinações multiplas d'estes terraços de fadas, d'estes tanques pouco profundos, de dimensões varias, de diversissimas temperaturas. Caminha-se por sobre um solo artificial. Esta serie monumental de tinas sobrepostas faz lembrar a escadaria gigantesca de Versailles.

Cada um dos patins foi baptisado com um nome pittoresco ou poetico: Terraço de Minerva, Terraço de Jupiter,

Terraço Miniatura, Fonte Laranja, Cosinha do Diabo, Fonte de Cleopatra. Uma senda, coberta de taboas, corre do lado dos tanques fumegantes. Cada tanque, cheio a trasbordar, é contornado por paredes feitas de depósitos calcareos rendilhados, formando festões, de variegadas côres, excedendo tudo quanto a imaginação possa sonhar. Aqui, n'uma taça branca, repousa tenue camada d'agua azul; além as bordas têm a fina transparencia do alabastro, com roseos veios.

Aos nossos olhos maravilhados ostenta-se a mais variada ourivesaria polychroma: patenas cinzeladas, esmaltadas de tons creme e salmão, cheias d'agua tão limpida que deixa ver as menores asperezas do fundo; largas taças que as «formações» cingem de collares de perolas diaphanas; piscinas pouco profundas cujas paredes apresentam a riqueza exuberante d'uma prodiga ornamentação.

A escadaria cyclopica estreita á medida que se sobe; os tanques são menos largos e mais fundos, com as paredes mais altas; a agua, mais perto da origem é mais quente. O solo sente-se debaixo dos pés, molle, inconsistente, macio.

Estamos chegados aos ultimos tanques, os mais proximos do cume. São d'uma redondeza perfeita. Á superficie volteiam nuvensinhas de vapor. A pedra toma aqui uma apparencia fluida, como se corresse em cascata á mistura com a tenue toalha d'agua. Para além a encosta espalma-se em vasto patim, para tornar a subir, em rampa, coberta d'arvoredo, até ás cumeadas da serra.

N'este ponto o revestimento não tem a mesma continuidade nem a mesma persistencia; é entremeado d'oasis de terra vegetal onde se embebem as curtas raizes de pinheiros, votados a uma sorte funesta. Aqui e além repuxam ou borbulham do terreno veios d'agua que sem descanso proseguem nas obras d'invasão; por toda a parte se formam crustas calcêreas que se alastram, se juntam, se aglutinam, abraçam a terra e as arvores, e augmentam

d'espessura em progresso lento e persistente. Ha nascentes que por si mesmas fecharam o orificio da sahida com os proprios depositos que se elevam em cone; podem-se contar os seculos d'existencia pelas estratificações circulares. Largas manchas, semelhando enormes pustulas leprosas, attingiram e circumdaram grupos de pinheiros, cujos troncos negros, resequidos, mortos, parecem com os compridos braços descarnados, implorar soccorro.

Caminha-se por entre estes precipitados do silicato branco e côr de rosa que revestem o solo com uma capa rigida.

Por baixo correm e gorgulejam torrentes d'agua quente, e o vapor esfusua por entre os intersticios da camada que as cobre, como se fôra espuma endurecida. Nos tanques mergulham variadissimos objectos, sapatos velhos, cestos, ferraduras, que no dia seguinte os excursionistas poderão levar como specimens de petrificação, tão rapidamente se effectua o deposito.

O enxofre e o ferro introduzem tonalidades vermelhas e amarellas na orla dos tanques e nas elevações entreabertas do terreno. As mais recentes formações apresentam, antes de endurecerem e de se agglutinarem, o aspecto de filamentos caseosos e de delgadas escamas.

O ar está impregnado d'emanções sulfurosas; respira-se uma atmosphaera de thermas. Toda a parte superior da encosta, acima dos grandes socalcos, é minada, perfurada e corroida pelas nascentes d'agua quente que se ouvem marulhar atravez do terreno. N'um ou n'outro ponto, nas clareiras, a agua irrompe ao centro de pequenos lagos que faz trasbordar, para mais em baixo se alastrar sobre as manchas esverdeadas que deixa e que a pouco e pouco se enriquecem de folhitas tenues como lascas de mica.

A montanha, em varios pontos é fendida á maneira de elevada brecha, cujas paredes são formadas por espessas camadas de lava consolidada. Continuando a ascensão atravessam-se novos plainos brancos, matizados de protube-

rancias, rotas pelos filetes d'agua que d'ellas se escapam. Os laivos sedimentares affectam as mais variadas gradações de côr, do azul ao roseo, do verde ao oiro. Aqui, semelham regatos de leite correndo sobre um alveo de neve; trepa-se aos comoros e vê-se-lhes supurar o cume, á maneira de um grande abcesso. No trajecto das correntes subterraneas buhões humidos parecem segregar um pus amarellado; toda a região apresenta os horrores e o rico colorido d'uma ulcera putrefacta. Desce-se por uma escada de mão a profundos sulcos que são estufas onde borbulha o enxofre; no charco que lhe fica proximo basta mergulhar por alguns minutos dollars de prata, para elles se cobrirem d'uma finissima pellicula que os transforma em oiro.

Mais adeante correu n'outro tempo agua; lá estão enormes depositos a attestar-lhe a passagem. Mas os proprios sedimentos acabaram por encher todas as aberturas, a agua buscou outra sahida e toda a região se acha secca, ostentando ao sol a espelhada superficie rosada e branca, que lhe dá o aspecto de uma gigantesca peça de confeitaria.

Vagueia-se assim durante horas, no meio d'estas ricas colorações, por sobre este solo extravagantemente ornamentado, cujas bellezas mal se pôde dizer haverem os primeiros exploradores exaggerado, quando cheios de terror contavam que por entre as arvores lhes tinham apparecido templos de fadas, palacios d'agatha e d'alabastro. Em presença d'estes espantosos phenomenos, obra paciente, delicada da natureza durante milhares d'annos, o terror precedeu por certo a admiração.

Volvemos a descer a meia encosta, até ao terraço de Minerva. Aqui já não ha arvoredos. Na nossa frente dilata-se, na sua imponente extensão, o grande valle do Gardner, cujos meandros se avistam até ao horisonte, fechado por montanhas côr de violeta. No sopé da escadaria monumental ergue-se um cone de pedra, alto e delgado, como um dedo que houvêsse furado o solo. É um geyser extincto, que no tempo da sua actividade se envolveu a pouco e

pouco n'aquella bainha solida e crescente. Quando a pressão da agua se tornou insufficiente, esse involucro acabou por dominal-a e sepultal-a sob o mausoleu que a si propria edificára.

Este tumulo natural é antiquissimo; a geyserite de que é formado vae-se desaggregando e corroendo. Como em toda a sua altura existe um tubo central, pensa-se em canalisar, atravez do sub-solo esponjoso que o supporta, a agua de uma fonte mais elevada, que, jorrando d'aquelle tumulo, lhe virá a polir, por novos depositos, as faces enrugadas e fendidas.

À direita o valle é fechado por um muro abrupto; acima da zona dos pinheiros, a vertente ergue-se em crista direita, estriada, inaccessible. A outra margem do rio eleva-se e afasta-se na direcção da complicada cordilheira que limita o horizonte com os seus planos successivos, brumosos como nuvens. Na larga abertura intermedia, o Gardner arremessa-se e precipita-se de encontro ao fraguado dos rapidos, brancos de espuma. Sobre a estrada poeirenta de Cinnabar destacam-se, como pontos negros, um grupo de cavalleiros. Entre o Mammuth e o rio estende-se uma larga planicie, da qual emerge aqui e além uma collina verdejante e risonha; o solo cava-se em sulcos, dos quaes se levantam as copas das arvores que no fundo d'elles lançaram raizes. A bandeira americana tremula no tope d'um mastro, erguido junto d'um acampamento, cujas barracas brancas animam um canto do valle. No centro o hotel, unico, ostenta o seu telhado vermelho, as suas paredes de madeira pintada d'amarello e a sua varanda coberta, onde os hospedes descansam depois da excursão á montanha d'alabastro.

O hotel do Mammuth é o mais importante de todo o Parque. N'elle se acolhem os viajantes quando chegam de Cinnabar e d'elle partem os que se retiram terminada a excursão. É de lá que todas as manhãs se effectua a partida; uns quarenta excursionistas deixam-n'o todos os dias

para começarem o giro, ao mesmo tempo que outros quarenta recolhem. O Parque é assim percorrido por caravanas que se seguem a egual distancia, e que se vão substituindo nos hoteis do trajecto. É uma especie de picadeiro.

As distracções que o hotel de Mammuth proporciona ao viajante que deseja descansar antes d'emprehender a excursão, não são muito variadas, nem era de esperar que o fossem n'uma hospedaria edificada em pleno deserto. Á noite os soldados do acampamento, cujo elegante uniforme faz lembrar o dos caçadores alpinos francezes, veem dar, no *hall*, concertos de bandolim. Os viajantes que tocam executam valsas n'um excellente piano de cauda.

De dia a principal distracção é a chegada e a partida das diligencias. Como é grande a mobilidade dos hospedes, de pressa se é de casa. Um sujeito que ali se demora dois dias adquire fóros de antigo no estabelecimento.

Ao meio dia chegam os «novos,» pelos quaes experimentamos, pela sua admiração e pela sua inexperiencia, o mesmo desdem indulgente, de que nos sentimos alvo no dia da chegada. Os agrupamentos teem uma tendencia rapida para o egoismo. Depois da partida para o Parque dos que chegaran primeiro, os hospedes da vespera tomam posições, gosam por sua vez dos sorrisos do gerente, das festas do molosso, das atenções dos creados pretos, e os hospedes do dia apresentam-se com a timidez de recrutas.

Pela mesma hora recolhem os que completaram o giro, depois d'uma ausencia de sete dias; esses são os veteranos. Ás duas horas tomam a diligencia para Cinnabar. É um perpetuo vae-vem, no meio do dia. O resto do tempo corre placido. O hotel despeja-se; os *touristes* estão nas fontes. O melhor é alugar um cavallo e explorar as immediações.

É assaz commovente a partida dos *touristes* que, terminado o giro, regressam a Cinnabar. Levantam-se todos da mesa do almoço, que correu ruidoso. Todos os hospedes se encontram no *hall* e na varanda, uns porque vão partir;

outros para acompanharem até ao ultimo instante os seus amigos d'um dia; os restantes para assistirem á despedida. Durante o espaço d'uma hora o hotel apparenta a effervescencia d'um cortiço d'abelhas. Cruzam-se portadores de malas, viajantes enroupados em peliças, grupos animados, physionomias em que transparece o pezar da separação quando mal se conhecem. Eu proprio acompanho recentes amigos da Nova-Orleans e em virtude do habito contrahido, as nossas despedidas concluem pelo usual «até á vista.» Quando? Nunca, por certo!

Vão-se enchendo os *mail-coaches* que estacionam no largo, com as suas tres parelhas atreladas. Os cocheiros ja estão nos seus legares, vestidos de couro amarello enfeitado com agulhetas, quaes outros Harpagões, cobertos com chapéus de cow-boy, d'abas largas, calçando grossas luvas d'anta, com um pé sobre o travão, que é uma barra de madeira. *Goode bye! Good bye!* Alguns rapazes e varias *misses* largam adeante a cavallo...

Mas as ultimas carruagens não tardam a desaparecer por detraz do cotovello da garganta. A vasta praça, ainda ha pouco tão ruidosa, ficou silenciosa e deserta. Nós quedamos-nos, callados, no terraço. Toda a partida é triste, mesmo quando se não conhece aquelles que partem. Lá desappareceram por detraz da montanha violetta para se dirigirem para onde? Para o ignoto, para muito longe, para Cinnabar, São-Paulo, New-York, Nova-Orleans, a Europa. Uma completa debandada, e os amigos da vespera acabam de separar-se para sempre. Estas desaparições são tristes como a morte, e pouco differem d'ella, afinal, visto que nunca mais voltaremos a avistar-nos!

O paiz, nas immediações do hotel, é accidentado, e presta-se a largos passeios. Uma tarde, estava eu na encosta fronteira ao Mammuth, onde os cavallo do estabelecimento pastam em liberdade, com um chocalho pendente do pescoço, como as nossas vaccas. Em frente da choupana d'um dos cow-boys, dormiam dois pequenos ursos, tão

macios, tão preguiçosamente enroscados na sua formosa pelle, tão gentis e tão meigos, que pareciam sollicitar e provocar caricias. Detive-me a contemplar aquelle grupo gracioso, aquelles vellosos animaesinhos entregando-se, com as patas enlaçadas, a um somno innocente.

Não levaram por certo a bem que eu não estivesse vestido de couro e que o meu chapéu diferisse do do dono, porque o mais corpulento deu um salto, acompanhado d'aquelle rosnar de que fala Virgilio, *graviter, prudens*, e estendeu as unhas que vieram enterrar-se no terreno, a um dedo apenas da minha pessoa. Quiz-me parecer que se a corda que os prendia tivesse mais alguns centímetros de comprimento, dos dois pés só me restaria um. Mas como as apparencias illudem, e quanta ferocidade se esconde às vezes debaixo das maneiras edulcoradas e felinas dos animaes e dos homens igualmente!

Meditando sobre este grave assumpto, afastei-me d'aquelle urso que tão mal acolhia os meus sentimentos sympathicos, e continuei divagando pelo valle solitario, quando topei com ossadas amarellecidas, rotulas, claviculas; no mesmo instante souu-me aos ouvidos o uivo rouco d'uma hyena, que reconheci por já o ter ouvido na Tunisia e no Jardim das Plantas. A aventura do urso tinha-me posto em excellente disposição d'espírito para gosar do horror selvagem da minha situação; prometti aos meus botões que, se sobrevivesse ao combate, o contaria n'uma pagina palpitante d'interesse, ainda á custa d'um nada d'exaggero.

A féra estava apenas a alguns passos de distancia e fitava-me com máus olhos. Pelo sim pelo não, fui engatilhando o meu revólver. N'isto o animal armou um pulo como para se pôr em fuga, e cahiu por terra, violentamente detido pela corda que o prendia; era uma hyena domesticada. Não lhe perdoei a sua inoffensiva impotencia, que tornava a minha situação algum tanto ridiculá. Não tardei a perceber que me achava n'um parque d'animaes ferozes, porquanto mais adeante, encerrados em tapumes deparei

com elcos, alces e buffalos. Por entre a herva, ao lado das ossadas, tinham-me passado despercebidas panellas aromadas e resquícios de fogueiras. Estava simplesmente n'um acampamento abandonado e os soldados haviam deixado atraz de si ossos de carneiro...

Em consecuencia da altitude, que em media é a mil e quinhentos metros acima do nivel do mar, a temperatura tem saltos bruscos, d'um dia para o outro. Em pleno mez d'agosto o thermometro marca, n'um certo dia 30 gráus; no dia seguinte desce a 5 ou 6 gráus abaixo de zero, os telhados apparecem cobertos de geada, é mister lançar de novo mão dos cobertores, accender fogões, fechar as portas. Em menos de 24 horas salta-se de Madrid a Copenhague. Caloriferos percorrem todo o hotel e formam grupos nos cantos, dobrando-se sobre si para augmentar a superficie d'aquecimento, semelhando tubos d'orgão arrumados no hall e nos corredores. As senhoras fazem roda junto d'elles, com a cara voltada para a parede, para se aquecerem.

II

A estrada que segue ao lado do Gardner, encontra repentinamente uma montanha cortada a prumo de cima a baixo. No angulo do abysmo ergue-se, á maneira de signal d'aviso, uma agulha de pedra.

D'esse ponto em deante, mandou o governo construir, encostado á muralha de pedra, um extenso terraço de madeira, por sobre o qual rodam todos os dias as diligencias ao trote dos seus seis cavallos. Esse passadiço de mil e quinhentos metros, suspenso sobre o vasio, é uma notavel obra d'arte. O seu custo foi de 14:000 dollars (cerca de 14 contos de réis).

Mas o espectaculo d'esta garganta selvagem é que não ha dinheiro que o pague. D'um lado, para além do rio, eleva-se a montanha, coberta de pinheiros e de rochas despedaçadas; do outro lado a estrada pensil costeia a parede

a prumo que recebeu o nome de Barreira d'Ouro. N'ella terminam, como em brecha, os ultimos contrafortes do pico Bunsen. A rocha é tapetada d'um musgosinho, fino, rendilhado, denso, de côr dourada, que ao sol apresenta os mais variados cambiantes. Dir-se-hia um estofado de flexível seda que as fadas tivessem lançado por sobre a crista, deixando-o pender ao longo da montanha, cujas asperezas molda rigorosamente, com reflexos luzentes e ondulados.

Logo adeante depara-se-nos outro objecto d'espanto.

Quando Lépine, creado de Philaminta, se estatela no meio do chão, Trissotin faz rebentar de riso as sabichonas, exclamando: «Deus louvado, que não é de vidro!» Pois eu tinha em mente o Trissotin de passar perto da fonte de crystal, pela frente dos *Obsidian Cliffs*, as Rochas de vidro. Conta Plinio Prisco que os artistas gregos trabalhavam a obsidiana, a facetavam, e com ella faziam joias e estatuetas. Aqui teriam elles, para a sua arte, inexgotavel materia prima. É vidro puro, areia liquefeita, vomitada em torrentes de lava, por um vulcão hoje extincto. Às encostas da montanha ficou adherente aquella capa espessa e scintillante. Pelo espaço de mais d'um kilometro o solo vitreo estala sob as rodas da diligencia. É aqui que os indios veem buscar as lascas de que fazem as pontas aguçadas das suas flechas.

Será isto a obsidiana dos antigos, a pedra *ὀψιανός* que os gregos mandavam vir da Ethiopia e de que faziam espelhos? Os sabios poem-lhe duvidas. Este é um vidro preto, opaco, reflectindo com intensidade os raios solares; ao pôr do sol toda a região parece abrazada n'um incendio.

Quando se tratou de romper a estrada ao longo d'aquella parede lisa e rija, propria para partir alviões, o problema apresentava difficil solução. Ao superintendente do Parque, Mr. Norris, occorreu então a idéa de mandar accender grandes brazeirões, d'espaco em espaco; depois, de encontro á parede fortemente aquecida, projectou jactos d'agua

fria. Pedacos enormes se despenharam por este processo até ao fundo do desfiladeiro, deixando intervallos que permittiram atacar a rocha.

Viaja-se aqui como n'um conto das *Mil e uma Noites*. A superficie da parede, polida por partes, reflecte a carruagem e o vento levanta, debaixo dos pés dos cavallo, uma temivel poeira de crystal. Em certos angulos a lava vitrea, ao ser cuspid, consolidou-se instantaneamente ao contacto do ar, formando espessos feixes de prismas, que se-melham as pilastras mal desbastadas d'uma nave d'egreja.

La Fontaine, que tinha pelos animaes especial predilecção, cantou n'estes versos o dithyrambo dos castores:

La république de Platon
Ne serait rien que l'apprentie
De cette famille amphibie.
Ils savent en hiver élever leurs maisons.
Passent les étangs sur des ponts,
Fruit de leur art, savant ouvrage;
Et nos pareils ont beau les voir,
Jusqu'à présent, tout leur savoir
Est de passer l'onde à la nage.

Ha duzentos annos a esta parte, permanece justa aquella homenagem: os vehiculos do Estado passavam a váu a maioria dos riachos do Parque, emquanto que os castores passam a pé enxuto o Beaver Lake (Lago dos Castores).

No sopé dos Obsidian Cliffs, o rio Green Creck expande-se, alastra-se, adormece, como se o seu curso fosse obstruido por um obstaculo. Foram com effeito os castores, que derubando carvalhos das margens, cimentaram com as caudas diques de desenho gracioso, e crearam para seu uso um lago artificial, n'uma situação deliciosa. Elevadas montanhas abrigam o valle; arvores vigorosas cobrem com a sua sombra legiões de patos bravos, de maçaricos, de grous; toda a flora do Yellowstone ali se ostenta em boni-

nas de variegadas côres e a brisa encrespa suavemente a superfície do lago, d'onde emergem as casinhas redondas dos intelligentes quadrupedes.

Transposta a região de vidro, entra-se na região vulcanica, onde esfusiam os geysers. Por cima do copado arvoredo das florestas circumvisinhas, elevam-se e arrastam-se flocos de fumo e nuvens de vapor, como se innumeradas locomotivas atravessassem estes bosques, ou como se nos fossemos approximando d'uma região industrial, coberta de fabricas. Lembram-nos as collinas do Sambre, onde os fumos das fundições e dos altos fornos volitam por sobre os bosques de Hourpes e de Landelies.

O Parque encerra cinco ou seis vastos planaltos vulcanicos, escavados por um sem-numero de geysers. Chegaram a contar-se cerca de dez mil crateras d'agua quente repuxando, borbotando do solo, ou estagnada, nas margens dos rios Gibbon, Madison, Firehole e Lewis. Encontram-se grandes geysers na bacia Norris, proximo do parque dos elcos, nas bacias Superior e Inferior, nas bacias do lago Shoshone, do lago Heart, não contando as *hot-springs*, os *paint-pots*, disseminados por toda a parte.

Mas duas d'estas bacias offerecem especial interesse: são a Superior e a Inferior. Tanto uma como a outra são extensissimas e, cada qual no seu genero, compendiam bastante bem os diferentes aspectos que pôde apresentar este curioso phenomeno natural. A julgar por narrativas de viagem que é facil cotejar, esta região excede consideravelmente, pela importancia, pelo numero e pela variedade, os famosos geysers da Islandia.

A bacia Inferior (*Lower Geyser basin*) encontra-se a duas tiradas, a cavallo, do Mammuth, e é pouco distante da Norris, com a qual apresenta alguns pontos de semelhança. O seu aspecto é o d'uma campina quasi plana, largamente ondeada, sem saliências nem depressões.

Na Morris, charcos d'agua em ebulição alternam com oasis de verdura, onde cantam avesinhas azues, habitantes

das florestas circumvisinhas, que veem durante o dia, como em villegiatura, fazer a sua estação d'aguas thermaes entre as fontes. Na Inferior completou-se ha muito a obra da devastação: os depositos polychromos submergiram todo o planalto, onde nenhuma planta nasce, onde nada vive. Os monticulos brancos que formam os bordos dos orificios, apenas levemente encrespam a superficie plana d'este campo nivelado. Os geysers brotam de tanques ao nivel do terreno e só uma pequenissima protuberancia os denuncia ao longe.

• Não acontece o mesmo na bacia Superior, já de si mui accidentada e onde as caldeiras dos geysers emergem do solo em blocos de pedra das mais caprichosas formas. Aqui, a camada dos depositos calcareos estende-se uniformemente sobre as encostas de varias collinas, e molda-as sob uma capa nivea e resistente, que se estende até ao sopé das vertentes banhadas pelo rio, ao qual com propriedade deram o nome de Rio dos orificios de fogo (*Firehole River*). Dir-se-ia uma cordilheira coberta de neve, uma accidentada geleira, um mar de leite que se tivesse coagulado em plena tempestade. Por toda a parte a camada branca é atravessada por flechas, rochas, agulhas, pequenas eminencias que veem a ser os canaes levantados pelos geysers. Os seus depositos formam-lhes assim, na abertura, entradas monumentaes, d'architectura severa e pittoresca, que explica e justifica os seus nomes: a Gruta, a Fortaleza, as Ruinas...

É em Norris, a meio da jornada do Mammuth, que se trava conhecimento com os primeiros geysers. N'uma vasta clareira, alagada em parte, acha-se levantada uma barraca para o lunch. Sente-se frio aqui, juntamos-nos em volta da brazeira primitiva que aquece a casa de lona e pomos-nos a caminho para os geysers. Estes estão disseminados pela floresta, em varios locaes. O grupo mais importante destruiu toda a vegetação n'uma area bastante larga.

Ha variadissimas fórmãs de geysers: tanques com gran-

des borbotões ao centro, repuxos em fôrma d'alcachofra, fendas estreitas por entre um agglomerado de rochas em arcarias, por cujos interstícios se escapam emanções sulfurosas e jactos de vapor acompanhados de ruidos extranhos e remotos. Ha-os grandes, minúsculos, verticaes, inclinados. Este é expellido horizontalmente, á maneira d'uma bocca de bronze despejando n'um chafariz.

Encontram-se por toda a parte. Contorna-se uma moita e depara-se com uma caldeira fumegante. Todo o terreno é minado por um lençol d'agua quente e a crosta é delgada. Faz-se um buraco com uma bengala e sae um jacto de vapor. Caminha-se por entre uma especie de nevoeiro. Parece um campo de batalha abandonado depois d'um incendio que houvesse devastado muitos hectares de terreno e fumegasse ainda. De todos os lados se encontram tanques quentes e limpidos, jactos esfusiantes, repuxos adelgaçados, columnas de fumo, elevando-se na vertical ou arrasando-se pelo solo. Uma ou outra alfombra d'herva amarellada agarra-se ainda aos restos da terra vegetal; ahi se deleitam bandos d'enormes gafanhotos.

Léo CLARETIE.

(Continúa).

AOS PASSAROS •

(A meu irmão Antonio)

Pela tarde chegára da villa o mestre de piano, o Baptista, um dos da convenção de Evora-Monte, para quem este estado de governação era um desgoverno, tempestade desfeita, cuja salvação possível estava unicamente no senhor D. Miguel de Bragança.

O Baptista tinha o verdadeiro typo de um official reformado, muito alto, moreno côr de pederneira, bigode hirsuto, já grisalho e a pera do mesmo modo, destacando só do aspecto bellicoso aquellas ventas, sempre atafulhadas de rapé. Dos seus olhos claros saia um olhar estrabico, para quem o via, sempre duvidoso do ponto de mira a que attingia. Era para notar que mais vesgo se tornava aquelle desafinado olhar, quando, no calor da discussão, o pobre homem tentava convencer o auditorio da veracidade d'uns casos impossiveis, que elle contava com um *aplomb* estupendo.

Junto d'uma janella, a fidalga olhava o apagar lento da luz no esbatido do poente, e os seus labios murmuravam baixinho os padre-nossos e ave-marias da corôa do costume, cujas contas os seus dedos afusados passavam automaticamente.

No piano, o Luizito (o filho mais velho) martelava uma lição do methodo de Hunten, enquanto o Baptista marcava, sentado ao lado, cadenciadamente o compasso, e o Chico (o filho mais novo da fidalga), aproveitava ainda um resto de luz para rabiscar toscamente, sobre um bocado de papel a caricatura do Baptista.

Pouco depois do cahir da noite, áquella sala, de aspecto austero, chegavam os *habitués*, entre outros, os parceiros da costumada partida de voltarete.

A creada, Margarida, trouxera já o candieiro acceso, um grande candieiro de metal amarello, sempre reluzente como oiro.

— Muito santas noites, dizia a velha creada.

Terminada a lição, começava o voltarete; a um canto, o Baptista combinava logo com os dois pequenos a caçada para o dia seguinte: que era preciso levantar cedo, nada de preguiça, quando não adeus; de manhã é que elles caíam como tordos!...

— E as esparrelas, em ordem?...

— Não falta nada, senhor Baptista, temos esparrellas a dar com um pau, de muito boa urgueira, e que bella passarada para chamariz!... verá; ha então um pinta-roxo que aquillo é do fino, dizia o Luiz, dando dois estalos com os dedos da mão direita.

— Como o padre Moraes ganhou este jogo é que é para a gente se benzer, notava a fidalga.

— Olhe, minha senhora, assim... e não terminava a phrase o Pimenta, um que ao tempo fôra dos dragões de Chaves.

O padre desafiava de lá:

— Desembuche, desembuche, homem.

— Hum!... esse geitinho de deitar o canto do olho para o jogo dos parceiros, ha de acabar um dia, resmungava o Pimenta. É melhor ir para a Falperra...

E o padre Morães, com a face pallida, d'uma gordura balôfa, os olhinhos pequenos, debruados sempre de encar-

nado, sorria cinicamente, mostrando os dentes raros, negros do fumo, enquanto o Pimenta esbravejava impropriamente contra o velhaco do padre.

A um canto, afastado, o mestre-escola, muito louro, de olhos de grandes aros de lata, saboreava imperturbavelmente toda a prosa do *Nacional*, annuncios e tudo, até ao *adresse* da typographia.

Entravam então as Silveiras e o cirurgião da terra, um homemsinho todo cortez.

Os olhos do Pimenta, velhote ainda fresco, brilhavam d'um fulgor voluptuoso, olhando de lado a D. Gaudencia, a mais nova das Silveiras.

E o serão corria animadamente.

Tomado o chá, por volta das dez horas, pouco depois saia tudo de casa da fidalga.

Cá fora, no grande pateo, o *Turco* rosnava surdamente, e os pontos luminosos das lanternas, que cada homem levava, picavam o escuro. Fechado o largo portão, sentia-se ainda a falacia das Silveiras, perdendo-se pela rua fóra, até cair por fim tudo no silencio absoluto, cortado só ao largo pelo coaxar das rãs na grande represa do ribeiro.

*

*

*

Muito de madrugada, ainda noite escura, o Baptista vinha de manso chamar os dois pequenos:

— Luizinho... Chico... vá... arriba...

Os rapazes accordavam estremunhados, sentavam-se de salto na cama, e, quasi dormindo, principiavam a vestir-se atabalhoadamente.

— Que tal estará a manhã? indagava o Luiz. E o Baptista espreitando á janella:

— Vae estar de primeira, tudo estrellado, que é um louvar a Deus. Vá... aviar, vá, aviar. Que é isso, Chico, então tornas a pegar no somno?...

O pequeno esfregava de novo os olhos, abria muito a boca, espreguiçando-se todo mais uma vez, e aquillo era um ápice emquanto os dois se vestiam.

Cá fora, depois, na varanda coberta pelo largo alpendre, os tres pegavam nas gaiolas da passarada, e com os feixes de esparrellas a tiracollo, lá partiam elles a armar aos passarros.

No pateo, o turco meneava a cauda, curveteando em grandes saltos, instando porque o deixassem ir tambem; mas o Baptista não consentia, o canzarrão ia dar cabo de tudo. Pela estreita rua da aldeia caminhavam então uns atraz dos outros.

O ceu era profundo, como que crivado de diamantes, esparsos no immenso crêpe negro. Os gallos annunciavam a alvorada, e o seu canto festival repetia-se de longe em longe, qual áperta de sentinellas perdidas.

Já fóra da aldeia, tomavam por um carreiro, enfiando por entre castanheiros enormes, muito copados, a folhagem humida do orvalho da madrugada. Havia a sensação d'um friosito fino, d'um perfume vago. Mal se alastrava no nascente uma dubia claridade de prata e leite.

Os tres caminhavam sempre. Na frente ia o Luizito; elle é que sabia onde havia um campo de painço que estava mesmo a calhar.

— E tem vinha perto? indagava o Baptista.

— Um bardo em toda a roda.

— Isso é que serve, é que serve.

Tinham saído do souto e tomavam agora pelos campos fóra. Seguiam silenciosos.

De repente o Luizito tomou á esquerda e cortou a direito, pelo meio das vinhas.

— É logo aqui, senhor Baptista, o campo fica mesmo ali em baixo.

Deram ainda mais uns passos; tinham chegado.

Gaiolas no chão e toca a preparar os ramos das videiras do bardo para armar as esparrellas, dispostas com mes-

tria, no que intervinha como perito o Baptista. Collocavam depois as gaiolas muito perto da vinha.

Vagamente o esbatido de luz alastrava-se pouco a pouco no nascente; entravam de empallidecer as estrellas, e os contornos da paizagem começavam a esboçar-se. Todo o painço mostrava já o seu bello tom doirado, sazonado que era um gosto vel-o.

— Meninos, (ordenava o Baptista), agora, é arredar d'aqui e nem pio, quando não escangalha-se tudo, e leva o diabo a caçada.

Iam por-se a distancia, deitados por entre a vinha, occultos pela ramagem muito verde, orvalhada e setinosa.

Nas gaiolas os passaritos cantavam, cantavam, desenhando trillos e *fioritures* sem conto.

De repente o Baptista voltou-se, espalhou pelo azul fóra o seu olhar estrabico e segredou baixinho:

— Psiu!... attenção, lá vem obra. Cuidado, não levantar a cabeça, hein?...

No horizonte accentuava-se uma bella côr de rosa, matizada d'oiro. toda empoeirada de luz, que gradualmente crescia de intensidade. Os passaritos chegavam, ás revoadas, n'uma alacridade grande. Iam abater-se em bando sobre todo o campo de painço, e era uma chilreada sem fim, uma cavaqueira pegada. Das gaiolas os outros respondiam, subiam em volatas, suspiravam gorgeios traçoeiros.

De lá, as outras avesitas indagavam. Um mais curioso desprendia vôo, pairava um momento no ar, indeciso, agitando as azitas; por fim, ia desastradamente poisar em alguma das esparrellas. Sentia-se preso, e entrava a bater as azitas, inutilmente, n'um esforço supremo, soltando pios afflictivos, á busca de soccorro.

Os outros acudiam, pressurosos, poisavam tambem hesitantes, esvoaçavam a largos giros, depois, poisava um, mais outro, e outro eram ás duzias!...

Por entre a folhagem o Baptista e os pequenos espreitavam, avidos de sensações.

Então o Baptista levantava-se, era o signal; corria tudo a apanhar os pobres indefesos. E, aqui, além, pintasilgos, pardaes, verdelhões... eu sei!... não tinham conta.

Os pequenos vinham trazel-os ao Baptista, que tinha para os animaesitos um olhar, do mais vesgo que podia ser, e, tomando-os a um por um, assentava-lhes sobre o peitito tenro, o dedo polegar da mão direita, com a larga unha orlada sempre de negro, apertava-lhes o arcaboço franzino, e... zaz!

As avesitas tinham um estremecer convulsivo, uma nota angustiosa, abafada e triste, um lamento, talvez uma supplica, e caíam inanimadas no chão.

Nas duas creanças havia sempre a revolta intima do seu instincto bom, a repulsão contra aquella maneira barbara como o outro acabava com as pobres avesitas; e, como os dois voltassem a cara, o Baptista tinha um sorrir desdenhoso e duro. «Que se deixassem de tolices, e pieguices!...» resmungava elle. E, impavido, elle lá continuava essa matança toda, até ao último pardal.

*

*

*

A aurora sorria esplendida n'um intenso rubôr de fogo e o disco enorme do sol surgia agora irradiando a luz em diadema, faiscante de raios scintillantes.

Animava-se a vida nos campos: no valle, um rancho de raparigas e rapazes cavava, curvados todos sobre a terra. Acolá, uma junta de bois arrastava somnolentemente uma grade por cima do terreno lavrado; de pé, na grade, um homem, de grande chapéu de palha deitado para a nuca, as pernas muito abertas, gritava:

—Eh!... *Cabano!*...

E na frente, uma pequenita; a saia curta, os cabellos em anneis saindo fóra do lenço de côres vivas, ia guiando, de grande agulhada ao hombro.

Para o lado das mattas espessas sentia-se o bater secco o machado sobre um tronco, e aquelle som continuava adanciadamente, muito certo.

Os passaritos iam caindo sempre, mais e mais, já havia muitos.

O sol banhava os campos n'um calor de vida, e a natureza despertava inteiramente do torpor da noite.

A distancia ouvia-se o soar argentino do sino da igreja, o senhor reitor ia dizer a missa.

Nas esparrellas a passarada morta era de sobra, e o Baptista lembrava:

—Oh! meninos, vae estar de rachar o calor de hoje, sabem que mais, toca a safar, pela fresca, hein?...

Os pequenos estavam por tudo.

E, na mesma ordem, uns atraz dos outros, cheios de gaiolas e passarada morta, voltavam os tres á aldeia.

Á entrada da estreita rua ficava uma casa isolada. O Luiz, que era agora o ultimo, voltava-se todo a ver se descobria entre os dois mangericões da janella tósca da casita de granito, o fino perfil da Mariquitas, destacando na moldura do louro ruivo dos ondeados cabellos, em busca do effluvio magnetico d'aquelle olhar gazeo, que despertava n'elle já uma nota quente voluptuosa.

Emquanto que, na frente do Luiz, o Chico, coberto de cordões de passaritos mortos, formando matizes variados, orgulhoso dos despojos da *batalha*, muito direito, abria desmedidamente as pernitás, tentando imitar as passadas de alcance do grande Baptista.

E lá de si para si pensava o Chico que a boa da Margarida ia fazer um arroz de primeira, de toda aquella passarada.

EPISCOPO & C.^A

(Continuação)

Pareceu-me que esta impureza impregnava toda a atmosphera em volta de nós; que todo o mundo cobiçava esta mulher, julgava facil obtel-a e tinha a mesma imagem obscena gravada no cerebro. A musica alargava as suas ondas n'uma luz intensa; todas as folhas das arvores brilhavam; as rodas das carruagens produziam-me nos ouvidos um ruido ensurdecador. E no meio d'esta luz, do brouhaha d'esta multidão, no meio d'este espectaculo confuso, o aspecto d'aquella mulher, que na minha presença se deixava embahir pouco a pouco por aquelle homem; invadido pela sensação de que a impureza me cercava por todos os lados, pensei, com uma angustia terrivel, com uma convulsão de todas as fibras, na creaturinha que principiava a viver, no pequenino ser informe que soffria talvez n'aquelle momento das emoções da carne que o gerava.

Meu Deus, meu Deus, quanto este pensamento me fez soffrer!

Quantas vezes me torturou antes *d'elle* nascer! Comprehende?

A infidelidade, o ultraje, affligia-me ainda menos por mim do que pelo filho que estava para nascer. Parecia-me que devia vir manchado por alguma cousa d'esta vergonha, d'esta vilania. Comprehende o meu horror?

E um dia tive uma coragem inaudita. Um dia em que as minhas suspeitas me atormentavam mais cruelmente, tive a coragem de falar.

Era no dia de Todos os Santos, lembro-me bem. Gineira estava á janella. Os sinos repicavam, o sol batia no arapeito. Na verdade o sol é a cousa mais triste que ha no mundo. Não é d'esta opinião? O sol tem sido sempre origem de soffrimentos para o meu coração.

Em todas as minhas recordações mais dolorosas, ha um pouco de sol, uma risca amarella como nos pannos mortuarios. Quando eu era creança deixaram-me só alguns minutos no quarto aonde estava exposto o cadaver de minha irmã, deitado n'um esquite entre corôas de flôres. Parece-me que o estou a ver ainda, aquelle rosto pallido, lavado de sombras azuladas, ao qual devia mais tarde, nos ultimos momentos, assemelhar-se tanto o rosto de Gineira...

Mas onde estava eu? Minha irmã, sim, minha irmã jazia no esquite entre as corôas. Bem, é isto que eu estava dizendo. Mas onde queria eu chegar? Deixe-me reflectir um pouco... Ah! já sei, approximei-me da janella, cheio de terror; ora uma janella pequena que abria para um pateo. A casa defronte estava deshabitada e não se ouvia nenhuma voz humana. O silencio era completo, mas no telhado uma multidão de pardaes faziam um gorgoejo monotono, continuou, sem fim; e debaixo da gotteira, no muro pardo-cento, cortando a sombra, uma faixa de sol, uma risca amarella, rigida, offuscante, radiava sinistramente com uma intensidade incrível.

Eu não ousava voltar-me; olhava fixamente para a risca amarella como que fascinado, e atraz de mim *sentia*, comprehende? enquanto tinha os ouvidos cheios do immenso

gorgeio, *sentia* atraz de mim o silencio espantoso do quarto, o silencio gelado que reina em volta dos cadaveres...

Ah! senhor, quantas vezes tenho visto na minha vida a tragica risca de sol! Quantas vezes!

Mas de que se tratava? Eu dizia que Ginevra estava na janella, os sinos repicavam; o sol entrava no quarto. Em cima de uma cadeira estava uma corôa de perpetuas guardada com uma fita preta, que Ginevra e a mãe deviam levar ao Campo Verano á sepultura de um parente. — Que memoria! dirá o senhor. — É verdade, agora tenho uma memoria terrivel.

Oiça. Ella estava comendo um fructo com a sensualidade provocante que punha em todos os seus actos. Não me dava attenção, nem percebia que eu estava ali a olhar para ella. Nunca a sua profunda indifferença me affligiu tanto como n'aquelle dia; nunca tinha comprehendido com tanta clareza que ella não me pertencia, que estava á disposição do primeiro que apparecesse, que se daria inevitavelmente ao primeiro que viesse, e que eu nunca poderia fazer valer nem o direito do amor, nem o direito da força. E olhava para ella!

Não lhe succede, quando olha muito tempo para uma mulher, perder de repente toda a noção da sua humanidade, da sua posição social, dos laços do coração que o prendem a ella, e *vêr*, com uma evidencia aterradora, a besta, a femea, a brutalidade nua do sexo?

Foi o que eu *vi* olhando para ella; e comprehendí que só era apta para uma obra carnal, para uma funcção ignobil. E apresentou-se ainda outra verdade hedionda ao meu espirito: o fundo da existencia humana, o fundo de todas as preocupações humanas é uma deformidade. Hedionda e horrenda verdade!

Diga, que podia eu fazer? Nada. Mas aquella mulher trazia nas entranhas *outra vida*; sustentava com o seu sangue a creatura mysteriosa que incarnava o meu sonho continuo, a minha esperanza suprema, a minha adoração...

Sim, sim, adorei-o antes que elle visse a luz do dia, chorei por elle de ternura, disse-lhe o meu coração palavras indiziveis. Pense, senhor, pense n'este martyrio: não poder separar a imagem innocente da imagem abjecta; saber que o objecto da minha adoração ideal está ligado a um ente de quem temo as infamias. Que sentiria um devoto se fosse obrigado a vêr no altar o sacramento coberto com um farrapo immundo? Que sentiria se lhe fosse per-mittido sómente beijar a substancia divina atravez d'um véo enlameado?

Eu não sei exprimir-me. As nossas palavras, os nossos actos são sempre vulgares, estupidos, insignificantes, qual-quer que seja a grandeza dos sentimentos que os inspirem. N'aquelle dia entraria em mim uma immensidade de cou-sas dolorosas, comprimidas, que se confundiam, e tudo se reduziu a um pequeno dialogo cynico, a uma scena ridi-cula, a uma covardia. Quer o facto? Quer o dialogo? Eil-os aqui.

Ella estava, pois, á janella, e eu aproximei-me. Conser-vei-me um instante calado, depois, com um esforço enor-me, peguei-lhe na mão e perguntei:

— Ginevra, já me enganaste?

Ella olhou para mim estupefacta, e respondeu:

— Enganei-te? Que queres dizer?

— Já tens um amante? Doberti... talvez.

Olhou de novo para mim porque eu tremia horri-velmente.

— Mas que scena vens tu fazer? Que bicho te mordeu a esta hora? Estás doido?

— Responde, Ginevra.

— Estás doido?

E como eu tentava pegar-lhe outra vez na mão, ella des-viou-se gritando:

— Não me enfasties mais. Já é bastante.

Mas eu, como um demente, lancei-me de joelhos e se-gurei-a pelo vestido.

— Peço-te, supplico-te, Ginevra! Tem piedade, tem uma pouca de piedade! Espera pelo menos o nascimento... da pobre creatura, do meu pobre filho! É meu filho não é verdade? Espera que elle nasça. Depois farás o que quizeres; eu calar-me-hei, supportarei tudo. Quando vierem os teus amantes, sahirei eu. Se o ordenares irei engraxar as botas d'elles para o outro quarto... Serei teu creado, serei creado d'elles, supportarei tudo. Mas espera, espera. Dá-me primeiro o meu filho. Tem piedade!...

Nada, nada. No seu olhar havia sómente uma curiosidade quasi galhofeira, e ella repetia, afastando-se:

— Estás doido, estás doido.

Depois, como eu continuava as minhas supplicas, voltou-me as costas, sahiu, fechou a porta e deixou-me ali, ajoelhado no chão.

No chão havia sol e na cadeira estava a corôa funebre; e os meus soluços não mudavam nada á fatalidade das cousas...

Mas quem é que pode mudar as cousas? Que peso teem as nossas lagrimas? Cada homem não é mais do que *um homem qualquer*, a quem acontece uma cousa qualquer. Isto é que é a verdade, e mais nada. Amen!

Já estamos cançados, meu caro senhor, eu de contar e o senhor de me ouvir. Em *summa* divaguei um pouco. Divaguei talvez demasiado, porque, em fim, como sabe, não é d'isto que se trata. O *ponto* está n'outra parte, e para chegar ao *ponto* ha dez annos a passar; dez annos, dez seculos de dôres, de miserias, de ignominias.

E todavia o mal ainda não era sem remedio. Na noite em que ouvi os uivos d'aquella parturiente, uivos que nada tinham de humanos, uivos de animal no matadouro, pensei com uma convulsão de todo o meu ser: — Se ella morresse deixando vivo o meu filho!... » Uivava de um modo tão horrendo que eu reflecti: — Quando se uiva assim não se póde deixar de morrer. — É verdade, tive esta esperanza. Mas ella não morreu, resistiu para desgraca de meu

filho, e para a minha. *Meu filho*, era verdadeiramente *meu filho*, o filho do meu sangue. Tinha no hombro esquerdo o mesmo signal particular que eu tenho desde que nasci; e bemdigo a Deus por este signal que me permittiu reconhecer o meu filho.

Será preciso contar-lhe agora o nosso martyrio de dez annos? Contar-lhe ainda *tudo*? Não, isso é impossivel. Seria um nunca acabar. E depois talvez não me acreditasse, porque é inacreditavel o que soffremos.

Eis os factos em poucas palavras. A minha casa tornou-se um lugar de má reputação. Encontrei algumas vezes á porta da minha casa homens desconhecidos. Não cheguei a fazer o que tinha dito, não engraxei as botas d'elles no quarto visinho, mas dentro em pouco não era mais do que uma especie de creado inferior, na minha propria casa. O proprio Battista era menos infeliz do que eu, era menos humilhado, porque não ha humilhação que possa comparar-se com a minha. Jesus teria chorado por mim todas as suas lagrimas, porque, entre todos os homens, eu sou o que tocou o fundo, o ultimo fundo da humilhação. Entende? Battista, o miseravel Battista podia ter compaixão de mim.

Nos primeiros annos, enquanto Ciro não comprehendeu, não foi nada. Mas, quando percebi que a sua intelligencia despertava, quando percebi que n'aquella creança debil e delicada se desenvolvia a intelligencia com uma rapidez prodigiosa, quando ouvi sahir dos seus labios a primeira pergunta cruel, oh! então vi-me perdido.

Que fazer? Como esconder-lhe a verdade? Que recurso tinha n'esta afflicção? Vi-me perdido.

A mãe não tinha com elle nenhum cuidado; esquecia-se d'elle dias inteiros, privava-o ás vezes do necessario e até lhe batia. Eu era obrigado a ausentar-me por muitas horas e não podia cercal-o continuamente com a minha ternura protectora; não podia tornar-lhe a vida tão agradável como a tinha sonhado e como a teria querido para elle. A pobre

creatura passava quasi todo o seu tempo na cosinha, em companhia de uma creada.

Metti-o na escola. De manhã era eu que ia leval-o, e á tarde, ás cinco horas ia buscal-o e não me separava mais d'elle emquanto não adormecia. Aprendeu muito depressa a ler e a escrever, adeantou-se de todos os condiscipulos, e fez progressos assombrosos. Brilhava-lhe nos olhos a intelligencia. Quando fitava em mim os olhos grandes, negros, que lhe illuminavam o rosto, olhos profundos e melancolicos, eu sentia muitas vezes uma especie de inquietação interior e não podia sustentar longo tempo o seu olhar. Oh! quantas vezes, á noite, sentados á mesa, quando a mãe estava ali e que o silencio pesava sobre nós... se reflectia n'aquelles olhos puros toda a minha secreta angustia!

Mas os dias verdadeiramente terriveis estavam ainda por vir. A minha vergonha era do dominio publico; o escandalo era muito grave; a *senhora* Episcopo tinha completamente perdida a sua reputação. Por outro lado, eu desprezava as minhas obrigações da repartição, commettia erros frequentes no meu trabalho; em certos dias a mão tremia-me tanto, que não podia escrever. Os meus collegas e os meus superiores tinham-me na conta de um homem deshonorado, infamado, embrutecido, ignobil. Fizeram-me duas ou tres advertencias, depois suspenderam-me das minhas funcções e por fim demittiram-me em nome da moral ultrajada.

Até ali eu tinha pelo menos representado o valor do meu ordenado. Mas desde aquelle dia, não vali nem um farrapo, nem uma casca atirada á rua. Nada pode dar-lhe uma idéa da ferocidade, da furia, com que minha mulher e minha sogra se puzeram a torturar-me.

E todavia ellas tinham consumido os poucos milhares de francos que eu tinha trazido, e a corretora tinha aberto á minha custa uma loja de capellista cujo rendimento ainda chegava para sustentar a familia.

Consideraram-me como um odioso comilão e puzeram-me no mesmo nível em que estava Battista. Chegou-me a vez de achar á noite a porta fechada, chegou-me a vez de ter fome. Submetti-me a todos os misteres, a todas as fadigas, aos trabalhos mais humildes e mais desprezíveis. Trabalhava desde pela manhã até a noite para ganhar um soldo; fui copista, fui moço de recados, fui ponto n'uma companhia de opereta, fui servente no escriptorio d'um jornal, fui empregado n'uma agencia matrimonial, fui tudo o que o acaso me deparou; rocei-me por toda a especie de pessoas, recebi toda a qualidade de affronta, e curvei o pescoço a todos os jugos.

E agora, diga-me. Depois dos interminaveis dias de um tal labor, não merecia bem um pouco de repouso, um pouco de esquecimento? Á noite, quando podia, logo que Ciro fechava os olhos, sahia de casa. Battista esperava-me na rua e iamos beber juntos á taberna.

Repouso? Esquecimento?

Quem ha que tenha comprehendido o sentido da expressão: — «Afogar a tristeza no vinho?» — Ah! senhor, se bebi foi porque senti reaccender-se em mim a sede inextinguivel; mas o vinho nunca me proporcionou um segundo de goso. Nós assentavamos-nos um defronte do outro, sem vontade de falar. Além d'isso, ali dentro ninguem dizia nada. Já entrou alguma vez n'uma d'essas tabernas silenciosas? Os bebedores isolam-se; teem a physionomia fatigada; seguram a fonte com a palma da mão; diante d'elles está um copo em que fitam os olhos mas que talvez não vêem. É vinho? é sangue? Sim, senhor, é sangue e vinho.

Battista estava quasi cego. Uma noite parou debaixo de um bico de gaz e disse-me indicando o ventre.

— Vês como está inchado?

Depois pegando-me na mão para me fazer apalpar a dureza do volume, accrescentou com a voz alterada pelo medo:

— O que será isto?

Havia algumas semanas que elle estava assim e não tinha revelado a ninguem a sua doença.

Poucos dias depois acompanhei-o ao hospital á hora da visita do medico. Era um tumor, ou antes um grupo de tumores que engrossavam rapidamente.

Podia-se tentar uma operação, mas Battista não consentiu, apesar de não poder resignar-se com a idéa de morrer.

Andou a pé ainda um mez ou dois, mas afinal foi obrigado a ficar na cama e não tornou a levantar-se.

Que atroz, que lenta morte! A corretora tinha desterrado o infeliz para uma especie de sotão, um nicho escuro e abafador, afastado para não ouvir os gemidos. Eu ia lá todos os dias, e Ciro queria acompanhar-me, queria ajudar-me... Ah! se o visse, o pobre pequeno! Que coragem elle tinha n'aquella obra de caridade exercida ao lado de seu pae!

Para ver um pouco melhor eu accendia um bocado de vela e Ciro allumiava-me. Descobriamos então aquelle corpo tão grande, desfigurado e gemente, que não queria morrer. Não, não era um homem affectado de doença; era antes... como hei de dizer? era antes... falta-me os termos... era uma doença personificada, uma cousa sobrenatural, um ser monstruoso vivendo da sua propria vida, e ao qual estavam soldados dois lamentaveis braços humanos e duas lamentaveis pernas humanas, com uma cabeça pequena, descarnada, avermelhada, repugnante. Que horror! Que horror! E Ciro allumiava-me; e debaixo d'aquella epiderme retezada, luzidia como o marmore amarelado, injectava eu a morphina com uma seringa enfeijada.

Mas basta, basta. Paz áquella pobre alma! Agora trata-se de chegar ao *ponto* e de não divagar mais.

A Fatalidade! Tinham passado dez annos, dez annos de vida desesperada, dez seculos de inferno. E uma noite, á

meza, Ginevra disse inesperadamente, na presença de
Ciro:

— Sabes? Wanzer já voltou.

Eu não empallideci, isso é certo. O meu rosto tomou ha
muito tempo esta côr invariavel que vê, que nem a morte
mudará, e que hei de levar tal qual para debaixo da ter-
ra. Mas recordo-me de que a minha lingua se recusou a
pronunciar qualquer palavra.

Ella fitava-me com aquelle olhar agudo, cortante, que
me inspirava sempre a mesma apprehensão que sente um
poltrão quando vê uma arma afiada.

Notei que olhava para a minha cicatriz e sorria com um
sorriso insultante, intoleravel. E disse-me com a conscien-
cia de que me offendia:

— Já te esqueceste d'elle, do Wanzer? Comtudo, deixou-
te na testa uma bonita recordação.

Os olhos de Ciro voltaram-se tambem para a cicatriz, e
eu li n'elles as perguntas que elle quereria fazer-me: Es-
tas, por exemplo:

— Como? Não me contaste que te feriste n'uma queda?
Para que mentiste? E quem é esse homem que te feriu?

Mas elle baixou o olhar e calou-se.

Ginevra continuou:

— Encontrei-o esta manhã e reconheceu-me immediata-
mente; eu não o conheci logo porque deixou crescer a
barba toda. Não sabia nada a nosso respeito e disse-me
que te procura ha dois ou tres dias. Quer tornar a ver-te,
o querido amigo. Parece que fez fortuna na America, a
julgar pelo modo como se apresenta...

Emquanto fallava tinha o olhar fito em mim, e sempre
o seu sorriso inexplicavel. De quando em quando Ciro olha-
va para mim e eu *percebi que elle me sentia soffrer*.

Depois de uma pausa, ella accrescentou:

— Elle vem cá hoje, logo.

Lá fóra a chuva cahia a cantaros, e o ruido continuo e
monotono da agna produzia em mim o effeito de uma forte

dose de quinino. De repente perdi o sentido da realidade e senti-me envolvido por essa atmosphera de isolamento, a que já me referi, e tive outra vez a sensação muito profunda da *presciencia do successo actual e do successo futuro*. Não sei se me comprehende. Parecia-me que assistia à inevitavel repetição d'uma serie de factos já realisados. Era *novo* o que dizia Ginevra? Era *nova* aquella anciedade da espera? Era *novo* este mal estar que me causava o olhar de meu filho, que, por um movimento sem duvida involuntario, se fitava a miudo na minha testa, n'esta maldita cicatriz? Não, nada de tudo isto era *novo*.

Estavamos todos tres sentados á mesa, sem pronunciar uma palavra. O rosto de Ciro exprimia uma inquietação insolita. Este silencio tinha em si alguma cousa de extraordinario: uma significação profunda e muito obscura, que a minha alma não conseguia penetrar.

Subitamente ouviu-se o som da campainha.

O meu olhar crusou-se com o de meu filho. Ginevra disse: — Vae abrir, que é Wanzer.

Fui abrir. O meu corpo praticava o acto, mas a vontade do acto não estava em mim.

Wanzer entrou.

Será preciso descrever-lhe a scena, repetindo-lhe as palavras? Mas no que elle disse e no que elle fez, no que dissemos e fizemos, nada houve de extraordinario. Dois amigos velhos que se encontram, abraçam-se e trocam as perguntas do uso. Foi tudo isto na apparencia.

Elle trazia uma grande capa impermeavel, toda molhada, luzente. Parecia mais alto, mais grosso, mais imperioso. Tinha tres ou quatro anneis nos dedos, um alfinete na gravata e uma cadeia de oiro. Falava com desembaraço como um homem seguro de si. Seria aquelle homem o ladrão que regressava ao seu paiz a coberto da prescripção?

Entre outras cousas elle disse, examinando-me:

— Envelheceste muito. *A senhora Ginevra* pelo contrario está mais fresca do que nunca...

E examinou Ginevra piscando um pouco as palpebras, com um sorriso sensual. Já a desejava e estava certo de a possuir.

— Fala francamente, accrescentou elle. Não fui eu que arranjei o teu casamento? Fui eu positivamente. Lembras-te? Ah! ah! ah! Tu lembras-te?

E poz-se a rir; Ginevra tambem riu, e eu tambem tentei rir. Eu tinha entrado perfeitamente no papel de Battista, ao que parece. O pobre Battista (Deus tenha a sua alma em bom logar), tinha-me deixado em herança este modo de rir convulsivo e estúpido. Deus tenha a sua alma em bom logar.

Entretanto Ciro olhava sem cessar para sua mãe, para o desconhecido e para mim; e quando o seu olhar cahia sobre Wanzer, tomava uma expressão de dureza que eu nunca lhe tinha visto.

— Esse pequeno parece-se muito comtigo, continuou elle. Parece-se mais comtigo do que com a mãe.

E estendeu a mão para lhe acariciar os cabellos; mas Ciro deu um salto e evitou aquella mão com um gesto da cabeça tão violento e tão feroz que Wanzer ficou attonito.

— Toma! gritou a mãe. Toma, mal creado.

E applicou-lhe uma bofetada retumbante.

— Leva-o d'aqui! Leva-o depressa! ordenou-me ella, pallida de cólera.

Levantei-me e obedeci. Ciro tinha a cabeça inclinada para o peito, mas não chorava. Apenas ouvi que rangia os dentes.

Quando chegámos ao quarto levantei-lhe a cabeça com o gesto mais carinhoso que pude fazer, e vi na sua pobre face tão magra, os signaes dos dedos, a mancha vermelha da bofetada. Cegaram-me então as lagrimas.

— Doe-te muito? dize, isto doe-te muito? Ciro, Ciro responde-me. Isso doe-te muito? perguntei inclinando-me com um desespero de ternura sobre aquella face ultrajada, que

eu teria querido banhar, não com as minhas lagrimas, mas com o balsamo mais precioso do mundo.

Elle não respondia nem chorava. Nunca, nunca lhe tinha visto a physionomia tão dura, hostil, quasi selvagem; a fronte enrugada, a bocca ameaçadora, a tez tão livida.

—Ciro, Ciro, responde, meu filho!

Elle não respondeu. Afastou-se de mim, dirigiu-se á cama e começou a despir-se em silencio. Eu comecei a ajudal-o com movimentos quasi tímidos, quasi supplicantes, e sentia-me morrer com a idéa de que elle tinha algum resentimento tambem contra mim. Ajoelhei diante d'elle para lhe desapertar os sapatos e demorei-me longo tempo n'esta attitude, prostrado a seus pés, pondo-lhe aos pés a offerta d'um coração pesado como uma massa de chumbo e que me parecia impossivel de aliviar jámais.

— Papá, papá! exclamou elle de repente, agarrando-me na cabeça.

E tinha nos labios uma pergunta angustiosa.

—Fala, mas fala! suppliquei eu, sempre ajoelhado.

Elle conteve-se, não disse mais nada, subiu ao leito, metteu-se entre a roupa e enterrou a cabeça no travesseiro. Um instante depois começou a bater os dentes como fazia em certas manhãs de inverno quando gelava. Os meus carinhos não o socegavam, as minhas palavras não lhe faziam nenhum bem.

—Ah! senhor, ganhou o céu quem soffreu o que eu sofri durante aquella hora. E seria só uma hora? Afinal pareceu-me que Ciro socegava; fechou os olhos como para dormir; o seu rosto serenou pouco a pouco, a tremura cessou e eu fiquei ao lado da cama, immovel.

Continuava a chorar e de espaço a espaço uma rajada mais violenta abalava as vidraças; e Ciro abria muito os olhos e em seguida tornava a fechá-los.

Eu repetia-lhe de cada vez:

—Dorme, dorme, que eu estou aqui. Dorme, meu querido filho.

Mas eu tinha medo; era incapaz de reprimir o medo que sentia. Em volta e por cima de mim sentia uma ameaça terrível; mas repetia sempre:

— Dorme, dorme!

Um grito agudo, penetrante, echoou por cima das nossas cabeças. Ciro levantou-se de um salto e veio agarrar-se a mim, arquejante, aterrado.

— Papá, papá, não ouviste?

E ambos apertados um ao outro, possuídos do mesmo espanto, escutámos n'uma anciedade horrível.

Outro grito, mais extenso, como de pessoa assassinada, nos chegou atravez do tecto; depois outro, mais longo, mais despedaçador ainda, um grito que eu reconheci por o ter ouvido já n'uma noite longinqua...

— Socega, socega, não tenhas medo. É uma mulher que está a ter um filho, no andar de cima. É a senhora Bedetti, sabes... Socega, Cyro. Não é nada.

Mas os gritos continuavam, atravessando o espaço, trespassando-nos o tympano, cada vez mais brutaes. Era como a agonia de uma rez mal degollada pelo carniceiro. Tive a visão do sangue.

Então, instinctivamente, tapámos os ouvidos com as mãos esperando o termo d'aquella agonia.

Cessaram os gritos, por fim, e a chuva augmentou. Ciro metteu-se outra vez na cama e fechou os olhos. Eu repeti:

— Dorme, dorme, que eu não saio d'aquí.

Passou-se um espaço de tempo que eu não poderia determinar. Eu estava em poder do meu destino, como o vencido está em poder d'um vencedor inexoravel. D'ali por diante eu estava perdido, irremessivelmente perdido.

— Giovanni, Wanzer vae-se embora. Vem cá.

A voz de Ginevra! Tive um sobresalto e notei que Ciro tambem estremeceu sem mover as palpebras. Então ainda não dormia?

Antes de obedecer tive uma hesitação. Ginevra abriu a porta do quarto e repetiu:

— Vem cá, Wanzer vae sahir.

Levantei-me, sahí do quarto muito devagarinho na esperança de que Ciro não sentisse.

Quando tornei a apparecer na presença d'aquelle homem, li claramente nos seus olhos a impressão que lhe fiz. Produzi-lhe o effeito de um agonizante sustentado ainda nas pernas por uma força sobrenatural, mas não teve dó de mim.

Olhava-me e falava-me da mesma maneira que n'outro tempo. Era um senhor que tinha encontrado o seu escravo. No meu intimo perguntei: «Que terão elles dito, que terão elles feito, que terão elles conspirado?» Notei uma mudança n'um e na outra. A voz de Ginevra, quando lhe dirigia a palavra, não tiuha já o mesmo tom que antes; quando olhava para elle o olhar cobria-se com um véo, com o tal véo...

— Chove muito, disse ella; tu devias ir buscar uma carruagem.

Comprehende? Era uma ordem que ella me dava. Wanzer não protestou; parecia-lhe muito natural que eu fosse buscar uma carruagem para elle. Pois não acabava de me retomar ao seu serviço? E comtudo eu mal podia ter-me em pé, e elles bem viam ambos que eu tinha grande difficuldade em suster-me nas pernas.

Crueldade inconcebivel! Mas que fazer? Recusar? Escolher justamente aquelle minuto da noite para me revoltar? Eu poderei dizer: «Sinto-me doente.» Mas calei-me, peguei no chapéu e no guarda-chuva e sahi.

Não havia luz na escada porque já estava apagado o gaz, mas eu via nas trevas uma multidão de clarões; e no meu cerebro succediam-se com a rapidez do relampago pensamentos extranhos, absurdos, incoherentes. Parei um momento no patamar, porque atravez da escuridão julgava sentir approximar-se a loucura. Mas não foi nada. Ouvi distinctamente o riso de Ginevra. Ouvi distinctamente o barulho que faziam os locatarios do andar de cima. Accendi um fósforo e desci.

No momento em que chegava á rua, ouvi a voz de Ciro que me chamava. Como foi que por entre o riso e o barulho eu tive verdadeiramente uma sensação *real*?

Voltei para traz, e subi rapidamente a escada com uma facilidade inexplicavel.

— Já voltaste? exclamou Ginevra vendo-me entrar.

A suffocação impedia-me de fallar. Por fim balbuciei com desespero:

— É impossivel... Preciso ir ao meu quarto... sinto-me doente.

E corri para junto de meu filho.

— Chamaste por mim? perguntei-lhe mal que abri a porta.

Elle estava assentado na cama e parecia escutar. Respondeu:

— Não, não te chamei.

Mas creio que não disse a verdade.

— Talvez fosse a sonhar. Tu não estavas a dormir ha pouco?

— Não, estava acordado.

Elle olhava para mim inquieto, assustado.

— Mas o que é que tu tens? perguntou-me elle. Porque estás tão cansado? O que foste fazer?

— Socega, Ciro! suppliquei-lhe, evitando responder e enchendo-o de caricias. Eu estou aqui e não torno a sahir. Dorme, agora, dorme...

Deixou-se cahir no travesseiro com um suspiro. Depois, para me obedecer fechou os olhos e fingiu dormir. Mas poucos minutos depois tornou a abril-os, fixou-os em mim muito abertos e disse com uma expressão indefinivel:

— *Elle ainda não saiu.*

Desde aquella noite não me abandonou mais o presentimento tragico. Era uma especie de horror vago, muito mysterioso, que se condensava no mais profundo do meu ser, no local aonde não podia entrar a luz da consciencia.

Entre tantos abysmos que eu tinha descoberto em mim, este ficava inexploravel e apparecia horroroso entre todos os outros. Eu sondava-lhe a profundidade incessantemente com uma angustia desmedida, na esperanza de que um jacto de luz subita o illuminaria, revelando-m'o completamente. Às vezes parecia me que sentia subir o *objecto desconhecido* pouco a pouco, que o sentia approximar das regiões da consciencia, tocal-as quasi, roçal-as mesmo; depois, de repente, precipitava-se no fundo, tornava a mergulhar na sombra, deixando-me uma perturbação extraordinaria e nunca experimentada. O senhor comprehende-me? Para me comprehender bem, imagine que está á borda de um poço cuja profundidade não pode medir. Esse poço é illuminado até certa altura pela luz natural, mas sabe que mais abaixo, nas trevas, ha occulta uma cousa desconhecida e terrivel.

Não a vê, mas tem a *sensação* de que ella se move confusamente. E pouco a pouco essa cousa sobe e chega aos limites da penumbra, aonde não se pode ainda distinguir. Um pouco mais, só um pouco mais, e o senhor vel-a-ia. Mas a cousa para, recua, some-se, e deixa-o ancioso, illudido, assombrado...

Não, não... Creancices, futilidades. O senhor não pode comprehender-me.

Os *factos*, eil-os aqui. Alguns dias mais tarde Wauzer tinha tomado posse do meu domicilio, estava alojado em minha casa como hospede... e eu, por consequencia, continuei a ser escravo e a tremer. Será preciso explicar-lh'os? Parece-lhe que haverá n'elles alguma cousa estranha?

Devo tambem narrar-lhe os soffrimentos de Ciro, as suas coleras mudas e concentradas, as suas phrases amargas, ás quaes eu teria preferido o veneno mais violento, os gritos e os soluços que elle soltava repentinamente de noite e que me faziam eriçar os cabellos, e as aterradoras immobilidades cadavericas que o seu corpo tinha na cama,

e as suas lagrimas, as suas lagrimas que ás vezes começavam a correr sem causa, uma a uma, de olhos que se conservavam abertos e puros, que não se inflammavam, que não se avermelhavam!... Ah! senhor, é preciso ver chorar aquella creança para saber *como a alma chora*.

Nós merecemos o ceu. Oh! Jesus! Não é verdade que nós merecemos o ceu?

Obrigado, senhor, muito obrigado. Posso continuar. Deixe-me continuar immediatamente, senão nunca chegarei a contar-lhe o fim.

Já está proximo, sabe? estamos quasi chegados. Que dia é hoje? Vinte e seis de julho? Pois bem, foi em nove d'este mez. Parece que foi ha um seculo, parece que foi hontem.

Eu estava no escriptorio de uma drogaria, curvado á minha secretaria fazendo um trabalho de contabilidade, exaustado de cançasso e de calor, devorado pelas moscas, nauseado com o cheiro das drogas. Seriam tres horas da tarde; por diferentes vezes interrompi o meu trabalho para pensar em Ciro, que desde alguns dias passava muito mal, e para contemplar na minha imaginação a sua physionomia emmagrecida pelo soffrimento, cadaverica, pallida como um cirio.

Note uma circumstancia, senhor. Por uma fresta aberta na parede a que eu voltava as costas, por consequencia por cima da minha cabeça, entrava a tal *risca de sol*.

Note mais estas circumstancias. Um moço, rapaz corpulento, dormia deitado em saccos, e milhares de moscas zumbiam sobre elle como sobre uma carcassa. O patrão, o droguista, entrou encaminhando-se para o angulo aonde estava um lavatorio; deitava sangue pelo nariz e como vinha curvado para não sujar a camisa, o sangue salpicava o chão.

Passaram alguns minutos n'um silencio tão profundo que a vida parecia suspensa. Não havia um freguez, não passava uma carruagem; o moço não ressonava.

De repente ouvi a voz de Ciro:

— Onde está o papá?

E vi-o apparecer — n'aquella sala baixa atulhada de saccos, barris, e montes de sabão, elle tão fino, quasi diaphano, com a apparencia de um espirito — vi-o apparecer diante de mim como allucinado; a fronte inundada em suor, os labios tremulos, mas como que animado por uma energia selvagem.

— Tu aqui, a esta hora? exclamei eu. Que aconteceu?

— Vem cá, papá, anda, vem cá.

— Mas que aconteceu?

— Vem comigo depressa.

Elle tinha a voz surda, mas resoluta.

Larguei tudo, dizendo:

— Volto já.

E sahi com elle, assustado, cambaleando nas pernas mal firmes.

Estavamos na rua do Tritão, e fomos por cima para a praça Barberini, um verdadeiro lago de fogo aquecido a branco, que estava deserta. Estava deserta? não sei, mas eu não vi senão o fogo. Ciro pegava-me na mão.

— Então não falas? Que foi que aconteceu, perguntei-lhe pela terceira vez, apesar do medo que tinha do que elle ia dizer.

— Vem, vem comigo. Wanzer bateu-lhe... bateu-lhe...

O furor estrangulava-lhe a voz na garganta. Parecia estar incapaz de dizer mais; apressava o passo, arrastava-me.

— Eu vi, vi com os meus olhos, continuou elle. Do meu quarto ouvi que elles gritavam, ouvi as palavras... Wanzer enchia-a de injurias, chamava-lhe todos os nomes... Oh! todos os nomes... Entendes? Eu vi-o quando se atirou a ella com os punhos levantados, gritando: «Toma, toma... toma...» Na cara, no peito, nos hombros, por toda a parte, e com tanta força!... «Toma, toma!» E chamava-lhe todos os nomes... Tu bem sabes quaes.

Era desconhecida esta voz; enrouquecida, aspera, sibi-

lante, cortada por suffocações de odio tão furiosas que pensei aterrado que elle ia cahir dominado pela raiva.

Não cahiu; continuou a precipitar o passo, a arrastar-me debaixo d'aquelle sol tórrido.

— Pensas que me escondi? Pensas que fiquei no meu canto? Pensas que tive medo? Não, não tive medo; avancei para elle, eu; puz-me a gritar contra elle; agarrei-o pelas pernas, mordi-o nas mãos... não tive forças para fazer outra cousa... Elle atirou-me ao chão, depois correu outra vez para a mamã, agarrou-a pelos cabellos... oh! covarde, covarde!...

A suffocação interrompeu-o.

— Covarde! Agarrou-a pelos cabellos e arrastou-a para a janella... queria atiral-a á rua... Emfim largou-a dizendo: «São para não te matar.» Foi isto o que elle disse, e sahiu, fugiu de casa... Ah! se eu tivesse uma faca!...

A suffocação tornou a interrompê-lo. Estavamos na rua de S. Basilio, deserta tambem. Receiando vê-lo cahir, de cahir eu proprio, suppliquei:

— Pára, pára um momento, Ciro. Paremos um minuto aqui, á sombra; eu não posso mais.

— Não, não, é preciso ir depressa, é preciso chegar a tempo... Se Wanzer voltasse a casa para a matar?... Ella tinha medo de o vêr voltar para a matar. Eu ouvi-a dizer á Maria, que lhe mettesse na mala a roupa toda para sahir de Roma immediatamente... para ir, parece-me que para casa da tia Amalia, em Tivoli. É preciso chegar a tempo. Tu não a deixarás partir, não?

Parou, mas só para olhar bem para mim e esperar a resposta. Eu balbuciei:

— Não... não.

— E a *elle* deixal-o voltar a casa? Não lhe dirás nada? Não lhe farás nada?

Não respondi. Elle não percebeu que eu estava quasi a morrer de vergonha e de dôr. Não percebeu, porque depois de um pequeno intervallo de silencio, gritou-me com

uma voz que já não era a de pouco antes, com uma voz tremula por uma profunda commoção:

— Papá, papá, tu não tens medo... tu não tens medo d'elle, pois não?

Eu balbuciei:

— Não... não...

E continuámos a andar por aquelle sol ardentissimo, atravez dos terrenos devastados da *villa* Ludovici, entre as arvores abatidas, os montes de tijollos, as covas de cal que me offuscavam e attrahiam. «Vale mais morrer queimado vivo n'uma d'estas covas, pensei eu, do que affron-tar o successo desconhecido.» Mas *Ciro* tinha-me agarrado pela mão e arrastava-me cegamente para o Destino.

Chegámos, subimos.

— Tens a chave? perguntou *Ciro*.

Eu tinha-a. Abri a porta; *Ciro* entrou primeiro e chamou:

— Mamã, mamã!

Ninguém respondeu.

— Maria!

O mesmo silencio. A casa estava deserta, cheia de luz e de um socego suspeito.

— Já se foi embora! disse *Ciro*. Que vaes tu fazer agora?

Entrou na sala e disse:

— Foi aqui.

Vi uma cadeira deitada e um laço vermelho no chão; *Ciro* que seguia os meus olhares, abaixou-se e apanhou alguns cabellos muito compridos; mostrou-m'os dizendo:

— Vês isto?

Tremiam-lhe as mãos e os labios, mas a energia que o animava tinha desaparecido e as forças abandonavam-n'o. Vi-o cambalear e desmaiou nos meus braços.

— *Ciro*, *Ciro*, meu querido filho!

Estava inerte. Não sei o que fiz para vencer a fraqueza que se ia apoderando de mim. Occorreu-me um pensamento: «Se *Wanzer* entrasse n'este momento?» Não sei

como pude sustentar a pobre creatura, para a levar até à cama.

Elle recuperou os sentidos, e eu disse-lhe:

— Precisas descansar. Queres que eu te dispa? Tens febre. Vou mandar chamar o medico. Queres que te dispa muito devagarinho, queres?

Pronunciei estas palavras como se nada mais tivesse de acontecer, como se as banalidades da vida quotidiana, e os cuidados que eu prestava ao meu filho, devessem ser n'aquelle dia a minha unica occupação. Mas eu sentia, sabia, tinha a certeza de que as cousas se passariam de outro modo, que não podiam deixar de se passar de outro modo; martellava-me o cerebro um pensamento, um pensamento unico; uma só expectativa, mas angustiosa, me torcia verdadeiramente as entranhas. O horror accumulando lentamente no fundo do meu ser propagava-se agora por toda a minha individualidade, e fazia viver os meus cabellos desde a raiz até à ponta.

Repeti:

— Queres que te dispa e te metta na cama?

Elle respondeu:

— Não, quero ficar vestido.

Nem a novidade da inflexão, nem a singularidade d'estas palavras, que entretanto eram graves, interromperam em mim a repetição incessante d'esta pergunta simples e terrivel: «Que vaes tu fazer? Que vaes tu fazer?»

Para mim qualquer acto era inconcebivel. Não podia fazer um projecto, imaginar uma solução, premeditar um ataque ou uma defeza. O tempo passava e nada succedia.

— Eu deveria ter ido buscar o medico para Ciro. Mas elle deixar-me-hia sahir? Suppondo que tivesse consentido, ficaria só? E depois poderia encontrar Wanzer na escada. E *então*? Ou Wanzer poderia entrar durante a minha ausencia. E *então*?

Segundo as prescripções de Ciro, eu não devia permitir que Wanzer entrasse; devia dizer "

guma cousa. Pois bem, eu tinha o recurso de fechar a porta por dentro com o ferrolho, e Wanzer não poderia abri-la com a chave. Mas tocaria a campainha, bateria, faria um barulho furioso. E *então*?

Esperámos.

Ciro estava deitado, e eu assentado á cabeceira tomava-lhe o pulso. As pulsações acceleravam-se com uma rapidez vertiginosa.

Não fallávamos. Parecia-nos ouvir mil ruidos, e o que ouviamos era o ruido das nossas arterias. No espaço da janella havia um fundo de azul; as andorinhas voavam roçando, como para entrar; parecia que uma respiração inchava as cortinas; no chão, o sol desenhava exactamente o rectangulo da janella e as sombras das andorinhas que passavam. Mas para mim nenhuma d'estas cousas tinha realidade, não eram mais do que apparencias; já não era a vida, era o simulacro da vida. A minha propria angustia se tinha tornado phantastica. Quanto tempo decorreu assim?

Ciro disse:

—Tenho tanta sede! Dá-me uma pouca d'agua.

Levantei-me para lh'a dar. Mas, em cima da meza, a garrafa estava vazia.

Peguei n'ella e disse:

—Vou encher-a á cosinha.

Sahi do quarto, fui á cosinha e puz a garrafa debaixo da torneira.

A cosinha era contigua á saleta. O meu ouvido percebeu distinctamente o ruido d'uma chave girando na fechadura. Fiquei petrificado, *na impossibilidade absoluta de me mover*. Depois ouvi abrir a porta, e reconheci a voz de Wanzer chamando:

—Ginevra!

Ninguém respondeu.

Elle deu alguns passos e tornou a chamar:

—Ginevra!

A mesma resposta.

Novos passos. Evidentemente elle procura-a nos quartos;
eu continuava na impossibilidade absoluta de me mover.

De subito ouvi um grito de meu filho, um grito selvagem que desatou instantaneamente os meus membros rigidos. O meu olhar dirigiu-se para uma comprida faca que luzia em cima do aparador, e a minha mão agarrou-a immediatamente. Uma força prodigiosa me invadiu o braço e senti-me transportado como por um turbilhão para o quarto de meu filho; vi-o agarrado com uma furia felina ao comprido corpo de Wanzer, e vi sobre o meu filho as mãos de Wanzer.

Duas, tres, quatro vezes lhe enterrei a faca nas costas, até o cabo.

— Ah! senhor, por caridade, não me deixe só! Morrerei antes da noite, prometto-lhe que morro, e depois ir-se-ha embora; fechar-me-ha os olhos e depois ir-se-ha embora; fechar-me-ha os olhos e depois sahirá. Mas não, nem isso lhe peço; eu mesmo fecharei os olhos antes de expirar.

Veja esta mão; tocou as palpebras d'aquelle homem e amarelleceu... as palpebras... eu queria fechal-as porque Ciro se levantava a cada instante e gritava:

— Papá, papá, elle olha para mim.

Como podia ser isso, se elle estava coberto? Então os mortos vêem atravez dos lençoes?

E a palpebra esquerda resistia, fria, rigida...

Quanto sangue! É possivel que um homem contenha um mar de sangue!

Apenas se 'vêem as veias; e são tão finas que mal se distinguem, e comtudo... Eu não sabia onde pôr os pés; as minhas botas embebiam-se como duas esponjas, — é extraordinario isto — como duas esponjas!

Um, tanto sangue; e o outro, nem uma gotta: — um lirio...

Oh! meu Deus, um lirio! Ainda ha coisas brancas no mundo?

Lirios! Quantos lirios!

Mas veja, veja, senhor, o que é isto que eu sinto? O que é este bem estar que me alivia?

Antes da noite, oh! antes da noite...

Entrou uma andorinha.

Deixe... deixe entrar a andorinha.

Gabriel d'Annunzio.

O fim de um mundo

OU

SCIENCIA E INCONSCIENCIA

Conto philosophico

(A Affonso Allais)

Que sabio doutor é o doutor Kartoffel-Salat, membro correspondente da academia da Aguardente de Dantzig, geographo da camara, e inventor de theorias novas acerca da formação natural do queijo de Gruyère nas cavernas de Louisville (Kentucky)!

Que bella aquisição scientifica, para o veneravel museu geographico de Boston, de que elle é presidente!

Comtudo, a perfeição humana não existe, infelizmente. Uma das theorias mais admiraveis que o infatigavel doutor estava a ponto de elucidar, acaba de ser destruida — para sempre, talvez — pela intervenção miseravel do ultimo dos animaes domesticos do qual o doutor se lembraria de precaver-se — uma reles gata!

Embruhlado no seu roupão, com uma pala verde nos olhos, o doutor Kartoffel-Salat estava sentado na sua grande poltrona de coiro; accessorio indispensavel, no gabinete de um sabio, desde o tempo de Fausto.

O doutor meditava, curvado, sobre o globo terrestre, uma d'estas espheras de papelão que a sciencia allemã

inventou, como uma redução diabolica da nossa pobre terra.

O doutor tomava apontamentos para uma grande viagem de excursão ás minas de presuntos, descobertas recentemente, no Colorado, por uma sociedade mineira de Hamburgo.

Com o nariz em cima do cartão arqueado do globo, procurava, debalde, a palavra Colorado. Devemos dizer que os nomes dos paizes estavam impressos em bonitos caracteres microscopicos, sahidos das imprensas de um dos mais celebres editores gothicos dos hemispherios de Magdeburgo.

A um canto da casa, Kitty, a gata do visinho, um cortador muito ignorante, examinava com curiosidade.

Descobrira um geographo.

— Por que razão, pensou Kitty, não me farei tambem um geographo distincto? Estamos em uma nação livre, onde as mulheres teem os mesmos direitos que os homens. Sou gata, posso vir a ser doutora em geographia. Terei um grande casacão e uma pala verde. Ha de ser muito divertido!

Durante este monologo, Kartoffel-Salat, que já encontrara o Colorado no mappa-mundi, estava folheando um enorme alfarrabio que continha esclarecimentos preciosos ácerca d'esse paiz.

De repente, interrompeu a leitura para seguir a descrição no mappa-mundi. Mas, por mais que limpasse os olhos, já não via o Colorado no mesmo sitio. Afinal, procurando bem, descobriu esse Estado movediço que fizera uma rotação de mais de cinco graus para Leste.

— Aqui está um caso muito extraordinario, pensou o doutor. O Colorado é um Estado que caminha, que avança; já m'o tinham dito. Mas nunca suppoz que os seus progressos fossem tão rapidos que se fizessem sentir em tão pequena escala!

E levantou-se para ir consultar uma volumosa encyclo-

pedia allemã, esperando encontrar ahi algumas explicações de um facto tão anormal.

A causa das inquietações do doutor Kartoffel-Salat era miss Kitty, a gata do cortador.

A gata ambiciosa estava dando a primeira lição de geographia.

Continuou, com a patinha agil, a apalpar as montanhas e os valles.

E o globo terrestre continuava a girar! Houve um momento em que o doutor julgou ouvir bulha, e voltou-se.

Era admiravel! O Colorado caminhava, caminhava a passos gigantesco.

Kitty occultara-se prudentemente atraz da machina redonda. O doutor procurou, com mais energia do que nunca, no tratado das «Curiosidades geographicas» pelo celebre Asinus von Saverkraut de Frankfurt.

Não achou nada...

De repente, o sabio bateu com a mão na testa.

— Fiz uma descoberta admiravel! Surprehendi a lei das relações entre o Globo terrestre que gira no espaço celeste, e os pequenos globos cosmicos inventados pela sciencia allemã. O' meu paiz! vou dotar-te com uma gloria immortal!

Mas, n'esse momento, Kitty, exaltada por novo ardor scientifico, quiz accrescentar um capitulo aos seus conhecimentos geographicos.

D'essa vez, o globo girou, girou, tão depressa, que, quando o sabio doutor Kartoffel-Salat quiz verificar os progressos do Colorado, descobriu Denver, a capital d'esse Estado recente, onde? adivinhem!...

Em Magdeburgo, nada menos, a patria dos hemispheros de physica recreativa!

Kartoffel-Salat tambem era de Magdeburgo. A indignação e a colera patriotica apoderaram-se d'elle.

— Um obscuro paiz do Far West tomar o lugar da minha querida patria! Oh! Nunca! Não o consentirei! Pre-

firo que morra a sciencia! Morra a gloria das minhas descobertas!

E ergueu o punho fechado.

Traz! A delgada folha de cartão arrombou-se aos socos repetidos do doutor, que fôra em rapaz, um notavel jogador de murro.

O esqueleto do mundo destruido foi ainda alvo da sua furia patriotica.

Miss Kilty deu, immediatamente, ás de Villa Diogo, correndo como uma lebre, de cauda no ar.

E aqui está como uma descoberta admiravel, presentida pelo genio do doutor Kartoffel, ficou e ficará, provavelmente, nos limbos, por causa de uma miseravel gata, ignorante e ambiciosa!

Não saberemos a verdade acerca da marcha progressiva do Colorado senão quando estivermos no logar onde se reúnem as sombras dos sabios em *us*, dos jornalistas ignorantes, das gatas incorrigiveis e dos mappa-mundi esfarapados.

Jehan SOUDAN.

LUMEN

Quinta narração

INGENIUM AUDAX, NATURA AUDACIOR

(Continuação)

— O tempo sem fim, respondi, parece-me mais difficil de imaginar do que o espaço sem fim. Supponho facilmente chegar a uma barreira imaginaria, na immensidade, vêr espaço para além d'essa barreira, imaginar um limite mais afastado, chegar a esse limite, ver ainda espaço para diante, e sempre assim, não alcançando nunca, em nenhuma direcção, um limite que não existe. Mas, confesso, o tempo indefinido ou antes a eternidade sem limites, assusta-me mais do que me admira, e o meu pensamento não tem forças para encarar de frente este assumpto.

— A tua idéa de uma barreira fugindo no espaço, replicou o Espirito, é applicavel á noção da eternidade. Qualquer que seja a extensão do tempo que imaginares, podes suppor que chegaste ao fim, e que depois de decorrido esse tempo, não pára ahí a sua duração, e continua a decorrer. Levando mais longe o limite imaginario, encontrarás, para diante, mais tempo, e assim successivamente, sem paragem possivel. Mas nota bem que semelhantes comparações são apenas destinadas a tornar sensiveis estas noções, mas que, realmente, nem o infinito nem a eternidade teem medida.

Na eternidade sem limite, sem começo e sem fim, o universo material tem medida e tempo, pelos seus movimentos. Mas estas medidas não teem nada de absoluto. Se a terra girasse duas vezes, cem vezes mais devagar, os dias e os annos seriam duas vezes, cem vezes mais compridos do que são; mas para os homens seriam os *mesmos*. Se a terra se tornasse cem vezes, mil vezes mais pequena, e os monumentos, os corpos ficassem tambem cem, mil vezes mais pequenos do que são, para os homens era exactamente o *mesmo*; o metro continuaria a ser a decima milloinessima parte do quarto do meridiano terrestre, os objectos eram vistos debaixo do mesmo angulo, etc. Todas as idéas terrestres, que teem parecido absolutas até agora, são simplesmente relativas a este planeta mortal.

Na eternidade immovel, os Espiritos ficam, as cousas materiaes acabam.

Os Espiritos ficam, eternos, indestructiveis, mas para elles tambem ha somnos e mortes. Nem todas as almas humanas que vivem n'este planeta, por exemplo, conservarão depois da morte a *consciencia* da sua existencia, posto que todas conservem a identidade. O *eu* pode durar, gosar ou soffrer, sem conservar nenhuma recordação do passado, e, por consequencia, sem formar uma individualidade aos seus proprios olhos. Tal é a sorte dos animaes, depois de morrerem, e a de grande numero de humanos. Não ha immortaes, entes com a consciencia da sua immortalidade, senão os que já tiveram, durante esta vida, a consciencia intellectual da sua espiritualidade, e a memoria espiritual, differente da simples impressão cerebral.

Mas vão apparecer em breve os primeiros clarões da aurora. Vou continuar o meu vôo e a minha viagem celeste. Como te disse, estou atravessando o universo, e depois de ter parado aqui, continuo o meu caminho, em direcção opposta a Orion, para Ophiucho. Voltarei, em seguida, aqui, e depois ao meu ponto de partida.

Quando voltar a este logar do céu onde paira actual-

mente o systema solar, quando o meu vôo sideral me conduzir ao ponto onde me detive agora um momento, já nada d'isto existe. Dirijo a minha marcha celeste para os confins d'este universo visivel, e, para lá chegar, tenho que percorrer tanto caminho como tenho percorrido até aqui, isto é, não chego ao fim da minha viagem senão d'aqui a cento e trinta e oito billiões de seculos, pouco mais ou menos, continuando a andar com a mesma velocidade constante de cem leguas por hora. Tenciono demorar-me lá talvez cem seculos, para dirigir a formação de uma humanidade nova, que occupará honrosamente, espero-o, este departamento do espaço. Em seguida, voltarei em linha recta, não só a este systema, mas até ao ponto de onde parti.

Ora, quando eu tornar a passar por aqui, terão decorrido cento e setenta e sete billiões, trezentos e oitenta milhões, setecentos e noventa e nove mil e trezentos seculos, e n'essa epoca já a terra não existe.

Sim, este bello planeta, hoje tão vivo, tão radiante de actividade, tão ruidoso e tão rico, á superficie do qual as gerações se succedem com rapidez, este planeta estará morto, bem morto — ainda mais: destruido! Assim como contem no seio os elementos e as datas da sua origem, tambem contem os germens da sua decadencia e do seu fim. E não é só elle, são todos os seus companheiros. Venus, sua irmã, tão semelhante a elle, e cuja humanidade actual é tão extraordinaria, Mercurio, ardente e rapido, Marte, cuja geographia é tão curiosa, Jupiter, nobre e imponente no seu curso, Saturno, envolvido nos tres anneis e cercado pelos oito satellites, Urano lento, veneravel, Neptuno, cujos annos são seculos; todos estes mundos terão deixado de existir. Que digo? Terão perdido todo o calor, agua, ar, liquidos, gaz, cohesão, afinidade, principios de existencia e de vida, tudo terá desaparecido. Desertos silenciosos rolando no espaço, não apresentarão mais do que gelo e rochedos nus aos raios enfraquecidos

do Sol. Os meteoros, os ventos, as chuvas terão feito descer as montanhas para as planícies, elevado o leito dos mares e estendido progressivamente a superfície do Oceano, que occupa já as tres quartas partes da terra e acabará por occupal-a toda. As manchas do Sol terão augmentado de numero, e esse grande corpo terá esfriado, em consequencia da sua grande irradiação no espaço. Primeiro, ver-se-hão essas manchas estenderem-se como duas zonas sombrias de cada lado do seu equador, e os meteorologistas hão de notar um decrescimento sensivel de calor e de luz. Com os milhões de seculos amontoados, o resfriamento tornar-se-ha tal que os organismos planetarios succumbirão e darão logar a novos seres, constituidos para viverem no frio. Mas ha de vir uma epoca em que o Sol, tornado vermelho, sombrio, e depois escuro, deixará de ser o lar da familia que, durante tanto tempo, tirou d'elle o magnetismo e a vida, e não espalhará em torno d'elle senão uma claridade pallida e sinistra. Os dias serão noites, e não haverá primavera nem estio. Os mundos, pesados e escuros, rolarão como balas negras á roda de outra bala negra. Será a noite universal para este systema. Terra, Lua, planetas, levarão na immensidade os tûmulos fosseis dos seus ultimos habitantes. N'essa epoca, muitos outros soes do universo, que brilham actualmente como estrellas scintillantes, estarão apagados como o vosso, e ter-se-hão creado novos astros luminosos. As estrellas que durarem ainda, terão mudado de logar. As constellações hão de ter perdido a forma. As sete da Grande Ursa, mesmo que nenhuma d'ellas esteja apagada, já não hão de formar um carro, o carro do Norte estará deslocado, e, em consequencia dos seus movimentos proprios, ter-se-hão afastado umas das outras a ponto de formarem, primeiro um trapezio, depois um triangulo immenso, e em seguida uma linha quebrada. Orion, a magnifica constellação do Sul, terá soffrido o desmembramento secular do tempo, os Tres Reis estarão separados. Rigel ter-se-ha

apagado, Aldebaran terá fugido para longe das Pleiades, Sirio terá perdido o sceptro, e as estrellas de Hercules estarão transformadas em astros de primeira grandeza. O Ceu tornar-se-ha completamente differente, e a Terra, sec-a, arruinada, destruida, ter-se-ha desfeito em pedaços, os quaes, espalhando-se ao longo da sua orbita, continuarão a girar á roda do Sol morto. Esqueletos minusculos correndo em torno de um esqueleto gigante, aerolithos arrebatando no espaço os ultimos fragmentos de uma terra, outr'ora habitada, poderão ser envolvidos na passagem por algum cometa hyperbolico, que, arrastando alguns no seu curso, irá arremessal-os a outro systema, a um planeta desconhecido cujos habitantes, apanhando-os para os collocar debaixo do vidro de um museu, hão de analisal-os sem descobrirem a historia da Terra a que elles pertencem, como os aerolithos que os homens conservam sem adivinhar a sua origem... Eis o que será a Terra e os seus habitantes quando eu voltar da minha missão celeste. Os corpos terão voltado de novo para o pó.»

Quando o Espirito acabou de falar, senti-me commovido até ao intimo do meu ser, comprehendendo a profundidade d'estas revelações, que eu ouvira mergulhado n'um silencio attento. Vi o futuro, as estrellas mudando de logar, as constellações deslocadas, o systema planetario destruido, o *Sol apagado*, a Terra—onde vivemos hoje tranquillamente—*a Terra anniquilada*, e cousa nenhuma no logar do espaço que ella occupa actualmente; senti que esta perspectiva era verdadeira, e considerando que o Espirito falava d'aquelles seculos extraordinarios sem parecer sentir o tempo nem envelhecer, pensei no que seria feito de cada uma das nossas almas, ó leitores, e no que seria feito de mim proprio n'essa eternidade; como se um raio me tivesse fulminado, soltei este grito pessoal, que exprimia sinceramente a extensão da minha anciedade repentina, grito que todos teriam soltado da mesma maneira:

—E eu?

—E tu? Tu és, como eu, immortal e indestructivel.

—*Indestructivel!* exclamei, sentindo pela primeira vez na minha vida, o extranho beneficio d'este privilegio. Mas onde estarei d'aqui a um seculo, por exemplo?

—No espaço—ninguem póde sair d'elle—é o infinito. Provavelmente estás ainda n'este systema planetario.

—E d'aqui a mil annos?

—Continuarás a existir.

—E d'aqui a cem mil annos?

—Has de existir ainda. Viajas, com certeza. Para um astronomo esta situação não é desagradavel.

—Gracejas com estas cousas que te são familiares, ó Espirito! Mas eu, confesso que estou assustado... E onde estarei d'aqui a um milhão d'annos? accrescentei, tremendo:

—Continuarás a existir no espaço infinito. E assim d'aqui a dez e a cem milhões d'annos. E depois de decorridos esses cem milhões não estarás mais velho do que hoje. Recomeçarás a viver outros centos de milhões... e assim successivamente.

—Sem poder morrer? exclamei, atemorizado com o tom simples e affirmativo com que o Espirito apresentava estas verdades assustadoras.

—Immortal, indestructivel para toda a eternidade. Nenhuma alma creada pode envelhecer ou morrer. Nota que os milhões de milhões de seculos não são *nada* na eternidade, e que depois de terem decorrido, começam-se outros como se não tivessem existido nunca... e que a tua existencia *não tem fim possivel*.

.....

—Vida eterna!... sem... fim... possivel! repeti, procurando comprehender e sentindo o cerebro dissolver-se-me no craneo... Ah!

E cahi como morto.

CARTA A OLIVEIRA MARTINS

Val de Lobos, 25 de dezembro, de 1872.

Ill.^m amigo e sr.

Recebi em tempo o seu livro socialista e quizera logo correl-o e ler aquillo que a minha velha e gasta comprehensão pudesse alcançar; mas chegou em má conjunctura, na dos começos da colheita e fabrico do azeite. N'esta faina apenas podia tirar alguns pedaços de noite para ir meditando no contheudo do livro, quando podia traduzir em linguagem intellegivel para mim as suas phrases. O socialismo é uma especie de religião, e, como todas as religiões, tem dogmas, e os dogmas, por via de regra, pertencem ao mundo do sobreintelligivel. Não se admire, pois, de que eu, pouco familiarisado com as profundezas da nova crença, não saiba ligar nenhuma idéa a certas proposições e phrases, em que até o valor dos termos é para mim novo e desconhecido. Não tome isto por ironia. É a pura verdade.

Tenho por isso lido pouco: aqui e acolá: ás furtadellas. Burguez dos quatro costados, liberal ferrenho e proprietario, ainda que pequeno, tenho todos os signaes que caracterisam a *besta* do moderno apocalypse do evangelista Proudhon; sou tyranno do operario.

Uma das nossas manias, que se manifesta de modo escandaloso n'este tempo da vareja, é a de não nos deixar roubar (desculpe o termo velho, porque não me occorre outro) por aquelles pobres martyres, nem no trabalho que ajustaram dar-nos, mediante um salario livremente ajustado, nem nos fructos das arvores que, por cega preocupação, suppomos nossas, com o frivolo fundamento de que as comprámos ou plantámos.

O grande trabalho (trabalho essencialmente improductivo) da feroz alcateia dos lavradores é n'este tempo vigiar o rancho; que sem isso dormiriam metade do dia, e empregariam a outra metade em encher os embornaes de toda a azeitona que podessem levar á noite e ir vender a algum lagar, e com o preço d'ellas embebedarem-se e depois esfaquearem-se na taberna, para se esquecerem, para espairecerem (infelizes victimas do capital!) da sua existencia de miseria e de trabalho. Em quanto andamos com isto, não pensamos em ler.—E ainda mal; que se, em vez de cuidar nas azeitonas, estudassemos Proudhon, talvez chegassemos a entrar em melhor caminho.

Com esse pouco, porém, que tenho visto do seu livro já apanhei uma ruma de duvidas para as quaes lhe pediria explicação se me coubesse no tempo, que desbarato agora com as contas do lagar, trabalho igualmente improductivo, porque apenas se trata de saber se é o dono ou o lagareiro que tiram maior interesse d'elle, questão ociosa se houvesse entre os homens verdadeira fraternidade.

Agora o que eu não quizera era deixar de responder ás perguntas da sua carta. Assim eu as entenda bem! Pergunta-me se me parece que da successão dos factos da historia sae uma logica da historia, e que essa logica conduz a conclusões differentes das de um mero concurso de accidentes determinado por um outro concurso atomistico de individuos.

Se muitas vezes não atino com o sentido dos seus periodos é pela ignorancia em que estou dos progressos mo-

dermos. É esse o verdadeiro *quid* que V. S.^a acha dar-se entre mim e os pensadores actuaes. Eu posso lá saber o que é a logica da historia que sahe da successão dos factos historicos? A logica, no meu tempo, era o complexo das leis, das regras espontaneas conforme as quaes funciona a intelligencia: era a fórmula por cujo meio se manifesta a razão no homem. Phenomeno puramente subjectivo, congenito com o individuo, e mais ou menos aperfeiçoado, na sua manifestação externa, conforme a educação de cada um, não concebo como tal phenomeno possa derivar da successão dos factos historicos. Que applicando-se aos factos historicos, a logica nos possa ou deva levar a taes ou taes conclusões ou illações, entende-se. E' o mesmo que succede applicando-a a outra qualquer provincia do saber humano. Logica engendrada pelos factos da vida das nações, ainda não havia no meu tempo. E' descobrimento mais moderno.

Diz V. S.^a que a tal logica, prolação dos factos historicos, nos conduz a conclusões differentes das de um méro concurso de accidentes determinados por outro concurso atomistico de individuos. *Individuos* provavelmente tem aqui a significação de *pessoas*: *accidentes* não sei se tem a de *qualidades não necessarias*. Pessoas que concorrendo, produzissem atomos, que estes atomos *determinassem acasos* ou *qualidades não necessarias* e todavia *determinadas* e que estes acasos ou estas qualidades concorrendo produzissem *conclusões*, são factos que não me lembra se dessem nunca no meu tempo.

Parece-me que reduzindo a pergunta a termos chãos, alheios á terminologia nebulosa da philosophia socialista (que seria d'ella sem essa terminologia?) V. S.^a quer saber se á vista das suas apreciações historicas eu acho que a vida das sociedades não resulta dos effeitos da vontade individual combinados com os acontecimentos fortuitos. Distingo. A vontade individual ajudada pela superioridade da intelligencia tem, teve e ha de ter sempre uma influencia

maior ou menor, às vezes grandissima, na vida exterior das sociedades, e até não raro na sua vida interior, na sua physiologia. Que esta influencia necessariamente é limitada pelas outras vontades intelligentes também me parece obvio: que ha circumstancias independentes, tanto de qualquer vontade individual como do complexo de todas, que as limitam, parece-me indisputavel. — Que estas circumstancias sejam determinadas pelo concurso das vontades individuaes não o creio, aliás confundir-se-hiam com os effeitos d'ellas e o modo de ser das nações, teria essa unica origem.

Circumstancias taes dependem de factos anteriores, de leis physicas ou moraes; de causas, em summa, que podemos conhecer. N'este ultimo caso chamamos-lhe circumstancias accidentaes, fortuitas. No mundo real não ha senão causas e effeitos.

Fortuito é um objectivo inventado para consolar a vaidade humana de ignorar a cada passo a genealogia dos factos e dos acontecimentos. Assim eu creio que o genio militar e politico de Napoleão exerceu uma influencia enorme nas condições de existencia das sociedades actuaes da Europa; que a vontade energica de um fidalgo russo, Rostopkéne, modificou, limitou os effeitos d'essa influencia com o incendio de Moscow; que a circumstaucia *fortuita*, de ser rigorosissimo o inverno de 1812, (*fortuita* em quanto um mais cabal conhecimento das leis meteorologicas nos não vier revelar *porque* o inverno de 1812 foi tão rigoroso) completou a obra do fidalgo russo dando cabo de um exercito de 700:000 homens que teriam dado cabo do poder da Russia, se tivessem podido invernar em Moscow; que a destruição d'esse exercito explica Waterloo; Waterloo que, além d'essa causa, tem a das vontades em *concurso* de Wellington, Blucher e talvez Bourmont. De Waterloo a queda do cesarismo, o remodelamento da carta da Europa, o estabelecimento do governo répresentativo. Não sei se o concurso d'estas vontades foi atomistico, porque

não sei se emprega este adjectivo no sentido vulgar, se no sentido philosophico de Epicuro ou de Leibnitz, ou finalmente na significação da chimica moderna. Se é no primeiro, (o que me parece mais provavel, para apoucar o individuo diante da *humanidade*), ha de confessar que os taes individuos atomos tinham sua acção sobre as sociedades da Europa. Seriam elles já moleculas?

O meu amigo diz-me que não heide achar no seu livro uma historia nova, mas que a questão está em que as faculdades mentaes de cada um fazem considerar de diversos modos a historia, como a conhecemos.

Diz isto, creio, que por outras phrases mais profundas. Accrescenta depois que estes diversos modos de vêr dão o resultado das questões religiosas, em que póde haver *convertidos*, mas não *convencidos*. Aqui mesmo temos a prova de que cada individuo tem o seu modo de vêr os factos e de apreciar as idéas e que isso contribue para sermos tenazes nas nossas opiniões, verdades que supponho, não as descobriram os socialistas. Aqui temos a prova, digo, porque eu estou persuadido que a respeito de *qualquer idéa* como de qualquer religião, o ente racional, suppondo-o honesto e sincero, só se *converte* quando se *convence* do erro da idéa que tinha ou da falsidade da religião que seguia. O quo tambem me parece é que é mais raro, haver convertidos do que convencidos. O convencimento mortifica interiormente o nosso orgulho, a conversão mortifica exteriormente a nossa vaidade. Vejo que o ponto de vista de V. S.^a é o contrario. O meu é provavelmente um despropósito.

Diz-me que não hei de achar no seu livro uma historia nova. Pois, meu amigo, antes eu a achasse que bem precisa é. Ha talvez cem annos que se começou a pensar seriamente em fazer historia que não seja *historias* e o edificio ainda está poucos metros acima dos alicerces. Deslumbra e estonteia o espirito o considerar os milhares de intelligencias que na Europa, na America e até na Asia se

dedicam com ardor aos estudos historicos e os milhares de escriptos que annualmente se publicam sobre investigações d'esta natureza.

Não ha uma nação viva que se possa gabar de possuir uma monographia propria, verdadeira e completa. Não as teem sequer as mortas. A sociedade romana, que ha um ou dois seculos a sciencia moderna suppunha conhecer bem, era em grande parte desconhecida antes de Niebuhr. Niebuhr é uma revolução e d'esta mesma revolução, quanto está já transformado por Mommsen!

E' certo que com a propagação dos estudos historicos sérios começou logo a *philosophia da historia*, genero de romance impertinente em que Vico e Herder teem tido so-bejos imitadores.

Porque não hão de os socialistas fazer tambem os seus romances d'este genero?

Entretanto, parece-me que o meu amigo com o seu talento e com os habitos de reflexão e estudo empregaria melhor o seu tempo em fazer historia nova.

Diz: *mal d'ella se o fosse!* e eu digo-lhe: *mal d'ella se o não fór!* Generalisação de factos que não se conhecem ou se conhecem imperfeitamente e incompletamente, fazem rir e rir ainda mais, quando se tomam por factos, erros, as vezes bem grosseiros. Quando as monographias das nações do globo estiverem feitas, o que ha de ser d'aqui a alguns centos de annos, então é possivel a *philosophia da historia*. Até lá, romance ou comedia.

Não a *philosophia da historia* que é, ou antes, ha de ser a fixação das leis geraes que *a posteriori* resultarem da identidade e universalidade dos factos politicos e sociaes em identidade universal de circumstancias: leis cujo conhecimento tornará a historia uma verdadeira sciencia; não esta *philosophia* que ainda está *in fiori* porque lhe faltam ainda os elementos; mas uma outra, que é a que tem resultado do estudo da indole, tendencias, paixões dos homens, póde e deve applicar-se á historia quando temos de

inferir de factos e circumstancias, conhecidos e *provados*, factos e circumstancias ácerca dos quaes nos faltam monumentos directos e seguros. Fóra d'isto, philosophias historicas? pura conversa.

Tenha paciencia, meu amigo, visto que me faz perguntas, perguntas sobre questões altissimas a um pobre lavrador d'azeite? Soffra-lhe as tolices abrutadas.

Ha na primeira pergunta da sua carta um triumphante e decisivo *finalmente* que me atemorizou e me fez a principio crer que tendo labutado 25 annos com trabalhos historicos nada tirara d'isso senão cahir n'uma esparrela de conclusões erroneas de que a theoria socialista vinha des-
embaraçar-me *afinal*. N'esses 25 annos (e creia que durante elles trabalhei deveras) pude estudar seriamente apenas uma epocha da historia do meu paiz, e ainda assim ficaram-me obscuras mais de uma face do polyedro social. Mas as conclusões que tirei dos meus estudos nunca tiveram por alvo o determinar as evoluções passadas, presentes e futuras das sociedades, maiores e menores, constituídas pelo genero humano nas diversas partes do globo. O unico intuito do que escrevi foi deixar ás gerações futuras em Portugal alguns meios para uma cousa que me parece hão de algum dia tentar fazer, isto é, tornar as instituições mais harmonicas, mais consequentes com as tradições e indole d'esta familia portugueza a quem V. S.^a nega individualidade propria e que todavia já no seculo XII chamava com malevolo desdem, estrangeiros aos hespanhoes.

A minha crença é que por esse meio nós chegaremos a tornar a liberdade verdadeira e real, o que não temos obtido com imitações bastardas d'instituições e até de utopias perigrinas. Já vê que não tenho de abrir *finalmente* os olhos para ver a luz que derrama ante mim a theoria do socialismo. Não pego no facho, porque nada tenho de procurar com elle.

Mas permitta-me que duvide de que tal facho allumie

cousa nenhuma. O socialismo desde que fabricou a humanidade cujos atomos moleculares eu e V. S.^a com toda a gente nossa conhecida e não conhecida temos a honra de ser, tratou esta abstracção da antiga sciencia que se chama o genero humano com um desprezo por tal modo iniquo, que não nos dá esperanças de que o reinado do socialismo seja o reinado d'Astréa.

Buscando as leis geraes e absolutas que regem a evolução social de madame Humanidade, o socialismo vae-se á historia dos povos que tem habitado e habitam uma pequena parte do mundo, chamada a Europa, e respigando aqui e ali, factos bem ou mal averiguados, instituições bem ou mal estudadas, doutrinas bem ou mal comprehendidas, adjectivam-nos ao seu idealismo e acham assim a tal logica que sae da successão dos factos e que é a logica da historia. Arranjam a sua igrejinha como se arranjariam dez igrejinhas diferentes ou contrarias, com as memorias passadas, exactas ou inexatas de 80 ou 100 milhões d'homens e com uma nesga do mappa-mundi. E 300 milhões de Chins e 200 milhões de Hindus, que representam civilisações antiquissimas e ainda subsistentes? E as civilisações extinctas de Assyrios, de Egyptios, Persas e Toltéques etc.? E os Japões e os birmans e malaaios e ethiopes? Por todo esse vasto mundo e atravez d'esses milhares de annos esquecidos não houve successão de factos? Ou foram factos maninhos cuja successão não faria logica da historia? O meu amigo diz-nos (p. 82) que a civilisação é o ideal (eu diria que é a tendencia dos homens para o ideal posta em acção) e que o ideal é a concreção synthetica(?) de *todas* as realidades; (não creio que o ideal seja isto, mas suppunhamol-o) segue-se que sendo o mecanismo social a manifestação mais importante da civilisação, que é o ideal, e sendo o ideal o conjuncto coordenado (não sei se entendendo bem a *concreção synthetica*) de *todas* as realidades, como é que lhe revelam a realisação d'esta parte do ideal, ou antes do ideal visto por esta parte, os factos de ethno-

logia e da historia, farrapos da historia de um cantinho do mundo?

De farrapos vae tambem esta carta, escripta interrompidamente no meio das contas do azeite e dos arranjos de sufficiente porção de agua-pé para metter no buxo a uns onze victimas, que já trago na póda e escava e que preferem sem excepção e sem hesitação (pobres martyres do capital!) a canada de agua pé a 20 por cento de augmento do salario, o que nós, os tyrannos, com infernal astucia, tambem preferimos porque nos sae mais barato.

O desalinho que, relendo junto o que tenho escripto, encontro nas idéas e na phrase, é o resultado da mistura sacrilega feita n'um cerebro velho da Immanencia com uma bacellada, do credito gratuito com um transporte de estrumes. Por força a coisa havia de sair assim.

O que é certo é que me acho na quarta folha de papel, e eu que contava responder integralmente ás perguntas da sua carta nem sequer respondo completamente á primeira, quanto mais estender-lhe diante o sudario não sei de quantas dezenas de duvidas que queria propor-lhe para me esclarecer.

Fique, pois, a coisa por aqui hoje. Não faltará occasião para o resto, sobre tudo em passando esta maior força dos trabalhos ruraes, em que é preciso trazer d'olho as victimas do capital, alias dá o lavrador em vasa barris. O socialismo tem-se esquecido um pouco de ver as contas d'este maximo grupo dos tyrannos, chamado dos agricultores.

Se as examinasse talvez achasse mais vezes o lobo pelado pela ovelha, do que a ovelha tosquiada pelo lobo.

Fecho esta tambem porque a minha Eva quer ir passar alguns dias de festa com a familia e não ha remedio senão acompanhá-la a Lisboa. Voltarei em breve, por me não ser possivel demorar-me muito.

De V. S.^a amigo e C.

A. Herculano.

NEMROD & COMPANHIA

XVIII

(Continuação)

Ouvindo estas accusações, M.^{elle} Faverger córou e as lagrimas seccaram-se-lhe instantaneamente. Ergueu a cabeça, e com voz tremula:

— Senhor, ha assumptos dos quaes era impossivel ser eu a primeira a falar.

Nuno não insistiu. Comprehendera. Mas parecia-lhe que esse motivo de descontentamento a que a governante alludia, não devia ser o movel decisivo que dirigira sua filha.

Aquelle mysticismo repentino, que se apoderava d'ella, não era inspirado pela reconciliação de seu pae com M.^{me} del Peral. Não!

Havia outro motivo, que elle entrevia, e cuja suspeita lhe fazia refferver no coração uma colera doida. Esse motivo, para estar certo d'elle, precisava falar com Esther. E, mesmo assim, talvez ella não se resolvesse a confessal-o. Emquanto a M.^{elle} Faverger, a sua boa fé era evidente. Não era possivel desconfiar d'ella, nem censural-a.

— Minha filha sabe que veio aqui? perguntou o banqueiro.

— Sabe.

— E que vinha dizer-me o que me disse?

— Sim, senhor, também o sabe.

— Então foi com o consentimento d'ella que veio prevenir-me?

— Foi por sua ordem.

— Bem! Vejo que procede francamente e que comprehendendo a gravidade do que projecta. Volte para a Chevrolière, e annuncie-lhe que irei hoje visitá-la. Até á vista, M.^{elle} Favenger... Até breve.

M.^{elle} Favenger cumprimentou e saiu.

Ficando só, Nuno sentou-se n'uma das largas poltronas do seu gabinete. Chegara a um dos momentos mais penosos da sua vida. Preso entre os deveres de pae e os caprichos de homem que se diverte, sacrificara uns aos outros, e soffria duramente as consequencias d'esse procedimento. Durante annos guardara para mais tarde a liquidação dos seus vicios, dizendo comsigo mesmo: «Veremos, temos tempo, quando fôr velho.» Era velho, e estava mais dominado que nunca por esses vicios. Não supportava a idéa de ter de renunciar a ternuras tão vãs, e a affeição verdadeira, sólida, sincera, que desprezara, afastava-se d'elle. Fez o seu balanço de libertino, com uma exactidão de financeiro. Teve a coragem de avaliar e contar tudo, e, tendo no activo Esther e no passivo Manuela, não se sentiu com a energia suprema de liquidar uma para conservar a outra. Pensou: É uma transacção que hei de obter, forçosamente. Trata-se de descobrir um *modus vivendi*. Descobril-o-hei, se o unico motivo d'isto fôr Manuela.

Mas adivinhava que não se tratava apenas da sua amante. Um perfil d'homem, altivo, desdenhoso mesmo, apparecia-lhe na imaginação, e era esse o verdadeiro autor das resoluções de sua filha, era elle que causava a tristeza desesperada de Esther. Sim, esse homem que, havia um anno, se erguia na sua frente como um obstaculo, em todas as circumstancias, e a quem odiava instinctivamente,

porque era nobre, bello, desinteressado, e não podia exercer n'elle influencia alguma. A outro qualquer, tentaria corrompê-lo, seduzil-o, pagar-lhe. Mas um Pont-Croix! Um homem que pagava até ao ultimo soldo as suas dividas da Bolsa, quando era tão simples recorrer á excepção de jogo, fazendo, em seguida, uma liquidação amigavel da sua posição, que teria satisfeito todos os interessados e deixado a sua fortuna intacta! Não! Não havia nada a esperar de tal personagem. E era justamente por isso que sua filha o notara e que elle lhe tinha agradado. Ergueu-se e começou a passear com agitação, falando em voz alta:

— Mas o que pôde ella esperar, essa rapariga absurda? Sabe muito bem que tal casamento era impossivel! Nem elle queria, nem eu. Por consequencia, recusa das duas partes. E' uma situação inextricavel! Mesmo que ella fosse christã, elle não a queria, por ser minha filha! Desprezame como á lama dos seus sapatos! Vi isso perfeitamente: elle não o dissimulou! Então?...

A porta do gabinete entreabriu-se e appareceu uma cabeça inquieta:

— O que quer, Sturheim? gritou Nuno furiosamente, pois tinha necessidade de descarregar a cólera em alguém.

— Senhor conde, vieram agora da embaixada de Portugal.

— Que se vão embora! trovejou Nuno.

— Mas foi o senhor conde que marcou a entrevista!...

— Importo-me bem com isso!...

Os olhos do secretario de confiança abriram-se muito, aterrados. Comtudo, teve a coragem de entrar, pois tratava-se de negocios importantes, e de fechar a porta, para que não ouvissem gritar o banqueiro.

-- Mas que ordens dá o senhor conde, hoje, para auxiliar os portuguezes?

— Não me deixará socegado?... Não quero saber de negocios: hoje é dia de luto para mim!

Sturheim curvou a cabeça e, não se atrevendo a insistir, sahiu, murmurando:

— O que succederia ao patrão? Apanham hoje para o seu tabaco, os bolsistas.

Como esta explosão o acalmou um pouco, Selim viu as horas que eram. Tinha apenas tempo para almoçar na estação, antes de se metter no comboyo, e, passando por uma escadinha interior, subiu para a carruagem, que o esperava no pateo.

Pedindo licença a Nuno para se isolar na Chevrolière, Esther não o fizera com segundo sentido. O seu unico fim era esquivar-se ás inquietações que a tyrannia de M.^{me} del Peral devia causar entre seu pae e ella.

Queria conservar-se tranquilla, nada mais.

Os primeiros dias que passou na Chevrolière, sósinha com M.^{elle} Faverger, foram muito agradaveis. Nada lhe perturbava o socego. Era senhora da aldeia. Clemente deixara a Commenda. Dizia-se que partira para Inglaterra. A sua ausencia tranquillisava Esther. Se elle estivesse em Précigny, talvez ella tivesse regressado a Paris. Envergonhar-se-hia de parecer que ficava por causa d'elle. Realmente, a sua idéa era não se afastar do sitio onde elle vivia! mas não queria confessal-o a si mesma.

Conforme annunciara, tinha ido, com M.^{elle} Faverger, passear á abbadia de Saint-Pons.

O lugar pareceu-lhe encantador, cheio de frescura e de recolhimento.

Um formoso parque de arvoredos secular rodeava os edificios habitados pelas freiras.

No centro de um claustro de arcadas gothicas, erguia-se a capella, verdadeira joia artistica, admiravelmente restaurada pela devoção dos fieis. Esther não entrou na capella, mas passeou pelas alamedas do parque. Emquanto vagueava silenciosamente, ouviu tocar uma sineta, chamando as freiras para as vespas, e as casas encheram-se de sussurro, semelhante ao zumbido de uma colmeia. De longe, atravez das arvores, Esther viu as freiras, sob as galerias do claustro, em fileiras disciplinadas, desfilar em va-

garosamente, e, em seguida, desaparecerem. Não poudes conter-se que não dissesse a M.^{elle} Faverger:

— A existencia d'estas mulheres, tão regrada, tão isenta de inquietações materiaes e de preocupações sociaes, deve ser feliz...

— Sim, mas quebraram todos os laços terrestres... Já não teem familia nem amigos, renunciaram ao mundo...

— E o mundo não renuncia ás vezes a nós?

M.^{elle} Faverger calou-se. O terreno pareceu-lhe mau. Na capella, o órgão espalhava as suas harmonias. Em seguida, ergueram-se cantos graves e harmoniosos. Esther ouviu-os algum tempo; depois, bruscamente, como que fugindo a uma seducção já muito forte, pegou no braço da sua companheira, e disse:

— Vamo-nos!

Nos dias seguintes não fez allusão alguma ao seu passeio á abbadia. Dir-se-ia que não se lembrava de a ter visitado. Foi a casa do cura de Précigny, visitou os pobres, a escola, levando socorros, animações, gulodices, e seguida, em toda a parte, por um concerto de benções, pois soubera conquistar a afeição geral, pela simplicidade das suas maneiras, o seu encanto e a sua generosidade. Quando ia á aldeia, o filho do padeiro seguia-a, galopando atraz d'ella. E até o feroz Rabasson, que, depois de ter absorvido a sua conta de copinhos, pedia a cabeça de todos os proprietarios, tirava o *bonet* á sua passagem. Um dia, passeando na estrada, com o cura, á vinda da officina que fundara em Précigny, disse-lhe sem mais rodeios:

— Senhor cura, é muito frequente o caso de Israelitas se converterem e abraçarem a religião christã?...

— Não, é muito raro... Com respeito a homens, póde-se até dizer que é excepcional.

— Então, mulheres?...

— Sim, algumas... Ou para falar com exactidão, algumas meninas.

— E quaes são os motivos?

— Questões de casamento, quasi sempre... Fazem-se christãs para desposarem christãos... Ou então, em consequencia de grandes desgostos, para entrarem no convento.

— E as formalidades a cumprir são muito complicadas?

— As formalidades religiosas são muito simples... Consistem no baptismo, nos preparativos para a communhão... E mais nada.

M.^{elle} Faverger, que assistia a este interrogatorio, tre-meu de angustia. Dirigiu olhares supplicantes a Esther. Não ousava intervir, receando dar vulto ao que, no seu pensamento, não era mais que uma inquietação vaga, e, no emtanto, parecia-lhe que a conversação principiada era extremamente perigosa.

Havia algumas semanas que a sua discipula a mantinha n'um estado de dolorosa incerteza. Nem por um instante podia ter o espirito tranquillo: receava constantemente alguma loucura. E essa loucura apparecia-lhe agora com uma clareza admiravel. Ou porque os olhos de M.^{elle} Faverger tiveram uma eloquencia especial, ou porque não tivesse mais nada que perguntar ao cura, Esther mudou de conversa.

A governante, porém, estava extremamente agitada para se conservar mais tempo silenciosa, e, n'essa mesma noite, com um pretexto qualquer, travara-se uma discussão das mais graves. Obrigada a falar, a filha do banqueiro, com uma tranquillidade que indicava uma resolução tomada havia muito tempo, declarou a M.^{elle} Faverger que pensava em converter-se. E, como a governante ficasse petrificada, Esther explicara-lhe as suas razões.

Aborrecia a sociedade, não podia supportar a idéa de que teria de viver n'ella. Aspirava á paz e ao socego da vida claustral.

Essa vida, só a religião christã podia offerecer-lh'a. E, como M.^{elle} Faverger, afflicta, lacrimosa, arriscasse algumas objecções, ella refutara-as todas. Afinal, a este grito da governante:

— E seu pae?

— Sim, meu pae, ahi está o verdadeiro argumento, aquelle que eu oppuz a mim mesma, durante tanto tempo... Mas, pensando bem, será inatacavel? Eu farei falta a meu pae?

— Como pode duvidar de semelhante cousa? Elle é tão seu amigo!

— Sim, é verdade, mas não teve coragem para me defender das suas fraquezas. Bem vê que se resignou a deixar-me aqui; resignar-se-ha tambem a vêr-me entrar para o convento... E creia, minha boa Faverger, que me esquecerá depressa. Muito depressa, mesmo!

— Pois chegou a ter esses pensamentos? Mas, minha pobre menina, quem lhe murchou d'essa maneira todas as illusões?...

— Uma experiencia precoce. Sei o que é a vida e horrorisa-me.

— Mas eu não posso, sem faltar ao meu dever, deixar ignorar esses projectos a seu pae.

— Tem razão. Vá ter com elle a Paris e diga-lhe tudo.

— Que missão!

— Perdoe-me encarregal-a d'isso, minha boa Faverger. Se o fizer, provar-me-ha a sua dedicação.

E M.^{elle} Faverger partira. Esther passara a manhã n'um socego que a admirava.

Julgou-se apta para a vida religiosa, visto que estava de tal maneira isenta de commoções humanas. Viu, sem agitação, regressar a sua mensageira, soube que seu pae iria vê-la n'esse dia, e preparou-se para recebê-lo. Contudo, o coração palpitou-lhe com violencia, quando a carruagem que o levava entrou no pateo. Foi ao seu encontro, e, apertada nos seus braços, o calor d'esse abraço tão cheio de ternura fez-lhe brotar dos olhos algumas lagrimas.

Quando se viram sós, fechados na sala, Nuno, observando a filha attentamente, notou a alteração do seu rosto.

Estava pallida, não só da commoção presente, mas também de uma tristeza anterior, de uma agitação profunda e prolongada. A bocca, sobretudo, inquieta e melancolica, revelava bastantes pesares. O pae, que vinha cheio de irritação e prompto para combater uma rebelde, achando-se na presença de uma vencida, sentiu-se invadido por uma grande compaixão affectuosa, e, falando com meiguice:

—Então, Esther, minha queridinha, vês como eu tinha razão em não querer deixar-te aqui... Já sabia que a solidão havia de ser má conselheira... Na tua idade não se deve viver isolado... O *spleen* enfraquece o espirito, deixa-o invadir por toda a especie de idéas erroneas ácerca do mundo e da vida... Mas tu mesma comprehendeste que não procedias bem... É assim, pelo menos, que interpreto a visita de M.^{elle} Faverger. Estou prompto a ajudar-te, com todas as minhas forças, a tomares posse de ti mesma. E, para começar, levo-te para Paris.

Sem falar, Esther fez não, com a cabeça.

—Vamos, minha filha, não queres aquartelar-te aqui todo o inverno, de certo?... Bem vês que te estás tornando misanthropa... Tens muito mau parecer, estás alterando a saude... É impossivel isto continuar assim... Não quero pôr obstaculos á tua liberdade... Podes viver em Paris como te convier... Mas desejo que voltes comigo... A minha casa não é uma prisão, bem sabes... Se isso te apraz, vive completamente afastada de mim... Se quizeres tomar as tuas refeições na minha companhia, das-me um grande prazer... E não convidarei senão as pessoas que tu indicares... Não é possivel ser mais conciliador... A senhora absoluta serás tu... Ah! o que podes objectar a isto? O que te peço é que não me abandones... O dever de uma filha é dedicar-se aos paes... Tu tens-me só a mim, e, não obstante eu não ser um pae impeccavel, não sejas excessivamente severa, não me trates com excessiva dureza... Eu amo-te ternamente... É verdade que podes censurar-me de não te amar só a ti... Mas

achas isso um crime tão grande? E não é melhor ter o coração um pouco vasto e um pouco ardente, do que tel-o estreito e gelado!... Não te zangues... Deixa-me dizer-te tudo o que me vem á cabeça, para ver se posso convencer-te... Será muito difficil conseguil-o? E quando um pae se dirige á amizade de sua filha, não deve estar certo de que será attendido?

Esther não respondeu, e Nuno cheio de embaraço, viu-a ficar sombria e insensivel.

Como não parecia resolvida a falar, elle, profundamente impressionado com essa attitudo aspera e essa resistencia, exclamou:

— Não respondes nada? Os meus desejos não teem valor para ti? Não é possivel que a tua resolução seja tão irrevogavel que nem ao menos admittas a discussão. Vamos, não fiques assim a ouvir-me e sem falar... Quero ouvir o som da tua voz... Estás muda?

— Não, meu pae, disse Esther lentamente. Mas para que se ha de insistir n'uma cousa decidida definitivamente?

— Definitivamente! interrompeu Selim com força. Tomaste um partido definitivo, sem o meu consentimento? E a autoridade paterna, o que é feito d'ella, n'este caso? Estou ouvindo cousas bem singulares! Isto, para mim, é novo! Tenho pena, minha filha; mas esse definitivo não póde durar, e has de mudar de projectos.

O rosto de Esther não perdeu a frieza. Os labios tremaram-lhe um pouco, e replicou:

— Meu pae, rogo-lhe, como um favor, que nada emprehenda contra a minha rontade.

— A tua vontade? exclamou Nuno. Tens uma vontade differente da minha! Quem t'a inspirou? Em tão pouco tempo, fizeste uma mudança tão completa? Já te não conheço! E tu mesma, parece que não me comprehendes. O que se passou, Esther? Não é por capricho que me queres dar tão grande desgosto? Vamos! Basta de dissimulação, basta de rodeios. Digamos as cousas francamente...

Não se trata de decidir se ficas aqui ou se regressas a Paris... E' preciso saber se abandonas a tua religião, a de teu pae, da tua raça, para seguir a dos que, ha seculos, nos perseguem com o seu desprezo e o seu odio? Sê franca, não digas senão uma palavra, mas que essa palavra resolva a questão. E' verdade que queres fazer-te christã?

Esther não hesitou. Os olhos brilharam-lhe:

— E' sim, meu pae, disse ella.

— Ah! desgraçada rapariga! Quem foi que te corrompeu? Quem te arrastou a isso? Qual dos seus padres te introduziu a semente ruim no espirito? Deixaste-te attrahir pelas apparencias seductoras do seu culto? Foste bastante ingenua para acreditar o que elle ensina? Mas, se reflectires um segundo, apenas, comprehenderias que essa religião não é mais que uma deformação da nossa, e que o que nos foi revelado pela palavra de Dens, a nossa lei recebida por Moysés, foi transformado e alterado pelo seu Christo. E' falso tudo o que contam d'elle! A sua lenda, falsa, tambem! E' a reedição da historia de José; os trinta dinheiros de Judas são os vinte dinheiros dos irmãos, os dois ladrões são os dois officiaes do rei do Egypto! Impostura historica! E, sob o ponto de vista do dogma, que differença entre o nosso culto e o d'elles! A complicação, pela introdução da Virgem, do Filho e do Espirito Santo! Mas Deus é sempre o mesmo! O nosso é o d'elles! Fizeram-o apenas menos omnipotente, menos grandioso, porque está em tres pessoas e não é unico na sua soberania! Minha filha, ouve-me... Eu não sou nenhum sabio... Não sei senão o que os nossos rabbinos nos ensinaram... Se conversasses com um d'elles, verias como elle te convencencia... Oh! não te deixes cegar por illusões... Crê o que te ensinaram na infancia... Guarda a fé de teus paes. Queres então separar-te de mim, mais tarde?... Não queres tornar a vêr tua mãe? Queres dar o escandalo de uma conversão? Que alegria para os que nos odeiam e nos teem perseguido tanto! Entre elles e nós ha rios de lagri-

mas e de sangue... Lembra-te d'isto!... E pensas em lançar-te nos seus braços?... Que dôr para mim! E que amargura para todos os nossos! Vamos, tu não reflectiste nas consequencias de semelhante acto, não só para ti como para os outros. Não dês maus exemplos! Fica comigo. Por que motivo me queres abandonar?

Nuno calou-se. A commoção suffocava-o, a voz estrangulava-se-lhe na garganta. O rosto de Esther exprimia uma dôr profunda, mas os seus olhos pareciam fitar alguma cousa para além das tristezas humanas.

— Não accuse ninguém, meu pae, responden ella. Tomei esta decisão por minha vontade e sem conselhos. Li, apenas, afim de me esclarecer e ter coragem, e comprehendí que o Deus dos christãos, é um Deus de amor e de consolação, que só n'elle está o descanso da alma, que não ha alegria senão em adoral-o. Na tristeza e no abandono em que me acho, senti que era o recurso supremo, e agora era impossivel expulsar esta certeza do meu espirito.

— Tu enganas-me! exclamou Nuno com furor, não me dizes tudo! A tua resolução não é devida unicamente a loucas aspirações mysticas! Ha ainda outra cousa. Vamos, sê franca! Não é só uma attracção divina que soffres, é tambem uma influencia humana! No teu coração não existe simplesmente devoção, tambem existe amor. Atreves-te a dizer que não é verdade?

Esther còrou; depois, em voz baixa, como se falasse comsigo mesma:

— E' verdade; mas um amor bem desgraçado, porque é sem esperanza.

— Se abandonas a tua religião, disse Nuno com amargura, quem te prohibe de esperar?

Ella ficou um momento silenciosa, e abanando a cabeça:

— Elle não me queria, mesmo convertida... Não me ama nem me amará nunca... E, além d'isso, entre nós ambos ha a sua riqueza, meu pae, e a ruina d'elle.

— E' o marquez de Pont-Croix?...

Esther inclinou a cabeça afirmativamente.

— Mas o que tem para as endoidecer a todas? exclamou Nuno exasperado. Estupida rapariga, que vaes apaixonar-te por esse nobre arruinado, mas tão soberbo que não existes para elle! O seu desdem é para causar paixão, na verdade! E' preciso que tenhas muito pouco orgulho! O que és tu para esse marquez? Uma creatura inferior, pertencendo a uma raça infamada! Elle não t'o occultou! E persistes em amal-o? Mas devias ter-lhe odio! E é por essas loucuras que abandonas teu pae, que renegas o teu Deus, que atraíças os teus! E' por um peralvilho, que te despreza, que me dilaceras o coração e vaes estragar a tua vida! Oh! elle ha de gostar de ver que te immolas pelos seus olhos bellos. Esse sacrificio dar-lhe-ha mais prestigio no seu meio! A filha unica de Nuno, victima do marquez de Pont-Croix! Ahi está uma bella desforra do Krack, e da sua miseria! Fidalgote sem vintem, que rouba a um pae uma filha com milhões. E tu não te revoltas, supportas uma affronta d'estas? Elle ri-se de ti com os amigos, sabes?... Disse-m'o Madame del Peral...

A esta phrase imprudente, os olhos de Esther exprimiram tal indignação, que Nuno estava surprehendido.

— Meu pae, disse ella com firmeza, obedeço a sentimentos que Madame del Peral não pode comprehender nem apreciar. Dispense-me de saber que ella consegue ainda discutir as minhas resoluções quando eu nem já discuto o seu procedimento... Não se opponha aos meus projectos, meu pae. Nada me impediria de executal-os. Se o nosso culto possuisse conventos, far-lhe-hia o sacrificio da minha conversão. Encerrar-me-hia, longe do mundo, no silencio e no descanso.

— De maneira que, além de queres converter-te, tambem te queres enclausurar?... Isso é loucura furiosa! Não sabes o que fazes! O meu dever é oppor-me... E estou resolvido a cumprir o meu dever.

— Meu pae, não me obrigue a lembrar-me de que sou maior.

— Serias capaz de resistir abertamente à minha autoridade?

— Estou certa de que não será preciso isso.

— Mas tu vaes morrer, n'esse convento.

— Prefere que morra de tristeza, na sua companhia?

— E ahí está o que aquelle miseravel fez de tí. Oh! hei de perseguil-o com o meu odio!

— E eu hei de pedir a Deus que lhe abrande a cólera e o proteja, a elle!

Nuno ficou immerso em profunda meditação. O amor de Esther pareceu-lhe tão forte, que o julgou impossivel de combater. Se ella teimasse em casar com o marquez, seria forçoso consentir. Nada prevaleceria contra a sua vontade. E tremeu de raiva com a idéa de que Clemente podia entrar na sua familia. Detestava-o, n'esse momento, pelo que lhe fazia soffrer no seu orgulho abatido, nas suas convicções regeitadas, e na sua ternura vã. Esther, livre e vivendo na sociedade, tornaria a encontrar Clemente, e, como era possivel que o rigor d'esse fidalgo pobre resistisse a uma afeição tão constante e tão humilde? E depois, tantos milhões! Não era o sufficiente para abrandar o coração mais duro? Limitar-se-hia a pedir á que o amava que se convertesse á sua religião: Ella já estava disposta a isso. Então, realisar-se-hia essa união atroz, que dava a sua filha e os seus bens a um christão! Não seria preferivel o claustro? Era a morte antecipada, esse abandono de todo o ser a Deus! Perdia sua filha, arrancavam-lh'a bruscamente... O claustro ou esse christão. Eis a escolha que o futuro lhe apresentava. Franziu as sobrancelhas, cerrou os punhos, calculando a decisão que ia tomar. E, entre Deus e o homem, escolheu o que estava mais longe, mais alto, aquelle a quem avaliava menos: Deus. E, sombrio, deixou escapar estas palavras:

— Visto que assim o queres, vae para o convento!

Esther ajoelhou com lagrimas de gratidão, e disse:
— Obrigada, meu pae.

Uma hora depois, Nuno tornava a partir para Paris.

XIX

Depois de tres mezes de ausencia, Pont-Croix regressara á Commenda. Farto dos prazeres da vida ingleza, tornara a vêr com alegria a sua casinha, no meio dos bosques, á beira do rio. Celestino tivera uma explosão de contentamento ao entrar no pomar.

— Até que emfim, estamos em nossa casa! Estas alamedas não são de asphalto! Estas hortaliças são variadas, não são aquelles eternos nabos e couves! E depois, eu já não podia aturar aquellas linguas de trapos dos inglezes! Começava a entendel-os, e isso ainda me aborrecia mais!

Emquanto a M.^{elle} Constança, essa declarava que aquella ausencia lhe parecera interminavel, e que, se o senhor tornasse a fazer uma viagem tão demorada, ella preferia deixar o seu serviço e ir-se embora. No dia seguinte ao do seu regresso, Clemente partira, de espingarda ao hombro e seguido pela cadella Meta, para os tojos que orlavam a estrada e ahi, sob um alegre sol de inverno, respirando o ar vivo das montanhas, tivera um momento de prazer delicioso. Acabava de acertar n'um coelho enorme que passara velozmente deante d'elle, quando por cima da sebe da estrada, viu apparecer o rosto finorio de Briffaut.

— Mais um que não se come no palacio! disse elle alegremente, por um habito de incorrigivel larapio de caça. E, levantando o barrete: Então já está de volta, senhor Clemente... Estivemos bastante tempo sem o vêr...

— Olha, leva-me este sujeito a casa, disse o marquez... A minha cosinheira reclamava-o... Mas não gostava de andar toda a manhã com elle ás costas...

— Com todo o gosto, senhor Clemente... Ah! pôde matar á vontade: ainda ficam muitos! Desde o mez de novem-

bro que ninguem caça, aqui... Um dia d'estes, Monquillier, quando andava a lavar umas vinte geiras de terra, apanhou mais de cincoenta lebres, só n'esse bocado...

— Eram ninhadas!

— Seriam... Mas nem por isso deixam de cá estar. Ai! ha bastante semente!

— Então a Chevrolière está deshabitada?

— A menina viveu lá algum tempo sósinha; depois foi-se tambem embora, para Saint-Pons.

— Para Saint-Pons? disse Clemente, admirado: para que?

— Para aprender religião...

— Que religião?...

— Que religião? A nossa: a que nos ensinaram quando eramos pequenos e estudavamos catecismo com o abbade Pierquin... Foi até o nosso cura que baptizou a menina... Ah! foi uma fortuna para a aldeia!... Ella deu logo vinte mil francos para a crèche!...

Clemente já não o ouvia. Segurando nas mãos a espingarda assente no chão, pensava no que Briffaut acabava de dizer-lhe... seu espirito excitado procurava explicar a decisão repentina de M.^{elle} Nuno. Seria a morte de Brucken, que, destruindo projectos afagados recentemente, teria causado esse desespero? Não! era impossivel! Ella não amava Brucken, com certeza. Clemente sabia por quem eram as suas preces, na vespera do combate. Dera-lh'o a entender claramente, á porta da egreja. Seria então a ligação publica de Nuno com M.^{me} del Peral que afastava Esther da casa paterna? Era uma manifestação excessivamente grande contra um escandalo, infelizmente bem vulgar! Então o que seria? Resolveu-se a interrogar Briffaut:

— E sabe-se que motivo levou M.^{elle} Nuno a querer retirar-se para um convento?

— Dizem que estava apaixonada por um sujeito que a não quiz... E que teve um desgosto tão grande, que disse consigo mesma: já que não posso ser mulher d'elle... sel-o-hei de Deus! Uma menina tão rica! Quem seria que

a não quiz? Algum filho de rei? Mas, que diacho! Já não ha nenhum n'esta terra! Puzeram-os todos na rua!

O caçador furtivo deu uma gargalhada. Estendeu o braço por cima do tojo e disse:

— Se quer passar-me o objecto, senhor Clemente, vou leval-o a M.^{elle} Constança...

Pont Croix levantou a cabeça e respondeu:

— Obrigado... Levo-o eu... Esquecia-me que tinha de ir a casa...

— Então quando quizer, senhor Clemente... Muito gostei de o encontrar!...

Partiu, e a bulha dos seus grossos sapatos perdeu-se no meio do silencio. O marquez dirigiu-se vagarosamente para a Commeuda. Já não tinha vontade de caçar. Sentia-se agitado, e caminhava de cabeça baixa. Á entrada da floresta, a cadella fez erguer o vôo a um magnifico faisão, mas de balde. Ao grito estridente do passaro, batendo com as azas vigorosas nos ramos das arvores, Clemente nem sequer fez um gesto para encostar a espingarda ao hombro. Reflectia. Esse homem que M.^{elle} Nuno amava e que não tinha esperança de desposar, não lhe declarara M.^{me} del Peral que era elle? N'essa occasião não dera credito nem importancia á revelação feita por uma mulher cujo espirito de intriga conhecia bem. Tentativa para lhe descobrir o pensamento, sondar-lhe o coração. E nunca mais pensara em tal. Além d'isso, que lhe importava? O que podia haver de commum entre elle e M.^{elle} Nuno?

Curvou a cabeça com enfado. Essa indiferença por tudo o que dizia respeito a Esther, essa antipathia que elle mostrava, não eram outras tantas provas que o denunciavam? E, triste até ao intimo da alma, a filha do banqueiro ia para um convento. Sem querer, Pont-Croix achou commevedora essa resignada, que, sem protestos, sem lucta, soffria silenciosamente o rigor do destino. Via-se no quintal do padeiro, passeando ao longo do buxo das alamedas, e ouvia-lhe a voz musical e penetrante. Gostara de encontral-a, n'esse

dia, e demorara-se ao seu lado um pouco mais do que o que era necessario. Parecera-lhe boa, distincta e encantadora. Depois, não tornára a vê-la senão atravez do desprezo que o pae lhe inspirava. E de mais, tão rica, tão ultrajosamente rica! Ah! era essa riqueza, sobretudo, que o desviava d'ella, essa riqueza composta de tantas ruínas, que era impossivel tocar-lhe sem se manchar.

Chegou a casa. Deu a lebre á cadella, para esta a levar á cosinha, e subiu para o seu gabinete, onde ficou a fumar e a meditar. Depois do almoço lembrou-se de ir visitar o seu velho amigo cura, e dirigiu-se para a aldeia. Não disse consigo mesmo: «O abbade Pierquin é a unica pessoa com quem posso falar de M.^{elle} Nuno». Deu a si mesmo a razão de ainda não ter visto o bom padre, depois do seu regresso á Commenda, e ser conveniente apresentar-se lá n'esse mesmo dia. Achou o digno homem muito atarefado a assignar *bons* de pão e de carne para os necessitados do cantão.

— Como vê, meu filho, disse o cura apertando as mãos a Clemente, tenho agora uma verdadeira administração... Alimento todos os pobres quatro leguas em redor, graças áquella santa M.^{elle} Nuno.

O rosto de Clemente tornou-se sombrio. Vinha falar de Esther e, antes de ter interrogado, já dos labios do padre trasbordavam os elogios. Ficou irritado. Esther não seria excessivamente perfeita? E tantas virtudes não tornavam odiosa a antipathia que elle lhe manifestára? Comtudo, a sua curiosidade era demasiada para que não diligenciasse satisfazel-a.

— Então conquistou-a? disse elle ao cura, sorrindo.

— Ah! eu não tive influencia alguma! exclamou o bom padre. Foi tudo obra do Senhor. Uma alma assim devia erguer-se para Deus.

— Mas de que meios se serviu elle para a esclarecer?

— Os seus meios são mysteriosos, meu querido filho. E a dôr, da mesma maneira que a alegria, aproxima do ceu.

«Não sabe nada ou nada quer dizer», pensou Clemente.

No entanto, o abbade Pierquin falou com mais abundancia e clareza a respeito da conversão, do que acerca das causas que a haviam determinado.

— Foi um modelo de devoção, edificou todos os que se approximaram d'ella... O seu fervor era extremo e o seu desejo invencível, pois teve de lutar com as resistencias do pae...

— Ah! o pae está furioso?

— Está desolado, e isso comprehende-se. Devemos ser justos. Esperou, até ao ultimo instante, que a filha mudasse de resolução... No dia em que ella foi baptisada, aqui, n'esta egrejinha, antes da cerimonia houve uma scena dilacerante. O pobre pae, que chorava de desespero, abraçava a filha, supplicando-lhe que renunciasse ao seu projecto... Ajoelhou diante d'ella... Meu querido filho, eu estou bem convencido da santidade da minha missão, estava prompto para soffrer o martyrio pela minha fé. Pois, quando ouvi a supplica d'aquelle pae, quando o vi curvar-se aos pés da filha, tive duvidas ácerca da equidade do acto que ia realisar-se. O meu coração perturbou-se... Pareceu-me que era um rapto a que eu me prestava... E puz-me a rezar, silenciosamente... No mesmo instante, um raio de sol veio afagar aquella cabeça loura e juvenil, e nimbal-a com uma aureola.

Serena e radiosa na sua firmeza, com os olhos erguidos para o ceu, assemelhava-se a uma santa. O pae, que tambem a contemplava, sentiu-se, de certo, impressionado pelos mesmos signaes, porque deixou de protestar e de lamentar-se. Os meus escrúpulos desapareceram, as minhas hesitações cessaram. Pensei: Deus assim o quer, é evidente.

E, alguns momentos depois, aquella menina era christã. Agora está na abbadia de Saint-Pons, enquanto não professa.

—Visto isso, renuncia para sempre ao mundo? disse Pont-Croix lentamente.

—Para sempre.

A conversação tomou outro rumo, servindo-lhe de assumpto a estada de Clemente em Inglaterra. Passados alguns instantes, o marquez despediu-se do cura e dirigiu-se para a Commenda. Andando ao longo do rio, chegou ao sitio onde tirara da agua o filho do padeiro e o deitara na carruagem de Esther. N'esse tempo não pensava ella em ir para o convento. Estava alegre, risonha, e nem ao menos suspeitava que existia o abbade Pierquin. Como era possivel ter sido elle, Clemente, a causa do seu pesar e da sua resolução? Revoltou-se contra esta idéa e exclamou em voz alta:

—Mas como podia eu evital-o? E o que posso fazer agora? Não conheço essa gente!

E accrescentou:

—Isto é, conheço-os! O pae roubou-me a minha casa!

Entrou em casa, jantou, e passou uma noute aborrecida, a repisar idéas extremamente desagradaveis. Não era nada comparado com o que Nuno lhe desejava. Desde que sua filha estava encerrada na abbadia de Saint-Pons, o banqueiro parecia ter a cabeça perdida.

Sahia do maior abatimento para cahir no mais violento dos desesperos. Umas vezes lamentava-se, outras gritava e ameaçava. Não se sabia o que era mais forte n'elle, se as saudades de Esther, se o odio a Pont-Croix.

A propria Manuela perdia inteiramente a paciencia, e começava a recear que a saude de Nuno se alterasse gravemente. A' medida que se approximava a cerimonia de professar, a agitação do pobre homem redobrava. Abandonava os negocios, ou dirigia-os de um modo desordenado. Sturheim, seu braço direito, dizia:

—Ninguem imagina quanto o estado de espirito do senhor conde custa ao mercado e a elle proprio.

Houve altas e baixas absolutamente imprevistas, que

causaram panico no mundo financeiro, e que eram causadas unicamente pelo furor ou pelo desespero de Nuno quando recebia noticias de sua filha que o desolavam ou enfureciam. Era como as tempestades e os tremores de terra produzidos pela conjuncção de astros invisiveis ou por mysteriosas convulsões da natureza. Recusara absolutamente ir ver a filha ao convento. Parecia dizer: morreu para mim! No emtanto, quinze dias antes da cerimonia do postulado, apoderou-se de Nuno uma febre extraordinaria. Recuperou a actividade perdida havia tanto tempo. Começou de novo a dirigir os negocios por suas mãos, e pareceu querer esmagar-se com trabalho. A' noute ia ao theatro ou a reuniões, deitava-se muito tarde, matava-se litteralmente de fadiga. Mudou muito. O fato dançava-lhe no corpo. As suas grossas pernas de antigo moço de fretes já não lhe retezavam a fazenda das calças. As faces cavaram-se-lhe, tornaram-se pendentes. Não era mais do que a sombra de si mesmo. Como M.^{me} del Peral se arriscasse a interrogar-o affectuosamente e o aconselhasse a chamar o medico, repelliu-a com aspereza tal, que elle mesmo ficou admirado. Afinal, quatro dias antes da cerimonia decisiva, não poudo conter-se e, abdicando todo o orgulho, renegando todos os escrupulos, sem dizer nada a ninguem, metteu-se no caminho de ferro e partiu para Saint-Pons.

Sentiu-se gelado pelo aspecto grandioso e severo da abbadia. As arvores do parque, despojadas da folhagem, torciam os seus ramos negros no fundo pardo do céu. Um silencio profundo pairava sobre o edificio religioso. Pareceu a Nuno que tudo estava morto. Quando entrou no locutorio frio e triste, um calafrio saccudiu-o dos pés á cabeça. Esperou-a, com o coração palpitante, o cerebro agitado, e só recuperou algum sangue frio quando viu apparecer Esther. Com o seu vestido branco de cercaduras azues, a sua pequena touca sobre a fronte pallida e melancholica, pareceu-lhe tão differente do que era, da crean-

ça que elle educara para ser feliz, estimada, rodeada de todas as commodidades, que sentiu um soluço apertar-lhe a garganta, e transtornado, inerte, viu-a dirigir-se para elle.

A voz que ella lhe fez ouvir impressionou-o horrivelmente: tambem estava mudada. O que restava então da sua Esther tão querida? Agarrou-a com força, apertou-a de encontro ao peito, sem falar, devorando-a com os olhos e deixando correr as lagrimas. Ella agradecia-lhe ter tido a indulgencia de ir vel-a. E Nuno sentia que ella ainda o amava; mas não como antigamente. E, torturado, imaginava estar vendo uma condemnada á morte, a quem visitava pela ultima vez. Pois o claustro não era a mesma cousa que o tumulto! soltou um rugido de dor que despertou os echos do severo locutorio, e, pegando nas mãos da filha:

— Esther! Esther! Pois é possível?

Ella sorriu angelicamente e disse:

— Meu pae, seja bom, não me perturbe: a minha alma está em paz.

— Mas, infeliz creança, a minha está cheia de desespero!

— Meu pae, se quer a minha felicidade, não lamente cousa alguma.

— Mas o que eu lamento é a tua perda! Porque eu quero-te! Separas-te de mim, sem uma lagrima, filha ingrata, e eu choro-te, viva, como se estivesse morta! Ah! minha querida filha, se soubesses como eu soffro, terias compaixão de mim!

— Oremos, meu pae; a vida não é nada.

— Não é nada! Mas é tudo, a vida!

Então, esse homem que nunca tivera idéas senão para o prazer, que nunca procurara senão as satisfações materiaes, achou uma eloquencia formidavel para combater a convicção da filha. Sentia que chegara o momento decisivo, que, se não triumphasse immediatamente, não deteria na terra aquella

illuminada prestes a fugir para o céu. Poz ao serviço da sua causa uma tal força de persuasão, um ardor de supplica, uma seducção, que teriam abalado qualquer outra. Deitou-se aos pés da filha, implorou-a de joelhos, banhoulhe as mãos de lagrimas ardentes, gritou com desespero. Mas estava luctando com uma fronte de marmore, com uma alma de diamante. Parecia que nenhuma influencia humana podia já commover Esther. Prodigalisava palavras meigas, ternas exhortações, consolações piedosas, mas eram só os labios que falavam, o coração ficava mudo, o pensamento impenetravel.

Nuno, vencido, aniquilado, amaldiçoou esse Deus a quem votara a filha, de preferencia a vel-a pertencer ao homem que detestava. Accusou-se mentalmente, mas já era tarde: Esther aproveitara a sua duplicidade egoista. E elle já não podia desfazer o que tinha feito. Ouviu sua filha dizer-lhe adeus, sem achar uma palavra para lhe responder; deixou-se abraçar, animar, sem fazer um gesto, sequer. Estava prostrado. Quando se viu sósinho no locutorio, poz o chapéu e partiu para Paris, instinctivamente, como que em estado de embriaguez. Chegando a casa, não jantou e parecia tão doente, que o creado correu a prevenir Madame del Peral. Manuela, assustada, encontrou-o estendido n'uma poltrona, pallido, sem forças, e, sobre tudo, sem vontade. Recebeu-a com uma especie de indiferença, não se queixou e, pela primeira vez, com ella, ficou silencioso. Manuela achou o seu estado tão grave, que recebeu um ataque de paralyisia, e propoz-lhe mandar chamar o dr. Rameau. Selim recuperou então a energia para declarar que não queria consultar ninguem.

— Não estou doente, disse elle, não preciso de medico. Como podia elle remediar o que eu soffro? Preciso apenas de descanso...

— Então, deite-se... Está melhor na cama do que n'essa poltrona...

E chamou o creado de Nuno para ajudar a despir o amo.

E, quando o velho estava deitado, no primeiro bem estar do contacto com o linho fresco, foi sentar-se-lhe á cabeça e falou-lhe com meiguice, diligenciando acalmal-o, distrahil-o. Elle sentia-se reconhecido e agradeceu-lhe com effusão. Mas teimou em não revelar as causas da sua perturbação moral e do seu mal estar physico. Ella adivinhava que se travara alguma lucta suprema entre o pae e a filha, mas depois da sua reconciliação com Selim, tomara o partido de nunca proferir o nome de Esther primeiro que elle. Separou-se do velho ás onze horas, depois de lhe ter dado uma bebida calmante que devia causar-lhe somno.

Georges OHNET.

(Conclue).